



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO ESPÍRITO SANTO

EMERSON CAMPOS GONÇALVES

**JORNALISMO COMO ANTIFILOSOFIA E A FORMAÇÃO DE INDIVÍDUOS  
POTENCIALMENTE FASCISTAS NA SOCIEDADE EXCITADA: UM ESTUDO DOS  
COMENTÁRIOS SOBRE O GOLPE DE 2016 EM *VEJA* E *CARTA CAPITAL***

VITÓRIA/ES

2020



Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

EMERSON CAMPOS GONÇALVES

**JORNALISMO COMO ANTIFILOSOFIA E A FORMAÇÃO DE INDIVÍDUOS  
POTENCIALMENTE FASCISTAS NA SOCIEDADE EXCITADA: UM ESTUDO DOS  
COMENTÁRIOS SOBRE O GOLPE DE 2016 EM *VEJA* E *CARTA CAPITAL***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/Ufes) na linha Educação e Linguagens como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Robson Loureiro.

VITÓRIA/ES

2020

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

G635j      Gonçalves, Emerson Campos, 1987-  
Jornalismo como antifilosofia e a formação de indivíduos potencialmente fascistas na sociedade excitada : um estudo dos comentários sobre o golpe de 2016 em Veja e Carta Capital / Emerson Campos Gonçalves. - 2020.  
174 f. : il.

Orientador: Robson Loureiro.  
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Linguagem e educação. 2. Jornalismo e educação. 3. Indústria cultural. 4. Fascismo. 5. Teoria crítica. 6. Golpe de Estado. I. Loureiro, Robson. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO


## EMERSON CAMPOS GONÇALVES

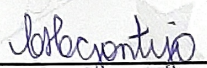
JORNALISMO COMO ANTIFILOSOFIA E A FORMAÇÃO  
DE INDIVÍDUOS POTENCIALMENTE FASCISTAS NA  
SOCIEDADE EXCITADA: UM ESTUDO DOS  
COMENTÁRIOS SOBRE O GOLPE DE 2016 EM VEJA E  
CARTA CAPITAL


Tese apresentada ao Curso de  
Doutorado em Educação da  
Universidade Federal do Espírito Santo  
como requisito parcial para obtenção  
do Grau de Doutor em Educação.

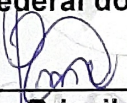
Aprovada em 20 de fevereiro de 2020.

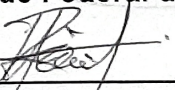
### COMISSÃO EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Professor Doutor Robson Loureiro  
Universidade Federal do Espírito Santo

  
\_\_\_\_\_  
Professora Doutora Cláudia Maria Mendes Gontijo  
Universidade Federal do Espírito Santo

  
\_\_\_\_\_  
Professor Doutor Wilberth Claython Ferreira Salgueiro  
Universidade Federal do Espírito Santo

  
\_\_\_\_\_  
Professora Doutora Priscila Monteiro Chaves  
Universidade Federal do Espírito Santo

  
\_\_\_\_\_  
Professora Doutora Franciele Bete Petry  
Universidade Federal de Santa Catarina

  
\_\_\_\_\_  
Professor Doutor Vicente Aguiar Parreiras  
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Para Juliana, por tudo.

Para Chico, com quem compartilho meu coração.

## AGRADECIMENTOS

Nenhuma pesquisa científica é tecida por um só alfaiate, por mais minucioso ou habilidoso que ele se pretenda no trato com suas agulhas. Ao apresentar uma produção finalizada, ainda que com fio ou outro para aparar e novos ziguezagues a percorrer, qualquer bom [ou justo] pesquisador-costureiro precisa reconhecer que cada botão, cada linha, cada suspiro e recorte, cada gota de suor, cada traço que compõe a essência dos panos sobrepostos na peça final só pôde dar forma a algo mais ou menos “vestível” porque um coletivo sem fim contribuiu – muitas vezes anônimo e desinteressado – para que diferentes cores, texturas e elementos combinassem entre si, dando significado e interpretação àquilo que, num breve instante anterior, parecia pura desordem.

Logo, ainda que a confecção de uma tese aconteça através da mente e das mãos daquele que costura as ideias, seria injusto acreditar que se trata do labor ou da inspiração de um só. Não se trata. Por isso, nestas páginas iniciais, faço justa menção e agradeço àqueles que me ajudaram com bravura e carinho a dar os pontos e acabamentos necessários para que Educação, Jornalismo e Filosofia dialogassem neste trabalho, formando um tecido – coeso, eu espero – em defesa das hipóteses investigadas. Essa ajuda veio através de parcerias teóricas e, também, de vida.

Assim, tomo essas referências ao ofício da alfaiataria para começar agradecendo àquela que, justamente numa máquina de costura, não mediu esforços para que o seu filho estudasse. Por isso, pelo amor incondicional e por todo o sacrifício, agradeço à minha mãe Eliana [que ela saiba que cada palavra desta tese começou, de certa forma, a ser escrita naquela mesa de costura fabricada pelo vô João].

Pelo molde e pelos recortes, agradeço, também, ao camarada Prof. Dr. Robson Loureiro. Na verdade, por tudo nesta tese. Pela orientação paciente e entusiasmada, pela parceria incondicional na pesquisa, pelas contribuições teóricas inestimáveis. E, claro, pela valiosíssima amizade construída neste percurso.

Às companheiras e aos companheiros do Nepefil, agradeço pelo diálogo constante e pela paciência com minhas longas elucubrações adornianas sobre estética e ética, educação e jornalismo, em especial: Monnique, Bruno, Mariana, Samira, Adriana e Adolfo. Gratidão extensiva aos colegas da Turma 13 do Doutorado no PPGÉ, que tanto colaboraram para que eu pudesse diversificar meu olhar sobre a Educação.

Agradeço, ainda, aos professores que contribuíram nas duas bancas de qualificação para um recorte mais preciso das ideias, em destaque à Profa. Dra. Maria Amélia Dalvi e à Profa. Dra. Moema Lúcia Martins Rebouças.

De forma especial, agradeço ao Prof. Dr. Wilberth Salgueiro e ao Prof. Dr. Vicente Parreiras, que, para além das leituras atentas nas bancas de qualificação, em suas aulas – na Ufes e no Cefet-MG, respectivamente – contribuíram decisivamente com o acesso à base teórica utilizada na elaboração desta tese.

Agradeço, também, à Profa. Dra. Priscila Monteiro Chaves, à Profa. Dra. Franciele Bete Petry, à Profa. Dra. Luciana Azevedo Rodrigues e à Profa. Dra. Cláudia Maria Mendes Gontijo, por aceitarem o convite para participar da banca numa quinta-feira “pré-carnavalesca”.

Agradeço a todos os funcionários e professores do PPGE e da Ufes que, num período de ataque às universidades e à educação pública, resistem com bravura.

Agradeço aos meus alunos, que tanto me ensinaram nestes anos.

À CAPES, pela bolsa que possibilitou esta tese. Que outros possam gozar do mesmo direito.

Agradeço à minha família. Em especial ao meu irmão, Junior, pela torcida e amor. *In memoriam*, ao meu velho Zé e a todos que lutaram antes e me iluminam.

À minha madrinha, que sempre incentivou e apoiou os meus estudos.

Agradeço com imenso carinho ao Advarte e à Nalzirene, que formaram mais um filho doutor.

Aos meus amigos de sempre, que sabem quem são.

Agradeço às minhas melhores amigas neste mundo, Tatiane e Luciana. Pela amizade e cumplicidade.

Agradeço aos meus filhotes Bono, Yoda, Leia, Chewie e Naomi, pelo amor incondicional e por pacientemente dividirem a atenção que deveria ser toda deles com os livros e a pesquisa.

Em especial, agradeço ao Chico. Por ter me tornado uma pessoa melhor. Por ter me ensinado que nenhum doutorado sanduíche ou congresso internacional vale um segundo do tempo com quem você ama. Por ser exemplo de luta. Por compartilhar meu coração. Por seguir aqui.

Por fim, agradeço [ou tento agradecer] à Juliana. Por ser meu amor e minha vida. Por incentivar e possibilitar que esse doutorado acontecesse. Por ter se tornado minha companheira de pesquisa. Por ser minha primeira leitora e maior interlocutora. Por ser tudo e tanto que não tenho como agradecer. Por tornar todo o caminho muito mais bonito. Porque, juntos, resistimos.

“As classes menos qualificadas deveriam pois aguardar nos descampados para evitar as contaminações e a degeneração das demais raças”. Juvenal, o bom boi. Personagem criado como alegoria aos ditadores militares na novela Fazenda Modelo, de Chico Buarque de Holanda (1974).

Não somos. Não aguardaremos.



## RESUMO

GONÇALVES, EMERSON CAMPOS. Jornalismo como antifilosofia e a formação de indivíduos potencialmente fascistas na sociedade excitada: um estudo dos comentários sobre o golpe de 2016 em *Veja* e *Carta Capital*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/Ufes). Vitória/ES, fevereiro de 2020.

A consolidação das redes sociais *online* tem provocado um constante estado de excitação e otimismo entre usuários da *web*, profissionais da área (como jornalistas) e, também, no campo acadêmico, onde têm sido defendidas teorias que preveem a transformação do nosso próprio modo de vida a partir de uma “cibersociedade” autorregulada pela “inteligência coletiva”. Contudo, na contramão da euforia exacerbada, o que tem se testemunhado nesse espaço ainda é o amplo domínio dos processos semiformativos propagados pela indústria cultural; a multiplicação exponencial de conteúdos rasos que supersaturam nossos sentidos; e a proliferação de discursos de ódio e intolerância, próprios daquelas personalidades que Theodor W. Adorno e seus colaboradores em Berkeley identificaram como potencialmente autoritárias ou fascistas. Partindo da realidade descrita, num movimento dialético de crítica negativa, nesta tese buscou-se responder como (e em que medida) a supersaturação dos sentidos dos indivíduos associada com a semiformação promovida pelos *mass media* contribui para a proliferação de traços da síndrome fascista nas redes sociais *online*. Para isso, tomou-se como hipóteses que: i) o jornalismo hegemônico, enquanto produto da indústria cultural, constrói a memória do cidadão com argumentos interessantes ao grupo que está no poder, constituindo-se como uma espécie de antifilosofia; ii) as redes sociais *online*, para além das expectativas democráticas, servem de extensão aos domínios discursivos dos *mass media*; e iii) a multiplicação exponencial de conteúdos rasos amplifica os processos semiformativos, agravando a supersaturação dos sentidos e condicionando a formação de personalidades autoritárias. Para validar as hipóteses propostas, tomou-se como base teórica e, também, como método a Teoria Crítica da Sociedade, sobretudo a partir do cruzamento dos debates/conceitos presentes nas obras *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*, de Adorno e Max Horkheimer; *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*, de Christoph Türcke; e *The Authoritarian Personality*, de Adorno e seus colaboradores do Grupo de Berkeley. Para cumprir os objetivos necessários para a comprovação da tese, esta pesquisa foi desenvolvida a partir de quatro movimentos teóricos principais, a saber: caracterização do jornalismo como uma antifilosofia; atualização e defesa do vigor do conceito de indústria cultural para análise da situação hodierna a partir dos debates sobre a sociedade excitada; retomada das categorias de pesquisa desenvolvidas pelo Grupo de Berkeley; e análise empírica da proliferação de discursos potencialmente autoritários entre usuários da *web*. Nessa última etapa foi realizada uma investigação hermenêutica de 1.633 comentários publicados por internautas nas *fanpages* das revistas *Carta Capital* e *Veja* no *Facebook*. O estudo foi conduzido a partir das nove categorias extraídas da Escala F. Como “pano de fundo” para a coleta de dados foi escolhido o dia 31 de agosto de 2016, data que marcou a consolidação do golpe jurídico-midiático-parlamentar contra a presidenta Dilma Rousseff. Por demandar certa tolerância para participação no jogo democrático, a opção por essa “pauta” sugeria, também, uma potencial presença de pensamentos antidemocráticos, o que acabou se verificando durante os estudos do material coletado. Na análise dos comentários na *fanpage* da *Veja*, chamou a atenção a manifestação de discursos que evidenciam personalidades alinhadas com uma obsessão com o sexo e a sexualidade; com pulsão pela submissão acrítica a figuras tidas como fortes (autoritárias); e que buscam explicações míticas (superstição e

estereotipia) para justificar seus atos e fraquezas. No caso dos comentários em *Carta Capital*, destacaram-se as tentativas de apropriação do espaço discursivo por indivíduos alinhados com um posicionamento político contrário à publicação, sendo reconhecidos nesses os traços de personalidades que, nos termos da Escala F, poderiam ser descritos como de agressividade autoritária e indisposição ao debate (antissubjetividade). Assim, a partir da discussão teórica prévia e da identificação dessas manifestações de personalidades potencialmente autoritárias já na superfície discursiva, verificou-se a validade da tese apresentada: a supersaturação dos sentidos condicionada pelos *mass media* nas redes sociais *online* é capaz de acentuar os processos que, em última instância, podem culminar com a [semi]formação de indivíduos efetivamente fascistas, condicionando a manifestação e/ou consolidação de personalidades que já conservavam essa tendência nos aspectos mais profundos de sua estrutura.

**Palavras-chave:** educação; jornalismo; fascismo; sociedade excitada; indústria cultural; personalidade autoritária.

## ABSTRACT

GONÇALVES, EMERSON CAMPOS. Journalism as antiphilosophy and the formation of potentially fascist individuals in excited society: a study of the comments on the 2016' coup in *Veja* and *Carta Capital*. Thesis presented to the Postgraduate Program in Education at the Federal University of Espírito Santo (PPGE/Ufes). Vitória/ES, February 2020.

The consolidation of online social networks has led to a constant state of excitement and optimism among web users, industry professionals (such as journalists), and also in the academic field, where theories that predict the transformation of our own way of life into a “cybersociety” self-regulated by the “collective intelligence” have emerged. However, against the exacerbated euphoria, what has been seen in this space is still a wide domain of the semi-formative processes propagated by the culture industry; the exponential multiplication of shallow contents that supersaturate our senses; and the proliferation of hate and intolerance speeches, typical of those personalities that Theodor W. Adorno and his collaborators at Berkeley identified as potentially authoritarian or fascist. Starting from the described reality, in a dialectic movement of negative criticism, this thesis aimed to answer how (and to what extent) the supersaturation of the senses of individuals associated with the semi-formation promoted by the mass media contributes to the proliferation of fascist syndrome traits in the social networks. For this, it was hypothesized that: i) hegemonic journalism, as a product of the culture industry, builds the citizen's memory with arguments that interest to the dominant group, constituting itself as a kind of antiphilosophy; ii) online social networks, beyond democratic expectations, serve as an extension to the discursive domains of mass media; and iii) the exponential multiplication of shallow content amplifies semi-formative processes, aggravating the supersaturation of the senses and conditioning the formation of authoritarian personalities. In order to validate the proposed hypotheses, the Critical Theory was used as a theoretical basis and also as a method, especially from the intersection of the debates / concepts present in the works *Dialectic of Enlightenment: philosophical fragments*, by Adorno and Max Horkheimer; *Excited Society: philosophy of sensation*, by Christoph Türcke; and *The Authoritarian Personality*, by Adorno and his Berkeley group contributors. In order to fulfill the necessary objectives for the thesis confirmation, this research was developed from four main theoretical movements, namely: characterization of journalism as an antiphilosophy; updating and defending the vigor of the concept of cultural industry to analyze the current situation from the debates about the excited society; resumption of research categories developed by the Berkeley group; and empirical analysis of the proliferation of potentially authoritarian discourses among web users. In this last stage it was carried out a hermeneutic investigation of 1,633 comments published by netizens in the fanpages of the magazines *Carta Capital* and *Veja* on Facebook. The study was conducted from the nine categories extracted from the F-Scale. As “background” for data collection was chosen August 31<sup>st</sup>, 2016, the date that marked the consolidation of the coup against President Dilma Rousseff. As it demanded a certain tolerance for participation in the democratic game, the choice for this “agenda” also suggested a potential presence of undemocratic thoughts, which eventually occurred during the studies of the collected material. In the analysis of the comments on the *Veja* fanpage, it was possible to highlight the manifestation of speeches that show personalities aligned with an obsession with sex and sexuality; with drive for uncritical submission to figures considered as strong (authoritarian); and who seek mythic explanations (superstition and stereotypy) to justify their acts and weaknesses. In the case of the comments in *Carta Capital*, the attempts to appropriate the discursive space by individuals aligned with a political position contrary to the publication were

highlighted, being recognized in them traits of personalities that, according to F-Scale, could be described as authoritarian aggressiveness and unwillingness to debate (anti-subjectivity). Thus, from the previous theoretical discussion and the identification of these manifestations of potentially authoritarian personalities already on the discursive surface, it was verified the validity of the presented thesis: the supersaturation of the senses conditioned by mass media in online social networks is able to accentuate the processes that, in the last instance, may culminate in the [semi]formation of effectively fascist individuals, conditioning the manifestation and/or consolidation of personalities who already retained this tendency in the deeper aspects of their structure.

**Keywords:** education; journalism; fascism; excited society; culture industry; authoritarian personality.

## RESUMEN

GONÇALVES, EMERSON CAMPOS. El periodismo como antifilosofía y la formación de individuos potencialmente fascistas en una sociedad excitada: un estudio de los comentarios sobre el golpe de estado de 2016 en *Veja* y *Carta Capital*. Tesis presentada al Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Espírito Santo (PPGE/Ufes). Vitória/ES, febrero de 2020.

La consolidación de las redes sociales ha provocado un estado constante de entusiasmo y optimismo entre los usuarios de la web, los profesionales (como los periodistas) y también en el campo académico, donde se han defendido las teorías que predicen la transformación de nuestro propio estilo de vida en una "cibersociedad" autorregulada por la "inteligencia colectiva". Sin embargo, lo que se tiene visto en este espacio sigue siendo el amplio dominio de los procesos semiformativos propagados por la industria cultural; la multiplicación exponencial de contenidos poco profundos que sobresaturan nuestros sentidos; y la proliferación de discursos de odio e intolerancia, característicos de aquellas personalidades que Theodor W. Adorno y sus colaboradores en Berkeley identificaron como potencialmente autoritarios o fascistas. Partiendo de la realidad descrita, en un movimiento dialéctico de crítica negativa, esta tesis tuvo como objetivo responder cómo (y en qué medida) la sobresaturación de los sentidos de los individuos asociados con la semiformación promovida por los medios de comunicación contribuye a la proliferación de los rasgos del síndrome fascista en las redes sociales. Para esto, se planteó la hipótesis de que: i) el periodismo hegemónico, como producto de la industria cultural, construye la memoria de los ciudadanos con argumentos interesantes para el grupo en el poder, constituyéndose como una especie de antifilosofía; ii) las redes sociales, en opuesto a las expectativas democráticas, sirven como una extensión de los dominios discursivos de los medios de comunicación; y iii) la multiplicación exponencial de contenidos poco profundos amplifica los procesos semiformativos, agravando la sobresaturación de los sentidos y condicionando la formación de personalidades autoritarias. Para validar las hipótesis propuestas, la teoría crítica de la sociedad se tomó como base teórica y también como método, especialmente desde la intersección de los debates/conceptos presentes en las obras *Dialéctica de la Ilustración: fragmentos filosóficos*, de Adorno y Max Horkheimer; *Sociedad Excitada: filosofía de sensación*, por Christoph Türcke; y *La personalidad autoritaria*, de Adorno y sus colaboradores del grupo en Berkeley. Para cumplir los objetivos necesarios para la verificación de tesis, esta investigación se desarrolló a partir de cuatro movimientos teóricos principales, a saber: caracterización del periodismo como antifilosofía; actualización y defensa del vigor del concepto de industria cultural para analizar la situación actual de los debates sobre la sociedad excitada; reanudación de las categorías de investigación desarrolladas por el Grupo de Berkeley; y análisis empírico de la proliferación de discursos potencialmente autoritarios entre los usuarios de la web. En esta última etapa se realizó una investigación hermenéutica de 1.633 comentarios publicados por internautas en las fanpages de las revistas *Carta Capital* y *Veja* en Facebook. El estudio se realizó a partir de las nueve categorías extraídas de la escala F. Como "antecedentes" para la recopilación de datos se eligió el 31 de agosto de 2016, la fecha que marcó la consolidación del golpe contra la presidenta Dilma Rousseff. Como exigía cierta tolerancia para la participación en el juego democrático, la elección de esta "agenda" también sugirió una posible presencia de pensamientos antidemocráticos, que se demostró durante los estudios del material recopilado. En el análisis dentro de la fanpage de *Veja*, llamó atención la manifestación más explícita de comentarios que resaltan personalidades alineadas con una obsesión con el sexo y la sexualidad; con impulso de sumisión acrítica a figuras consideradas

fuertes (autoritarias); y quienes buscan explicaciones míticas (superstición y estereotipia) para justificar sus actos y debilidades. En el caso de los comentarios en *Carta Capital*, se destacan los intentos de apropiarse del espacio discursivo por parte de individuos alineados con una posición política contraria a la publicación, siendo reconocidos en estos rasgos de personalidad que, según la Escala F, podrían describirse como agresividad autoritaria y falta de voluntad para debatir (antisubjetividad). Así, a partir de la discusión teórica previa y la identificación de estas manifestaciones de personalidades potencialmente autoritarias que ya están en la superficie discursiva, se verificó la validez de la tesis presentada: la sobresaturación de los sentidos condicionados por los medios de comunicación en las redes sociales es capaz de acentuar los procesos que pueden culminar en la [semi]formación de individuos efectivamente fascistas, condicionando la manifestación y/o la consolidación de personalidades que ya retuvieron esta tendencia en los aspectos más profundos de su estructura.

**Palabras clave:** educación; periodismo; fascismo; sociedad excitada; industria cultural; personalidad autoritaria.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1. Representação do deslocamento no fluxo de propagação de mensagens .....	5
Figura 2. Campos semânticos e etapas de pesquisa nos bancos de dados de periódicos e teses consultados .....	15
Figura 3. Influências para o estabelecimento do conceito de indústria cultural .....	34
Figura 4. Representação simplificada da dinâmica metodológica do Grupo de Berkeley.....	69
Figura 5. Capas publicadas pelas revistas <i>Veja</i> e <i>Carta Capital</i> após o golpe de 2016.....	96

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Resultados a partir do primeiro campo de busca nos bancos de dados .....	16
Tabela 2. Questões iniciais e definitivas nas escalas aplicadas nos estudos de Berkeley .....	71
Tabela 3. Eixos semânticos de investigação a partir das nove características centrais das personalidades autoritárias .....	91



## SUMÁRIO

<b>PARTE 1. [INTRODUÇÃO]: SOBRE JORNALISMO, GOLPES E MENTIRAS .....</b>	<b>1</b>
<b>1.1. Apresentação do tema: alguns recortes, pontos e costuras .....</b>	<b>2</b>
<b>1.2. Justificativa: por que investigar educação, jornalismo e fascismo? .....</b>	<b>10</b>
1.2.1 Incipiência de estudos sobre o tema: vestígios para um primeiro diálogo .....	12
1.2.2. Interesse pessoal e debates dentro do PPGE.....	17
<b>1.3. Problema e objetivos: parâmetros para elaboração da tese.....</b>	<b>18</b>
1.3.1. Problema investigado.....	18
1.3.1. Objetivos de pesquisa .....	18
1.3.2.1. Geral.....	18
1.3.2.2. Específicos .....	18
<b>1.4. Três hipóteses: primeiros apontamentos “provisórios” para a tese .....</b>	<b>19</b>
<b>1.5. Escolha epistemológica: a Teoria Crítica da Sociedade como método.....</b>	<b>20</b>
1.5.1. Pesquisa teórica e a empiria no conceito .....	21
1.5.2. <i>Corpus</i> : o golpe de 2016 na visão do público de <i>Carta Capital</i> e <i>Veja</i> .....	22
<b>1.6. Estrutura do trabalho: cinco passos para construção da tese.....</b>	<b>25</b>
<b>PARTE 2. [TEORIA]: JORNALISMO COMO ANTIFILOSOFIA.....</b>	<b>27</b>
<b>2.1. <i>Mass Media</i> e a regressão dos sentidos: a indústria cultural.....</b>	<b>28</b>
<b>2.2. Principais influências para o conceito de indústria cultural .....</b>	<b>31</b>
<b>2.3. Produtos semiformativos dentro da indústria cultural .....</b>	<b>34</b>
2.3.1 Padronização na indústria cultural.....	35
2.3.2. Sobre a universalização do particular: totalização.....	36
2.3.3. Regressão dos sentidos e sequestro do esquematismo .....	37
2.3.4. Em busca de uma definição: a indústria cultural é [...]......	39
<b>2.4. Novos formatos, a mesma indústria: filosofia de Flusser e Debord.....</b>	<b>39</b>

<b>2.5. Jornalismo como produto da indústria cultural: uma antifilosofia .....</b>	<b>42</b>
<b>2.6. “Era pós-massiva” <i>versus</i> sociedade excitada: embate de conceitos .....</b>	<b>43</b>
<b>2.7. Sociedade excitada e novos moldes da indústria cultural.....</b>	<b>49</b>

### **PARTE 3. [MÉTODO]: ESTUDOS SOBRE A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA . 55**

<b>3.1. Importância histórica dos estudos conduzidos em Berkeley .....</b>	<b>56</b>
<b>3.2. O projeto antes do projeto: a divergência de Adorno com Lazarsfeld .....</b>	<b>60</b>
<b>3.3. Estudos sobre a personalidade autoritária: hipóteses e fundamentos .....</b>	<b>62</b>
<b>3.4. O método do Grupo de Berkeley: técnicas e procedimentos de pesquisa .....</b>	<b>68</b>
3.4.1. Convencionalismo (rígida aderência ao convencional e aos valores estabelecidos) ..	74
3.4.2. Submissão autoritária (submissão acrítica perante autoridades idealizadas) .....	76
3.4.3. Agressividade autoritária (tendência a oprimir comportamento ‘não-convencional’)	78
3.4.4. Antissubjetividade (anti-intracção, oposição ao subjetivo, ao imaginativo) .....	80
3.4.5. Superstição e estereotipia (adesão a explicações místicas) .....	81
3.4.6. Poder e “dureza/rigidez” (interpretação das relações a partir da força/poder) .....	82
3.4.7. Destruição e cinismo (justificação de atos violentos em valores universais) .....	83
3.4.8. Projeção (transferência de sentimentos reprimidos no id).....	85
3.4.9. Obsessão com sexo e sexualidade (vigilância constante do corpo do outro) .....	86
<b>3.5. Conclusões de Berkeley e principais críticas .....</b>	<b>87</b>
<b>3.6. Categorias aplicadas ao estudo nas redes sociais <i>online</i> .....</b>	<b>91</b>

### **PARTE 4. [ANÁLISE]: PERSONALIDADES POTENCIALMENTE FASCISTAS ENTRE OS LEITORES DE *VEJA* E *CARTA CAPITAL* .....**

<b>4.1. A história do golpe contada pelas revistas <i>Veja</i> e <i>Carta Capital</i>.....</b>	<b>95</b>
<b>4.2. Manifestação de personalidades fascistas nos comentários de <i>Carta Capital</i> .....</b>	<b>100</b>
4.2.1. “Por uma América conservadora” (convencionalismo).....	102
4.2.2. “A caçadora de criminosos” (submissão acrítica) .....	103

4.2.3. “Mete a borracha neles” (agressividade autoritária).....	104
4.2.4. “Chola mais” (antissubjetividade) .....	107
4.2.5. “Graças a Deus” (superstição e estereotipia) .....	108
4.2.6. “Por isso Lula estava rindo” (poder e “dureza/rigidez”) .....	109
4.2.7. “Na rua estão os desocupados” (destruição e cinismo) .....	110
4.2.8. “Grande Equador, a ironia” (projeção) .....	111
4.2.9. “Se ela não tivesse estuprado” (obsessão com sexo e sexualidade).....	113
<b>4.3. Manifestação de personalidades fascistas nos comentários de <i>Veja</i> .....</b>	<b>114</b>
4.3.1. “Viva nossa pátria amada” (convencionalismo) .....	115
4.3.2. “Quanta gente apoiando Bolsomito” (submissão acrítica) .....	116
4.3.3. “Uma morte cruel e dolorosa!” (agressividade autoritária).....	118
4.3.4. “Tchau querida” (antissubjetividade) .....	119
4.3.5. “Deus dá e Deus tira” (superstição e estereotipia) .....	119
4.3.6. “Libertação do comunismo bolivariano” (poder e “dureza/rigidez”) .....	122
4.3.7. “Intervenção militar já” (destruição e cinismo).....	123
4.3.8. “Coloca essa guerrilheira para ser estuprada” (projeção e obsessão com sexo).....	123
<b>PARTE 5. [CONSIDERAÇÕES FINAIS: ‘O ENSAIO COMO FORMA’].....</b>	<b>127</b>
<b>5.1. Uma tese, um ensaio e seus “despropósitos” .....</b>	<b>128</b>
<b>5.2 Pressão do mundo administrado: inflexão em direção ao sujeito.....</b>	<b>129</b>
<b>5.3. Hipóteses, incômodos e críticas .....</b>	<b>133</b>
5.3.1 Jornalismo como antifilosofia: “é preciso desconfiar de quem critica o jornalismo”	134
5.3.2. Sociedade excitada versus era pós-massiva: “riqueza da cibercultura [...]” .....	136
5.3.3. Formação de personalidades autoritárias: “discordo de tudo o que você disse” .....	137
<b>5.4. O que esta tese significa na América Latina atual? .....</b>	<b>139</b>
<b>5.5. Duas “linhas” a partir da Escala F: os estudos feministas e a hermenêutica .....</b>	<b>142</b>
<b>5.6. Jornalismo literário e regulação da mídia: pontos futuros .....</b>	<b>145</b>

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 149**

## **PARTE 1. [INTRODUÇÃO]**

### **SOBRE JORNALISMO, GOLPES E MENTIRAS**

“O perigo de que tudo aconteça de novo está em que não se admite o contato com a questão, rejeitando até mesmo quem apenas a menciona, como se, ao fazê-lo sem rodeios, este se tornasse o responsável, e não os verdadeiros culpados” (ADORNO, 1995, p. 125).

### 1.1. Apresentação do tema: alguns recortes, pontos e costuras

Brasil, 31 de agosto de 2016. O Senado Federal aprova, por 61 votos a 20 e sem qualquer comprovação de crime de responsabilidade, o “*impeachment*” da presidenta Dilma Rousseff, concretizando o golpe jurídico-midiático-parlamentar<sup>1</sup> que leva ao “comando” do Executivo o vice-presidente Michel Temer e instaura a instabilidade democrática da qual se alimentam atores reacionários do baixo clero político (como, o então deputado federal, Jair Bolsonaro). A despeito de toda a mobilização de movimentos sociais e grupos políticos progressistas nas redes sociais *online* ao longo do referido ano, o processo é efetivado e as repercussões nas ruas não conseguem a amplitude necessária para derrotar as forças de repressão e/ou os discursos conservadores propagados pelos *mass media* (meios de comunicação de massa)<sup>2</sup>, sendo o impedimento, apesar do caráter notoriamente fraudulento<sup>3</sup>, encarado com naturalidade por grande parte da população brasileira, que opta por fazer coro às manchetes propagandísticas dos jornais hegemônicos que integram a indústria cultural.

Quatro famílias decidiram: Basta! Fora! Os Marinho (Organizações Globo), os Civita (Grupo Abril/Veja), os Frias (Grupo Folha) e os Mesquita (Grupo Estado) [...]. Colocaram em movimento uma máquina de propaganda incontestável, sob o nome de imprensa, para criar opinião e atmosfera para o golpe de Estado contra o governo de Dilma Rousseff (LOPES, 2016, p. 120).

Para além das repercussões trágicas para os segmentos mais pauperizados da classe trabalhadora – como o corte de programas sociais, o congelamento dos investimentos nas áreas da saúde e educação e a retirada dos direitos trabalhistas (em suma, o avanço da sanha neoliberal) –, o processo supracitado engrossa uma lista de acontecimentos<sup>4</sup> capaz de colocar

---

<sup>1</sup> Em respeito aos 54.501.118 votos dos eleitores brasileiros, defende-se que o impedimento de Dilma Rousseff foi um golpe de Estado. Mais precisamente um golpe jurídico-midiático-parlamentar, termo adaptado a partir da discussão realizada por Juremir Machado da Silva (2014) em *1964: golpe midiático-civil-militar*. Para Michael Löwy (2016) é preciso “[...] dar nomes aos bois. O que aconteceu no Brasil, com a destituição da presidenta eleita Dilma Rousseff, foi um golpe de Estado. Golpe de Estado pseudolegal, ‘constitucional’, ‘institucional’, parlamentar ou o que preferir, mas golpe de Estado” (LÖWY, 2016, p. 64). Além disso, faz-se fundamental ponderar que o próprio Michel Temer, apontado como um dos protagonistas mais interessados na queda da presidenta, assumiu publicamente, em entrevista realizada em 16 de setembro de 2019, no programa Roda Viva, da TV Cultura, que Dilma foi vítima de um golpe ao afirmar: “eu jamais apoiei ou fiz empenho pelo golpe”.

<sup>2</sup> Termo consagrado nas Teorias da Comunicação para designar em sua totalidade o conjunto dos *mass medium* (que seria um meio específico em sua unidade, como o rádio ou a televisão, por exemplo).

<sup>3</sup> Sobre o caráter fraudulento do *impeachment*, recomenda-se a leitura das coletâneas *Por que gritamos golpe?*, organizada por Ivana Jinkings, Kim Doria e Murilo Cleto (2016) e *Foi golpe!*, organizada por Ana Carolina Galvão, Junia Zaidan e Wilberth Salgueiro (2019).

<sup>4</sup> Entre os eventos capazes de colocar em xeque a frágil tese da ciberdemocracia, pode-se mencionar o protagonismo das *fake news* nas últimas eleições presidenciais nos Estados Unidos (2016) e no Brasil (2019), onde

em xeque o suposto poder revolucionário das redes sociais *online* e a pretensa efetivação da ciberdemocracia, realidade (ou virtualidade, sendo fiel aos autores pós-modernistas que a propõem) anunciada com otimismo por alguns teóricos de “esquerda” depois da Primavera Árabe<sup>5</sup>, sendo Pierre Lévy o mais notório entre eles. Isso porque, na queda de braço entre os atores progressistas e os conservadores, pesou mais uma vez na história o poder econômico e político dos tradicionais oligopólios de comunicação em detrimento de qualquer verdadeiro espírito democrático (ou ciberdemocrático), sobretudo por meio da prática de um tipo de jornalismo que nesta tese é definido como sendo uma antifilosofia<sup>6</sup>.

É o pesquisador português Nelson Traquina (2012) quem postula com sabedoria que, “[...] tal como a democracia sem uma imprensa livre é impensável, o jornalismo sem liberdade é farsa ou é tragédia” (TRAQUINA, 2012, p. 23). Logo, considerando a situação brasileira e levando a premissa do teórico a cabo, deparamo-nos com uma dura realidade: habitamos uma sociedade onde o jogo democrático é simulado, mas não efetivo, uma vez que experimentamos a regulação de nossas relações políticas a partir da tragédia e da farsa promovidas em tempo real por um jornalismo que é economicamente orientado, mas vive sob a máscara fantasiosa da imparcialidade.

Para entender a promiscuidade econômica e política que cerca os *mass media*, sobretudo aqueles que se fazem hegemônicos, deve-se relembrar sua constituição e condição histórica a partir da Revolução Francesa no século XVIII. Isso porque, desde que foi concebido como profissão e serviço público, o jornalismo moderno está fadado, também, a conviver com a

---

políticos de extrema-direita se beneficiaram da propagação de mentiras nas redes sociais *online* para vencerem o pleito.

<sup>5</sup> Primavera Árabe foi a nomenclatura designada para descrever a onda de protestos organizados pelas redes sociais *online* que atingiu o Oriente Médio e o Norte da África a partir de dezembro de 2010. Entre os resultados estão as quedas dos governos do Egito, Líbia, Tunísia e Iêmen. Também ocorreram guerras civis em países como a Síria, Barein e Kuwait.

<sup>6</sup> Vale destacar que o conceito de antifilosofia apresentado não tem qualquer relação com os debates inaugurados por Boris Groys (2013) em *Introdução à antifilosofia*. Na noção aqui defendida, parte-se da ideia de filosofia como o uso do saber em proveito do homem, conforme ensina Platão em *Eutidemo* (2011), um conhecimento cujo objetivo é criar as condições para que o indivíduo supere a ignorância, alimentada pela doxa – opinião pautada no senso comum – sobre si mesmo e seu entorno natural e social. Além de se guiar pelo espanto e pela dúvida, a filosofia guia-se pela razão pautada no diálogo criterioso que requer uma visão de conjunto, rigorosa e radical da realidade. Em nosso *Zeitgeist* contemporâneo, há diversas atividades que tendem a dificultar a efetiva atitude filosófica (CHAUI, 2000). Dentre elas está o jornalismo hegemônico, cuja atividade, ao invés de permitir o início de uma ruptura com o que é a opinião superficial e ordinária, inverte tal valor, pois torna o saber, pautado naqueles critérios, uma forma de aprisionar o homem ou um grupo de homens. Em outros termos, na sociedade contemporânea, o jornalismo, elemento central da indústria cultural (conforme se discute de forma mais detida na Parte 2 desta tese), tornou-se uma espécie de antifilosofia cuja atividade que engendra reproduz a doxa.

contradição de ser um negócio que tem no lucro seu objetivo final (BRIGGS; BURKE, 2004). Assim, ao longo dos últimos dois séculos, acostumamo-nos a ver a realidade todas as manhãs – tal como o personagem kafkiano Gregor Samsa, que acorda transformado “num inseto monstruoso” (KAFKA, 2002, p. 7) – metamorfoseada em mercadoria através de diferentes reportagens e notícias, transformação que, além de ser de extremo valor para a sobrevivência dos jornais como empresas, financia a continuidade das relações de exploração e barbárie que constituem o estado capitalista no qual esses estão circunscritos, sobretudo nos países em que, a exemplo do Brasil, as ferramentas de regulação da mídia são frouxas ou inexistentes.

Nesse sentido, faz-se imperativo lembrar a ideologia liberal que postula um jornalismo economicamente independente dos subsídios políticos, capaz de atuar como vigilante do poder, porta-voz e formador da opinião pública, desempenhando assim uma dupla liberdade (TRAQUINA, 2012): negativa (vigiar o poder político) e positiva (fornecer informações aos cidadãos para o desempenho de suas atividades cívicas). Ainda que reconhecendo a relevância histórica da atuação de incontáveis veículos jornalísticos que buscaram efetivar tal papel através de um discurso contra-hegemônico, é necessário destacar que a constante dependência do capital, quando associada com a ausência de regulamentação da atividade midiática, torna, inevitavelmente, tal pretensão uma falácia, já que a ideologia do jornalismo hegemônico é a ideologia da burguesia. Assim, do surgimento do primeiro jornal impresso às mídias eletrônicas (rádio e televisão), a farsa da isenção foi o paradigma que ditou o *modus operandi* dos *mass media*, lógica que sofreu violento choque na virada do milênio com o advento da internet.

Destarte, não é nenhum disparate acadêmico e/ou exercício de futurologia augurar que as transformações experimentadas pelo campo do jornalismo nas últimas duas décadas servirão de *objectum* para diferentes empreitadas investigativas ao longo do próximo século. Ao contrário, trata-se de reconhecer a complexidade de um período marcado pelo embate constante entre os tradicionais *mass media* e a dita “era pós-massiva”<sup>7</sup> das redes sociais *online*. Partindo da assertiva de Lemos e Lévy (2010), tal momento seria evidenciado, sobretudo, pela liberação da palavra para os indivíduos, o que possibilitaria ao proletariado a autonomia necessária para a produção e reprodução de mensagens em uma esfera pública transformada, efetiva no sentido habermasiano<sup>8</sup> de democracia que é emprestado ao termo, ou seja, não mais hermeticamente

---

<sup>7</sup> Utiliza-se o termo “era pós-massiva” até determinado ponto desta tese, visto que, conforme problematizado na Parte 2, prefere-se tratar o atual momento como reflexo de uma “sociedade excitada”, como propõe Türcke (2010).

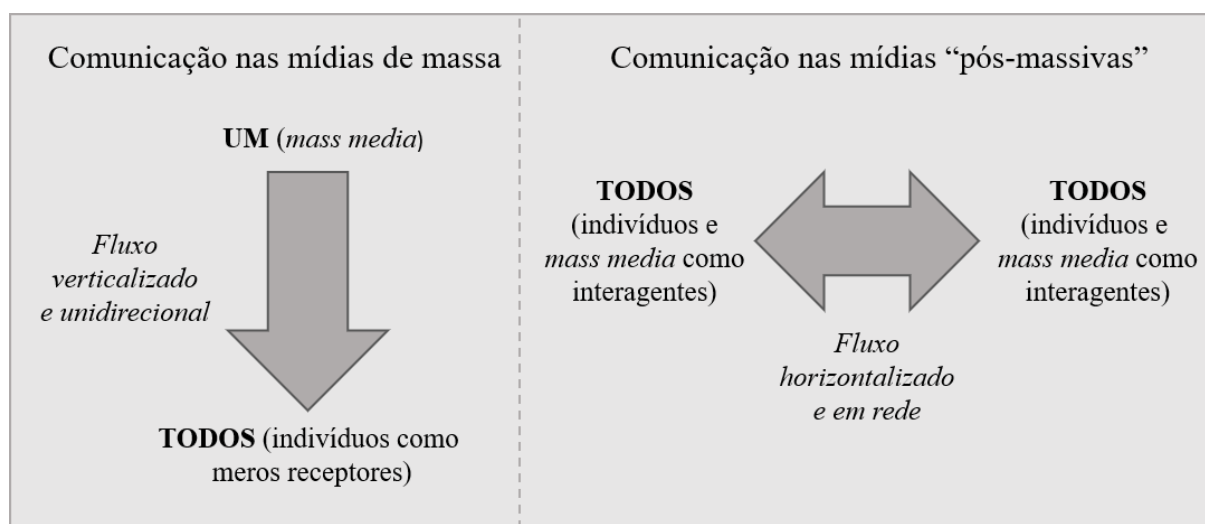
<sup>8</sup> Jürgen Habermas (2003) lembra que um sujeito só faz parte da esfera pública enquanto portador de uma opinião pública. Para isso, porém, ele necessita das liberdades de expressão, de reunião e de associação. Na visão de autores



blindada pelos princípios burgueses que orientam a ideologia do labor jornalístico, nem, como outrora, concentrada sob a égide hegemônica das tradicionais megacorporações a serviço da indústria cultural.

Traduzindo esse novo tempo através de um modelo de propagação de mensagens extremamente simplificado – e até grosseiro, dada a complexidade de organização de uma rede distribuída como a *Word Wide Web* (WWW) em sua segunda e terceira gerações –, pode-se afirmar que, nos últimos anos, a humanidade testemunhou o rompimento do fluxo verticalizado e contínuo da comunicação feita de “um para todos” (próprio das mídias de massa) e viu o nascimento de uma troca de mensagens mais horizontalizada, formatada em rede através de um padrão estruturado no “todos para todos” (Figura 1, p. 5), particular ao ciberespaço e capaz de liberar a expressão pública (CASTELLS, 1999; LEMOS; LÉVY, 2010), universalizando o papel de emissor assim como previu Marshall McLuhan, no seu livro *The Gutenberg Galaxy* (1962).

**Figura 1.** Representação simplificada do deslocamento no fluxo de propagação de mensagens.



**Fonte:** Elaboração própria a partir de Lemos e Lévy (2010); Jenkins (2008); e Primo (2007).

A referida transformação da esfera midiática seria marcada pelo surgimento de “[...] funções comunicativas pós-massivas que permitem a qualquer pessoa, e não apenas empresas de comunicação, *consumir, produzir e distribuir informação* sob qualquer formato em tempo

---

pós-modernos, as três liberdades podem ser garantidas virtualmente pelas redes sociais *online* (LÉVY, 1996). Contudo, Habermas propõe uma esfera pública que *a priori* é burguesa, quando um caminho mais coerente seria a busca da esfera pública proletária proposta por Oskar Negt e Alexander Kluge, resultado de uma experiência viva dos trabalhadores frente a seu tempo (CAMPATO, 2007).

real” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 25, grifo dos autores), retirando dos *mass media* o monopólio na formação da opinião pública.

A cultura contemporânea, do digital e das redes temáticas, está criando formas múltiplas, multimodais e planetárias de recombinações. Quanto mais livre podemos produzir, distribuir e compartilhar informação, *mais inteligente e politicamente consciente uma sociedade deve ficar* (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 27, grifo nosso).

Contudo, considerando o cenário apresentado, faz-se necessário destacar que a suposta libertação do indivíduo a partir da palavra nas redes sociais *online* – além de originar arrepios angustiantes em qualquer perspectiva teórica marxista, uma vez que inverte o alcance e o papel da estrutura e da superestrutura na organização social – tem provocado um otimismo exacerbado entre teóricos e os próprios usuários e ativistas da WWW, que acabam por suprimir questões fundamentais sobre o tema para não correrem o risco de colocar em dúvida essa esfera pública transformada e efetivamente democrática que foi descrita nos parágrafos anteriores, uma espécie de ágora virtual que, mais do que utópica (portanto, um espaço a ser objetivado), parece efetivamente “platônica”<sup>9</sup>, conforme se discute nesta tese.

Em 1996, quando a internet ainda engatinhava no Brasil (seu uso comercial havia sido liberado no país apenas no ano anterior, em maio de 1995), a grande circulação das obras *O que é virtual?*, do filósofo tunisiano Pierre Lévy (1996), e *Sociedade em Rede* (1999), ainda no original em inglês (*The rise of the network society*), do sociólogo espanhol Manuel Castells, já dava medida do tom extremamente otimista que serviria de norte nas análises sobre a potência das novas ferramentas comunicacionais. Nos dias atuais, tal corrente positiva pode ser ilustrada a partir da teoria apresentada por André Lemos e pelo próprio Pierre Lévy na obra *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária* (2010), em que os pesquisadores projetam a viabilidade de uma ciberdemocracia e/ou cibergovernança global a partir da autorregulação – ou formação conjunta dos indivíduos – pelo que designaram como inteligência coletiva, previsão que encontra suporte na premissa de que caminhamos rumo à superação de toda e qualquer forma de totalitarismo, ignorando, assim, a barbárie presente e inerente ao próprio sistema capitalista. Tal perspectiva fica clara na passagem transcrita a seguir, na qual os estudiosos direcionam as críticas aos pesquisadores herdeiros da tradição da Escola de Frankfurt, a quem definem como “conservadores”:

---

<sup>9</sup> Nesta tese, as expressões “platônico” ou “platônica”, quando grafadas entre aspas, são utilizadas de acordo com o sentido popular de “realidade impossível” atribuído ao termo; e não em referência direta à filosofia de Platão.

O que os conservadores “críticos” não veem é que não se trata de subtração ou substituição de uma mediação pela outra, mas de um processo de adicionar complexidade e oferecer formas novas de colaboração, comunicação e conhecimento. Evidenciamos hoje na ciberdemocracia atitudes que buscam democratizar o acesso e facilitar a produção de informação, aumentar a circulação e o consumo dos bens culturais, reconfigurar as diversas práticas e as estruturas da indústria cultural. Para participar dessa cultura eletrônica, basta conectar-se à rede [...]. Notemos que a crítica frankfurtiana da cultura de massa era que ela criava uma mercantilização da esfera cultural, uma verdadeira indústria cultural, ao mesmo tempo homogeneizante, empobrecedora, limitadora das potencialidades libertárias, padronizadora, ligada ao poder totalitário, à imposição (massiva) do gosto, presa à lógica do capital, da publicidade e do *marketing*, impondo um gosto padrão, nivelando por baixo o espírito humano. Se pensarmos nos produtos da cibercultura contemporânea, podemos ver como, na sua grande maioria, eles funcionam justamente contra essa padronização, homogeneização e nivelamento rasteiro (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 92-93).

No entanto, não é preciso nenhuma empreitada mais vigorosa para identificar a multiplicação nas redes sociais *online*, supostamente orientadas pela inteligência coletiva, de elementos discursivos que são característicos de uma sociedade administrada (ou de um mundo administrado<sup>10</sup>, nos termos adornianos) pelos princípios burgueses, próprios do mesmo sistema ideológico que, desde as revoluções Industrial e Francesa, habita a superestrutura da sociedade através da indústria cultural.

Ademais, também tem sido comum a proliferação de discursos autoritários e de ódio que, como mencionado anteriormente, são inerentes à barbárie que é própria do sistema capitalista. Um excelente medidor dessa realidade é o dossiê *Intolerâncias visíveis e invisíveis no mundo digital*, produzido pela agência Nova/SB, que, entre outros números alarmantes, mostrou que, de abril a junho de 2016, 84% das mensagens postadas por perfis de brasileiros na *web* sobre os temas *aparência, classes sociais, deficiências, homofobia, misoginia, política, idade e/ou geração, racismo, religião e xenofobia* tiveram uma abordagem negativa e preconceituosa. Nesse sentido, ao contrário do que defendem Lemos e Lévy (2010), é possível afirmar que assistimos sim na era pós-massiva discursos que são baseados em uma formação cultural ainda homogeneizante, empobrecedora, limitadora das potencialidades libertárias, ligada ao poder totalitário, à imposição massiva do gosto e presa à lógica do capital, nivelando por baixo o espírito humano e incentivando padrões éticos e estéticos reprodutores de uma semiformação<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Para Adorno (2010), o processo civilizatório provoca uma pressão e um sentimento de claustrofobia que impele as pessoas em direção ao “mundo administrado” pelos princípios mercantis, onde essas, ao buscarem refúgio, acabam por ter sua subjetividade esvaziada.

<sup>11</sup> A semiformação (*Halbbildung*) é a incapacidade de o indivíduo produzir uma *Bild*, ou seja, uma imagem de si mesmo perante os outros que seja diferente daquela mediada pelos produtos da indústria cultural cujo objetivo não é o esclarecimento, mas, pelo contrário, fomentar o antiesclarecimento. Para visualizar a extensão desse processo

Outrossim, buscando empiria na realidade (e não na virtualidade, como aparentemente seria mais coerente em um modelo “pós”), os defensores de que a liberação da palavra promove uma efetiva democracia no ciberespaço quase sempre recaem sobre dois exemplos recorrentes: a Primavera Árabe, quando abordam o fenômeno em nível global; e as jornadas de junho de 2013<sup>12</sup>, quando buscam uma análise local. Em ambos os casos, contudo, não houve autonomia absoluta direcionada ao sujeito.

Sobre o movimento no Egito em 2010, por exemplo, o fundador do *WikiLeaks*, Julian Assange (2013), lembra que na mobilização contra o governo Mubarak, embora a organização realizada pelas redes sociais *online* tenha conseguido êxito ao chegar às praças, todos os organizadores foram rastreados, de modo que, não fosse o sucesso do movimento naquele momento, eles dificilmente teriam sobrevivido. Além disso, tal “revolução” só ocorreu justamente porque foi para as ruas, no campo das relações concretas e reais.

No caso brasileiro, embora as jornadas de junho de 2013 tenham proporcionado o surgimento de novos importantes e potentes atores nas redes sociais *online*, como o coletivo Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), os *mass media* também retiveram os louros das manifestações organizadas pela rede, sobretudo através da disseminação dos discursos conservadores que abasteceram uma onda de protestos proferidos por militantes e simpatizantes da direita e extrema-direita em 2015, culminando com a criação de um ambiente favorável para o golpe jurídico-midiático-parlamentar de 2016, conforme destaca a historiadora Céli Regina Jardim Pinto:

Desde a luta pela redemocratização do país, no início da década de 1980, as ruas tinham sido ocupadas majoritariamente por grupos identificados com posições políticas de centro-esquerda e de esquerda. Porém, a partir de 2013 e mais acentuadamente em 2014 e 2015, os manifestantes tenderam cada vez mais a se identificar com posições políticas de centro e de direita [...]. A hipótese sobre essa

---

de *Halbbildung* é fundamental compreender que, para Adorno (2010), existe, de fato, uma crise nos mecanismos de formação (*Bildung*) que, por sua vez, é apenas indício de uma crise mais ampla da própria cultura (DUARTE, 2003). Em tal cenário, a *Halbbildung* não pode ser descrita como uma exceção ou anomalia, mas “traço generalizado da sociedade capitalista” (PEREIRA, 2018, p. 113), que prima por produzir homens ‘coisificados’, incapazes de perceber sua real situação perante os demais. Logo, essa ‘meia’ (*Halb*) formação – ou essa imagem fragmentada de si próprio – não é resultado de um desvio dos agentes da indústria cultural, mas resultado esperado e desejado de sua atuação.

<sup>12</sup> Apesar da imprecisão nas fontes jornalísticas não permitir o cálculo no número de manifestantes, é mister reconhecer a amplitude das jornadas de junho de 2013. Os protestos tiveram início em janeiro do referido ano e traziam como mote questionar o aumento nas passagens de ônibus em Porto Alegre (RS). Ao atingir outras capitais, contudo, a pauta se fragmentou em temas genéricos, como a ‘melhoria do serviço público’ e o ‘fim da corrupção’.

trajetória é de que as bases do discurso tendencialmente de direita de 2015 foram dadas nas manifestações de 2013 (PINTO, 2017, p. 119-120).

Nesse sentido, alinhando-se com os debates presentes na Teoria Crítica da Sociedade, lança-se – nesta tese – a crítica negativa em resposta a um momento de extrema excitação acadêmica com o papel desempenhado pelo jornalismo nas redes sociais *online*. Cabe esclarecer que o objetivo não é questionar a premissa – tomada como verdadeira – de que vivemos um momento de transição, notoriamente marcado pela presença dos indivíduos como coautores significativos da mensagem jornalística, mas sim problematizar algumas afirmativas que têm sido naturalizadas sobre o tema ao longo da última década, a saber: i) existe real autonomia do indivíduo nas redes sociais *online*?; ii) podemos tratar essa “realidade virtual” como um espaço descolado da realidade concreta visto que ela é espaço das objetivações existentes?; iii) a referida liberação da palavra é efetiva?; iv) qual possibilidade revolucionária deve ser vislumbrada quando o conteúdo (re)produzido pelo proletariado na *web* é o hegemônico?; v) possuir as aparentes condições tecnológicas para um discurso contra-hegemônico é suficiente em uma sociedade composta por indivíduos semiformados?; vi) qual a origem do discurso autoritário presente nas redes sociais *online*?

Para problematizar os pontos levantados, desenvolveu-se a discussão presente nesta tese a partir de três pressupostos teóricos que têm orientado as investigações sobre a relação entre educação e jornalismo no Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Filosofia e Linguagens da Universidade Federal do Espírito Santo (Nepefil/Ufes), sendo eles: i) o jornalismo praticado pelos *mass media* é um produto da indústria cultural, sendo essa, a despeito das empreitadas pós-modernas que buscam comprovar seu suposto ‘esgotamento’, a melhor categoria para analisá-lo também na dita era pós-massiva, uma vez que a crítica negativa permite localizar estruturas autoritárias nos novos processos de comunicação (COSTA, 2001); ii) o jornalismo é um processo educativo, tendo em sua concepção ideológica o papel de fiscalizar o poder político e formar o cidadão para atuar na esfera pública (TRAQUINA, 2012), mas, para dissabor de suas possibilidades revolucionárias, funciona em muitos momentos como uma instituição antidialógica, favorável à perpetuação dos modelos hegemônicos de produção e comprometida com o depósito de conteúdos em indivíduos-objetos (FREIRE, 1968)<sup>13</sup>; iii) experimentamos na

---

<sup>13</sup> Cabe reforçar que a reflexão proposta por Paulo Freire (1968) em *Pedagogia do Oprimido* sobre o papel do jornalismo na educação serve para suscitar a problematização inicial desta pesquisa, porém não segue como base teórica para a tese desenvolvida, visto que, apesar da inegável importância e relevância (não apenas do livro, como de todo o trabalho de Freire) para o debate sobre educação, enveredar pelas trilhas do autor representaria um desvio da base teórica aqui assumida: como supracitado, a Teoria Crítica da Sociedade.

sociedade excitada (TÜRCKE, 2010) um período propício à proliferação do fascismo, sobretudo a partir da perda da experiência (BENJAMIN, 1987) e da difusão pelos *mass media* na web 2.0 (redes sociais *online*) da síndrome fascista, fenômeno sociopsicológico caracterizado pela identificação psicológica com as elites, pelo preconceito étnico e racial, pela obsessão em relação à sexualidade, pela agressividade reprimida e pelo sadomasoquismo (ADORNO *et al.*, 1950).

## 1.2. Justificativa: por que investigar educação, jornalismo e fascismo?

Conforme mencionado, os jornalistas e os comunicólogos – na contramão de qualquer objetividade ou isenção que erroneamente possam ser pregadas como verdades absolutas dentro do exercício da profissão – sempre tiveram consigo a responsabilidade de atuar como formadores de opinião e educadores (o que estipula uma intencionalidade que não pode ser “isenta”), determinando as pautas da agenda social (*agenda-setting*<sup>14</sup>), suas espirais de silêncio<sup>15</sup> e os rumos dos debates públicos a partir de seus critérios de noticiabilidade, o que, por si só, já justificaria qualquer investigação sobre a influência desses na formação dos indivíduos. O problema é que – no contrafluxo do que se poderia esperar – o processo educativo fomentado pelos *mass media*, se não sempre, na maior parte dessa história secular caminhou em direção aos anseios e interesses econômicos dos grupos detentores dos meios de comunicação (e do poder da palavra) e seus principais financiadores, funcionando como aparelhos ideológicos responsáveis por alienar os indivíduos (ALTHUSSER, 1985) e manter o *status* dominante daqueles que detêm o poder.

O próprio Paulo Freire, embora não tenha se dedicado a debater de maneira mais exaustiva (e conseqüentemente aprofundada), não se furtou ao assunto, dando ênfase para as semelhanças entre os papéis da escola e da imprensa em vários trechos de suas obras (MEDITSCH; FARACO, 2003). Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1968) critica os meios de comunicação de massa por agirem como instituições antidialógicas e comprometidas com o

---

<sup>14</sup> “A *agenda-setting* se configura pela articulação de meios impressos, televisivos, radiofônicos, incluindo o suporte da internet, que tendem a destacar as mesmas fontes, os mesmos assuntos, as mesmas imagens” (COSTA, 2001, p. 111-112).

<sup>15</sup> A teoria da espiral do silêncio proposta pela pesquisadora alemã Elisabeth Noelle-Neuman (1995) aponta que, com medo da solidão social que se propaga em espiral, os indivíduos tendem a buscar abrigo nas opiniões hegemônicas, ainda que em seu íntimo discordem das ideias predominantes na opinião pública e precisem silenciar sua própria voz, o que favorece que o *status quo* perpetue, tornando mais difíceis as mudanças em tópicos sensíveis ao grupo dominante (NOELLE-NEUMAN, 1995).

depósito de conteúdos em indivíduos-objetos, sem a criticidade necessária para a libertação dos sujeitos da opressão e a transformação do mundo, convidando-nos a pesquisar o tema.

O convite decisivo para o desenvolvimento desta tese, contudo, é anterior. Parte de Theodor W. Adorno (1993) no aforismo 71 de sua *Minima Moralia*, publicada originalmente em 1951:

O poder magnético que sobre os homens exercem as ideologias, embora já se lhes tenham tornado decrépitas, explica-se, para lá da psicologia, pelo derrube objetivamente determinado da evidência lógica como tal. Chegou-se ao ponto em que a mentira soa como verdade, e a verdade como mentira. Cada expressão, cada notícia e cada pensamento estão preformados pelos centros da indústria cultural. O que não traz o vestígio familiar de tal preformação é, de antemão, indigno de crédito, e tanto mais quanto as instituições da opinião pública acompanham o que delas sai com mil dados factuais e com todas as provas de que a manipulação total pode dispor. A verdade que intenta opor-se não tem apenas o carácter de inverossímil, mas é, além disso, demasiado pobre para entrar em concorrência com o altamente concentrado aparelho da difusão (ADORNO, 1993, p. 107).

Tomando a desconcertante postulação de Adorno (1993), obrigamo-nos a concordar que a verdade parece ter poucas chances em concorrer com o avanço e a incrementação dos meios de comunicação de massa, constatação que fica mais arrebatadora quando consideramos o advento do sofisticado sistema tecnológico que possibilitou as redes sociais *online*. Em outros termos, se sempre foi um desafio propor uma formação crítica, para além das fronteiras da opinião ligeira e fugaz fornecida pelos jornais e produtos de entretenimento, em uma sociedade marcada pelo uso de aplicativos como *Snapchat* (hoje estendido aos *stories* de diferentes mídias sociais) que, ao melhor estilo dos *blockbusters* de espionagem, permitem mensagens que se autodestroem em segundos, o processo de *Halbbildung* se acentua drasticamente, gerando as condições necessárias para a proliferação de comportamentos autoritários como aquele dos indivíduos alemães frente a Auschwitz. Aliás, esse é o primeiro ponto que justifica este trabalho: contribuir para que Auschwitz não se repita (ADORNO, 1995). Nos termos do autor:

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas. Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão a barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão. É isto que apavora. Apesar da não visibilidade atual dos infortúnios, a pressão social continua se impondo. Ela impele as pessoas em direção

ao que é indescritível e que, nos termos da história mundial, culminaria em Auschwitz (ADORNO, p. 122, 1995).

Assim, em uma perspectiva adorniana, se desde o final da 2ª Guerra Mundial deveríamos seguir alertas na observação dos *mass media* como agentes de formação (ou semiformação), este trabalho se justifica especialmente pela urgência de discutir a ampliação e/ou acentuação desse processo na *web*, sobretudo considerando o contexto atual, de uma sociedade excitada e viciada em pílulas imagéticas, onde os indivíduos têm tido seus sentidos entorpecidos pela multiplicação de conteúdos efêmeros e fragmentados que buscam a qualquer custo atrair sua atenção dispersa (TÜRCKE, 2010).

Nesse sentido, a presente investigação se fundamenta pela já discutida atualidade e relevância do tema (principalmente quando considerado o avanço do autoritarismo na América Latina e no Brasil nos últimos cinco anos), bem como pela carência de debates sobre a relação entre jornalismo, educação e fascismo dentro da perspectiva proposta. Ademais, referendaram a realização desta pesquisa a formação e o interesse pessoal do pesquisador sobre o tema, bem como a posição de destaque que o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/Ufes), a partir do Nepefil, ocupa dentro do debate proposto, como se discute nos subtópicos a seguir.

### 1.2.1 Incipiência de estudos sobre o tema: vestígios para um primeiro diálogo

Um ponto que fomentou a proposição do projeto que serviu de pontapé inicial para esta tese é a incipiência de estudos sobre o papel do jornalismo como agente formador dos indivíduos dentro da era das redes sociais *online*, principalmente em uma perspectiva que ultrapassasse a prática da educação no ambiente escolar. Assim, em leituras prévias, uma primeira inquietação surgiu ao verificar que a era pós-massiva figura como objeto costumaz de análises mais reduzidas (ainda que também muito relevantes), como estudos com foco no ensino à distância e/ou o uso da *web* como ferramenta pedagógica nas escolas (SCHONS; RIBEIRO; BATTISTI, 2008; GROSSECK; MARINHO; TÁRCIA, 2009; CARVALHO, 2009; ROMANCINI, 2010).

No que tange à configuração da imprensa tradicional frente ao novo papel dos indivíduos nas redes na sociedade capitalista tida como “pós-industrial”, observou-se que as abordagens, quando existentes, restringiam-se a análises de produtos isolados como o



*Wikipédia*<sup>16</sup> (PEREIRA; MATTE, 2010), sendo o contexto mais amplo do processo desconsiderado.

Assim, constatada a carência nos estudos sobre o tema (conforme explicitado no tópico anterior, a relação entre jornalismo, educação e fascismo dentro da sociedade excitada), realizou-se uma revisão da literatura mais recente produzida sobre o assunto, objetivando encontrar discussões que pudessem contribuir para a proposição inicial, afinal, conforme nos lembra Ida Regina C. Stumpf (2015, p. 52): “[...] a revisão da literatura é uma atividade contínua e constante em todo o trabalho acadêmico e de pesquisa, iniciando com a formulação e/ou objetivos do estudo e indo até a análise dos resultados”.

Para isso, foram construídos três campos semânticos com expressões distintas que ajudassem a desvelar os resultados pretendidos já durante o processo de busca nos bancos de teses e periódicos selecionados para a revisão. Assim, considerado um período de dez anos (recorte satisfatório para abarcar a era das redes sociais *online*), a pesquisa do material de leitura se deu em quatro etapas, sendo a primeira delas a seleção da base onde seria feita a consulta. Foram selecionados os seguintes bancos de dados:

- Portal de Livre Acesso à Produção em Ciência da Comunicação (Portcom), organizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom);
- *Thesaurus* Brasileiro da Educação (Brased), mantido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep);
- Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes);
- Banco de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes);
- Biblioteca da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped);
- Banco de dados do sítio eletrônico do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação, organizado por pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), Universidade Estadual Paulista (Unesp-Araraquara), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade

---

<sup>16</sup> Portal que funciona como uma enciclopédia colaborativa e virou marco do conceito de inteligência coletiva na web 2.0. Foi iniciado em 2001 funcionando apenas em inglês.

Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e Universidade Federal de Lavras (Ufla);

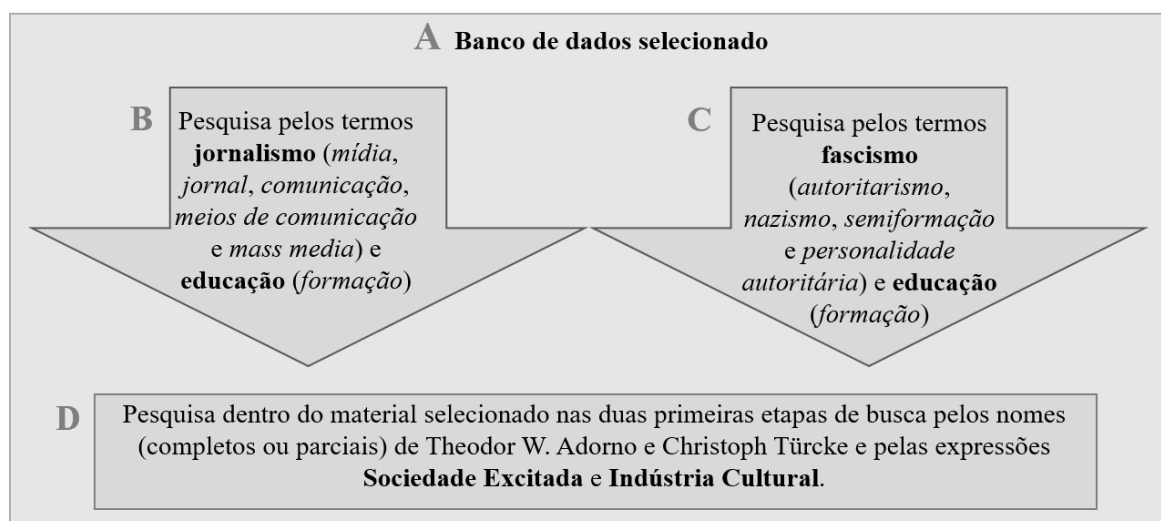
- Banco de dados da SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), organizado e mantido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Posteriormente, em três etapas, buscou-se verificar a presença dos descritores escolhidos dentro do acervo selecionado. Dentro do primeiro campo semântico de busca, partiu-se de um recorte mais amplo, cujo escopo foi identificar a mera presença de uma relação entre *jornalismo* e *educação* nas publicações consultadas. Ademais, para evitar qualquer omissão nos resultados durante a pesquisa, também foram utilizados outros termos que pudessem sugerir o mesmo assunto, como *mídia*, *jornal*, *comunicação*, *meios de comunicação* e *mass media* no caso do termo *jornalismo* e *formação* no caso do termo *educação*.

Para um segundo momento de pesquisa dentro dos bancos de dados, optou-se por realizar o mesmo padrão de busca, porém substituindo o termo *jornalismo* por *fascismo*, a fim de verificar quais debates mais pertinentes têm sido promovidos sobre a relação entre o tema e *educação*. Para isso, também foram utilizados os termos *autoritarismo*, *nazismo*, *semiformação* e *personalidade autoritária*, sendo os últimos justificados pela compreensão prévia de que os principais estudos sobre a relação entre educação e a formação de indivíduos fascistas têm tido como base relevante os estudos de Theodor W. Adorno sobre o processo semiformativo.

Posteriormente, nos últimos refinamentos da pesquisa, buscaram-se dentro do *corpus* selecionado nas etapas anteriores os trabalhos que tratam dos conceitos dos dois principais interlocutores desta tese, a saber, Theodor W. Adorno e Christoph Türcke. Com isso, além dos nomes dos autores (completos ou parciais), somaram-se aos descritores de pesquisa as expressões *sociedade excitada* e *indústria cultural*, objetivando revelar, dentro de um recorte já refinado, aquelas publicações que trazem como abordagem teórica os conceitos de interesse dos autores supracitados. Assim, a relação das etapas de pesquisa para a revisão que serviu como introdução a esta tese pode ser resumida conforme o esquema ilustrado na Figura 2 (p. 15).

**Figura 2.** Campos semânticos e etapas de pesquisa nos bancos de dados de periódicos e teses que foram selecionados.



**Fonte:** Elaboração própria.

**Legenda:** Dentro do banco de dados selecionado (A) foram realizadas duas pesquisas que explicitassem as relações entre jornalismo e educação (B) e fascismo e educação (C) nos periódicos consultados. Posteriormente, dentro da seleção realizada em B e C foram consultados trabalhos que apresentassem os principais autores e conceitos discutidos nesta tese (D).

Os resultados da revisão (conforme ilustra a Tabela 1, p. 16) referendaram a importância do desenvolvimento da abordagem proposta. Isso porque, apesar de um volume significativo de trabalhos se proporem a discutir a relação entre jornalismo e educação quando considerados os descritores secundários (como *formação*), em sua maioria absoluta as temáticas mais comuns foram os processos de educomunicação<sup>17</sup>, os estudos de recepção no ensino básico e os debates sobre o currículo para a formação de jornalistas nas escolas de comunicação.

É interessante observar, dentre as produções que trazem temas aproximados, a amplitude do trabalho desenvolvido por Lima e Filho (2012) em *Jornalismo, Democracia e Educação: algumas reflexões sobre o Jornalismo Cívico*. No artigo, os autores articulam o jornalismo metodologicamente às proposições de John Dewey sobre educação e vida pública e propõem uma educação para a cidadania nas sociedades democráticas. Contudo, fiel à base

<sup>17</sup> O conceito de educomunicação surgiu a partir das pesquisas coordenadas pelo professor Ismar de Oliveira Soares no Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo (USP) no final da década de 1990. Embora aparentemente abarque as temáticas de educação e comunicação de modo amplo, refere-se, primordialmente, a um sistema articulado de iniciativas voltadas a facilitar o diálogo social através do uso consciente das tecnologias da informação, buscando desenvolver projetos comunicativos capazes de promover autonomia entre os estudantes: “educomunicação é essencialmente práxis social” (SOARES, 2011, p. 14). Os debates sobre educomunicação surgiram estreitamente vinculados com o pensamento freireano, principalmente a partir da apropriação das ideias de Mario Kaplún (2002), entusiasmado leitor do pedagogo brasileiro. Desde 2011, a USP oferece uma Licenciatura em Educomunicação.

teórica proposta pelos autores, o trabalho desconsidera as contradições inerentes ao próprio sistema capitalista e aos *mass media* e defende uma reconciliação na qual – do ponto de vista da Teoria Crítica da Sociedade – jamais houve rompimento. Isso porque parece fazer pouco sentido idealizar um jornalismo que atue na formação de indivíduos aptos à prática democrática, uma vez que em uma perspectiva frankfurtiana se defende que o jornalismo – enquanto produto da indústria cultural – sempre atuou educando o sujeito para que cumprisse exatamente aquilo que a sociedade liberal espera dele: a mansidão.

**Tabela 1.** Resultados a partir do primeiro campo de busca nos bancos de dados.

Trabalhos pesquisados entre 2007 e 2017	Total de trabalhos que explicitam a relação entre <i>jornalismo e educação</i>	Total de trabalhos que explicitam a relação entre <i>fascismo e educação</i>	Trabalhos que explicitam a relação entre os três descritores
Portcom*	11	0	0
Thesaurus	3	0	0
Banco de teses da Capes**			
Banco de periódicos da Capes	8	3	0
Biblioteca da Anped	1	2	0
SciELO	3	1	0
Grupo Teoria Crítica e Educação	0	0	0

**Fonte:** Elaboração própria.

**Legenda:** \*Em sua maioria absoluta, os resultados disponíveis dentro do Portcom tratavam de trabalhos apresentados por estudantes de graduação no *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Assim, ainda que reconhecendo a contribuição fundamental e relevante das pesquisas de Iniciação Científica para o progresso e desenvolvimento da Ciência no Brasil, faz-se necessária a prudência de lembrar que, em sua maioria, as investigações ainda estão em estágio inicial. Foi aplicado, então, um segundo recorte filtrando os artigos integrantes da Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (Intercom-RBCC) – periódico com *qualis* A2 na área de Comunicação e Informação e B1 em Educação. \*\*O banco de teses da Capes não permite filtrar, mas apenas somar os temas, o que impossibilita a busca a partir de descritores gerais como “jornalismo e educação”, visto que o resultado gerado abarca trabalhos sem qualquer relação com o tema.

Além desse, chamou a atenção de modo especial a tese *Sensação e fetiche na cultura da imagem: o capitalismo estético e as tecnologias do audiovisual*, defendida por Fladimir Roberto Williges junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2015, na qual o autor assume defesa

clara das teses de Christoph Türcke. Ainda que não direcione o olhar para o campo da educação como proposto nesta investigação, encontra-se no trabalho de Williges um potente interlocutor.

### 1.2.2. Interesse pessoal e debates dentro do PPGE

Considerando o cenário apresentado e a incipiência de estudos específicos ou interdisciplinares sobre o objeto nas duas áreas que o delimitam (Educação e Comunicação Social), pode-se dizer que o desenvolvimento inicial desta tese se justificou tanto pelo caráter inédito da abordagem (SEVERINO, 1996), visto que o tema ainda não havia sido explorado no viés proposto, quanto por sua importância para o entendimento de um processo contemporâneo que influencia diretamente na formação dos indivíduos. Sobre isso, faz-se coro ao destaque de José Seixas Patriani (1969), que lembra:

A teoria e a pesquisa da comunicação são instrumentos fundamentais no processo da mudança sócio-cultural, são catalisadores da dinâmica psicossocial. Infeliz o povo que não tem seus próprios comunicadores e cientistas da comunicação: fica-lhes reservada a castração cultural, a dominação neocolonialista, com todas suas terríveis consequências (PATRIANI, 1969, p. 44).

Além disso, conforme já mencionado, a pesquisa proposta encontrou no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo, dentro da linha de pesquisa Educação e Linguagens, espaço privilegiado para contato com o aporte teórico e os debates necessários para a sua realização, sobretudo a partir dos diálogos estabelecidos entre a Teoria Crítica da Sociedade e outras perspectivas vinculadas à discussão da linguagem. Faz-se justo destacar, ainda, que a pesquisa representa uma continuidade histórica na temática que tem norteado diferentes investigações dentro do Grupo de Pesquisa de Teoria Crítica e Educação, iniciado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em 1991, e que encontra no Nepefil, desde sua fundação em 1999, importante braço de apoio.

Por fim (e não menos importante), a empreitada se justificou, também, pelo interesse pessoal e pela trajetória profissional do pesquisador que, da atuação como repórter na editoria de educação nas redações jornalísticas dos *mass media* ao exercício da docência nos cursos de jornalismo, sempre se angustiou com a ausência de reflexões sobre o papel do jornalista profissional frente à formação dos indivíduos na sociedade, sobremaneira no contexto de supersaturação dos sentidos que tem proliferado nas redes sociais *online*.

### 1.3. Problema e objetivos: parâmetros para elaboração da tese

#### 1.3.1. Problema investigado

Partindo das bases e dos pressupostos apresentados nos tópicos anteriores, esta tese teve como norte desde seu início a busca por uma resposta definitiva para a seguinte questão:

- Como e em que medida a supersaturação dos sentidos dos indivíduos associada com a antifilosofia promovida pelos *mass media* contribui para a proliferação de traços da síndrome fascista nas redes sociais *online*?

#### 1.3.2. Objetivos de pesquisa

Para conseguir responder à questão proposta no tópico anterior, sustentando a tese aqui defendida, esta pesquisa passou pelo cumprimento obrigatório dos seguintes objetivos:

##### 1.3.2.1. Geral

- Investigar como o discurso autoritário presente nos *mass media* da indústria cultural encontra espaço para ecoar nas redes sociais *online*, aproveitando-se da supersaturação dos sentidos dos indivíduos para propagar traços da síndrome fascista.

##### 1.3.2.2. Específicos

- Discutir historicamente a constituição do conceito de indústria cultural, atualizando-o para os debates dentro da sociedade excitada e problematizando a noção de “era pós-massiva” frente à permanência das condições objetivas e subjetivas de produção da existência nos tempos hodiernos.
- Categorizar o jornalismo produzido pelos *mass media* – e a ideologia que ele propõe – enquanto resultado de uma produção sistêmica semiformativa da indústria cultural, sustentando sua caracterização como uma antifilosofia.
- Investigar e detectar pontos de congruência entre as discussões realizadas por Theodor W. Adorno e o Grupo de Berkeley (1950) nos *Estudos sobre a personalidade autoritária* e por Christoph Türcke (2010) em *Sociedade excitada: filosofia da sensação*, propondo categorias a partir dessa discussão para uma investigação dos discursos autoritários presentes nas redes sociais *online*.

- Analisar, à luz das teorias de Adorno *et al.* (1950) e TÜRCKE (2010), a proliferação de discursos autoritários entre os usuários das redes sociais *online*, bem como sua possível ligação com o discurso produzido pela mídia hegemônica.

#### 1.4. Três hipóteses: primeiros apontamentos “provisórios” para a tese

Entendendo que o modelo jornalístico adotado no século XX e neste início de século XXI segue a lógica de mercado da indústria cultural, tornando suas reportagens meros produtos a serviço da formação de uma consciência genérica e coisificada; e que ao falarmos de construção e/ou formação da opinião pública estamos, prioritariamente, falando de educação, a elaboração desta tese tomou como resposta provisória ao problema proposto uma formulação baseada nas seguintes hipóteses:

A) O jornalismo, enquanto produto da indústria cultural, constrói a memória do cidadão com argumentos interessantes ao grupo que está no poder (que domina os meios de produção) em determinada época. Assim, toda e qualquer reflexão condicionada pelos veículos hegemônicos é pautada *a priori* em uma antifilosofia, reproduzindo a doxa e acentuando os processos de semiformação. Afinal, “a produção das ideias, das representações e da consciência está, a princípio, direta e indiretamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; ela é a linguagem da vida real” (MARX; ENGELS, 2002, p. 18).

Comprovada a hipótese A, apresenta-se a B:

B) Com o surgimento do modelo de comunicação em rede, característica marcante da primeira década do século XXI – período definido por alguns teóricos (LEMONS; LÉVY, 2010) como o início de uma “era pós-massiva” –, os cidadãos passaram a gozar de considerável acesso às práticas de emissão de conteúdo midiático. Tal possibilidade, porém, para além das expectativas democráticas, serviu de extensão aos domínios do discurso engendrado pelos tradicionais *mass media* que, na tentativa de fixar novos domínios nesse ambiente, levaram a pulverização e banalização do conteúdo produzido às últimas consequências.

Comprovadas as hipóteses A e B, passa-se à C, principal hipótese defendida nesta tese:

C) Com a multiplicação exponencial de conteúdos rasos (ou da antifilosofia promovida pelos *media*), amplificam-se os processos semiformativos, agravando a supersaturação dos sentidos denunciada por TÜRCKE (2010). Assim, acentua-se a formação de personalidades autoritárias – segundo os traços descritos por Adorno *et al.* (1950) – nos indivíduos que passam

a utilizar um ambiente que supostamente seria destinado à sua liberdade enunciativa (as redes sociais *online*) para propagar discursos fascistas.

Com isso, tomando a crítica negativa como horizonte (e, portanto, suas bases marxistas), buscou-se comprovar a tese de que as redes sociais *online*, enquanto agentes da superestrutura da sociedade, não podem ser consideradas uma antítese dos *mass media* capaz de revolucioná-los ou de, tampouco, modificar as relações de trabalho, mas antes uma espécie de complemento que potencializa a velha ideologia burguesa e todas as nuances autoritárias que a acompanham em uma sociedade já viciada em informações que pouco ou nada contribuem para ampliar e/ou potencializar a existência objetiva e subjetiva dos indivíduos, levando a proliferação da ideologia dos proprietários dos meios de produção às últimas consequências. Logo, no nível do discurso até é possível que teóricos defendam a ideia de uma cibernidade, ou de uma ciberdemocracia, mas, em última instância, esse discurso pode ser resumido a uma mera expansão da sociedade burguesa, que se rearranja e reinventa.

### **1.5. Escolha epistemológica: a Teoria Crítica da Sociedade como método**

Partindo da Teoria Crítica da Sociedade, a base epistemológica fundamental para a análise e reflexão proposta é o materialismo histórico de Karl Marx. Contudo, assim como Adorno e seus companheiros não se furtaram em realizar um movimento de retorno crítico ao próprio pensamento marxista – seja a partir das categorias da psicanálise freudiana, seja a partir das discussões em Kant sobre o esquematismo e outros conceitos –, adicionando-lhe complexidade, tomou-se nesta pesquisa a liberdade de buscar a observação dos traços da *síndrome fascista* a partir do discurso, ou seja, a partir da forma pela qual os indivíduos externam aquilo que compreendem sobre a natureza ao seu redor e suas relações concretas com ela. Nesse sentido, partiu-se do método marxista para promover uma análise ancorada na crítica negativa que permitiu desvelar, olhando para o texto (e, também, além dele), a influência das condições objetivas dos *media* sobre a subjetividade do sujeito manifesta nas redes sociais *online*. Em outros termos, que nos possibilitou demonstrar evidências do sequestro da subjetividade pelas ideias hegemônicas presentes na indústria cultural.

Contudo, para dar conta da proposta apresentada, foram necessários o estabelecimento e a definição de algumas estratégias que garantissem o devido rigor no método de formulação das categorias utilizadas para comprovar as hipóteses propostas, bem como para a coleta e observação dos discursos dos indivíduos e da indústria cultural. Nesse sentido, a pesquisa foi



dividida em dois movimentos principais, a saber: i) pesquisa teórica (também de caráter empírico e hermenêutico); e ii) análise hermenêutica de conteúdos textuais (também de caráter teórico).

### 1.5.1. Pesquisa teórica e a empiria no conceito

Embora possa parecer estranho apontar a pesquisa teórica também como empírica ou buscar descrever a produção conceitual já a partir da análise dos conteúdos textuais, é importante lembrar que objeto-método-teoria constituem uma unidade indivisível (LOPES, 1990). Assim, em uma investigação que toma como base a *Dialética Negativa* proposta por Theodor Adorno (ao nosso ver, já presente nas discussões que integram *Dialética do Esclarecimento*), tal proposição é fundamental, conforme discute Bruno Pucci (2012):

À semelhança de Hegel, a negação é a mediação fundamental na passagem de um momento a outro no processo da constituição do conhecimento. Em contraposição a Hegel, a permanência na negatividade adia a síntese por tempo indeterminado [...]. À semelhança de Hegel é através do conceito que o sujeito conhece o objeto, pois o instrumental de intervenção da filosofia são os conceitos. Em contraposição a Hegel, o conceito, mesmo sendo uma “*adaequatio rei et intellectus*”, como dizia a filosofia tradicional, não consegue captar o objeto em sua plenitude; ele é universal, abstrato, formal; o objeto por ele representado é particular, concreto, histórico: “A dialética é a consciência consequente da não-identidade” (ADORNO, 2009, p. 13) entre conceito e objeto. E porque o conceito é a tentativa frustrada de o sujeito se identificar com o seu não outro, o objeto, a filosofia padece de uma enorme ingenuidade: “saber quão pouco alcança o que é pensado e, no entanto, falar como se o possuísse inteiramente” (ADORNO, 2009, p. 21). A dialética, na teimosia de seu momento negativo, é a tentativa de extinguir o suposto poder autárquico do conceito, arrancando-lhe dos olhos as vendas (PUCCI, 2012, p. 5).

Trocando os termos, é buscando a empiria nos conceitos que superaremos o próprio conceito (PUCCI, 2012). Assim, a Teoria Crítica aparece como referencial teórico fundamental para a discussão principal desenvolvida sobre os tópicos *sociedade excitada, era pós-massiva, indústria cultural, inteligência coletiva* e tantos outros que pretendem totalizar, ainda que sempre falhem frente à particularidade de cada objeto-indivíduo. Logo, é forçando e testando as contradições – inclusive dentro dos próprios termos que compõem a base frankfurtiana – que essa pesquisa se constitui. É no choque das definições, negando-as e as colocando em xeque, que se tenta elucidar as questões propostas, em um movimento dialético constante de aproximação entre a práxis e o pensamento.

Um dos principais pesquisadores sobre as relações entre indústria cultural, jornalismo e educação, o professor Belarmino Cesar Guimarães da Costa (2001) referenda tal opção, ao lembrar que

A Teoria Crítica, ao fazer uma análise estrutural do processo de produção e de recepção de mensagens da indústria cultural, e por favorecer uma interpretação de que os conteúdos não se definem por si, já que a forma de organização do artefato noticioso e sua contingência moldada ao ritmo das rotativas refletem sobre sua significação, torna-se uma referência epistemológica estratégica para interpretar a relação entre produção da cultura e estruturas societárias do capitalismo tardio. [...] A contribuição da Teoria Crítica para a educação passa pela investigação sobre a mediação das novas tecnologias na percepção e (des)sensibilização humanas, num contexto onde o fluxo de informação pode se dar de forma desenraizada e descolada da experiência, com capacidade para subverter a noção de duração, continuidade e representação. Esta circunstância moldada pela obsolescência das mercadorias simbólicas e pelo minimalismo de informações descartáveis encontra uma contiguidade com a diminuição da capacidade de pensar e agir com autonomia (COSTA, 2001, p. 116).

Tanto os objetos, como a nossa forma de percebê-los, são constituídos historicamente e, portanto, não são naturais. Logo, a aposta em uma crítica negativa como método de investigação e compreensão da realidade nos “[...] permite localizar nos novos processos de comunicação estruturas autoritárias” (COSTA, 2001, p.116), sendo a análise hermenêutica tão válida como os procedimentos metodológicos propostos em *The Authoritarian Personality* (ADORNO *et al.*, 1950), livro no qual Adorno e seu grupo de colaboradores fazem uma avaliação a partir da aplicação de questionários e de análises clínicas (de onde foram retiradas as categorias para a pesquisa desenvolvida). Assim, sobre a opção de olhar para a linguagem, é importante recordar Adorno e Horkheimer (1985):

A dialética revela, ao contrário, toda imagem como uma forma de escrita. Ela ensina a ler em seus traços a confissão de sua falsidade, confissão essa que a priva de seu poder e o transfere para a verdade. Desse modo, a linguagem torna-se mais que um simples sistema de signos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 32).

Reconhecendo a linguagem como esse algo a “mais que um [...] sistema de signos” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 32), faz-se necessário esclarecer a razão em se falar nesta tese de uma análise hermenêutica. Embora fosse possível descrever, desde a discussão no âmbito da teoria até a avaliação do material coletado, os procedimentos adotados como uma análise discursiva, optou-se por descrever o estudo desenvolvido como hermenêutico, a fim de não provocar nenhuma confusão com as teorias francesas de análise do discurso e não gerar qualquer expectativa nesse sentido. Logo, seguindo a tradição da Teoria Crítica da Sociedade, desde o cruzamento das teorias até a interpretação do *corpus*, optou-se por realizar uma interpretação profunda e radical dos escritos textuais coletados.

### 1.5.2. *Corpus*: o golpe de 2016 na visão do público de *Carta Capital e Veja*

Para realizar o segundo momento proposto de análise, testando a efetividade da “era pós-massiva” enquanto inteligência coletiva e/ou o predomínio da construção de discursos

autoritários, bem como a eficiência das categorias de pesquisa estabelecidas a partir do cruzamento das teorias abordadas, adotaram-se como *corpus* de investigação os comentários realizados por internautas dentro das *fanpages* no *Facebook*<sup>18</sup> das revistas *Veja* (principal revista semanal de pauta conservadora no país, com uma tiragem semanal de supostamente um milhão de exemplares<sup>19</sup>) e *Carta Capital* (principal revista de pauta progressista do país, com uma tiragem semanal de 56 mil exemplares).

No refinamento da pesquisa, fez-se necessário selecionar a cobertura de uma pauta para atuar como “pano de fundo” à coleta dos comentários dentro das *fanpages* das revistas. O objetivo foi escolher notícias que trouxessem implícita a “exigência” de um nível mínimo de tolerância/empatia às diferenças sociais e/ou ideológicas para participação democrática no debate (algo inviável a um indivíduo com tendências a desenvolver uma personalidade autoritária). Assim, definiu-se que seriam coletados os comentários realizados dentro da cobertura do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, uma vez que se inferiu que o debate político acalorado poderia ser terreno fértil para uma análise crítica negativa das potencialidades das redes sociais *online*.

Temporalmente, optou-se por coletar as notícias e os comentários publicados no dia de concretização do golpe de Estado (31 de agosto de 2016), uma vez que, apesar de as edições impressas seguintes ao fato ainda não estarem na banca, ambas as revistas abordaram o processo em seus sites de notícia.

É importante reforçar que a escolha pela pauta partiu inicialmente da identificação de eixos temáticos que traziam algum grau de proximidade/afinidade com os temas apresentados por Adorno *et al.* (1950) como sendo tabus aos indivíduos fascistas, como os debates sobre as questões de gênero e classe (uma vez que a presidenta Dilma Rousseff é mulher, ex-guerrilheira e apresenta uma visão progressista de mundo), o que torna a observação desse caso um campo

---

<sup>18</sup> Lançado em fevereiro de 2004, o *Facebook* atingiu 1 bilhão de usuários em 2012, passando a ser considerada a maior rede social *online* do mundo. No mesmo ano, a empresa lançou suas ações na bolsa de valores de NASDAQ, o que acabou por soterrar a defesa de muitos autores pós-modernistas sobre as intenções “ciberdemocráticas” da rede. Em abril de 2018, Mark Zuckerberg, CEO e um dos fundadores do *Facebook*, precisou ir ao Congresso dos Estados Unidos prestar esclarecimentos sobre o vazamento ilegal de dados de usuários que pode ter beneficiado diretamente a eleição do ultraconservador Donald Trump à Casa Branca.

<sup>19</sup> Para fins publicitários, a revista *Veja* declara uma circulação semanal de um milhão de exemplares, mas não publica a tiragem nos impressos. Em 2013, o jornalista Paulo Nogueira (1956-2017), ex-diretor do Grupo Abril, questionou os números apurados pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC), apontando uma real circulação de 100 mil exemplares.

relevante para testar os tensionamentos discursivos permitidos pela liberação da palavra dentro das redes sociais *online*. Ademais, trata-se a rigor, também, de uma justa abordagem objetivando desvelar a proliferação de discursos autoritários na rede, uma das marcas do processo fraudulento de *impeachment*.

Selecionado o *corpus*, é necessário atentar às implicações do estudo das redes sociais *online*. Em *Métodos de pesquisa para internet*, Fragoso, Recuero e Amaral (2011) chamam a atenção para a dificuldade de coleta que o próprio caráter dinâmico das redes impõe à observação de objetos:

Segundo Costigan (1999, p. 19), um dos principais desafios para o estudo de internet é que ela não pode ser capturada por um quadro individual, uma vez que cada retrato acrescenta um quadro e fronteiras que não existem, já que a internet não pode ser contida [...] Os retratos ficam estagnados, mas a internet está em constante fluxo (FRAGOSO, RECUERO; AMARAL, 2011, p. 33).

Assim, um desafio imposto a esta pesquisa foi buscar um *corpus* satisfatório (em termos quantitativos) para a análise hermenêutica proposta, dada a constante atualização de dados na *web*. Em suma, conseguir um conteúdo suficientemente potente para o estudo pelas vias da Teoria Crítica, mas nem tão enxuto, nem absurdamente extenso a ponto que se tornasse inviável sua observação.

Considerando a dificuldade mencionada, para realizar a coleta dos comentários foi utilizado o *software Netvizz*, desenvolvido e gerido pelo grupo de pesquisa *Digital Methods Initiative*, da Universidade de Amsterdã. Lançada em 2009, a ferramenta é gratuita e permite a coleta de diferentes dados analíticos vinculados ao *Facebook* (como comentários e número de reações às postagens), exportando os resultados para arquivos no formato *.tab*, executável em *softwares* como Microsoft Excel (RIEDER, 2013).

Dentro da pauta selecionada, optou-se por filtrar os 200 comentários mais visualizados em cada uma das notícias compartilhadas sobre o golpe contra Dilma. Assim, o conteúdo final coletado para a análise foi composto por quatro notícias e/ou postagens da *Veja*, oito notícias e/ou postagens de *Carta Capital*, e um universo total de 1.633 comentários (já que algumas das postagens não atingiram os 200 comentários), compondo um corpo significativo e robusto para verificar as hipóteses propostas no início desta tese.

## 1.6. Estrutura do trabalho: cinco passos para construção da tese

Para cumprir os objetivos iniciais e comprovar as hipóteses propostas, esta tese foi dividida em cinco partes que podem ser lidas de forma independente, mas certamente dizem muito mais em sua totalidade. Esta introdução é a primeira delas. Aqui, neste pontapé inicial, buscou-se evidenciar as primeiras inquietações e conceitos que nortearam o desenvolvimento do trabalho, bem como os desdobramentos mais práticos na elaboração do projeto e do percurso que guiou a pesquisa, partindo das discussões ainda embrionárias sobre o jornalismo como antifilosofia à revisão de literatura e a escolha de um *corpus* satisfatório.

Na **Parte 2 [Teoria]**, discute-se a gênese do conceito de indústria cultural, estabelecendo uma categorização necessária e definitiva do **jornalismo como antifilosofia**. Desenvolve-se, ainda, uma proposta de atualização dos debates inaugurados por Adorno e Horkheimer (1985) a partir de discussões que perpassam as obras de Guy Debord (1997) e Vilém Flusser (2002), chegando até Christoph Türcke (2010). É por meio desse último que, por fim, propõe-se uma discussão sobre a validade (ou não) do conceito de “era pós-massiva” a partir dos fundamentos que marcam a noção de sociedade excitada (TÜRCKE, 2010).

Já na **Parte 3 [Método]**, discutem-se os **estudos sobre a personalidade autoritária**. O objetivo é permitir a apropriação das categorias utilizadas pelo filósofo frankfurtiano e sua equipe e apresentar o modelo que – a partir de uma sólida ponte teórica com os debates sobre indústria cultural e sociedade excitada presentes no capítulo anterior – condicionou o desenvolvimento da análise empírica proposta.

Assim, é na **Parte 4 [Análise]** que se realiza a investigação hermenêutica do *corpus* de pesquisa à luz dos conceitos e dos métodos discutidos nos três capítulos iniciais. O objetivo é demonstrar a presença de **personalidades potencialmente fascistas entre os leitores de *Veja* e *Carta Capital***. Para isso, avaliam-se os comentários realizados nas páginas das revistas no *Facebook* no dia da concretização do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff.

Buscando “amarrar” a tese defendida, a aproximação final e os últimos apontamentos entre a teoria abordada, o método proposto e a pesquisa empírica são desenvolvidos na **Parte 5 [Considerações finais: ‘o ensaio como forma’]**, redigida em primeira pessoa e estruturada em consonância com a defesa adorniana do ensaio como método válido de argumentação científica.

Ao fim, armazenados em um CD-ROM, estão disponíveis dois apêndices com a íntegra dos comentários coletados para a análise empírica desenvolvida. O material também está disponível *online* através do link <<http://www.emersoncampos.com.br/p/apendices-da-tese>><sup>20</sup>. O objetivo é possibilitar a consulta dos dados em formato bruto, caso seja necessário para uma melhor compreensão das análises desenvolvidas. Espera-se, com a organização supracitada, possibilitar uma potente e agradável leitura deste trabalho.

---

<sup>20</sup> O link com os apêndices também é executável através do QR Code:



## **PARTE 2. [TEORIA]**

### **JORNALISMO COMO ANTIFILOSOFIA**

“A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os mais distraídos vão consumi-los alertamente” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 105).

## 2.1. *Mass Media* e a regressão dos sentidos: a indústria cultural

Há pouco mais de setenta anos, em 1947, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer publicavam, pela editora *Querido Verlag*, de Amsterdã, a primeira edição de *Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente*<sup>21</sup>, compêndio filosófico com temas que foram capazes de gerar um debate profícuo – e, sete décadas depois, ainda fecundo – não apenas no âmbito da filosofia contemporânea, mas, também, para todo o pensamento ocidental desenvolvido a partir dali (DUARTE, 2002), perpassando discussões dentro da sociologia, economia, educação e comunicação social. Entre os assuntos responsáveis por tornar a obra um clássico de nosso tempo, como o antissemitismo e a discussão do conceito de esclarecimento a partir do racionalismo moderno imposto sobre a natureza, está o inédito, até aquele momento, conceito de indústria cultural, categoria que teve enorme repercussão entre diferentes correntes de pensamento e tornou-se uma espécie de sinônimo e/ou redução simplificada das obras dos dois autores do Instituto para Pesquisa Social (Escola de Frankfurt) – esses, obviamente, com produções bem mais extensas e complexas do que a associação ligeira possa sugerir a um leitor de primeira viagem.

Para a presente tese interessa, de modo especial, o segundo capítulo da referida publicação, a saber: *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação*<sup>22</sup> das massas. É nele em que Adorno e Horkheimer (1985) esmiúçam a nova categoria proposta e discutem a partir de exemplos do cinema, da televisão, do rádio e da música (sobretudo o *jazz*), como a “criação” cultural se metamorfoseou, exclusivamente, em “produção” cultural, na qual, tal como num sistema fabril fordista, utiliza-se um processo padronizado para a construção sistêmica de simulacros que se apresentam como fidedignos a um desejo espontâneo das massas – sendo, portanto, mero resultado daquilo que se convencionou, erroneamente, definir como cultura popular ou de massa. Sobre este equívoco e a transformação da cultura em mercadoria, o próprio Adorno (1986) alerta em seu *Résumé sobre indústria cultural*<sup>23</sup>:

---

<sup>21</sup> *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Nesta tese foi utilizada a tradução de Guido Antônio de Almeida, publicada pela editora Zahar (Rio de Janeiro) em 1985.

<sup>22</sup> Existe uma discussão sobre a tradução do alemão, uma vez que o original *massenbetrug* encontraria abrigo mais adequado em enganação ou decepção, sendo mistificação *verwirren* ou *mystifikation*. Ainda que reconhecendo o mérito do debate, optou-se, nesta tese, por preservar a tradução de Guido Antônio de Almeida.

<sup>23</sup> Originalmente *Résumé über Kulturindustrie* foi uma conferência radiofônica pronunciada por Adorno em Frankfurt em abril de 1963. Aqui trabalhamos com a tradução publicada na obra organizada por Gabriel Cohn (1986).



Em nossos esboços se falava em “cultura de massas”. Substituímos esta expressão por “indústria cultural”, para desligá-la desde o início do sentido cômodo dado por seus defensores: o de que se trata de algo como uma cultura que brota espontaneamente das próprias massas, da forma que assumiria, atualmente, a arte popular. Dela a indústria cultural se diferencia de modo mais extremo (ADORNO, 1986, p. 86).

Ao transformar a cultura em mercadoria, para além de apresentar uma falsa reconciliação do universal com o particular, a indústria cultural traz dois objetivos bem definidos, sendo o primeiro deles – explícito a todos nós – a geração de lucro para os grandes conglomerados dos *mass media* que a compõem. Sobre tal processo, Adorno e Horkheimer (1985) lembram que

Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa ao público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100).

No entanto, faz-se fundamental considerar a existência de um segundo – e mais sórdido – objetivo tácito: o controle social das massas, para que, destituídas de crítica (e semiformadas), possam, ao mesmo tempo, legitimar e seguir domesticadas sob a égide do modelo capitalista. Para esclarecer tal ponto é interessante retomar a análise realizada pelos autores no *Excursão I: Ulisses ou mito e esclarecimento* de *Dialética do Esclarecimento*. No excerto supracitado, Adorno e Horkheimer (1985) utilizam a *Odisseia* de Homero como uma alegoria que ilustra o racionalismo técnico-científico que constitui o homem moderno e sua relação com a natureza. De modo especial discutem o canto XII, no qual se narra a passagem do herói Ulisses pela Ilha de Capri, cuja costa rochosa era habitada por sereias que tinham um canto belíssimo, porém mortal para os navegantes. A crítica dos teóricos figura na astúcia empregada pelo personagem para superar o perigo: para que os remadores não se lançassem nas águas, o herói lhes pede que tapem o ouvido com cera. O próprio senhor da embarcação, porém, pede para ser amarrado ao mastro, mas não tapa os ouvidos, de modo que pode testemunhar parcialmente a beleza das sereias sem correr o risco de se jogar ao mar das últimas consequências. Adorno e Horkheimer (1985) explicam que Ulisses

[...] conhece apenas duas possibilidades de escapar. Uma é a que ele prescreve aos companheiros. Ele tapa seus ouvidos com cera e obriga-os a remar com todas as forças de seus músculos. Quem quiser vencer a provação não deve prestar ouvidos ao chamado sedutor do irrecuperável e só o conseguirá se conseguir não ouvi-lo. Disso a civilização sempre cuidou. Alertas e concentrados, os trabalhadores têm que olhar para frente e esquecer o que foi posto de lado. A tendência que impele à distração, eles têm que se encarniçar em sublimá-la num esforço suplementar. É assim que se tornam práticos. A outra possibilidade é a escolhida pelo próprio Ulisses, o senhor de

terras que faz os outros trabalharem para ele. Ele escuta, mas amarrado impotente ao mastro, e quanto maior se torna a sedução, tanto mais fortemente ele se deixa atar, exatamente como, muito depois, os burgueses, que recusavam a si mesmos a felicidade com tanto maior obstinação quanto mais acessível ela se tornava com o aumento de seu poderio (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 39-40).

A passagem permite diferentes análises sobre o estado da cultura no mundo administrado – usando a terminologia proposta pelos próprios autores – pela indústria cultural. Ao mesmo tempo em que revela uma condição moral fraca no “senhor burguês” – retomando, de certa forma, a mesma avaliação feita por Friedrich Nietzsche sobre o platonismo do homem moderno<sup>24</sup> –, mostra a situação do proletariado, que segue com os ouvidos tapados, impedido de experimentar – ou seja, de realizar uma *Erfahrung*<sup>25</sup> no sentido benjaminiano – a realidade que o cerca. Assim, interessa-nos de modo especial discutir a constituição da cera que tapa os ouvidos dos trabalhadores. Entende-se que tal cera é composta pelos produtos da indústria cultural. Logo, é nela que o jornalismo e, conseqüentemente, a ideologia da sociedade burguesa habitam, impelindo-nos, todos, a remar rumo ao desconhecido sem desfrutar ou conhecer os perigos e prazeres do caminho.

Em um primeiro esforço dialético, contudo, é necessário reconhecer o progresso técnico-científico dentro do sistema capitalista, afinal o barco descrito por Adorno e Horkheimer (1985) como alegoria à sua época certamente não é o mesmo em que temos navegado nos últimos dez anos, bem como os ardis utilizados para tapar os ouvidos da massa também são outros. No entanto, também é imperativo destacar que, por mais que encontremos novas formas de navegar, as condições objetivas de perigo no mar seguem imutáveis. Sofisticam-se os aparatos, não a fórmula.

Nesse sentido, para comprovar que seguimos remando em um mar cercado de “sereias”, que não podemos ouvir, torna-se prudente mostrar a atualidade e o vigor do septuagenário conceito de indústria cultural. Objetiva-se, portanto, a partir dos próximos tópicos desenvolvidos neste capítulo: i) rememorar as influências teóricas mais decisivas, retomando ideias que antecederam a proposição do termo indústria cultural (tópico 2.2); ii) discutir o

---

<sup>24</sup> Osvaldo Giacóia Júnior (1997) lembra que no prefácio de *Para além de bem e mal* (do original em alemão *Jenseits von Gut und Böse*), Nietzsche indica sua oposição à filosofia dogmática em geral e à sua fonte: Platão e o “platonismo”, termo utilizado pelo filósofo de forma pejorativa para explicar a fraqueza do homem moderno a partir do cristianismo. Ao incorporar a análise do filósofo, Adorno e Horkheimer lembram que “os culpados, eis aí a doutrina de Nietzsche, são os fracos, eles iludem com sua astúcia a lei natural” (1985, p. 84).

<sup>25</sup> A distinção entre *Erfahrung* (experiência) e *Erlebnis* (vivência) está centrada no âmbito da crítica benjaminiana sobre a sociedade moderna, que perde sua referência no passado e passa a produzir (e reproduzir) uma mecanização da vida e dos homens enquanto aguarda o progresso e a revolução (GONÇALVES; LOUREIRO, 2018).

conceito a partir de suas principais nuances (tópico 2.3); iii) mostrar a evolução histórica e a consequente transformação da categoria nas obras de Guy Debord e Vilém Flusser (tópico 2.4); iv) propor a categorização do jornalismo como produto exclusivo da indústria cultural e antifilosofia (tópico 2.5); v) discutir a atualidade do conceito frente os debates sobre a dita era pós-massiva (tópico 2.6); e vi) mostrar como tal indústria se potencializa em uma sociedade excitada, notoriamente marcada pela regressão dos sentidos dos indivíduos a partir da supersaturação de produtos audiovisuais (tópico 2.7).

## **2.2. Principais influências para o conceito de indústria cultural**

Para entender a abrangência e o rigor da empreitada teórica e metodológica que levou Adorno e Horkheimer (1985) a proporem o conceito de indústria cultural, é necessário concentrar as atenções no período que antecede a elaboração de *Dialética do Esclarecimento*. Destarte, pode-se falar em dois campos de influência de fundamental observação, sendo o primeiro composto pelos diálogos e apropriações teóricas estabelecidas pelos próprios autores e o segundo pela publicação de obras que abordaram temas próximos do projeto que viria a culminar com o debate sobre uma indústria da cultura.

No que diz respeito ao primeiro campo, optou-se por focar as atenções em pensadores que serviram de aporte filosófico a ambos, ainda que seja necessário reconhecer as influências individuais de cada um deles, como, por exemplo, Arthur Schopenhauer em relação a Horkheimer e Søren Kierkegaard em relação a Adorno (DUARTE, 2002). Nesse sentido, tomando como pontapé inicial a análise previamente apontada por Rodrigo Duarte nos livros *Adorno/Horkheimer e a Dialética do Esclarecimento* (DUARTE, 2002) e *Teoria Crítica da Indústria Cultural* (DUARTE, 2003), bem como a própria leitura da *Dialética do Esclarecimento*, reconhece-se em Immanuel Kant, George W. F. Hegel, Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud as principais influências cujas vozes ecoam na obra em questão. Acrescenta-se, ainda, o sociólogo alemão Max Weber, cuja apropriação pelos frankfurtianos se dá de forma crítica a partir de um semelhante *thaumázēin* (em grego ‘espanto’, ‘perplexidade’) sobre “questões acerca do papel da ciência e da formalização da razão” (VASCONCELLOS, 2014, p. 10) que levavam a um desencantamento de mundo, valendo dos termos weberianos.

Dentre os autores mencionados, é importante reconhecer a influência especial do pensamento kantiano em *Dialética do Esclarecimento*, sobretudo no que diz respeito ao sequestro da individualidade e do particular (subjetividade) pelo universal, conforme discutiremos de forma

mais detida no próximo tópico. Ao passo de que a psicanálise de Freud e o materialismo histórico de Marx – consequentemente, a discussão do método dialético desde Hegel – eram base comum e decisiva a diferentes empreitadas do Instituto para a Pesquisa Social, a filosofia de Kant surge como contribuição marcante para a crítica sobre o esquematismo da qual se apropria a indústria cultural. Tal influência, em grande parte, pode ser explicada pela formação comum aos pensadores, já que Horkheimer, assim como Adorno, foi aluno de Hans Cornelius, um neokantiano que lecionava em Frankfurt (DUARTE, 2002, p. 15).

Na verdade, a rigor, é correto dizer que a crítica em *Dialética do Esclarecimento*, principalmente no capítulo dedicado à indústria cultural, realiza um movimento de ida e retorno entre Marx e Kant. Isso porque, ainda que a crítica ao capital e o método histórico-materialista sejam a base sobre a qual toda a produção dos frankfurtianos se estrutura, sendo influência principal para o surgimento da “Teoria Crítica da Sociedade”, os autores não se furtaram em estabelecer potentes críticas ao pensamento marxiano. Assim, Adorno e Horkheimer (1985) partem de Karl Marx e retornam a ele através de Kant, estabelecendo uma crítica sobre a possibilidade da emergência de um sujeito revolucionário – tal como prevê o filósofo de *O Capital* –, uma vez que a realização de uma sociedade emancipada dependeria da subjetividade livre, o que seria impossível com o sequestro efetuado pela indústria cultural que elimina o sujeito de antemão, dado que, nas palavras do professor Belarmino Costa, “[...] a indústria cultural não somente cria um objeto para o sujeito, como cria este na condição de objeto, para parafrasear Marx” (COSTA, 2001, p. 113).

De maneira menos decisiva que Kant (e certamente que Marx), o pensamento de Nietzsche também contribui para a discussão presente em *Dialética do Esclarecimento*, sobretudo no que diz respeito à constituição do homem burguês, conforme relembramos no texto introdutório deste capítulo. Hegel, por sua vez, além de perpassar todo o projeto dialético e sua “desinversão” apresentada por Marx – e, justamente por isso, julgamos sua avaliação fundamental em qualquer estudo marxista, como aqueles da Escola de Frankfurt –, esteve presente no projeto original de Horkheimer, que desejava inicialmente com a obra escrita com Adorno estabelecer uma discussão “[...] sobre as vicissitudes e possibilidades da dialética – no sentido hegeliano do termo – na contemporaneidade” (DUARTE, 2002, p. 16). Em outras palavras, buscava um olhar direcionado ao espírito da época tensionado pela estrutura.

Sobre Weber, a apropriação se dá mais no compartilhamento do *objectum* do que na formulação teórica apresentada<sup>26</sup>, sendo, portanto, sua influência menos decisiva na obra, como discute Vasconcellos (2014):

Entretanto, ainda que o diálogo seja evidente, uma confrontação mais detida com os textos dos frankfurtianos parece desautorizar qualquer aproximação imediata. Pode-se depreender daí, portanto, que, de um lado, embora alguns aspectos da teoria social de Weber sejam incorporados pelos frankfurtianos, isso não se dá como uma mera transposição conceitual, mas de maneira crítica. E, conseqüentemente, a própria compreensão acerca da modernidade capitalista mostra indícios de diferir entre Weber e os frankfurtianos. De outro, é possível perceber ainda divergências existentes entre a crítica aos conceitos weberianos realizados por Horkheimer, das formuladas por Adorno e das feitas por Marcuse (VASCONCELLOS, 2014, p. 11-12).

A última influência de *Dialética do Esclarecimento* aqui tratada, Sigmund Freud, ganha voz no texto sobretudo a partir de Adorno, a quem interessava mais a teoria psicanalítica do que a prática, como no caso de Horkheimer (DUARTE, 2002). Entre os conceitos apresentados, ganha força a noção de ameaça de castração do sujeito, conforme os autores apresentam:

Contrariamente ao que se passa na era liberal, a cultura industrializada pode se permitir, tanto quanto a cultura nacional-popular (*völkisch*) no fascismo, a indignação com o capitalismo; o que ela não pode se permitir é a abdicação da ameaça de castração. Pois esta constitui a sua própria essência. Essa ameaça sobrevive ao relaxamento organizado dos costumes, quando se trata de homens uniformizados nos filmes alegres produzidos para eles, e sobreviverá, por fim, na realidade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 117).

No que se refere à segunda categoria – de obras que discutiram temas semelhantes –, Duarte (2002) lembra que dois escritos de pensadores da Escola de Frankfurt foram decisivos para a construção daquilo que viria a culminar em *Dialética do Esclarecimento*. São eles os ensaios *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*, de Walter Benjamin, e *O caráter afirmativo da cultura*, de Herbert Marcuse. Isso porque ambos denunciam, ainda que de diferentes maneiras, a dimensão ideológica da arte.

Sobre a contribuição de Marcuse, Duarte cita que a principal delas foi a “[...] descoberta precoce de que o consumo estético, nesses três séculos de domínio burguês, tem se constituído como um elemento ideológico para a manutenção do *status quo*” (DUARTE, 2002, p.22), faltando, porém, os elementos teóricos que possibilitassem diferenciar a arte tradicional

---

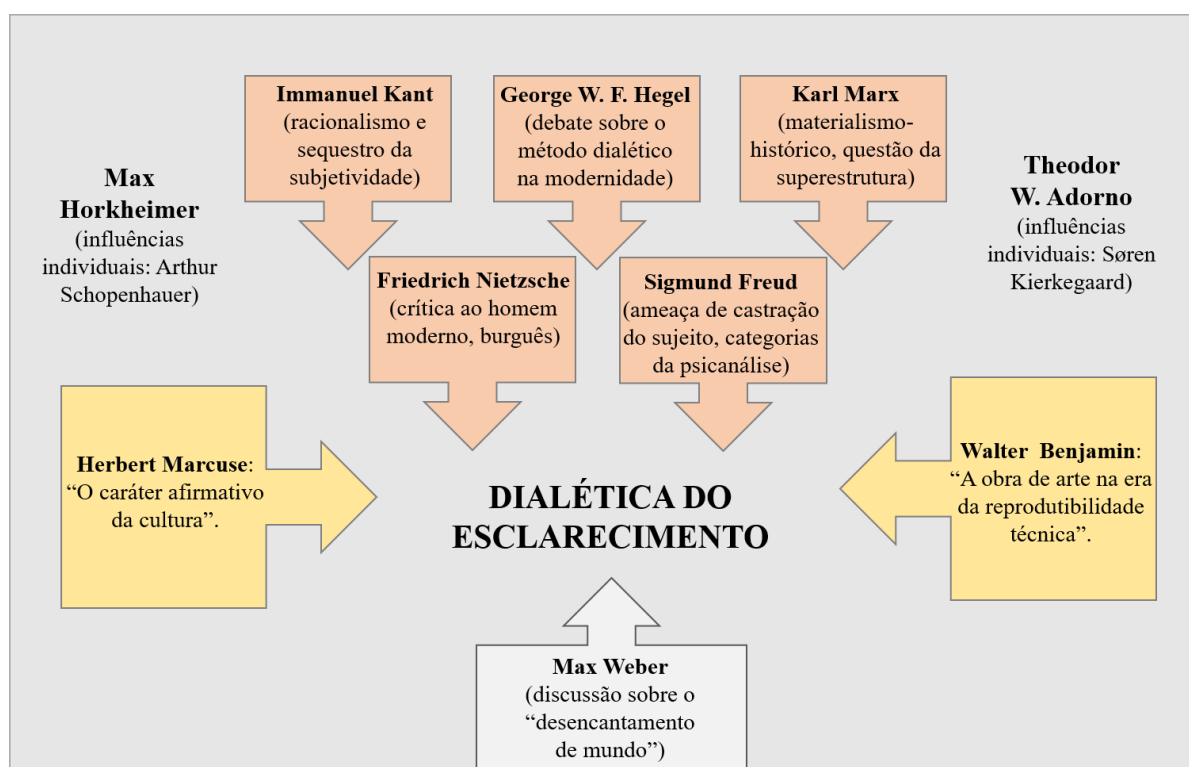
<sup>26</sup> Sobre a relação entre o pensamento weberiano e a Escola de Frankfurt, recomenda-se a leitura da tese apresentada por Caio Eduardo Teixeira Vasconcellos, em 2014, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo: *A Teoria Crítica e Max Weber*.

da produção industrializada. Tal contribuição para possibilitar a diferenciação seria dada por Walter Benjamin em seu ensaio, quando a partir do conceito de “aura” lembra que,

[...] mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. É nessa existência única, e somente nela, que se desdobra a história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as relações de propriedade em que ela ingressou. [...] O aqui e agora do original constitui o conteúdo da sua autenticidade, e nela se enraíza uma tradição que identifica esse objeto, até os nossos dias, como sendo aquele objeto, sempre igual e idêntico a si mesmo. A esfera da autenticidade, como um todo, escapa a reprodutibilidade técnica, e naturalmente não apenas à técnica (BENJAMIN, 1994, p. 167).

Nesse sentido, a fim de organizar de forma esquemática as principais influências que perpassam a constituição de *Dialética do Esclarecimento*, sem qualquer pretensão de fechar outras análises ou dar por encerradas as múltiplas leituras possíveis, elaborou-se o seguinte diagrama da Figura 03 como chave sugerida de leitura:

**Figura 03** – Influências para o estabelecimento do conceito de indústria cultural.



**Fonte:** Elaboração própria a partir de Duarte (2002), Vasconcellos (2014) e Adorno e Horkheimer (1985).

### 2.3. Produtos semiformativos dentro da indústria cultural

O primeiro de todos os passos para entender definitivamente do que se trata a indústria cultural é aceitar sua natureza sistêmica, na qual, tal como em uma linha de produção, uma

etapa sempre está, de certa forma, ligada à posterior, onde “[...] cada setor é coerente em si mesmo e todos os são em conjunto” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 99). Com isso buscamos nos referir, sobretudo, à padronização absoluta que toma conta de todos os produtos fabricados por essa indústria: da música ao cinema, da publicidade ao jornalismo, tudo é sempre mais do mesmo. Incrementam-se as formas de produção, mas jamais a essência que converte tudo o que é diferente em um só semelhante e que busca dar ar de diversidade ao que, ao fim, é a mesma coisa. Eis, aí, a primeira das condições para a indústria cultural, a padronização sistêmica dos produtos – outrora – culturais.

O conceito de indústria cultural busca identificar a forma como a arte se submeteu à condição de mercadoria. Isto tem o peso de assinalar que mesmo que determinados artefatos culturais venham a ter isoladamente qualidades que se diferenciem dos padrões medianos, de forma articulada e sistêmica, constituem segmentos que buscam a integração do consumidor à lógica da circulação da mercadoria (COSTA, 2001, p. 109).

### 2.3.1 Padronização na indústria cultural

Sobre a padronização dos produtos culturais, Adorno e Horkheimer (1985) problematizam lembrando que

O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção dispersa condicionaria a organização e o planejamento pela direção. Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores [...]. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o carácter compulsivo da sociedade alienada de si mesma (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.100).

Os autores criticam que, apesar das aparentes diferenças entre uma produção cinematográfica A e uma produção cinematográfica B – ou, utilizando nosso objeto, entre o jornal impresso A e o jornal impresso B –, o objetivo final da indústria cultural não é separar, mas unir, de modo que “ninguém escape” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 101) de suas garras e de suas ideias universais. Logo, a divisão ocorre mais no sentido de categorizar estatisticamente o público consumidor do que propriamente de fornecer diferentes níveis de reflexão. Em outras palavras, faz-se parecer que o desejo de consumir o Funk parte das próprias camadas mais populares ou que a busca pela Bossa Nova é resultado natural do comportamento de determinado grupo da classe média, quando, ao fim, se em algum momento ambos os estilos já foram de fato aquilo que poderíamos designar por cultura popular (ou ‘tensionaram e tencionaram’ [n]um movimento contra-hegemônico), sua simples entrada na lógica sistêmica

da indústria cultural pode transformá-los na mesma essência, eliminando qualquer diferença na ideologia que perpassa a estética.

O fornecimento ao público de uma hierarquia de qualidades serve apenas para uma quantificação ainda mais completa. Cada qual deve se comportar, como que espontaneamente, em conformidade com seu *level*, previamente caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.102).

A partir da padronização dos conteúdos culturais, Adorno e Horkheimer (1985) denunciam o empobrecimento (ou a perda) da experiência de uma forma geral, o que rende críticas, principalmente a Adorno, que repete os argumentos em seus escritos sobre música (ADORNO, 1989). O contraponto aos frankfurtianos passa pela denúncia de um suposto elitismo dos filósofos em relação à cultura tida como popular, das massas. Sobre isso, porém, os próprios pensadores lembram que o “denominador comum ‘cultura’ já contém virtualmente o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz a cultura no domínio da administração” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 108). Logo, não temos como persistir na crítica, uma vez que não há como se falar de cultura quando os objetos produzidos trazem não apenas as marcas objetivas do sistema ao qual se submetem como, também, a ideologia desse sistema, transformando o todo no particular.

### 2.3.2. Sobre a universalização do particular: totalização

A falsa identidade e reconciliação do universal e do particular. É aí que reside a maior contradição e, ao mesmo tempo, o maior perigo da indústria cultural. Adorno e Horkheimer (1985) nos lembram que a indústria da cultura atinge igualmente o todo e o particular, elimina os detalhes e produz uma consciência coisificada, uma reflexão falseada de mundo.

O todo se antepõe inexoravelmente aos detalhes como algo sem relação com eles [...]. O todo e o detalhe exibem os mesmos traços, na medida em que entre eles não existe nem oposição nem ligação. Sua harmonia garantida de antemão é um escárnio da harmonia conquistada pela grande obra de arte burguesa (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 104).

Ademais, ao promover uma falsa reconciliação entre o todo e o particular, a indústria cultural busca travestir de natureza todas as suas manifestações. Sem perceber, incorporamos comportamentos como se eles sempre estivessem ali, acreditando que não há outro mundo possível se não aquele da televisão ou dos jornais. É o que ocorre quando, reiteradamente, testemunhamos o desfecho feliz do herói em um filme hollywoodiano, assimilando a vitória ao fim do percurso como algo que parece ontologicamente inerente a nossa condição humana, como se, da mesma maneira que o ator na tela, ao fim das diferentes intempéries e frustrações



nos aguardasse sempre um *happy end*. Ao criar essa versão romantizada da realidade e naturalizar seus padrões universais, a indústria cultural não apenas forma indivíduos fracos no sentido nietzschiano, como promove a alienação desses frente ao mundo: tão logo apareça a oportunidade, esses sujeitos abrirão mão de toda singularidade em nome de um conceito universal que promete liberdade, mas cuja ideologia é a própria chave da prisão. Afinal, nada tão bárbaro e cruelmente irônico como perceber nas promessas dos produtos da indústria cultural o mesmo consolo vão dos portões dos campos de extermínio de Auschwitz: “*Arbeit match frei*” (o trabalho liberta).

Assim, sobre essa falsa reconciliação que leva ao controle dos indivíduos, Adorno e Horkheimer (1985) alertam:

[...] o tema já está, em virtude de sua própria essência, reificado como aceitável antes mesmo que as instâncias competentes comecem a disputar [...]. Eis por que o estilo da indústria cultural, que não tem mais de se pôr à prova em nenhum material refratário, é ao mesmo tempo a negação do estilo. A reconciliação do universal e do particular, da regra e da pretensão específica do objeto, que é a única coisa que pode dar substância ao estilo, é vazia, porque não chega mais a haver uma tensão entre os polos: os extremos que se tocam passaram a uma turva identidade, o universal pode substituir o particular e vice-versa (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 107).

### 2.3.3. Regressão dos sentidos e sequestro do esquematismo

Para operar, a indústria cultural promove um verdadeiro sequestro do esquematismo – no sentido kantiano – destinado aos sujeitos. Não resta nada mais a ser apreendido que já não tenha sido discutido e digerido pelos *mass media*. Entregue de antemão, a reflexão já chega elaborada aos indivíduos desacostumados de usar seus sentidos. As aparentes críticas, a aparente possibilidade da escolha e apreensão estética, tudo está meticulosamente planejado pelos diferentes setores do entretenimento, que utiliza um aparato técnico sofisticado para multiplicar os estímulos sensoriais imagéticos, contra o qual resta muito pouco a cada um de nós fazer para resistir.

A função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber, referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria. O esquematismo é o primeiro serviço prestado por ela ao cliente. Na alma devia atuar um mecanismo secreto destinado a preparar os dados imediatos de modo a se ajustarem ao sistema da razão pura. Mas o segredo está hoje decifrado (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 103).

Em *Esquematismo e semiformação* (2003), Rodrigo Duarte discute a relação entre a concepção de semiformação presente em *Teoria da semiformação* (2012) e o debate sobre o sequestro do esquematismo presente em *Dialética do Esclarecimento*. Em sua análise, o autor

lembra que, apesar do grande poder de sugestão, o segundo capítulo do livro de Adorno e Horkheimer (1985) não traz elementos que ajudem a compreender mais detalhadamente o *modus operandi* da referida usurpação da faculdade de esquematismo pelas instâncias da cultura de massa:

[...] ficam sem elucidação diversas questões surgidas a partir da aproximação do esquematismo com o processo de manipulação das consciências levado a cabo pela indústria cultural, tais como: 1) o significado prático de dizer que a indústria usurpa aos sujeitos a possibilidade de associar seus perceptos a representações mais universais (conceitos); 2) o processo por meio do qual ocorre tal usurpação; 3) quais são as consequências mediatas dessa usurpação; e 4) a possibilidade de compreensão do esquematismo como processo cognitivo num sentido amplo (atenuando o caráter mais epistemológico que tem em Kant) e aproximando-o da situação em que as pessoas podem tornar-se “presas” da indústria cultural (DUARTE, 2003, p. 450).

A discussão, no entanto, apresenta-se de forma mais explicativa no capítulo *Elementos do antisemitismo* (último de *Dialética do Esclarecimento*). Duarte (2003) lembra que, mesmo sobre forte influência do pensamento freudiano, ao tomarem a ideia de “falsa projeção” os autores ainda trazem traços do debate inaugurado a partir da ideia de esquema em Kant:

[...] mesmo que, nesse trecho, não apareçam as palavras “esquematismo” ou “esquema”, os autores, quando falam do relacionamento da projeção com a percepção e da constituição do mundo objetivo, transcrevem o trecho da *Crítica da Razão Pura* no qual Kant menciona a “arte escondida nas profundezas da alma humana” (DUARTE, 2003, p. 451).

Assim, Adorno e Horkheimer (1985) associam a ideia de usurpação do esquematismo com a constituição de um sujeito que já teve historicamente sua identidade (e subjetividade) enfraquecida frente ao mundo objetivo e que, semiformado e com os sentidos atrofiados, faz-se incapaz de manifestar qualquer resistência como particular frente àquilo que é imposto pelo universal. Os indivíduos obedecem, assim, a um comportamento mimético, onde a partir de esquemas arcaicos de autoconservação tentam se tornar iguais a seu ambiente<sup>27</sup>, o que explicaria, por exemplo, a patologia coletiva que levou muitos alemães a se perfilarem com os nazistas (DUARTE, 2002).

Destarte, com o sequestro supracitado, testemunhamos uma atrofia da imaginação e da espontaneidade dos indivíduos, cada vez mais dependentes dos produtos da indústria cultural para dar credibilidade às suas relações com o mundo. Afinal, quantas vezes não testemunhamos o torcedor de futebol que, mesmo no estádio, prefere ouvir o jogo com a emoção do rádio, ou

---

<sup>27</sup> Tomando os estudos aplicados ao jornalismo e à mensagem jornalística, pode-se olhar para a formação das espirais do silêncio (NOELLE-NEUMAN, 1995) como uma manifestação desses esquemas de autoconservação.

o viajante que, frente ao mais belo monumento, prefere o guia eletrônico de viagem a contemplá-lo livremente, como se a realidade fosse desinteressante demais e nossa capacidade de assimilá-la da “maneira adequada” rasteira demais frente aos incontáveis recursos utilizados como estratégia pela comunicação de massa para nos convencer de seu ponto de vista.

#### 2.3.4. Em busca de uma definição: a indústria cultural é [...]

[...] a regressão dos sentidos e o aprisionamento dos indivíduos em um mundo administrado a partir da transformação da (outrora) cultura em mercadoria, mudança essa que é marcada pela padronização e pela organização sistêmica dos produtos culturais que falseiam a identidade entre o particular e o universal, sequestrando o esquematismo do sujeito e implementando a ideologia da burguesia como virtude de cada um.

#### 2.4. Novos formatos, a mesma indústria: filosofia de Flusser e Debord

Conforme citado, o conceito de indústria cultural foi recebido de diferentes formas pela academia e rendeu críticas e calorosos debates aos frankfurtianos. Ao longo dos últimos setenta anos, contudo, o conceito também foi incorporado em outras obras de forma implícita. É caso dos livros *Sociedade do Espetáculo* (DEBORD, 1997), de Guy Debord; e *Filosofia da Caixa Preta* (FLUSSER, 2002), de Vilém Flusser, publicados originalmente em 1967 e 1983.

Em ambas as obras, o conceito de indústria cultural não chega a ser mencionado e as discussões sobre temáticas muito próximas começam como se tivessem originado ali, o que faz parte do estilo textual dos dois filósofos. Contudo, uma leitura atenta dos livros revela congruências importantes com o pensamento de Adorno e Horkheimer (1985).

Ao longo das 221 teses que compõem *Sociedade do Espetáculo*, Guy Debord comprova como nossa existência frente ao mundo foi transformada em representação (ou em espetáculo), onde tudo só faz sentido frente àquilo que o capital espera de nós, afinal “[...] o espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem” (DEBORD, 1997, p. 25). É a própria vida transformada em mercadoria, onde as relações sociais são o espetáculo. Tomando essa reflexão, em diferentes momentos Debord (1997) parece fazer referência direta àquilo que nos primeiros tópicos deste capítulo buscamos definir como indústria cultural. Em sua tese 32, por exemplo, o autor escreve:

O espetáculo na sociedade corresponde a uma fabricação concreta da alienação. A expansão econômica é sobretudo a expansão dessa produção industrial específica. O

que cresce com a economia que se move por si mesma só pode ser a alienação que estava em seu núcleo original (DEBORD, 1997, p. 24).

Assim, associando o espetáculo de forma íntima com os processos de produção das mercadorias no sistema capitalista, Debord (1977) alicerça a defesa de que, cada vez mais, as relações sociais e interpessoais são mediadas pela produção fragmentada de sentidos atribuídos à própria existência através da dispersão de imagens que não são a causa, mas, primordialmente, uma consequência mantenedora dessa sociedade do capital. É o que defende na tese 65:

O espetacular difuso acompanha a abundância de mercadorias, o desenvolvimento não perturbado do capitalismo moderno. No caso, cada mercadoria considerada separadamente é justificada em nome da grandeza da produção da totalidade dos objetos, cujo espetáculo é um catálogo apoloético (DEBORD, 1997, p. 43).

Tal noção fica evidente quando Debord (1997) sai em defesa da prevalência das teses sobre história de Marx em relação ao idealismo hegeliano. Assim, para introduzir o proletário como o sujeito que deveria ser ativo frente o curso da história, o autor corrobora tal noção ao propor que “a unidade irreal que o espetáculo proclama é a máscara da divisão de classes sobre a qual repousa a unidade real do modo de produção capitalista” (DEBORD, 1997, p. 47).

Da mesma forma que Debord (1997), Vilém Flusser (2002) não trata diretamente da indústria cultural, mas faz discussões extremamente próximas em sua filosofia da fotografia. Para o autor, o homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. “Trata-se da alienação do homem em relação a seus próprios instrumentos. O homem se esquece do motivo pelo qual imagens são produzidas: servirem de instrumentos para orientá-lo no mundo” (FLUSSER, 2002, p.9).

Ao longo de toda a sua discussão, sobre o surgimento e predomínio da imagem técnica, o autor conta com inspiração – ainda que oculta – nas discussões de Adorno e Horkheimer (1985), sobretudo quando escreve sobre a prevalência dessas imagens – ponto central de sua filosofia – na modernidade. A proximidade com as ideias frankfurtianas pode ser aferida a partir da noção comum de que o incremento das produções simbólicas condicionado após as revoluções Francesa e Industrial passou a pressupor a existência de operadores ocultos e aparelhos que não conseguimos compreender em sua totalidade.

No caso das imagens tradicionais, é fácil verificar que se trata de símbolos: há um agente humano (pintor, desenhista) que se coloca entre elas e seu significado. Este agente humano elabora símbolos “em sua cabeça”, transfere-os para a mão munida de pincel, e de lá, para a superfície da imagem. A codificação se processa “na cabeça” do agente humano, e quem se propõe a decifrar a imagem deve saber o que se passou em tal “cabeça”. No caso das imagens técnicas, a situação é menos evidente. Por certo, há também um fator que se interpõe (entre elas e seu significado): um aparelho e um

agente humano que o manipula (fotógrafo, cinegrafista). Mas tal complexo “aparelho-operador” parece não interromper o elo entre a imagem e seu significado. Pelo contrário, parece ser canal que liga imagem e significado. Isto porque o complexo “aparelho-operador” é demasiadamente complicado para que possa ser penetrado: é caixa preta e o que se vê é apenas *input* e *output*. Quem vê *input* e *output* vê o canal e não o processo codificador que se passa no interior da caixa preta. Toda crítica da imagem técnica deve visar o branqueamento dessa caixa. Dada a dificuldade de tal tarefa, somos por enquanto analfabetos em relação às imagens técnicas. Não sabemos como decifrá-las (FLUSSER, 2002, p. 10-11).

Ainda que sem adentrar nos aspectos mais específicos das filosofias de Debord e Flusser, é preciso reconhecer a continuidade que eles trazem aos debates sobre a indústria cultural, sobretudo quando pensamos em uma relação entre *Dialética do Esclarecimento* e o livro *Sociedade Excitada*, de Christoph Türcke (2010). Isso porque é possível perceber uma aproximação maior – e não apenas temporalmente – do trabalho de Guy Debord às proposições presentes em *Dialética do Esclarecimento* e, da mesma maneira, uma correlação entre as proposições de Vilém Flusser com a filosofia da sensação de Christoph Türcke.

Afinal, ainda que Türcke (2010) pontue que seu livro começa a partir da *Sociedade do Espetáculo*, ele próprio lembra que, ao fim, “nada restará” (2010, p. 12) do projeto de Debord (1997), a quem estabelece elogios, mas, também, um ponto crítico importante, ao lembrar que o autor

[...] marcou a ferro e fogo, sob esse título [Sociedade do Espetáculo], o espetáculo de feira transformado, o chamativo audiovisual como propaganda alavancada de mercadorias, o culto imagético como fetichismo da mercadoria estetizado, o moderno como apogeu do arcaico. [...] Entretanto, isso ocorre na forma de um projeto que tangencia, de modo genial, o espaço, o tempo e a história, e que raramente aprofunda a análise, como se isso não fosse necessário, como se o trabalho de base da crítica social já tivesse sido feito e bastasse saber o que são capitalismo e o fetiche da mercadoria e a única coisa que restasse fosse descobrir seus disfarces mais recentes, Isso é muito ingênuo (TÜRCKE, 2010, p. 11).

Constata-se, ao avaliar historicamente as quatro obras em conjunto (ADORNO; HORKHEIMER, 1985; DEBORD, 1997; FLUSSER, 2002; TÜRCKE, 2010), a acentuação do conceito de indústria cultural, que parte de uma alienação dos indivíduos pela mercantilização da outrora cultura e toma proporção ainda maior ao estabelecer uma apreensão de mundo praticamente centrada no consumo das imagens técnicas, supersaturando os sentidos. Assim, a partir dessa observação, pode-se propor a seguinte interrelação entre as obras pautada na evolução da crítica à indústria cultural: i) sequestro do esquematismo dos indivíduos pela indústria cultural, com predomínio e universalização da ideologia burguesa (*Dialética do Esclarecimento*); ii) valorização do espetáculo como relação social entre as pessoas (*Sociedade do Espetáculo*); iii) representação e apreensão do mundo real apenas por via das imagens

técnicas (*Filosofia da Caixa Preta*); iv) supersaturação dos sentidos e vício dos sujeitos em pílulas imagéticas que ajudam a instigar o sensacional (*Sociedade Excitada*).

Observa-se, portanto, que, assim como os escritos de Benjamin (1994) e Marcuse (2006) influenciaram a elaboração de *Dialética do Esclarecimento*, as obras de Flusser (2002) e Debord (1997) foram fundamentais para a discussão que encontra hoje, em Christoph Türcke (2010), seu maior expoente.

## **2.5. Jornalismo como produto da indústria cultural: uma antifilosofia**

Para a tese proposta, tomamos o jornalismo hegemônico como um produto exclusivo da indústria cultural<sup>28</sup>. Tal premissa, já presente em trabalhos de destaque como os de Costa (1999, 2001) e Türcke (2010), carecia, contudo, de uma conceituação mais bem definida sobre as características que tornam a prática jornalística – de maneira idealista, sempre encarada por liberais e progressistas como um serviço cívico de suma importância para a democracia – um típico produto da indústria cultural. O próprio Costa (2001) já auxilia na missão, ao lembrar que,

Sem que tenham aprofundado questões específicas da produção jornalística, Horkheimer e Adorno, não só na obra *Dialética do Esclarecimento*, mas este último também na *Teoria Estética*, deixam depreender que a produção de bens simbólicos, de qualquer setor da indústria cultural, assimila a técnica e a linguagem do meio responsável pelo seu aparecimento, de tal maneira que se torna impraticável teoricamente a ruptura entre forma e conteúdo; processos de recepção e produção industrial; mensagem e ideologia presente na técnica (COSTA, 2001, p. 111).

Nesse sentido, propõem-se três características básicas (e já previamente discutidas) que nos ajudam a entender o enquadramento da atividade jornalística na categoria proposta:

i) Ao estabelecer uma forma padrão de atuar, organizando a produção de suas reportagens como no sistema fabril e convertendo a descrição dos fatos em mercadoria, com a adoção de técnicas de redação e categorização de valores-notícia, o jornalismo assimila a lógica da indústria cultural, sendo essas as características iniciais que marcam a profissão como mecanismo de semiformação.

---

<sup>28</sup> É prudente ponderar que não se trata da atividade jornalística em sua totalidade, mas fundamentalmente do jornalismo praticado pelos diferentes veículos que compõem os grupos hegemônicos de comunicação. Nesse sentido, faz-se justo reconhecer o esforço hercúleo de incontáveis publicações e profissionais (em sua maioria independentes) que, tensionando as contradições do próprio labor jornalístico enquanto atividade liberal, tentaram estabelecer um contraponto de pluralidade contra o *modus operandi* de totalização que marca a indústria cultural.

Sobre isso, Costa (2001) lembra que

A produção da notícia requer, inexoravelmente, algumas variáveis que acusam a impossibilidade de ela ser uma expressão objetiva da realidade. Todo fato se expressa pela tensão entre supressão ou destaque. A técnica narrativa derivada do modelo americano, conhecida como pirâmide invertida, representa a separação temporal entre captação informativa e sequência de exposição, de tal ordem que a organização interna da notícia incorpora a racionalidade técnica presente num sistema que requer agilidade, objetividade, precisão (COSTA, 2001, p. 111).

ii) Como fiel signatário da ideologia burguesa, o jornalismo hegemônico funciona como produto para enganação das massas. Ele permite a crítica, mas dentro de uma reflexão condicionada, que não atrapalhe seus lucros ou no que tem de fundamental o sistema ao qual representa: o controle do proletariado. Assim, ele promete uma filosofia, mas na essência é uma antifilosofia, pois o máximo que pode propiciar é uma reflexão cujo objetivo é o engodo e a reprodução da doxa. É o saber contra o homem. Aqui é oportuno lembrar a crítica realizada por Saviani e Duarte (2012) à contradição que marca o papel da escola:

Trata-se da contradição entre a especificidade do trabalho educativo na escola – que consiste na socialização do conhecimento em suas formas mais desenvolvidas – e o fato de que *o conhecimento é parte constitutiva dos meios de produção que, nesta sociedade, são propriedade do capital e, portanto, não podem ser socializados* (SAVIANI; DUARTE, 2012, p. 2, grifo nosso).

Tudo sugere que a mesma impossibilidade e/ou contradição é marca constante do silêncio imposto aos diversos veículos jornalísticos que prometeram/tentaram em algum momento realizar uma abordagem contra-hegemônica.

iii) Ao promover uma falsa reconciliação entre o universal e o particular, condicionando a redução da multiplicidade das coisas à unidade do pensamento e das opiniões, o jornalismo praticado pelos grupos hegemônicos usurpa o esquematismo dos indivíduos e fornece como moeda de troca a ideologia da burguesia, uma vez que ele, enquanto produto da indústria cultural, é parte fundamental da própria ideologia liberal. Mais uma vez, ao restringir as possibilidades de reflexão perante o mundo àquelas coesas com sua arquitetura, torna-se nada além do que uma antifilosofia.

## **2.6. “Era pós-massiva” versus sociedade excitada: embate de conceitos**

Em *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária* (uma espécie de tradução atualizada e comentada de *Cyberdémocracie: Essai de Philosophie Politique*), André Lemos e Pierre Lévy (2010) lançam as bases da teoria, segundo a qual, é possível vislumbrar a partir da formação e autorregulação coletiva dos indivíduos, em última instância,

o desenvolvimento de uma ciberdemocracia global<sup>29</sup>. Ainda que reconhecendo o caráter utópico de muitas das proposições presentes no livro, os autores defendem bases que já seriam sólidas, atualmente, para que caminhemos rumo a esse novo espaço – não mais concreto, mas virtual. Assim, o recheio do trabalho desenvolvido pelos pesquisadores são proposições sobre a liberação da palavra a partir da superação da esfera pública pela inteligência coletiva; as perspectivas de um estado universal e transparente a partir da cibergovernança eletrônica e global; e os fundamentos éticos e de linguagem da referida inteligência coletiva, potencializadora da democracia.

No que diz respeito aos efeitos sobre a democracia, essa transformação da esfera pública parece afetar positivamente os quatro domínios estreitamente interdependentes, que são as capacidades de aquisição de informação, de expressão, de associação e de deliberação dos cidadãos. Em suma, a computação social aumenta as possibilidades da inteligência coletiva e, por sua vez, a potência do “povo” (LEMOS; LÉVY, 2012, p. 14).

Outrossim, ainda que não seja uma intenção manifesta de forma direta pelos autores, ao imaginarem uma nova forma de regulação (ou ciberregulação) política – mesmo que inserida dentro da própria sociedade capitalista –, Lemos e Lévy (2010) também imaginam um novo homem ou, pelo menos, uma nova configuração de homem. “No clima intelectual da computação social, a avaliação, a crítica e a categorização não são mais reservadas aos mediadores culturais tradicionais (clero, professores, jornalistas, editores), mas retorna às mãos das multidões” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 13). Logo, acabam fomentando também um debate sobre educação, uma vez que preveem a partir da ideia de inteligência coletiva que a “era pós-massiva” permitirá novos processos formativos e autoformativos dos indivíduos, noção problematizada nesta tese.

Assim, até este ponto do texto foi utilizado o termo “era pós-massiva” – tal como proposto por Lemos e Lévy (2010) – para designar o momento de transição ocorrido nos meios de comunicação de massa a partir do advento das redes sociais *online*. Mas, afinal, é correto falar em “era pós-massiva”? Experimentaríamos então no jornalismo conceituado neste

---

<sup>29</sup> A base conceitual sobre a qual Lemos e Lévy (2010) tecem sua teoria acerca da implementação de uma ciberdemocracia global (condicionada pela liberação da palavra) perpassa a ideia de que as redes sociais *online*, enquanto mídias com funções pós-massivas, seriam capazes de produzir uma nova esfera pública virtual na qual, a partir do exercício coletivo da cidadania, emergiriam as condições necessárias para um governo orientado pela e para a inteligência coletiva. Tudo isso, segundo Lemos e Lévy (2010), seria o início da jornada que permitiria um Estado transparente. Um debate mais detido sobre o tema foi realizado pelo autor desta tese na dissertação *Convergência de mídias: uma análise da união de linguagens em notícias do Portal Uai* (GONÇALVES, 2013).



capítulo algo de um “pós-jornalismo”, que surge destoante das condições objetivas de produção da nossa existência? Os autores do termo sugerem que sim:

Há, portanto, uma reconfiguração do sistema infocomunicacional global, onde, pela primeira vez, aparecem dois sistemas em retroalimentação e conflito: os sistemas infocomunicacionais massivo e pós-massivo. Na estrutura massiva do controle da emissão – a indústria cultural clássica – a informação flui de um polo controlado para as massas (os receptores). Com o surgimento e expansão do ciberespaço, esse modelo está sendo tensionado pela emergência de funções “pós-massivas” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 26).

É fato que as redes sociais *online* encontram em sua gênese os blogs que, por sua vez, surgem dos *chats* e fóruns fundados em portais de notícia e entretenimento, sendo esses o resultado da mera transposição dos formatos e técnicas dos *mass media* para um novo contexto. Contudo, seria irresponsável diagnosticar que estamos em uma “era pós-massiva” a partir de uma simples evolução ou adaptação da comunicação de massa, sobretudo em análise histórica tão ligeira. Isso porque essa “era” está além do que o prefixo “pós” possa sugerir. Na verdade, ao aceitá-lo, corremos o risco de cair em dois engodos: o primeiro de acreditar que ela é uma continuação histórica das mídias de massa; e o segundo – e mais grave – de que superamos as condições objetivas que fundamentam os *mass media*. Certamente nem um, nem outro. Apenas a multiplicação da mesma coisa ou, nas palavras de Costa (2001, p. 110), “[...] mais um setor de produção articulado com outros da indústria cultural”. Logo, não se trata de uma evolução ou transformação, mas de uma expansão da indústria da cultura.

Tomando a premissa apresentada e considerando as semelhanças de padrões que marcam todos os setores da indústria cultural, parece pouco produtivo para os objetivos deste trabalho dedicar maior tempo discutindo a constituição histórico-social dos “*pós-media*” dentro do sistema capitalista – até porque, Julian Assange (2011), ainda que em abordagem nada teórica, já problematizou com eficiência o papel das redes sociais *online* na obra *Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet*, onde diagnostica que apenas estamos substituindo as antigas megacorporações por conglomerados midiáticos internacionais ainda maiores, fato que parece desnecessário contra-argumentar visto que o espaço onde ocorre a dita liberação da palavra é fornecido por empresas com ações na Bolsa de Valores. Nesse sentido, o esforço teórico aqui desenvolvido é mais de contrapor a ideia de “era pós-massiva” ao conceito de sociedade excitada, apresentado por Christoph Türcke (2010).

Türcke (2010) traz como mote principal em *Sociedade excitada: filosofia da sensação* a defesa de que, nos tempos hodiernos, experimentamos um recrudescimento da capacidade

senciente humana, cada vez mais saturada pelo consumo dos conteúdos multimidiáticos reproduzidos exponencialmente pelos *mass media*. Engendrando pelas vias da psicanálise freudiana (e em constante diálogo com o marxismo), a tese do autor em sua fisioteologia da sensação é de que, ao invés de significar o acesso a um novo estágio de consciência e racionalidade, as atuais condições de vício e “compulsão pela repetição” reproduzidas pelos meios de comunicação condicionam um retorno ao fundamento, ou seja, uma volta àquilo que na pré-história marcou o surgimento da cultura.

Tomando a dura constatação do filósofo alemão, a hipótese acrescida à tese original neste escrito é de que o referido processo de retorno traz como consequência mais imediata a impossibilidade da realização pelo homem de uma efetiva *Bildung*, ou seja, da formação de uma imagem de si mesmo perante o não igual que lhe permita qualificar ou ampliar sua existência para além das relações ordinárias de exploração que marcam o sistema produtivo capitalista. Em outras palavras, de imaginar uma condição de vida que seja diferente daquela que lhe é imposta cotidianamente pela divisão de classes.

Ao contrário, a multiplicação sem fim de pílulas compostas por conteúdos cada vez mais padronizados do ponto de vista estético, mas vazios no que tange à reflexão ética, tem acelerado uma espécie de atrofia na capacidade imaginativa e de fantasia dos indivíduos (LOUREIRO, 2010), condicionando uma compulsão generalizada pela repetição, algo como um vício – reiterando a tese de Tüercke (2010) – por novos produtos audiovisuais que sejam capazes de satisfazer os sentidos em luta constante na abstinência por qualquer forma de sensação.

Para entender o diagnóstico realizado pelo filósofo alemão, tomemos como exemplo uma cena de filme imaginária, onde um homem de meia idade caminha até uma mesa, visualiza uma xícara com um líquido escuro dentro, bebe o conteúdo e faz um semblante imediato de desaprovação. Sem mais informações, a cena deixa por conta do espectador a interpretação sobre o que aconteceu para gerar a insatisfação. O conteúdo não era o esperado? A bebida estava fria ou quente demais? Estava muito amarga ou exageradamente doce? Trata-se, efetivamente, de um exemplo banal, mas que ajuda na tarefa de compreender que existe um certo grau de fantasia que é fundamental para a reflexão e formação do sujeito perante a realidade que lhe é apresentada externamente. Nesse caso, a interpretação não é dada de antemão, mas é o próprio indivíduo que dentro do seu esquematismo – e a partir de suas experiências prévias – interpreta uma sequência de fatos.

Contudo, o que tem ocorrido a partir do crescimento descontrolado da indústria cultural – ampliada através das redes sociais *online* – é a diminuição de qualquer possibilidade de análise: em parte porque não é interessante deixar nenhuma via aberta ao sujeito, em parte porque os sentidos atrofiados desses perdem a galope a capacidade de imaginar. Logo, ao invés de exibir a cena nua e crua, os agentes e operadores da indústria tratarão logo de incluir uma fala explicativa do personagem: “poxa, esse café está muito frio”.

A rigor, é da realidade descrita acima que se trata, por exemplo, o processo de convergência de mídias, uma das grandes “apostas” (ou engodos) do jornalismo na contemporaneidade. De um café frio, uma vez que precisa ser consumido aos poucos para que a interpretação de todas as suas notas e aromas sejam fidedignas ao que esperam seus produtores e para que os sentidos supersaturados possam ser interpelados em algum momento, a despeito da baixa qualidade do grão. Vemos, assim, o avanço desenfreado do sensacionalismo como marca soberana da atividade jornalística em sua configuração de produto. Conforme defendido na Parte 1 deste trabalho, não basta noticiar a morte, mas ela precisa ser violenta, sádica, reproduzida em parcelas – com uma notícia descritiva no tabloide, um vídeo de um novo ângulo do crime no telejornal, o choro da mãe na internet – e, preferencialmente, mais cruel que a do jornal concorrente. Não basta mais a morte. Prefere-se a morte convergente.

Discutida com otimismo por alguns teóricos como Henry Jenkins (2009), do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e com alguma desconfiança por outros, como Ramón Salaverría (2011), da *Universidad de Navarra*, a convergência de mídias é um processo multifacetado, que pode se referir tanto a “transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando” (JENKINS, 2009, p. 29).

Nesta tese, interessa pensá-la, sobremaneira, do ponto de vista da linguagem, uma vez que foi essa a perspectiva que levou o autor do presente trabalho, na dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Posling/Cefet-MG), a estudá-la como um processo potente para a democratização e incrementação da prática do jornalismo (GONÇALVES, 2013), o que acabou significando um alinhamento parcial com as proposições de Lévy e Lemos (2010) sobre a existência de uma “era pós-massiva”.

Contudo, faz-se necessário reconhecer o equívoco da associação com tais ideias, dado que elas tomam como premissa que o acréscimo e a multiplicação exponencial de conteúdos

sobre um mesmo assunto, bem como a pulverização das informações por diferentes plataformas e meios (rádio, televisão, internet, impressos, aplicativos de celular, entre outros), marcas essenciais do processo de convergência, significariam uma possibilidade de incrementar a formação dos indivíduos para sua participação na esfera pública, algo que difere radicalmente das proposições apresentadas por TÜRCKE (2010). Portanto, é fundamental marcar aqui um divórcio com a premissa supramencionada, visto que a práxis, ao contrário do que tem sido apontado de forma insistente pelos autores pós-modernistas, tem revelado a fragilidade dos argumentos signatários ao surgimento de uma suposta “era pós-massiva” (que, conforme mencionado, etimologicamente já pressupõe a equivocada superação das mídias de massa), como as ideias de inteligência coletiva e de ciberdemocracia.

Assim, parece mais adequado tratar a convergência de mídias como apenas mais uma das múltiplas tentativas (muitas vezes, desesperadas) de atingir os sentidos supersaturados e viciados por informação dos indivíduos, uma vez que, distante de uma possibilidade efetivamente formativa, a multiplicação de conteúdos rasos figura antes como uma estratégia que promove a semiformação – *Halbbildung* – e acentua a compulsão generalizada por mais conteúdo.

Considerando a distinção radical que opõe as noções de sociedade excitada e era pós-massiva, sobretudo no que tange aos processos educativos e de formação do sujeito, defende-se a maior relevância da noção pautada na crítica negativa estabelecida por Christoph TÜRCKE (2010), categoria mais apropriada para descrever as transformações que experimentamos no âmbito da indústria cultural a partir das redes na *web*.

Na verdade, ao colocarmos frente a frente a base conceitual daquilo que é chamado de “era pós-massiva” com as condições que tornam uma sociedade excitada, encontramos formulações polarizadas em duas frentes notoriamente incompatíveis: de um lado a já explicitada posição de Lévy e Lemos (2010) (de que as redes trabalham contra o nivelamento rasteiro); de outro a de Christoph TÜRCKE (2010), de uma sociedade viciada em imagens instantâneas, em informações que se deterioram, ávida por mensagens que agucem seu aparato sensorial já ultrassaturado (ou seja, onde as redes trabalham para o nivelamento rasteiro).

Obviamente, como mencionado na introdução deste trabalho, não se pode negar o caráter transitório ou a pluralidade aberta pelas redes sociais *online*. Porém, mais urgente ainda parece ser declinar do otimismo. Ora, se as redes sociais *online* surgem da mesma estrutura que

possibilitou Auschwitz (a miséria absoluta do espírito humano) e que ainda perpetua práticas de desigualdade e violência das mais diversas, é pouco provável que elas tenham outro objetivo e/ou destino que não ampliar a superestrutura existente. Mais. Do ponto de vista da revolução, de uma análise das sombras deste sistema, parece melhor aceitar o caminho melancólico (relembrando Walter Benjamin). Em outras palavras, permitir o otimismo no progresso pelas vias tecnológicas parece repetir erros de um passado de barbárie nada longínquo. Portanto, feita a necessária polarização dos caminhos teóricos, segue-se com Türcke (2010).

## 2.7. Sociedade excitada e novos moldes da indústria cultural

Não é objetivo deste capítulo – ou mesmo desta tese – esgotar as possíveis e inúmeras aproximações entre as obras de Christoph Türcke e Theodor W. Adorno, sendo a mais notória e primeira delas o debate sobre a indústria cultural. Ao contrário, a intenção aqui é, antes, de realizar uma primeira empreitada a partir do cruzamento de alguns conceitos e categorias lançados pelos autores que permitam a constatação da existência de elementos comuns em seus escritos.

Para isso, como “ponte de ideias”, toma-se o intenso diálogo teórico presente entre o segundo capítulo de *Dialética do Esclarecimento* (a saber: *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*) e o prefácio e o primeiro capítulo de *Sociedade Excitada* (a saber: *Paradigma da sensação*). Entre outras razões, essa aproximação é possível porque o deslocamento no significado da palavra “sensação” – segundo descreve Türcke (2010) em seu texto – acompanha a mesma lógica de antiesclarecimento da indústria da cultura denunciada por Adorno e Horkheimer (1985), isso é, uma falsa reconciliação a partir de deslocamentos entre universal e particular:

Também o deslocamento na palavra sensação – da percepção totalmente comum para a percepção do incomum e finalmente para esse próprio incomum – seguiu esse padrão: do geral para o particular. Mas mesmo isso não é nada especial, ou seja, é apenas um de muitos exemplos em relação a como a língua se especializa, afia, enfatiza – um caso especial da linguística. Só que neste caso o pequeno deslocamento de significado é a abreviação linguística para deslocamentos, rejeições, descartes e revoluções sociais em maior escala. A sociedade moderna se ara como nenhuma anterior. Seu progresso tecnocientífico minou tudo aquilo que pareceu ser natural [...]. Nada é óbvio mais. Somente o estado de uma inquietude geral, de excitação, de eferescência (TÜRCKE, 2010, p. 9)

Para amarrar e/ou aproximar alguns desses pontos congruentes (como os conceitos de ideologia e os debates sobre as condições semifformativas que levam à síndrome fascista), faz-se pressuposto fundamental a compreensão de que a sociedade excitada descrita por Türcke

(2010) – nossa própria sociedade contemporânea, uma sociedade viciada em imagens, cujos indivíduos têm os sentidos supersaturados pela multiplicação exponencial de conteúdos midiáticos – é uma extensão (e não uma superação) da modernidade. A partir desse contexto, percebe-se o equívoco de se tratar as redes sociais *online* como “revoluções” ou “evoluções”. Mais apropriado seria caracterizá-las como “ampliações”, próprias e mantenedoras do capitalismo que se arranja, utilizando a terminologia do próprio autor, sob os moldes de uma “sociedade da sensação”:

Entretanto, essa palavra não sugere a entrada da humanidade numa nova época, tal como fizeram as palavras “sociedade pós-industrial”, “pós-moderna”, “de risco” ou da “informação”, todas palavras chamativas e desviantes. Só porque a sociedade altamente “tecnificada” não apresenta mais as características tais como máquinas que ofegam e que exalam vapor e trabalhadores suados, não significa que ela não seja mais uma sociedade industrial, mas sim que penetra microeletronicamente, com sua produtividade múltipla e refinada, em todas as áreas de trabalho (TÜRCKE, 2010, p. 10).

Considerando essa perpetuação do modo de produção capitalista, o primeiro ponto de convergência entre os autores é o conceito de ideologia. A compreensão de ideologia de Türcke (2010) é a mesma proposta por Adorno e Horkheimer (1985) em *Dialética do Esclarecimento*. De forma semelhante, Türcke (2010) defende que a ideologia burguesa está presente em todo o processo de produção da indústria cultural (portanto, do jornalismo). Para isso, o autor toma emprestada a mesma passagem da Odisseia de Homero comentada por Adorno e Horkheimer (1985), problematizando-a frente o contexto hodierno:

Sob condições concorrenciais, a tendência crescente de espetacularização é tão pouco evitável quanto a inovação técnica permanente. Por certo, ninguém é pessoalmente forçado a tomar parte no desenvolvimento de novos aparelhos e no planejamento de cenários sensacionalistas. Cada um é aproximadamente tão livre para não participar quanto Odisseu era para não sucumbir ao canto das sereias. Segundo Homero, ele só o conseguiu porque se fez atar ao mastro de seu navio enquanto seus companheiros remavam, com os ouvidos tapados, pelos rochedos das sereias. Mas como seria possível fazer para parar uma corrente que atua 24 horas por dia, que não deixa que se reme contra ela e que constantemente põe a questão silenciosa sobre se seria possível de fato suportar um desligamento do fluxo geral de informação, uma estagnação profissional, uma desolação da alma ou o desemprego, apenas para opor sua força de atração? Para quê? (TÜRCKE, 2010, p. 14-15).

Para Türcke (2010), nesse cenário de poucas saídas, a estetização/representação da vida construída por essa indústria, ou seja, sua ideologia, não pode ser mais definida como um mero envoltório, que protege o capitalismo: ao contrário, trata-se efetivamente de uma pele (logo parte biológica, intrínseca e indissociável) da sociedade burguesa.

As sensações estão a ponto de se tornar as marcas de orientação e as batidas do pulso da vida social como um todo. Para alguns ramos profissionais, já o são há muito tempo. É sabido que jornalistas e redatores se dedicam a divulgar notícias, e isso

significa selecionar notícias. [...] o nome notícia só merece rigorosamente ser dado àquilo que vale a pena ser comunicado. E o que satisfaz esse requisito, sem sombra de dúvida? Aquilo que diz respeito a todos, que se chama *res publica*, em latim: a coisa pública. Sem dúvida, o conceito era visto diferentemente na Roma antiga, onde surgiu, do que é hoje (TÜRCKE, 2010, p. 14).

Ao recorrer a essa definição, TÜRCKE (2010) retoma o processo histórico de transformação da notícia em mercadoria na modernidade, rememorando o que denomina de “perversão da notícia”, que nada mais é do que a inversão condicionada pela pressão da concorrência: “*a ser comunicado, porque importante* superpõe-se a *importante, porque comunicado*” (TÜRCKE, 2010, p.17, grifos do autor).

Que a metamorfose de conteúdos em notícias o mais palpáveis possível não se possa dar sem estilização, redução e distorção, é um velho problema das mídias. Normalmente, lida-se com ele no âmbito da ética jornalística, cujo teor é o de que, justamente porque as notícias são construídas, e não meramente transmitidas, a responsabilidade de seu produtor, seu compromisso com a veracidade, exatidão e justiça seriam particularmente grandes. Mas o problema é muito mais profundo. Os confeccionadores de notícias representam apenas aqueles que vão à frente. [...] Ainda que as notícias desde sempre tenham sido construídas, primeiramente, vale nisso o que se chama “primazia do objeto” em Adorno: o primário é o acontecimento digno de divulgação. Era por sua causa que as mídias entravam em ação. [...] Mas desde o século XVII, quando os panfletos esporádicos foram gradualmente se tornando jornais com tiragem regular, ou seja, quando se tornaram empresas que iriam à falência se o material noticiável exaurisse, iniciou-se uma reviravolta significativa. [...] Assim, a confecção de notícias recebe uma nova ênfase. Não mais representa apenas a ornamentação de acontecimentos explosivos, mas também o fazer explosivo dos acontecimentos (TÜRCKE, 2010, p. 16-17).

É a partir da inversão apresentada que TÜRCKE (2010) contribui para conceituar, de forma definitiva, o jornalismo hegemônico como produto exclusivo da indústria cultural (referenciando a tese apresentada no tópico 2.5 deste capítulo). Isso porque, ao propor abertamente uma atualização da categoria de Adorno e Horkheimer (1985), o filósofo alemão lembra o papel fundamental da propaganda em tal processo, vinculando-a intimamente ao jornalismo enquanto atividade prioritariamente econômica e subserviente ao modo de produção capitalista. Para ele, a indústria cultural representa

[...] o estágio de desenvolvimento social no qual os bens culturais não mais apenas circulam como mercadorias, mas já são produzidos em massa, tal qual pãezinhos ou lâmpadas – com tremendas consequências para a economia pulsional, para a percepção e para as formas de pensamento e de interação humana, das quais não se pode mais ignorar a propaganda. Na medida em que a pressão do sistema obrigou todo produto a utilizar a técnica da publicidade, esta invadiu o idioma, o “estilo” da indústria cultural (TÜRCKE, 2010, p. 34-35).

A partir de tal constatação, TÜRCKE (2010) destaca que o idioma da publicidade invadiu toda a indústria cultural, sendo que mal conseguimos distinguir o texto e a imagem das peças de anunciantes para aquilo que é informação das redações jornalísticas. Isso ocorre porque tudo

precisa figurar como um superespetáculo, saltar aos olhos, ser atrativo, provocar sensação. O que foge ao espetacular da publicidade é ignorado pelos indivíduos, ora por ser sério demais frente às possibilidades de ilusão do cinema e dos *media*, ora por parecer profundo demais frente à fugacidade das análises rasteiras. “A exposição continuada de violências sógnicas elimina o choque, a capacidade da audiência reagir e de se indignar diante do grotesco” (COSTA, 2001, p. 112).

Não é mais suficiente que os acontecimentos sejam por si só explosivos, confeccionados de forma chamativa, ou que tenham as manchetes gritadas como nas edições extras de outrora; o meio audiovisual necessita mobilizar todas as forças específicas do seu gênero e ministrar a notícia com toda a violência de uma injeção multissensorial, de forma que atinja o ponto que almeja: o aparato sensorial ultrassaturado dos contemporâneos. [...] O que atinge, toca, comove é aquilo que, enquanto injeção, foi agudizando o suficiente nosso sistema nervoso e, ainda que seja apenas por um instante, chama a atenção (TÜRCKE, 2010, p. 19-20).

Assim, ao atualizar o debate, TÜRCKE (2010) propõe que as práticas de publicidade que anteriormente eram relegadas à ação dos industriais para com os sujeitos passam a caracterizar, também, o comportamento desses últimos, que assimilam lógica semelhante e buscam divulgar a própria vida e o mundo tentando convertê-los em algo mais sensacional (ou capaz de despertar alguma sensação). Tornam-se viciados e agentes da indústria da cultura.

Tal ponto de vista ajuda a explicar a produção exponencial de mensagens por esses indivíduos nas redes sociais *online*: ao assimilarem o esquematismo da indústria cultural, as pessoas passam a se considerar parte dela. Ou seja, não basta mais consumir um sem fim de conteúdos rasteiros e fragmentados, é preciso produzir o próprio espetáculo e transmitir a vida em tempo real em busca de qualquer interação virtual que desperte os sentidos. Com isso, o poder expande seu caráter, sofre “[...] uma mutação, convertendo-se em uma compulsão social generalizada” (TÜRCKE, 2010, p. 38).

Pode-se apontar, portanto, uma relação de causalidade do vício em imagens e da constante busca da sensação (termo que aqui toma o mesmo sentido proposto pelo autor: aquilo que, magneticamente, atrai a percepção, o espetacular) com a semiformação dos indivíduos na sociedade excitada. Se antes podia-se ponderar que, citando Wolfgang Leo Maar (2003), a semiformação (*Halbbildung*) fazia “[...] parte do âmbito da reprodução da vida sob o monopólio da ‘cultura de massas’” (MAAR, 2003, p. 460), sendo que a alteração de “cultura de massas” para indústria cultural explica-se justamente pela preocupação de Adorno e Horkheimer com a apreensão da “[...] tendência à determinação total da vida em todas as suas dimensões pela formação social capitalista” (MAAR, 2003, p. 460); hoje pode-se detectar um refinamento



necessário em tal aparelhamento da superestrutura. Essa mudança, antes de ser um luxo, parece mais uma imposição necessária para manutenção do controle sobre indivíduos com sentidos que não se contentam e/ou satisfazem mais com os dispositivos de outrora. Isso ocorre porque o estímulo constante em busca da atenção gera uma hiperexcitação generalizada (como supramencionado, uma compulsão social pela repetição).

Assim, a indústria cultural ganha contornos de alucinógeno: ao mesmo tempo que promove alívio (condicionando no sujeito um engodo em forma de falsa liberdade frente à exploração que constitui a realidade ordinária), gera dependência, vez que o “[...] vício deseja mais do que o material viciante pode dar-lhe” (TÜRCKE, 2010, p. 12). E isso tudo supera os limites da explicação filosófica ou sociológica: trata-se de um aspecto biológico da espécie humana. Da mesma forma que qualquer narcótico ou conteúdo viciante, os estímulos imagéticos, quando consumidos em elevadas doses contínuas, sobrecarregam nossa capacidade neurológica de tal forma que somos obrigados a procurar mais e mais. E, no caso das redes sociais *online*, isso também significa produzir mais. Abstinentes, consumimos mais e produzimos mais. Tanto que essa multiplicação já preocupa até mesmo os operadores dos grandes conglomerados de mídias *online* que, desde os meados dos anos 2000, já tentam compensar essa “deficiência” de nossos receptores neuronais oferecendo filtros externos, como seus algoritmos da web semântica, que escolhem por nós aquilo que mais nos interessa ou não.

O vício é a busca de um apoio vital num objeto falso, sendo que aqueles que o procuram não devem ser informados de que se trata de algo falso. Eles sentem, eles sabem que a substância na qual se aferram não fornece nenhum apoio, mas eles não têm outra e, por isso, cada vez mais se jogam a ela, a mesma substância que os priva daquilo que lhes deveria proporcionar. Quando se fala em sintomas de abstinência, os quais seguem o vício do mesmo modo como a sombra segue a luz, esquece-se facilmente de que o próprio vício já é um sintoma de abstinência. Entretanto, a sua abstinência, que lhe antecede, representa uma forma de reação desamparada, silencioso, e continuamente moderna, não é tão evidente (TÜRCKE, 2010, p. 239).

Logo, surge uma relação que parece tão simplista quanto perigosa: viciado em informação, sobretudo aquelas imagéticas, e insaciável na busca por estímulos sensoriais, os indivíduos consomem conteúdos cada vez mais rasos e superficiais, levando ao extremo a semiformação. É esse o indivíduo que capta e manifesta de forma aguda as características da síndrome fascista descrita por Adorno *et al.* (1950), tornando-se mais suscetível a desenvolver uma personalidade autoritária. Dotado de uma visão de mundo que não é própria de sua classe e reprimido pelos barramentos e pela ameaça de castração do mundo administrado, o indivíduo passa a fazer eco a pensamentos totalizantes e, portanto, totalitários.

Em outras palavras, uma participação não qualificada dos indivíduos nas redes sociais *online* funciona, sobremaneira, como um amplificador para a ideologia dominante presente no discurso hegemônico dos *mass media* e, por conseguinte, para a semiformação. Isso significa que, em seus novos (ou ampliados) moldes, a indústria cultural passa a contar com cada um de nós como um potencial operador e agente, seja produzindo, seja propagando (em nossa crise de abstinência) a ideologia entranhada em seus multifacetados produtos midiáticos.

Nesse ponto Lemos e Lévy (2010) estão corretos, afinal, em seu atual estágio essas redes efetivamente permitem uma maior circulação de informações e conteúdos e até mesmo o “luxo do excesso” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 93). Contudo, é aí que reside o problema: o excesso. Quando a maior parte da amostra desse “excesso” é composta por “mais do mesmo”, a diversidade é só um engodo, ainda que ora ou outra surjam pontos de resistência. Quando os responsáveis por filtrar o conteúdo foram [semi]formados pela mesma indústria que o produz, a liberdade é fictícia. Quando o excesso passa a ser a tendência imperativa, o luxo se torna vício. Quando particular e universal se confundem inexoravelmente, é preciso seguir alerta contra o estabelecimento de tendências autoritárias. É disso que a Parte 3 desta tese busca se encarregar.

### PARTE 3. [MÉTODO]<sup>30</sup>

#### ESTUDOS SOBRE A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA<sup>31</sup>

“Se o medo e a destruição são as principais forças emocionais do fascismo, *eros* pertence principalmente à democracia” (ADORNO *et al.*, 1950, p. 976, tradução livre)<sup>32</sup>.

---

<sup>30</sup> As categorias de pesquisa apresentadas neste capítulo a partir das pesquisas do grupo de Berkeley foram resumidas no artigo *Notas sobre os estudos de T. Adorno em Berkeley: 'a farsa da farsa na América Latina e o vigor da Escala F* (GONÇALVES; LOUREIRO, 2019), publicado na Revista *Problemata*.

<sup>31</sup> Este capítulo foi elaborado a partir da leitura e tradução direta do original *The Authoritarian Personality*, publicado por Adorno *et al.* em 1950. Como suporte ao estudo também foi consultada a versão disponível em espanhol, publicada pela Editora Proyección, em Buenos Aires, em 1965, com tradução de Dora y Aída Cymbler. Em dezembro de 2019, Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo lançaram a tradução *Estudos sobre a personalidade autoritária*, pela Editora Unesp, que apresenta em português os capítulos I, VII, XVI, XVII, XVIII e XIX (ao todo são 23 capítulos), acompanhando a seleção da edição alemã publicada pela Suhrkamp no volume 9. Consultou-se, também, a referida obra em português para buscar, dentro do material contemplado pela seleção, possíveis incongruências em nossa tradução, contudo, como não foi identificada nenhuma diferença mais significativa, optou-se por manter nas citações as traduções realizadas a partir do original, preservando o texto em inglês nas notas de rodapé.

<sup>32</sup> *If fear and destructiveness are the major emotional sources of fascism, eros belongs mainly to democracy* (ADORNO *et al.*, 1950, p. 976).

### 3.1. Importância histórica dos estudos conduzidos em Berkeley

Muitos teóricos (IBÁÑEZ, 2006) apontam que os estudos sobre a personalidade autoritária desenvolvidos por Theodor W. Adorno e seus colaboradores (Else Frenkel-Brunswik<sup>33</sup>, Daniel J. Levinson<sup>34</sup> e Nevitt Sanford<sup>35</sup>) em Berkeley, na Universidade da Califórnia, são provavelmente a manifestação mais famosa e elaborada da vertente de investigação social originada na Escola de Frankfurt. Isso porque o trabalho, reunido no livro *The Authoritarian Personality*, publicado originalmente em 1950 pela editora *Harper & Brothers*, além de encarar um objeto considerado tabu naquele contexto histórico – a saber, a constituição de personalidades autoritárias e potencialmente fascistas<sup>36</sup> na sociedade estadunidense do pós-Segunda Guerra –, traz pela primeira vez uma potente aplicação de algumas das principais inquietações teóricas apresentadas por Adorno com Max Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento* (conforme mencionado na Parte 2 desta tese, publicado alguns anos antes, em 1947), uma vez que se propõe pelas vias da psicanálise e da psicologia, bem como por meio de uma análise sociológica histórico-dialética, compreender as consequências do processo de antiesclarecimento nos indivíduos.

Desenvolvido dentro do Centro de Estudos de Opinião Pública em conjunto com o Instituto de Investigação Social (cooperação que ficou conhecida como Grupo de Berkeley<sup>37</sup>), o livro *The Authoritarian Personality* é composto de introdução, conclusão e cinco partes ao mesmo tempo independentes e complementares: i) medição das tendências ideológicas; ii) personalidade revelada através de entrevistas clínicas; iii) personalidade revelada através de materiais projetivos; iv) estudos qualitativos sobre ideologia; e v) aplicações a indivíduos e

---

<sup>33</sup> Psicóloga judia polonesa, Else Frenkel-Brunswik fugiu para os Estados Unidos com o avanço do nazismo na Europa. Viveu em Berkeley até sua morte, em 1958, aos 50 anos. No Grupo de Berkeley era responsável pela categorização e quantificação do material.

<sup>34</sup> Conhecido por sua teoria das estações da vida adulta, o psicólogo Daniel J. Levinson (1920-1994) fez grandes contribuições para os campos da psicologia comportamental, social e de desenvolvimento. Dentro dos estudos sobre a personalidade autoritária, foi o responsável pelas escalas, estatísticas e interpretação psicológica.

<sup>35</sup> Professor de psicologia na Universidade da Califórnia, Nevitt Sanford (1909-1995) desenvolveu estudos sobre etnocentrismo e antisemitismo. Em Berkeley, foi responsável pelas técnicas para a pesquisa e coordenou os trabalhos ao lado de Adorno.

<sup>36</sup> Tomam-se neste capítulo, a exemplo do que ocorre nas conclusões dos estudos de Adorno *et al.* (1950), as noções de personalidades potencialmente *fascistas* ou *autoritárias* como sinônimos, ainda que sabendo da distinção radical que marca os dois comportamentos, visto que as condições que determinam a formação dessas personalidades são semelhantes e é impossível diagnosticar com precisão se os desdobramentos serão direcionados para a prática efetiva do autoritarismo ou para a associação com o fascismo.

<sup>37</sup> Além dos autores principais que assinam a obra, Horkheimer (1950 *in* ADORNO *et al.*, 1950) destaca a participação e a relevância de Betty Aron, Maria Hertz Levinson e William Morrow.

grupos especiais. Somadas, as partes formam um corpo de 23 capítulos – assinados de forma individual ou coletiva pelos organizadores e alguns colaboradores – distribuídos ao longo de 988 páginas.

Na publicação original, os estudos sobre a personalidade autoritária contam com prefácio de Horkheimer (editor da *Harper & Brothers* em 1950). Em seu texto de abertura, o autor situa a obra do Grupo de Berkeley como integrante de uma série de estudos sobre o preconceito, mas não se furta a apontá-la entre as demais como um emergente clássico da psicossociologia política, indicando que o livro

[...] trata sobre a discriminação social. No entanto, sua finalidade não é simplesmente adicionar mais algumas descobertas empíricas a um já amplo corpo de conhecimento. O tema central do trabalho é relativamente novo: o surgimento de uma espécie "antropológica" que chamaremos de um tipo autoritário de homem. Ao contrário do tipo intolerante mais antigo, este parece combinar ideias e habilidades típicas de uma sociedade altamente industrial com crenças irracionais ou antirracionais. É ao mesmo tempo esclarecido e supersticioso, orgulhoso de seu individualismo e constantemente temeroso, assemelha-se aos outros, com inveja da sua independência e inclinado a submeter-se cegamente ao poder e autoridade. A estrutura de caracteres que compreende essas tendências contraditórias já atraiu a atenção de filósofos e pensadores políticos contemporâneos. Este livro aborda o problema com os meios sociopolíticos de pesquisa (HORKHEIMER, 1950 in ADORNO *et al.*, 1959, p. ix, tradução livre)<sup>38</sup>.

De fato, ainda que a gênese<sup>39</sup> dos estudos sobre autoritarismo não possa ser atribuída a Adorno e tampouco aos estudos sobre a personalidade autoritária conduzidos por seu grupo, o livro é um marco ao trazer abordagens tanto práticas como teóricas. Horkheimer (1950 in ADORNO *et al.*, 1950) lembra que os autores não creem na existência de um atalho que elimine o caminho sinuoso das investigações minuciosas e das análises teóricas, nem que os problemas das minorias na sociedade moderna (mais especificamente os problemas ligados aos ódios

---

<sup>38</sup> [...] *about social discrimination. But its purpose is not simply to add a few more empirical findings to an already extensive body of information. The central theme of the work is a relatively new concept the rise of an "anthropological" species we call the authoritarian type of man. In contrast to the bigot of the older style he seems to combine the ideas and skills which are typical of a highly industrialized society with irrational or anti-rational beliefs. He is at the same time enlightened and superstitious, proud to be an individualist and in constant fear of not being like all the others, jealous of his independence and inclined to submit blindly to power and authority. The character structure which comprises these conflicting trends has already attracted the attention of modern philosophers and political thinkers. This book approaches the problem with the means of sociopsychological research* (HORKHEIMER, 1950 in ADORNO *et al.*, 1959, p. ix).

<sup>39</sup> Lembrando a dificuldade em se atribuir um marco inicial para as investigações sobre a personalidade autoritária, que se desenvolvem com maior atenção depois da barbárie que marca o processo de nazifascismo na Alemanha, Teixeira e Polo (1975) lembram que, antes de Adorno, Erich Fromm já havia destacado a ligação entre nazismo e autoritarismo no clássico *O medo à liberdade*, de 1941, sugerindo que a pessoa autoritária é ao mesmo tempo dominadora e submissa: dominadora relativamente àqueles que ela percebe como mais fracos e submissa com relação aos que ela percebe como mais fortes (FROMM, 1983).

religioso e racial) possam ser tratados com eficácia perante a propaganda para a tolerância, mas antes que devem ser investigados e compreendidos como fenômeno psicossocial (e por isso a grande relevância da empreitada de Berkeley).

Para indicar a importância do trabalho desenvolvido nos estudos conduzidos por Adorno *et al.* (1950), Horkheimer (1950 *in* ADORNO *et al.*, 1950) rememora a contribuição da ciência moderna e do racionalismo sobre o pensamento mítico que marcava as práticas de “bruxaria” nos séculos XVII e XVIII e a relevância das contribuições de Freud sobre a primeira infância para a educação moderna, propondo envergadura semelhante para os estudos do Grupo de Berkeley. Para o autor, ao buscar a compreensão dos fatores sociopsicológicos que tornaram possível que um tipo autoritário de homem ameaçasse o sujeito individualista e democrático em vigor desde a Revolução Francesa, Adorno *et al.* (1950) contribuíram para aumentar as possibilidades de um “contra-ataque genuinamente educativo” (HORKHEIMER, 1950 *in* ADORNO *et al.*, 1950, p. x, tradução livre)<sup>40</sup>. Em outras palavras, tem-se em *The Authoritarian Personality* não apenas um clássico da psicossociologia política, mas, também, um clássico da educação, sendo a obra de suma importância para o desenvolvimento de ações e planos educativos que visem combater a formação de indivíduos inclinados ao fascismo.

De fato, a rigor, além das críticas que suscitou – abordadas de forma mais detida no tópico 3.5 deste capítulo –, os estudos sobre a personalidade autoritária trazem como principal contribuição a multidisciplinaridade da empreitada, que combinou especialistas da teoria social, da psicologia e psicologia clínica, da análise de conteúdos, da sociologia política e de testes projetivos. Esforços esses pautados na investigação da hipótese principal e/ou majoritária de que

[...] as convicções econômicas, políticas e sociais de um indivíduo muitas vezes formam um padrão amplo e coerente, como se fossem ligadas por uma "mentalidade" ou "espírito" entre si, e que este padrão é uma expressão de tendências profundas de personalidade do indivíduo (ADORNO *et al.*, 1950, p. 1, tradução livre)<sup>41</sup>.

Para os investigadores de Berkeley, a principal preocupação é o indivíduo potencialmente fascista cuja estrutura o torna particularmente suscetível à propaganda antidemocrática. É nesse ponto que as discussões realizadas nesta tese se encontram com os

---

<sup>40</sup> [...] *genuinely educational counterattack* (HORKHEIMER, 1950 *in* ADORNO *et al.*, 1950, p. x).

<sup>41</sup> [...] *the political, economic, and social convictions of an individual often form a broad and coherent pattern, as if bound together by a "mentality" or "spirit" and that this pattern is an expression of deeplying trends in his personality* (ADORNO *et al.*, 1950, p. 1).

estudos sobre a personalidade autoritária. Aqui, porém, interessa sobretudo a influência dos processos semiformativos oportunizados/condicionados pelo jornalismo (a cabo, conforme se defendeu nas Partes 1 e 2 deste estudo, uma espécie mais perigosa de propaganda), sobretudo a se considerar o contexto histórico de supersaturação dos sentidos e de entorpecimento das capacidades reflexivas que marca a sociedade excitada na qual estamos historicamente localizados.

Porém, ao contrário de Theodor Adorno e seu grupo, que realizaram um total de 2099 entrevistas em uma amostra heterogênea de indivíduos (que incluía estudantes universitários e de cursos de extensão, professores, trabalhadores sociais, militares, mulheres e homens de classe média, presos e pacientes psiquiátricos), o objetivo aqui – seja pela ausência de braços e tempo para a jornada, seja pela multiplicação infindável de discursos que é própria da *web* (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011) – não é de reproduzir o experimento do Grupo de Berkeley, mas aproveitar parte das categorias desenvolvidas e testadas por esse grupo para uma análise hermenêutica dos diferentes discursos que brotam a partir da liberação da palavra para os indivíduos nas redes sociais *online*. Logo, interessa, prioritariamente, o texto de introdução de *The Authoritarian Personality*, assinado coletivamente pelos autores, onde esses apontam o problema que norteou a investigação, os métodos e procedimentos de coleta e pesquisa realizados; e a conclusão, onde retomam e discutem os resultados.

A fim de sistematizar as diferentes etapas que marcaram o desenvolvimento da pesquisa nos Estados Unidos, apropriando-se das categorias necessárias, este capítulo foi estruturado em cinco subtópicos que buscam: i) explicar como a divergência entre Adorno e Lazarsfeld influenciou os estudos sobre a personalidade autoritária (tópico 3.2); ii) apresentar as principais hipóteses e pressupostos teóricos que fomentaram o estudo (tópico 3.3); iii) rememorar as escalas de antissemitismo (AS), etnocentrismo (E), conservadorismo político-econômico (PEC) e fascismo (F), bem como as questões desenvolvidas a partir de cada item, apropriação de valor ímpar para o presente trabalho (tópico 3.4); iv) discutir as principais críticas realizadas ao Grupo de Berkeley (tópico 3.5); e finalmente, v) propor um modelo para utilização dos pressupostos presentes nos estudos sobre a personalidade autoritária como forma viável de averiguar a presença de discursos fascistas produzidos dentro das redes sociais *online* – seja pelo público, seja pelos *mass media* – na sociedade excitada (tópico 3.6).

### 3.2. O projeto antes do projeto: a divergência de Adorno com Lazarsfeld

Em decorrência do avanço do nazismo na Alemanha, em 1933, Theodor W. Adorno, assim como os demais colegas do Instituto de Pesquisa Social, foi obrigado a deixar Frankfurt. O filósofo foi primeiro até Paris e depois seguiu para a Inglaterra, onde lecionou na Universidade de Oxford até 1937. Foi nesse ano que decidiu seguir para os Estados Unidos, onde já se encontravam Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Leo Löwenthal. Uma vez estabelecido em Nova York, foi atuar na Universidade de Columbia, onde passou a dividir um projeto de pesquisa com outro exilado do nazismo, o austríaco Paul Lazarsfeld (que ficaria após a referida pesquisa – focada em verificar os efeitos do rádio sobre os ouvintes – conhecido como o “pai” dos estudos de comunicação de massa). O contato entre ambos foi fundamental para a empreitada que Adorno lançaria mais à frente, culminando com os estudos sobre a personalidade autoritária.

Filho de um advogado socialista, Lazarsfeld nasceu em Viena e lá militou em um movimento estudantil socialista dominado pelo austromarxismo, onde a ideia predominante era de que a classe operária chegaria ao poder através do voto (e não mais pelas vias revolucionárias). É daí – da necessidade pulsante de conquistar a administração do Estado pelo convencimento – que surgem as ideias que levariam Lazarsfeld a se preocupar de forma ativa com os estudos de recepção nos indivíduos, conforme pondera Celso Frederico (2008):

A perspectiva de conquistar o governo pelo voto e gerir o Estado capitalista pôs fim ao ativismo revolucionário. O antigo militante voltado à “agitação” e “propaganda” foi substituído pelo quadro burocrático preocupado com as técnicas de gestão. A necessidade de informações tornava-se vital para orientar a ação dessa nova esquerda, principalmente as pesquisas eleitorais que, então, eram uma novidade. Conhecer a disposição dos eleitores e, a partir daí, influenciá-los, passou a ser um objetivo perseguido pelos partidos e sindicatos (FREDERICO, 2008, p. 158).

Contudo, desde suas primeiras experiências de campo com estudos sobre a escolha de marcas de sabão, ainda na Áustria, Lazarsfeld havia deixado claro que “tanto faz voto socialista ou compra de sabão: ‘o método tornou-se autônomo’ e, conseqüentemente, a formulação da pesquisa torna-se independente dos conteúdos aos quais é aplicada” (FREDERICO, 2008, p. 159). Logo, ao propor um empirismo sociológico marcado como método neutro e estatístico, científico e universal, capaz de abranger todos os objetos que pretenda analisar, Lazarsfeld marca um posicionamento que diverge de forma radical daquilo que a sociologia deveria ser na perspectiva dialética de Adorno.



Destarte, não é muito difícil de imaginar que a experiência entre os dois tenha, nas palavras de Ibáñez, “acabado mal” (2006, p. 155):

Adorno não confiava em técnicas de medição ou análise de conteúdo, tentando construir um retorno a uma teoria ambiciosa da reificação de produtos culturais e degeneração artística que, em sua opinião, imprimia o consumo musical “enlatado”. Com seus intermináveis solipsismos epistemológicos e seus bordões em latim, nosso autor exasperou Lazarsfeld, que acabou removendo-o do programa, acusando-o, entre outras coisas, de desprezar injustamente o público (IBÁÑEZ, 2006, p. 156, tradução livre)<sup>42</sup>.

Conforme Frederico (2008), o principal ponto de divergência entre Adorno e Lazarsfeld pode ser diagnosticado a partir da polarização que marcava a compreensão de método dentro da sociologia nos anos de 1940. Enquanto na perspectiva dos estudos desenvolvidos na Europa a tendência era de aproximar o método da noção de epistemologia, a tradição empírica norte-americana, “empenhada em cortar os laços com a filosofia” (FREDERICO, 2008, p. 160), entendia método como meras técnicas de pesquisa.

É fato que, em seu retorno à Alemanha após o exílio, Adorno faz uma defesa parcial do empirismo estadunidense contra a corrente que buscava tratar a sociologia como uma espécie de “ciência do espírito”, porém, isso não o impede de desenvolver de forma reiterada sua crítica sobre o primado do método sobre o objeto que marcava o empirismo (ADORNO, 1995), defendendo, na contramão dessa tendência, a primazia do objeto (*Vorrang des Objekts*) como caminho necessário nas ciências sociais. Para o filósofo, o procedimento empírico imposto ao objeto como método fechado se caracteriza pela sua extrema (e frágil) generalidade, trazendo a imagem de uma sociedade homogênea, sem contradições, uma vez que “acaba se fixando apenas nas opiniões expressas nas respostas a questionários” (FREDERICO, 2008, p. 161). Para Frederico (2008), a principal crítica de Adorno em relação a essa tendência está no fato de que a coleta de dados e o tratamento estatístico não conseguem, de forma isolada, apreender/analisar criticamente as tendências sociais, mas apenas congelá-las em determinado quadro:

Para tanto, a dialética, desejosa de romper com o falso isolamento dos indivíduos-átomos e da correspondente visão de uma generalidade abstrata, reivindica a totalidade – conceito estruturador da própria realidade e do pensamento [...], busca explicitar as conexões entre as partes e o todo e o faz num sentido inverso do positivismo. A prioridade do todo sobre as partes, por sua vez, não significa que aquele seja um dado prévio, imóvel, uma figura fixa. Trata-se, isto sim, da

---

<sup>42</sup> Adorno no confiava en las técnicas de medición ni en los análisis de contenido, pretendiendo construir a cambio una ambiciosa teoría de la cosificación de los productos culturales y la degeneración artística que a su juicio imprimiría el consumo musical “enlatado”. Con sus inacabables solipsismos epistemológicos y sus latiguillos en latín, nuestro autor exasperó a Lazarsfeld, quien acabó por apartarle del programa, acusándole, entre otras cosas, de despreciar injustamente al público (IBÁÑEZ, 2006, p. 156).

compreensão de que a sociedade é um “processo” e que, por isso, não pode ser captada “imediatamente” (FREDERICO, 2008, p. 162).

Partindo desse pensamento – e alinhado contra o empirismo sociológico de Lazarsfeld –, Adorno defende um estudo do rádio enquanto mídia a partir de sua totalidade (CARONE, 2003), o que implica buscar todas as conexões – e possíveis relações – do meio com a sociedade. É nesse sentido que já no experimento da Rádio de Princeton propõe a realização de entrevistas que obrigassem os participantes do estudo a racionalizar após ouvirem os programas, contrariando o famoso experimento/aparelho de Lazarsfeld, no qual os indivíduos pressionavam botões que sinalizavam apenas aprovação ou aversão ao conteúdo que ouviam na estação. Isso porque, enquanto na experiência do austríaco seriam valorizados os estudos empíricos de recepção a partir daquele único momento (como se ele fosse descolado da sociedade como um todo), para Adorno interessava sobremaneira o contexto de produção da mensagem radiofônica, ou seja, tudo o que diz respeito à formação histórica dos indivíduos em sua singularidade e da sociedade em que vivem, não apenas o ato de gostar ou não de determinado conteúdo. É a partir dessa experiência inicial (e do rompimento mais que esperado com Lazarsfeld) que Adorno passa a formular as bases dos experimentos que desenvolveria com o Grupo de Berkeley.

### **3.3. Estudos sobre a personalidade autoritária: hipóteses e fundamentos**

Em 1941, depois da experiência frustrada com Lazarsfeld (que mais tarde assumiria algum arrependimento por não ter sido mais paciente com o colega de pesquisa), Adorno se muda para Los Angeles com Horkheimer e passa a integrar o Grupo de Berkeley, como dito, responsável pelos estudos sobre a personalidade autoritária. A investigação, a princípio, foi encomendada pelo Comitê Judeu estadunidense, que, alarmado com o desenvolvimento do nazismo em uma sociedade culta e tecnicamente avançada como a alemã, passa a financiar investigações que se propusessem a verificar a presença do antissemitismo nos Estados Unidos. O objetivo do Comitê era identificar qualquer germe das bases que culminaram em Auschwitz a fim de pressionar as autoridades norte-americanas por medidas educativas mais eficientes.

Conforme se defendeu na abertura deste capítulo, os estudos sobre o fenômeno antissemita descritos em *The Authoritarian Personality* são a principal – e primeira – manifestação de uma pesquisa empírica pautada, em grande medida, pelos marcos sociais e teóricos que Adorno e Horkheimer lançam em *Dialética do Esclarecimento*, sobretudo no excerto sobre antissemitismo. Nessa nova empreitada, ao contrário da experiência com

Lazarsfeld, Adorno consegue persuadir os colegas a ampliar a observação para além da lente reducionista da estatística, explorando processos relativos à relação interdependente entre a personalidade (aspecto singular de cada indivíduo) e a ideologia (enquanto valor pautado na pressão do grupo social).

Assim, tomando como hipótese principal que as convicções econômicas, políticas e sociais do indivíduo formam um padrão coerente capaz de expressar tendências de sua personalidade, Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford passam a elaborar um conjunto complexo de questionários e escalas a fim de averiguar a formação dos indivíduos “potencialmente” fascistas.

Ao concentrarmos no potencial fascista não queremos dizer que outros tipos de personalidade e ideologia não poderiam ser igualmente estudados com proveito. Em nossa opinião, porém, não existe outra tendência político-social que suponha uma ameaça tão grave para nossas instituições e valores tradicionais como o fascismo, assim o conhecimento das forças da personalidade que favorecem sua aceitação pode ser, em última instância, útil para combatê-la (ADORNO, *et al.*, 1950, p. 1, tradução livre)<sup>43</sup>.

Sobre isso, Adorno *et al.* (1950) lembram que o uso do termo “potencialmente” ocorre por não estudarem indivíduos declaradamente fascistas ou pertencentes a organizações fascistas, vez que, no momento das coletas e entrevistas, o nazifascismo tinha sido derrotado há pouco na Segunda Guerra. Contudo, lembram que “[...] não foi difícil encontrar indivíduos cuja opinião indicaria que aceitariam de bom grado o fascismo se ele se tornasse um movimento social forte e respeitável” (ADORNO, *et al.*, 1950, p. 1, tradução livre)<sup>44</sup>.

Partindo dessa assertiva, Adorno *et al.* (1950) propõem algumas questões centrais como norte da investigação:

Se existem indivíduos fascistas em potencial, exatamente como eles são? O que compõe seu pensamento antidemocrático? Quais são as forças organizadoras do fascismo dentro dessa pessoa? E se tais pessoas existem, com qual frequência elas aparecem em nossa sociedade? Se elas existem, quais foram os fatores determinantes e o curso de seu desenvolvimento? (ADORNO, *et al.*, 1950, p. 2, tradução livre)<sup>45</sup>.

---

<sup>43</sup> *In concentrating upon the potential fascist we do not wish to imply that other patterns of personality and ideology might not profitably be studied in the same way. It is our opinion, however, that no politico-social trend imposes a graver threat to our traditional values and institutions than does fascism, and that knowledge of the personality forces that favor its acceptance may ultimately prove useful in combating it* (ADORNO, *et al.*, 1950, p. 1).

<sup>44</sup> [...] *there was no difficulty in finding subjects whose outlook was such as to indicate that they would readily accept fascism if it should become a strong or respectable social movement* (ADORNO, *et al.*, 1950, p. 1).

<sup>45</sup> *If a potentially fascistic individual exists, what, precisely, is he like? What goes to make up antidemocratic thought? What are the organizing forces within the person? If such a person exists, how commonly does he exist*

Reconhecendo que em alguns momentos a pesquisa precisaria focar mais na psicologia do que na sociologia ou história, “[...] ainda que os três só possam ser separados artificialmente” (ADORNO, *et al.*, 1950, p. 3, tradução livre)<sup>46</sup>, Adorno *et al.* (1950) apresentam duas micro hipóteses: [1] o antissemitismo não é um fenômeno específico ou isolado, mas parte de um quadro ideológico maior; e [2] a suscetibilidade que um indivíduo demonstra em relação a essa ideologia depende fundamentalmente de suas necessidades psicológicas.

Assim, os teóricos passam a adotar o termo ideologia no sentido aceito de forma mais usual dentro da filosofia, ou seja, como organização de opiniões, atitudes e valores, isto é, um modo de pensar sobre o homem e a sociedade.

Nós podemos falar sobre a ideologia total do indivíduo ou sobre sua ideologia em relação às diferentes áreas da vida social: política, economia, religião, minorias, etc. Ideologias existem independentemente de qualquer indivíduo; e aqueles que existem em um determinado período são o resultado de processos históricos e dos eventos sociais que lhes são contemporâneos. Essas ideologias exercem em cada indivíduo diferentes graus de apelação, uma questão que depende de suas necessidades e do grau em que essas necessidades estão sendo satisfeitas ou frustradas (ADORNO *et al.*, 1950, p. 2, tradução livre)<sup>47</sup>.

Por conseguinte, os autores passam a dedicar grande atenção à compreensão das necessidades que compõem a personalidade de cada indivíduo, buscando entender “quais são as forças da personalidade e qual é o processo pelo qual se organizam” (ADORNO *et al.*, 1950, p 5)<sup>48</sup>. Para isso, apoiam-se principalmente na psicanálise de Sigmund Freud, deixando a cargo do que definem como “psicologia acadêmica” a formulação sistemática dos aspectos da personalidade mais diretamente observáveis e medíveis.

As forças da personalidade são principalmente necessidades (impulsos, desejos, impulsos emocionais) que variam de um indivíduo para outro em sua qualidade, sua intensidade, seu modo de gratificação e os objetos de seu apego, e que interagem com outras necessidades de maneira harmoniosa ou em padrões conflitantes. Assim, existem necessidades emocionais primitivas, a necessidade de evitar punições e

---

*in our society? And if such a person exists, what have been the determinants and what the course of his development?* (ADORNO, *et al.*, 1950, p. 2).

<sup>46</sup> [...] *though in the last analysis the three can be separated only artificially* (ADORNO, *et al.*, 1950, p. 3).

<sup>47</sup> *We may speak of an individual's total ideology or of his ideology with respect to different areas of social life: politics, economics, religion, minority groups, and so forth. Ideologies have an existence independent of any single individual; and those which exist at a particular time are results both of historical processes and of contemporary social events. These ideologies have for different individuals, different degrees of appeal, a matter that depends upon the individual's needs and the degree to which these needs are being satisfied or frustrated* (ADORNO, *et al.*, 1950, p. 2).

<sup>48</sup> *What are the forces of personality and what are the processes by which they are organized?* (ADORNO, *et al.*, 1950, p. 5).

preservar o espírito do grupo social, e a necessidade de manter a harmonia e a integração consigo mesmo (ADORNO *et. al.*, 1950, p. 5, tradução livre)<sup>49</sup>.

Partindo do excerto supracitado, Adorno *et al.* (1950) pontuam que uma vez que se admite que as opiniões, atitudes e valores dependem das necessidades humanas e que a personalidade é essencialmente uma organização de necessidades, “[...] a personalidade pode ser considerada determinante para as preferências ideológicas” (ADORNO *et al.*, 1950, p. 5)<sup>50</sup>. É a partir dessa compreensão que os pesquisadores retomam a proposta de aproximação (e observação mais ampla) dos processos subjetivos que marcam a formação do indivíduo em sua singularidade com as condições objetivas que norteiam toda uma apreensão de valores (que é reiteradamente designada pelas relações sociais e de classe dentro dos sistemas de produção), relembrando, em grande parte, a mesma noção de ideologia dada por Adorno e Horkheimer (1985) em *Dialética do Esclarecimento*. Em outras palavras, Adorno *et al.* reiteram que a ideologia hegemônica é a ideologia dos proprietários dos meios de produção (a mesma que domina os *mass media*), porém alertam que o estudo da ideologia, de forma isolada, não pode explicar a formação das personalidades autoritárias, uma vez que isso não explicaria as diferenças de opinião entre componentes de um mesmo grupo social. Assim, defendendo o estudo da formação de cada indivíduo, indicam que

A personalidade não é, no entanto, hipostasiada como um determinante final. Longe de ser algo que é dado no começo, que permanece fixo e age sobre o mundo circundante, a personalidade evolui sob o impacto do meio social e nunca pode ser isolada da totalidade social dentro da qual ocorre [...]. As principais influências no desenvolvimento da personalidade surgem no decorrer da educação infantil, quando conduzidas em um ambiente de vida familiar. O que acontece nesse período é profundamente influenciado por fatores econômicos e sociais. Não é só que cada família, ao tentar criar seus filhos, prossegue de acordo com os modos dos grupos sociais, étnicos e religiosos dos quais é membro, mas fatores econômicos afetam diretamente o comportamento dos pais em relação à criança. Isso significa que mudanças amplas nas condições e instituições sociais terão um impacto direto sobre os tipos de personalidades que se desenvolvem dentro de uma sociedade (ADORNO *et al.*, 1950, p. 5-6, tradução livre)<sup>51</sup>.

---

<sup>49</sup> *The forces of personality are primarily needs (drives, wishes, emotional impulses) which vary from one individual to another in their quality, their intensity, their mode of gratification, and the objects of their attachment, and which interact with other needs in harmonious or conflicting patterns. There are primitive emotional needs, there are needs to avoid punishment and to keep the good will of the social group, there are needs to maintain harmony and integration within the self* (ADORNO *et al.*, 2010, p. 5).

<sup>50</sup> [...] *then personality may be regarded as a determinant of ideological preferences* (ADORNO *et al.*, 1950, p. 5).

<sup>51</sup> *Personality is not, however, to be hypostatized as an ultimate determinant. Far from being something which is given in the beginning, which remains fixed and acts upon the surrounding world, personality evolves under the impact of the social environment and can never be isolated from the social totality within which it occurs [...]. The major influences upon personality development arise in the course of child training as carried forward in a setting of family life. What happens here is profoundly influenced by economic and social factors. It is not only that each*

Destarte, os pesquisadores colocam como um dos objetivos da pesquisa investigar as correlações entre ideologia e fatores sociológicos que operaram no passado do indivíduo (continuam esses fatores operando ou não). Adorno *et al.* (1950) ponderam que esse caminho de aproximação entre o estudo das personalidades e a detecção de padrões comportamentais distintos é fundamental para explicar por que pessoas em uma mesma situação social têm visões diferentes ou até mesmo conflitantes sobre as condições sociais. Assim, criticam uma suposta “patologização” dos estudos sobre o fascismo, propondo que

Os padrões de personalidade que foram descartados como "patológicos" por não estarem de acordo com as tendências manifestas mais comuns ou com os ideais dominantes dentro de uma sociedade têm, em uma investigação mais detalhada, se revelado apenas como um “exagero” no que era quase universal por trás das aparências nessa sociedade. O que é “patológico” hoje, com as mudanças sociais, pode se tornar a tendência dominante de amanhã (ADORNO *et al.*, 1950, p. 7, tradução livre)<sup>52</sup>.

É na organização do processo para buscar padrões comuns (e que possam ajudar na compreensão e na formulação de atividades educativas contra a proliferação de ideologias que normalmente levam à formação das personalidades fascistas) que o Grupo de Berkeley passou a desenvolver um conjunto de técnicas para quantificar e, posteriormente, qualificar os dados de pesquisa. Eles defendem que

Os conceitos e hipóteses sobre o indivíduo antidemocrático que são presentes em nossa atmosfera cultural devem ser apoiados por um grande trabalho de observação meticulosa e, em muitos casos, quantificação, antes eles possam ser considerados conclusivos (ADORNO, *et al.*, 1950, p. 3)<sup>53</sup>.

Ainda que possa parecer contraditório para Adorno, que em diversas oportunidades – como na cooperação mal sucedida com Lazarsfeld – se posicionou contra a sistematização do pensamento a partir das análises empíricas (que seriam, em sua essência, contaminadas pelo mesmo cientificismo técnico que possibilitou que a humanidade caminhasse até Auschwitz), a organização formal e categorização para interpretação de dados empíricos é uma marca dos

---

*family in trying to rear its children proceeds according to the ways of the social, ethnic, and religious groups in which it has membership, but crude economic factors affect directly the parents' behavior toward the child. This means that broad changes in social conditions and institutions will have a direct bearing upon the kinds of personalities that develop within a society* (ADORNO *et al.*, 1950, p. 5-6).

<sup>52</sup> *Personality patterns that have been dismissed as "pathological" because they were not in keeping with the most common manifest trends or the most dominant ideals within a society have on closer investigation turned out to be but exaggerations of what was almost universal below the surface in that society. What is "pathological" today may with changing social conditions become the dominant trend of tomorrow* (ADORNO, *et al.*, 1950, p. 7).

<sup>53</sup> *The insights and hypotheses concerning the antidemocratic individual, which are present in our general cultural climate, must be supported by a great deal of painstaking observation, and in many instances by quantification, before they can be regarded as conclusive* (ADORNO, *et al.*, 1950, p. 3).

estudos sobre a personalidade autoritária, sendo justificados pelo próprio frankfurtiano como de fundamental relevância no contexto em que as utiliza. Segundo Ibáñez (2006), os argumentos de Adorno em defesa das categorizações realizadas pelo Grupo de Berkeley são três:

- Categorizações não constituem processos de abstração. Pelo contrário, elas tendem a unificar um material disperso, dando-lhe significado;
- A categorização, quando é autocrítica como nos estudos sobre a personalidade autoritária, contorna o viés formalista, uma vez que o submete ao processo de interação entre a teoria e a realidade;
- A categorização é “pragmaticamente produtiva” ao servir de ponte entre duas disciplinas próximas, porém autônomas, como a psicologia e a sociologia.

Ademais, apontando para a dificuldade de estudar padrões de personalidade em grupo, Adorno *et al.* (1950) chamam a atenção de que para muitos psicólogos sociais é impossível a tarefa de estudar cientificamente a ideologia, uma vez que medir uma única atitude (concreta e isolada) com a precisão adequada já seria uma tarefa hercúlea e demasiadamente demorada. É nesse sentido que os pesquisadores chamam a atenção para a necessidade “óbvia” de se estabelecer algum tipo de seleção.

Assim, buscando esmiuçar e possibilitar a análise da formação de personalidades autoritárias, Adorno e seus colaboradores escolheram determinados grupos de pesquisa (elencando indivíduos de origens e contextos socioeconômicos diferentes), desenvolvendo quatro escalas principais: antissemitismo (AS), etnocentrismo (E), conservadorismo político-econômico (PEC) e fascismo (F). Conforme já destacado, o que mais interessa a esta pesquisa, contudo, não é replicar o complexo sistema de pontuação desenvolvido à luz das escalas de atitude de Thurstone ou Likert<sup>54</sup>, mas os valores em torno dos quais foram agrupadas as questões dentro da aplicação da escala de fascismo para aproximação entre personalidades fascistas e ideologia, conforme se discute de forma mais detalhada no próximo tópico.

---

<sup>54</sup> Entre as escalas de atitude adotadas em pesquisas científicas, a de Thurstone e a de Likert estão entre as mais utilizadas. Enquanto a escala de Thurstone é utilizada para medir uma provável atitude humana sem indicar a intensidade, a escala Likert é constituída por cinco itens que variam da total discordância até a total concordância, podendo medir o grau de intensidade (BERMUDES *et al.*, 2016).

### 3.4. O método do Grupo de Berkeley: técnicas e procedimentos de pesquisa

Para investigar os problemas apresentados nos tópicos iniciais deste capítulo, o Grupo de Berkeley precisou formular um conjunto complexo de procedimentos metodológicos que garantisse a observação das personalidades dos indivíduos em diferentes níveis, de modo que fosse possível identificar e cruzar dados relativos às atitudes que seriam próprias de cada sujeito potencialmente autoritário frente um conjunto de valores ou ideologia predominante. Sobre isso, Adorno *et al.* (1950) lembram que

O conceito de níveis da pessoa supunha um desafio metodológico particular, o que tornou necessário desenhar técnicas de pesquisa de opinião, atitudes e valores que estavam na superfície; técnicas para tornar explícitas tendências ideológicas que estavam mais ou menos inibidas e só emergiam em manifestações indiretas; e técnicas para trazer à luz as forças de personalidade que descansam no inconsciente (ADORNO *et al.*, 1950, p. 11-12, tradução livre)<sup>55</sup>.

Assim, para estudar os indivíduos, o Grupo de Berkeley lançou mão de entrevistas e técnicas clínicas especiais e para estudar os grupos, por sua vez, foram utilizados questionários formulados a partir da primeira etapa. A ideia foi permitir o diálogo entre os dados, possibilitando aos investigadores uma análise que extrapolasse a mera quantificação empírica de tendências predominantes nas personalidades singulares e/ou nas ideologias dos grupos.

Não pretendíamos que os estudos clínicos fossem tão completos e profundos como alguns que já tinham sido desenvolvidos, principalmente por psicanalistas, nem que os questionários fossem mais precisos que os utilizados até então pelos psicólogos sociais. Sem dúvida, esperávamos – e era, de fato, necessário para nossos objetivos – que o material clínico pudesse ser trabalhado de modo que permitisse ser quantificado e transferido aos estudos de grupo, e que os questionários pudessem ser aplicados sobre questões normalmente reservadas a estudos clínicos (ADORNO *et al.*, 1950, p. 12, tradução livre)<sup>56</sup>

De fato, o que Adorno *et al.* (1950) tentavam fazer era colocar os métodos da psicologia tradicional a serviço dos conceitos da Teoria da Personalidade, própria da psicanálise freudiana, tornando “mais suscetíveis de tratamento estatístico os fenômenos da ‘psicologia profunda’ e

---

<sup>55</sup> *A particular methodological challenge was imposed by the conception of levels in the person; this made it necessary to devise techniques for surveying opinions, attitudes, and values that were on the surface, for revealing ideological trends that were more or less inhibited and reached the surface only in indirect manifestations, and for bringing to light personality forces that lay in the subject's unconscious (ADORNO et al., 1950, p. 11-12).*

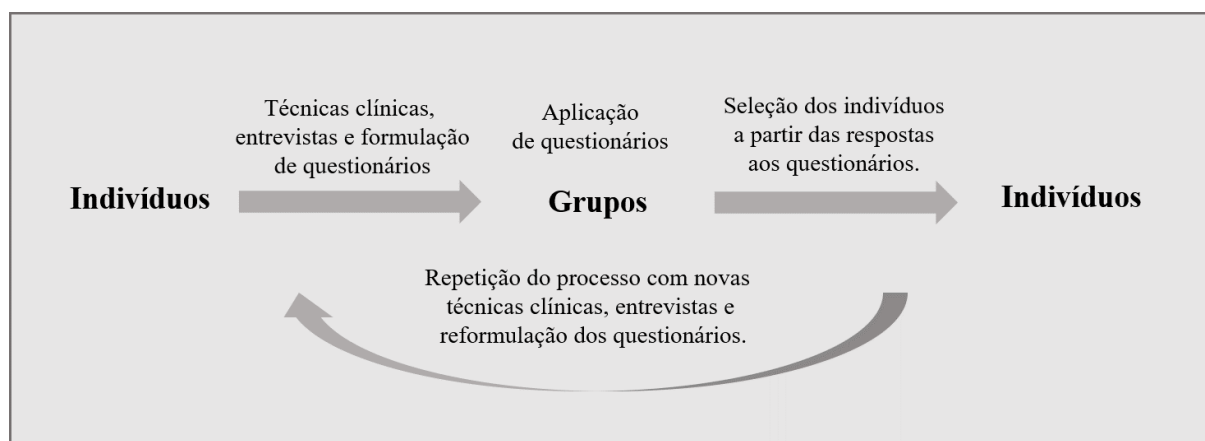
<sup>56</sup> *It was not expected that the clinical studies would be as complete or profound as some which have already been performed, primarily by psychoanalysts, nor that the questionnaires would be more accurate than any now employed by social psychologists. It was hoped, however – indeed it was necessary to our purpose – that the clinical material could be conceptualized in such a way as to permit its being quantified and carried over into group studies, and that the questionnaires could be brought to bear upon areas of response ordinarily left to clinical study (ADORNO et al., 1950, p. 12).*



mais psicologicamente significativas as pesquisas quantitativas de atitude e opinião” (ADORNO *et al.*, 1950, p. 12, tradução livre)<sup>57</sup>.

Esquemáticamente, pode-se explicar a abordagem metodológica desenvolvida nos estudos como um movimento de investigação que parte da observação dos indivíduos para o grupo e retorna para os próprios indivíduos, conforme ilustra a Figura 4.

**Figura 4.** Representação simplificada da dinâmica metodológica do Grupo de Berkeley.



**Fonte:** Elaboração própria a partir Adorno *et al.* (1950).

Sobre isso, Adorno *et al.* (1950) destacam que,

A fim de integrar os estudos clínicos e de grupo, ambos foram realizados em estreita conjunção. Quando nos concentramos no indivíduo, o objetivo era descrever em detalhes suas diretrizes de opinião, atitudes, valores e compreender os fatores dinâmicos subjacentes. E, com base nisso, desenhar perguntas significativas para os grupos. Quando nos concentramos no grupo, o objetivo era descobrir quais opiniões, atitudes e valores estavam unidos e quais padrões de fatores nas histórias de vida e situações atuais dos sujeitos eram comumente associados a cada constelação ideológica. Isso ofereceu uma base para selecionar indivíduos para um estudo mais aprofundado, prestando atenção, em primeiro lugar, àqueles indivíduos que exemplificaram padrões comuns, nos quais a existência de uma relação dinâmica entre os fatores correlacionados foi assumida (ADORNO *et al.* 1950, p. 12, tradução livre)<sup>58</sup>.

<sup>57</sup> [...] *doing to make "depth psychological" phenomena more amenable to mass-statistical treatment, and to make quantitative surveys of attitudes and opinions more meaningful psychologically* (ADORNO *et al.*, 1950, p. 12).

<sup>58</sup> *In the attempt to integrate clinical and group studies, the two were carried on in close conjunction. When the individual was in the focus of attention, the aim was to describe in detail his pattern of opinions, attitudes, and values and to understand the dynamic factors underlying it, and on this basis to design significant questions for use with groups of subjects. When the group was in the focus of attention, the aim was to discover what opinions, attitudes, and values commonly go together and what patterns of factors in the life histories and in the contemporary situations of the subjects were commonly associated with each ideological constellation; this afforded a basis on which to select individuals for more intensive study: commanding first attention were those*

Conforme já mencionado, os estudos sobre a personalidade autoritária contaram com a realização de 2099 entrevistas em uma mostra heterogênea que incluía “[...] estudantes universitários e de cursos de extensão, professores, trabalhadores sociais, militares, trabalhadores e trabalhadoras, mulheres e homens de classe média, membros de associações de trabalho voluntários, presos e pacientes psiquiátricos” (IBAÑEZ, 2006, p. 156-157, tradução livre)<sup>59</sup>. Contudo, restava saber quais eram os indivíduos passíveis de estudo (com potenciais personalidades autoritárias) nesses grupos tão diversos.

É nesse sentido que Adorno *et al.* (1950) destacam que, para estudar os indivíduos potencialmente antidemocráticos, primeiro é necessário identificá-los. Assim, buscando chegar até esses sujeitos, os estudiosos começam a pesquisa a partir da aplicação de um questionário para um grupo extenso de indivíduos, que o respondem anonimamente. Nesta primeira etapa, o material trouxe como conteúdo basicamente questões sobre o passado e o presente de cada respondente, bem como proposições antidemocráticas com as quais esses deveriam indicar o simples acordo ou desacordo (escala de Thurstone). Vale notar que ao contrário de Lazarsfeld, que tem o estudo das ações na recepção de massa como princípio e fim de sua pesquisa, Adorno e seus colaboradores trataram essa verificação da susceptibilidade a determinados conteúdos como apenas um passo inicial em seu extenso arcabouço metodológico.

Em um segundo momento, Adorno *et al.* (1950) prosseguiram com o estudo mediante a realização de outras entrevistas e a aplicação de técnicas clínicas aos indivíduos que mostraram um maior acordo com relação às proposições, aos que mostraram maior desacordo e, também, com aqueles tidos como os mais neutros. A partir das constatações desta etapa, revisaram o questionário, repetindo todo o processo novamente (conforme já ilustrado na Figura 4, p. 69).

A entrevista foi usada em parte como prova da validade do questionário, isto é, ofereceu uma base para avaliar se as pessoas que obtiveram os maiores índices antidemocráticos no questionário eram geralmente aquelas que, em uma relação de confiança com outra pessoa, expressaram sentimentos antidemocráticos com maior intensidade. No entanto, o mais importante foi que os estudos clínicos deram acesso aos fatores de personalidade mais profundos por trás da ideologia antidemocrática e sugeriram como investigá-los em larga escala. O aumento do conhecimento sobre as forças subjacentes, do qual o preconceito era uma expressão, trouxe consigo um maior

---

*who exemplified the common patterns and in whom it could be supposed that the correlated factors were dynamically related* (ADORNO *et al.* 1950, p. 12).

<sup>59</sup> [...] *estudiantes universitarios y de cursos de extensión, profesores, trabajadores sociales, militares, trabajadores y trabajadoras, mujeres y hombres de clase media, miembros de asociaciones de trabajo voluntario, presos y pacientes psiquiátricos* (IBAÑEZ, 2006, p. 156-157).

conhecimento de outros sinais ou manifestações pelas quais essas tendências poderiam ser reconhecidas (ADORNO *et al.*, 1950, p. 13, tradução livre)<sup>60</sup>.

Ibañez (2006) lembra que a utilização de questionários em uma fase pré-teste e a alteração desses em um segundo momento é uma das peculiaridades mais marcantes da pesquisa, sobretudo pela depuração e refinamento constante das escalas de atitude a partir da formulação de novas versões, todas reproduzidas e detalhadas em *The Authoritarian Personality*. Para ilustrar esse aperfeiçoamento com a repetição dos processos de entrevista e aplicação dos questionários, Ibañez (2006) lembra a mudança no número de questões das fases iniciais para a fase definitiva do processo em cada uma das escalas (Tabela 2):

**Tabela 2.** Questões iniciais e definitivas nas escalas aplicadas nos estudos de Berkeley.

	Questões iniciais	Questões definitivas
<b>Antissemitismo</b>	26	10
<b>Etnocentrismo</b>	34	20
<b>Conservadorismo</b>	16	5
<b>Fascismo</b>	76	38*

**Fonte:** Elaboração própria a partir de Ibañez (2006) e Adorno *et al.* (1950).

**Legenda:** (\*) Embora Ibañez (2006) indique que foram 44 as questões definitivas na escala de fascismo, o Grupo de Berkeley utilizou 38 questões nos estudos definitivos, conforme se detalha ao longo desse capítulo entre os subtópicos 3.4.1 e 3.4.9.

Conforme mencionado – e reiterando as ponderações de Ibañez (2006) –, as escalas utilizadas no estudo, efetivamente, foram quatro: antissemitismo (AS), etnocentrismo (E), conservadorismo político-econômico (PEC) e fascismo (F).

Ainda que atentando para o fato de que os judeus não foram os primeiros ou únicos perseguidos pelo regime nazifascista (e, por conseguinte, que as manifestações de

---

<sup>60</sup> *The interview was used in part as a check upon the validity of the questionnaire, that is to say, it provided a basis for judging whether people who obtained the highest antidemocratic scores on the questionnaire were usually those who, in a confidential relationship with another person, expressed antidemocratic sentiments with the most intensity. What was more important, however, the clinical studies gave access to the deeper personality factors behind antidemocratic ideology and suggested the means for their investigation on a mass scale. With increasing knowledge of the underlying trends of which prejudice was an expression, there was increasing familiarity with various other signs or manifestations by which these trends could be recognized (ADORNO *et al.*, 1950, p. 13).*

personalidades potencialmente autoritárias e fascistas têm em si a aversão também a outros grupos, como comunistas, negros, homossexuais e latino-americanos), faz-se necessário reconhecer que o antissemitismo é uma das mais notórias e evidentes marcas desse movimento. Logo, tomando a missão designada pelo Comitê Judeu (conforme já mencionado, financiador do estudo) e retomando os debates presentes em *Dialética do Esclarecimento* sobre o preconceito com o povo judeu, a primeira escala elaborada pelo grupo de Berkeley, mais precisamente por Levinson e Sanford, é justamente a de antissemitismo (AS).

Teixeira e Polo (1975) lembram que, posteriormente, a partir da determinação dos traços gerais que são próprios à orientação antissemita por Frenkel-Brunswik e Sanford, Levinson propõe a escala de etnocentrismo. A formulação dessa escala ocorre em consonância com a noção de que, por um lado, as atitudes antissemitas são apenas um dos traços das personalidades potencialmente fascistas e que, por outro, o termo "preconceito" não é inteiramente adequado para designar essa personalidade, visto que tem numerosos significados e conotações que poderiam, segundo autores, obscurecer ou distorcer as ideias que norteavam a pesquisa (ADORNO *et al.*, 1950, p. 102).

Para o Grupo de Berkeley, o termo "etnocentrismo" é preferível porque o seu significado tradicional se aproxima muito mais do que utilizavam ao falar de personalidades autoritárias ou fascistas.

Introduzido pela primeira vez e usado descritivamente por Sumner em 1906, o termo tinha o significado geral de provincianismo ou estreiteza cultural; significava uma tendência no indivíduo a ser "centrado na etnicidade", ser rígido em sua aceitação do culturalmente "semelhante" e em sua rejeição do "diferente" (ADORNO *et al.*, 1950, p. 102, tradução livre)<sup>61</sup>.

A concepção de etnocentrismo difere em vários aspectos importantes da noção usual de preconceito. Enquanto o preconceito é comumente visto como um sentimento de desagrado contra um grupo específico (como o caso do antissemitismo, da islamofobia e o racismo contra os negros, por exemplo); o etnocentrismo, por outro lado, refere-se a um estado de espírito relativamente consistente em relação aos "estrangeiros" e pertencentes a outros grupos. "O etnocentrismo refere-se às relações de grupo em geral; relacionando-se não apenas com os numerosos grupos para os quais o indivíduo tem opiniões e atitudes hostis, mas, de forma

---

<sup>61</sup> First introduced and used descriptively by Sumner in 1906, the term had the general meaning of provincialism or cultural narrowness; it meant a tendency in the individual to be "ethnically centered," to be rigid in his acceptance of the culturally "alike" and in his rejection of the "unlike" (ADORNO *et al.*, 1950, p. 102).

igualmente importante, com grupos para os quais ele está positivamente disposto e/ou alinhado” (ADORNO *et al.*, 1950, p. 102, tradução livre)<sup>62</sup>.

Adorno *et al.* (1950) lembram que o fato de forças políticas e econômicas desempenharem um papel vital no desenvolvimento do etnocentrismo, “[...] tanto em suas formas psicológicas institucionais quanto individuais” (ADORNO *et al.*, 1950, p. 151, tradução livre)<sup>63</sup>, não é mais questionado por cientistas sociais.

O Grupo de Berkeley pondera que, nas sociedades industriais modernas, a ideologia etnocêntrica tem sido utilizada por uma grande variedade de movimentos sociopolíticos que podem ser amplamente caracterizados como fascistas, reacionários, imperialistas, entre outros. Contudo, os autores alertam que o escopo dos estudos sobre a personalidade autoritária não é investigar diretamente os movimentos e estruturas sociais – monopólio, concentração de poder e riqueza, sindicatos trabalhistas, classe média decadente e assim por diante. Antes disso, estão preocupados “com as ideologias desses agrupamentos sociais, com a organização de ideologias no indivíduo e com alguns dos fatores responsáveis por esses amplos padrões ideológicos” (ADORNO *et al.*, 1950, p. 151, tradução livre)<sup>64</sup>. É nesse sentido que Adorno *et al.* (1950) propõem a escala de conservadorismo político-econômico, na qual buscavam estudar os comportamentos dos grupos conservadores e liberais nos Estados Unidos. A partir dos primeiros estudos, os autores sugerem que,

Enquanto as ideologias fascista e socialista-comunista (marxista) representam a extrema direita e esquerda, respectivamente, no que diz respeito à economia política e às relações grupais, nenhum ponto de vista encontrou até agora muito apoio ativo e aberto à cena política americana [...]. Existem evidências consideráveis que sugerem uma afinidade psicológica entre o conservadorismo e o etnocentrismo, o liberalismo e o anti-etnocentrismo. Em um estudo preliminar de Levinson e Sanford, o antissemitismo se correlacionou significativamente com a oposição a sindicatos e instituições socialistas (medicina socializada, propriedade governamental de empresas de serviços públicos, etc.). Além disso, os republicanos eram, em média, mais antissemitas que os democratas (ADORNO *et al.*, 1950, p. 152, tradução livre)<sup>65</sup>.

---

<sup>62</sup> *Ethnocentrism refers to group relations generally; it has to do not only with numerous groups toward which the individual has hostile opinions and attitudes but, equally important, with groups toward which he is positively disposed* (ADORNO *et al.*, 1950, p. 102).

<sup>63</sup> [...] *in both its institutional and individual psychological forms* (ADORNO *et al.*, 1950, p. 151).

<sup>64</sup> [...] *with the ideologies of these social groupings, with the organization of ideologies in the individual, and with some of the factors responsible for these broad ideological patterns* (ADORNO *et al.*, 1950, p. 151).

<sup>65</sup> *While fascist and socialist-communist (Marxist) ideologies represent the extreme right and left, respectively, with regard to political economy and group relations, neither point of view has as yet found much active, open support on the American political scene [...] There is considerable evidence suggesting a psychological affinity between conservatism and ethnocentrism, liberalism and anti-ethnocentrism. In a preliminary study by Levinson and Sanford, anti-Semitism correlated significantly with opposition to labor unions and socialistic institutions*

Por fim, os investigadores propõem a escala de fascismo (F), tendo essa última um duplo objetivo: “avaliação indireta do preconceito-etnocêntrico, sem referência a determinados grupos minoritários; e avaliação das disposições latentes, que tornam uma pessoa inclinada à concepção *fascista da vida*” (POLO; TEIXEIRA, 1975, p. 49, grifo dos autores).

Dentre as escalas desenvolvidas, interessa neste estudo, principalmente, a escala de fascismo. Ibañez (2006) lembra que ela é, entre as quatro, sem dúvidas a mais famosa e replicada em estudos dentro da psicologia e das ciências sociais. Nela, é mister ao objetivo da presente pesquisa observar os nove itens e/ou traços dentro dos quais se agrupam as 38 questões definitivas que a compõem. É a partir da compreensão do significado de cada um desses itens – que, de forma mais ampla, representam atitudes antidemocráticas típicas dos indivíduos fascistas (ou autoritários) – que se formula uma proposta de compreensão dos diferentes graus de autoritarismo presentes nos discursos produzidos e reproduzidos nas redes sociais online de nossa sociedade excitada (modelo proposto no tópico final deste capítulo).

Os itens propostos por Adorno *et al.* (1950) na escala de fascismo são convencionalismo; submissão autoritária; agressividade autoritária; antissubjetividade; superstição e estereotipia; poder e “dureza/rigidez”; destruição e cinismo; projeção; e obsessão com sexo e sexualidade. Examina-se de forma detida, a partir daqui, cada um deles.

3.4.1. Convencionalismo (rígida aderência ao convencional e aos valores estabelecidos), adesão aos valores de classe média

Adorno *et al.* (1950) pontuam que a rígida adesão àquilo que é convencional é uma das características frequentes que estão presentes nas personalidades potencialmente autoritárias identificadas, sendo uma atitude típica do burguês e da classe média. Teixeira e Polo (1975) lembram que indivíduos não convencionais são mais inclinados a serem livres de preconceito, enquanto indivíduos que cedem às pressões sociais externas pela continuidade daquilo que é “tradicional” ou “estabelecido” possuem maior dificuldade em aceitar o não igual ou a mudança. Contudo, a relação não pode ser descrita de maneira tão simplificada. Sobre isso, os autores de *The Authoritarian Personality* lembram:

É uma hipótese bem conhecida que a suscetibilidade ao fascismo é mais caracteristicamente um fenômeno de classe média, que está “na cultura” e, portanto,

---

(*socialized medicine, government ownership of utilities, etc.*). Also, Republicans were, on the average, more anti-Semitic than Democrats (ADORNO *et al.*, 1950, p. 152)..

que aqueles que mais se conformam com essa cultura serão os mais atingidos. Itens referentes à posse de valores convencionais foram incluídos na pesquisa para reunir dados sobre esta hipótese. Muitas das primeiras descobertas do presente estudo, no entanto, evidenciaram que o assunto não era tão simples [...], ficou claro que algumas pessoas convencionais eram preconceituosas, enquanto outras não eram preconceituosas (ADORNO *et al.*, 1950, p. 229-230, tradução livre)<sup>66</sup>.

Nesse sentido, Adorno *et al.* (1950) explicam que a diferença reside justamente no tipo de convencionalismo ao qual o indivíduo (e sua estrutura de personalidade) vai se agrupar. A mera defesa e/ou identificação com valores convencionais não significa necessariamente uma pré-disposição às ideias totalitárias. Uma vez que o indivíduo tenha sua consciência individual plenamente estabelecida, o mesmo comportamento que o leva a condenar mudanças comportamentais pode levá-lo a resistir à violência praticada contra grupos minoritários. Porém, existe um segundo tipo de convencionalismo, marcado pela identificação cega dos indivíduos com os valores convencionais estabelecidos externamente, pela ideologia que o grupo exerce como pressão. É nesse segundo tipo de convencionalismo – típico de uma sociedade administrada pelos *mass media* – em que o indivíduo abre mão de sua faculdade de julgar em nome de uma ideia externa sobre a qual não reflete, tornando-se mais próximo das atitudes antidemocráticas. A rigor, o indivíduo que segue esse tipo de convencionalismo mais extremo não possui sequer o compromisso com as ideias estabelecidas ou “tradicionais”, podendo migrar de orientação entre ideias radicalmente opostas conforme a determinação do grupo.

Se, por outro lado, a adesão aos valores convencionais é determinada pela pressão social externa contemporânea, se ela é baseada na adesão do indivíduo aos padrões dos poderes coletivos com os quais ele, por enquanto, é identificado, então devemos esperar uma estreita associação com a receptividade antidemocrática. É este último estado de coisas que desejamos chamar de convencionalismo – e de distinguir da mera aceitação de valores convencionais. O indivíduo convencionalista poderia, em sua consciência, seguir os ditames da agência externa onde quer que o levassem e, além disso, seria capaz de trocar totalmente um conjunto de padrões por outro completamente diferente (ADORNO *et al.*, 1950, p. 230, tradução livre)<sup>67</sup>.

---

<sup>66</sup> *It is a well-known hypothesis that susceptibility to fascism is most characteristically a middle-class phenomenon, that it is "in the culture" and, hence, that those who conform the most to this culture will be the most prejudiced. Items referring to the holding of conventional values were included in order to gather data bearing on this hypothesis. Many of the early findings of the present study, however, gave evidence that the matter was not quite so simple [...], it was clear that some conventional people were prejudiced while others were not (ADORNO *et al.*, 1950, p. 229-230).*

<sup>67</sup> *If, on the other hand, adherence to conventional values is determined by contemporary external social pressure, if it is based upon the individual's adherence to the standards of the collective powers with which he, for the time being, is identified, then we should expect a close association with antidemocratic receptivity. It is this latter state of affairs that we wish to call conventionalism – and to distinguish from mere acceptance of conventional values. The conventionalistic individual could in good conscience follow the dictates of the external agency wherever they*

Dentro desse item, as questões propostas por Adorno *et. al* (1950) para verificar as tendências autoritárias – conforme a concordância ou discordância dos grupos respondentes – foram as seguintes (a numeração segue em conformidade com a ordem em que foram apresentadas para os entrevistados):

- (Questão 12) A igreja moderna, com suas muitas regras e hipocrisias, não atrai a pessoa profundamente religiosa; apela principalmente ao infantil, ao inseguro e ao não-crítico.
- (Questão 19) Deve-se evitar fazer coisas em público que pareçam erradas para os outros, mesmo sabendo que essas coisas estão realmente corretas.
- (Questão 38) Há muita ênfase nas faculdades sobre tópicos intelectuais e teóricos, sem ênfase suficiente em questões práticas e nas virtudes caseiras da vida.
- (Questão 55) Embora o lazer seja uma coisa boa, é um bom trabalho árduo que torna a vida interessante e valiosa.
- (Questão 58) O que um homem faz não é tão importante, desde que o faça bem.
- (Questão 60) Quais dos seguintes pontos são os mais importantes para uma pessoa ter ou ser? Marque os três mais importantes: a) artístico e sensual; b) popular e com boa personalidade; c) se movimentar, ter determinação e força de vontade; d) visão social humanitária ampla; e) proximidade e boas maneiras; f) sensibilidade e compreensão; g) eficiência, praticidade, economia; h) intelectual e sério; i) expressividade emocional, calor, intimidade; j) bondade e caridade.

#### 3.4.2. Submissão autoritária (submissão acrítica perante a imposição moral de autoridades idealizadas dentro do grupo)

A atitude submissa acrítica nas relações com alguma autoridade externa (idealizada pelo grupo como uma espécie de guardião e/ou régua da moral) é uma das principais características do indivíduo antidemocrático ou potencialmente autoritário. Adorno *et al.* (1950) destacam que a concepção nazista de vida está intimamente ligada à dedicação e submissão exacerbada ao poder de alguma figura “forte” e autoritária do Estado. Contudo, ponderam que uma dificuldade para identificar essa característica está em diferenciar a mera admiração por figuras respeitáveis (o que se daria pelo julgamento das atitudes de determinado outrem a partir da própria

---

*might lead him and, moreover, he would be capable of totally exchanging one set of standards for another quite different one* (ADORNO *et al.*, 1950, p. 230).



consciência do indivíduo) dos processos de submissão acrítica (que são externos ao esquematismo do sujeito).

A tentativa foi de formular os itens de tal maneira que a concordância com eles indicaria não apenas um respeito realista e equilibrado pela autoridade válida, mas uma necessidade emocional exagerada e total de se submeter. Isso é indicado, ao que parece, pela concordância de que a obediência e o respeito pela autoridade são as virtudes mais importantes que as crianças deveriam aprender, que uma pessoa deveria obedecer sem questionar as decisões de um poder sobrenatural, e assim por diante (ADORNO *et al.*, 1950, p. 232, tradução livre)<sup>68</sup>.

Para isso, o Grupo de Berkeley tomou como hipótese que a submissão autoritária era comumente um modo de lidar com sentimentos ambivalentes em relação a figuras de autoridade (respeito, obediência, gratidão), sendo a origem desses sentimentos vinculada, principalmente, com a repressão da hostilidade que sentiam por autoridades internas (originalmente os pais, acusados de serem “injustos”, “egoístas”, dominadores”).

A submissão à autoridade – o desejo por um líder forte, a subserviência do indivíduo ao estado e assim por diante – tem sido tão frequentemente e, como nos parece, corretamente, estabelecida como aspecto importante do credo nazista que uma busca por correlatos de preconceito tinha naturalmente que levar em conta essa atitude. Essa atitude, de fato, foi tão regularmente mencionada em associação com o antissemitismo que foi particularmente difícil formular itens que expressassem a tendência subjacente e ainda fossem suficientemente livres de relações lógicas ou diretas para o preconceito – e não podemos afirmar que fomos totalmente bem-sucedidos. Referências diretas à ditadura e figuras políticas foram evitadas na maior parte, e a ênfase principal foi na obediência, respeito, rebelião e relações com a autoridade em geral. A submissão autoritária foi concebida como uma atitude muito geral que seria evocada em relação a uma variedade de figuras de autoridade – pais, pessoas idosas, líderes, poder sobrenatural e assim por diante (ADORNO *et al.*, 1950, p. 232, tradução livre)<sup>69</sup>.

Nesse sentido, as questões formuladas pelo Grupo de Berkeley para identificar tendências de uma submissão autoritária acrítica foram:

---

<sup>68</sup> *The attempt was made to formulate the items in such a way that agreement with them would indicate not merely a realistic, balanced respect for valid authority but an exaggerated, all-out, emotional need to submit. This would be indicated, it seemed, by agreement that obedience and respect for authority were the most important virtues that children should learn, that a person should obey without question the decisions of a supernatural power, and so forth (ADORNO et al., 1950, p. 232)*

<sup>69</sup> *Submission to authority – desire for a strong leader, subservience of the individual to the state, and so forth, have so frequently and, as it seems to us – correctly, been set forth as important aspects of the Nazi creed that a search for correlates of prejudice had naturally to take these attitudes into account. These attitudes have indeed been so regularly mentioned in association with anti-Semitism that it was particularly difficult to formulate items that would express the underlying trend and still be sufficiently free of logical or direct relations to prejudice – and we cannot claim to have been entirely successful. Direct references to dictatorship and political figures were avoided for the most part, and the main emphasis was on obedience, respect, rebellion, and relations to authority in general. Authoritarian submission was conceived of as a very general attitude that would be evoked in relation to a variety of authority figures – parents, older people, leaders, supernatural power, and so forth (ADORNO et al., 1950, p. 232).*

- (Questão 20) Um dos principais valores da educação progressista é que ela dá à criança grande liberdade de expressar os impulsos e desejos naturais tão frequentemente desaprovados pela sociedade convencional de classe média.
- (Questão 23) É de fato desprezível quem não sente amor eterno, gratidão e respeito por seus pais.
- (Questão 32) É essencial para o aprendizado ou o trabalho efetivo que nossos professores ou chefes descrevam detalhadamente o que deve ser feito e exatamente como proceder.
- (Questão 39) Toda pessoa deve ter uma fé profunda em alguma força sobrenatural mais elevada do que a si mesma, à qual ele dá lealdade total e cujas decisões ele não questiona.
- (Questão 43) Ciências como química, física e medicina levaram os homens muito longe, mas há muitas coisas importantes que nunca podem ser entendidas pela mente humana.
- (Questão 50) Obediência e respeito pela autoridade são as virtudes mais importantes que as crianças devem aprender.
- (Questão 74) O que este país precisa é de menos leis e agências, e líderes mais corajosos, incansáveis e devotados, em quem o povo possa confiar.
- (Questão 77) Nenhuma pessoa sensata, normal e decente jamais poderia pensar em ferir um amigo ou parente próximo.

#### 3.4.3. Agressividade autoritária (tendência a rechaçar/oprimir quem não se comporta de forma convencional)

De acordo com Adorno *et al.* (1950), o indivíduo que foi forçado a desistir dos prazeres básicos e a viver sob um sistema de restrições rígidas (sentindo-se, inclusive, atraído por esse sistema) vai se mostrar particularmente irritado com a ideia de que outras pessoas possam rejeitar a moral vigente no grupo. Para os pesquisadores, da mesma forma como a atração acrítica pelos superiores representa o componente masoquista do autoritarismo, a violência e o ódio direcionados àqueles que não se submetem às autoridades veneradas (ou que buscam comportamentos que fujam do convencional) é o componente sádico. “É de se esperar, portanto, que o convencionalista que não consegue fazer qualquer crítica real à autoridade tenha o desejo

de condenar, rejeitar e punir aqueles que violarem esses valores” (ADORNO *et al.*, p. 233, tradução livre)<sup>70</sup>.

Sobre a transformação do sadismo supramencionado em atos efetivos de violência sob a máscara de defesa da moral, Adorno *et al.* (1950) lembram que

Uma vez que o indivíduo tenha se convencido de que há pessoas que deveriam ser punidas, ele é provido de um canal através do qual seus mais profundos impulsos agressivos podem ser expressos, mesmo quando ele pensa em si mesmo como completamente moral. Se suas autoridades externas, ou a multidão, emprestarem sua aprovação a essa forma de agressão, então ela pode assumir as formas mais violentas, e pode persistir depois que os valores convencionais, em nome dos quais foram assumidos, tenham sido perdidos de vista (ADORNO *et al.*, p. 233, tradução livre)<sup>71</sup>.

Assim, as questões propostas por Adorno e seus companheiros para verificar os impulsos de agressividade autoritária foram:

- (Questão 6) É natural e certo que as mulheres sejam restringidas em certos caminhos que os homens têm mais liberdade.
- (Questão 23) É de fato desprezível quem não sente amor eterno, gratidão e respeito por seus pais [mesma questão do item submissão autoritária].
- (Questão 31) A homossexualidade é uma forma particularmente condenável de delinquência e deve ser severamente punida.
- (Questão 47) Nenhum insulto à nossa honra deve ficar impune.
- (Questão 75) Crimes sexuais, como estupro e ataques a crianças, merecem mais do que mera prisão; tais criminosos deveriam ser publicamente açoitados.

---

<sup>70</sup> *It is to be expected, therefore, that the conventionalist who cannot bring himself to utter any real criticism of accepted authority will have a desire to condemn, reject, and punish those who violate these values* (ADORNO *et al.*, p. 233).

<sup>71</sup> *Once the individual has convinced himself that there are people who ought to be punished, he is provided with a channel through which his deepest aggressive impulses may be expressed, even while he thinks of himself as thoroughly moral. If his external authorities, or the crowd, lend their approval to this form of aggression, then it may take the most violent forms, and it may persist after the conventional values, in the name of which it was undertaken, have been lost from sight* (ADORNO *et al.*, 1950, p. 232).

### 3.4.4. Antissubjetividade (anti-intracção, oposição ao subjetivo, ao imaginativo)

Adorno *et al.* (1950) rememoram que o termo “intracção” foi introduzido por Henry Murray<sup>72</sup> para representar “[...] o domínio de sentimentos, fantasias, especulações, aspirações – uma visão humana subjetiva e imaginativa” (ADORNO *et al.*, 1950, p. 235, tradução livre)<sup>73</sup>, sendo o oposto “extracção”, a tendência de descrever tudo a partir das condições físicas concretas e observáveis por meio de fatos tangíveis e objetivos. Contudo, os pesquisadores marcam que, mais do que a perspectiva oposta, os sujeitos com uma personalidade propensa ao autoritarismo teriam uma aversão profunda àqueles que nutrem uma visão imaginativa ou subjetiva, logo uma “anti-intracção” (ou antissubjetividade) e não apenas uma “extracção”.

O indivíduo extremamente anti-intracção tem medo de pensar sobre os fenômenos humanos porque, por assim dizer, poderia pensar os pensamentos errados; ele tem medo do sentimento genuíno porque suas emoções podem ficar fora de controle. Fora de contato com grandes áreas de sua própria vida interior, ele tem medo do que poderia ser revelado se ele ou outros olhassem atentamente para si mesmos. [...] Uma característica importante do programa nazista foi difamar tudo que tendia a tornar o indivíduo consciente de si e dos seus problemas; não só a psicanálise “judaica” foi rapidamente eliminada, mas todo tipo de psicologia, exceto o teste de aptidão, foi atacado. Essa atitude geral leva facilmente a uma desvalorização do humano e a uma supervalorização do objeto físico (ADORNO *et al.*, 1950, p. 235, tradução livre)<sup>74</sup>.

As questões propostas referentes à subjetividade são:

- (Questão 28) Novelas ou histórias que contam sobre o que as pessoas pensam e sentem são mais interessantes do que aquelas que contêm principalmente ação, romance e aventura.
- (Questão 38) Há muita ênfase nas faculdades sobre tópicos intelectuais e teóricos, não ênfase suficiente em questões práticas e nas virtudes caseiras da vida [mesma questão do item convencionalismo].

<sup>72</sup> Henry Alexander Murray (1893-1988) foi um psicólogo estadunidense. Dirigiu durante três décadas a universidade de Harvard e foi diretor da Clínica Psicológica de Harvard nos anos de 1930. Propôs o termo “intracção” em 1938 na obra *Explorations in Personality*.

<sup>73</sup> [...] *the dominance of feelings, fantasies, speculations, aspirations – an imaginative, subjective human outlook* (ADORNO *et al.*, 1950, p. 235).

<sup>74</sup> *The extremely anti-intracceptive individual is afraid of thinking about human phenomena because he might, as it were, think the wrong thoughts; he is afraid of genuine feeling because his emotions might get out of control. Out of touch with large areas of his own inner life, he is afraid of what might be revealed if he, or others, should look closely at himself. An important feature of the Nazi program, it will be recalled, was the defamation of everything that tended to make the individual aware of himself and his problems; not only was “Jewish” psychoanalysis quickly eliminated but every kind of psychology except aptitude testing came under attack. This general attitude easily leads to a devaluation of the human and an overevaluation of the physical object* (ADORNO *et al.*, 1950, p. 235).

- (Questão 53) Existem coisas que são muito íntimas ou pessoais para falar, mesmo com os amigos mais íntimos.
- (Questão 55) Embora o lazer seja uma coisa boa, é um bom trabalho árduo que torna a vida interessante e valiosa [mesma questão do item convencionalismo].
- (Questão 58) O que um homem faz não é tão importante, desde que o faça bem [mesma questão do item convencionalismo].
- (Questão 66) Livros e filmes não devem lidar tanto com o lado sórdido e obscuro da vida. Eles devem se concentrar em temas que são divertidos ou edificantes.

#### 3.4.5. Superstição e estereotípiia (adesão a explicações místicas)

A superstição é tomada pelos investigadores (ADORNO *et al.*, 1950) como a crença em determinantes místicos ou fantásticos externos como forças ativas no destino do indivíduo. A estereotípiia, por sua vez, é a disposição desse mesmo indivíduo (potencialmente autoritário) de se mostrar propenso a pensar em categorias rígidas, ou seja, em aceitar com conformidade sua situação a partir da atuação dessas forças externas.

Para exemplificar casos em que predomina a superstição ou estereotípiia, os pesquisadores de Berkeley citam o caso dos indivíduos da sociedade moderna que, mesmo sendo “inteligentes” ou “informados”, recorrem a explicações primitivas e simplificadoras para compreender os diferentes eventos humanos. A razão estaria no fato de que as explicações em conformidade com o real seriam carregadas de afeto e potencialmente geradoras de ansiedade, algo que o ego fraco de indivíduos potencialmente fascistas não aceitaria.

A superstição indica uma tendência a transferir a responsabilidade de dentro do indivíduo para forças externas além do controle de alguém; indica que o ego já poderia ter “desistido”, isto é, renunciado à ideia de que poderia determinar o destino do indivíduo superando as forças externas (ADORNO *et al.*, 1950, p. 236, tradução livre)<sup>75</sup>.

Ao todo, cinco perguntas foram designadas para verificar essas tendências:

- (Questão 2) Embora muitas pessoas possam zombar, ainda pode ser mostrado que a astrologia pode explicar muitas coisas.

---

<sup>75</sup> *Superstitiousness indicates a tendency to shift responsibility from within the individual onto outside forces beyond one's control; it indicates that the ego might already have “given up”, that is to say, renounced the idea that it might determine the individual's fate by overcoming external forces (ADORNO et al., 1950, p. 236).*

- (Questão 10) É mais do que uma coincidência o fato de o Japão ter tido um terremoto no Dia de Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1944.
- (Questão 39) Toda pessoa deve ter uma fé profunda em alguma força sobrenatural mais elevada do que a si mesma, à qual ela dá lealdade total e cujas decisões não questiona [mesma questão do item submissão autoritária].
- (Questão 43) Ciências como química, física e medicina levaram os homens muito longe, mas há muitas coisas importantes que nunca podem ser entendidas pela mente humana [mesma questão do item submissão autoritária].
- (Questão 65) É inteiramente possível que essa série de guerras e conflitos seja encerrada de uma vez por todas por um terremoto, inundação ou outra catástrofe destruidora do mundo.

#### 3.4.6. Poder e “dureza/rigidez” (interpretação de todas as relações a partir da força e do poder)

Adorno *et al.* (1950) lembram que a identificação com o poder e a superexposição de uma “dureza/rigidez” pode refletir uma fraqueza do ego, marcando o que descrevem como um “complexo de poder”. Existe, assim, para os indivíduos potencialmente autoritários, uma disposição para ver todas as relações entre as pessoas em termos de categorias como forte-fraco, dominante-submisso, líder-seguidor. Da mesma maneira que se submetem às figuras de poder, direcionam uma rigidez excessiva aos grupos localizados hierarquicamente em um nível inferior dentro das relações sociais.

E é difícil dizer com qual desses papéis o sujeito se identifica mais. Parece que ele quer ter poder e ao mesmo tempo tem medo de aproveitá-lo. Parece que ele também admira poder nos outros e está inclinado a se submeter a eles - e ao mesmo tempo tem medo da fraqueza implícita nesse ato [...]. Em suma, o complexo de poder contém elementos que são essencialmente contraditórios, e devemos esperar que às vezes uma característica e às vezes outra predomine no nível da superfície (ADORNO *et al.*, 1950, p. 237, tradução livre)<sup>76</sup>.

O Grupo de Berkeley destaca que o indivíduo com essa característica espera que, ao se submeter ao poder, possa participar dele. Por exemplo, um homem que relata que a experiência mais estimulante para ele seria “apertar a mão do Presidente” provavelmente encontra sua

---

<sup>76</sup> *And it is difficult to say with which of these roles the subject is the more fully identified. It appears that he wants to get power, to have it and not to lose it, and at the same time is afraid to seize and wield it. It appears that he also admires power in others and is inclined to submit to it - and at the same time is afraid of the weakness thus implied [...]. In short, the power complex contains elements that are essentially contradictory, and we should expect that sometimes one feature and sometimes another will predominate at the surface level (ADORNO *et al.*, 1950, p. 237)*

satisfação não apenas na submissão, mas na ideia de que parte do poder do líder foi passado para ele nesse gesto compartilhado, que o tornará uma espécie de intermediário de destaque entre o líder e os demais (ADORNO *et al.*, 1950).

Destarte, as questões elaboradas neste tópico são:

- (Questão 9) Muitas pessoas hoje estão vivendo de maneira não natural e suave. Devemos retornar aos fundamentos, a um modo de vida mais vigoroso.
- (Questão 35) Há algumas atividades tão flagrantemente antiamericanas que, quando as autoridades responsáveis não tomam as medidas apropriadas, o cidadão consciente deve fazer valer a lei pelas próprias mãos.
- (Questão 47) Nenhum insulto à nossa honra deve ficar impune [mesma questão do item agressividade autoritária].
- (Questão 70) Em uma extensão maior do que a maioria das pessoas percebe, nossas vidas são governadas por conspirações feitas em segredo por políticos.
- (Questão 74) O que este país precisa é de menos leis e agências, e líderes mais corajosos, incansáveis e devotados, em quem o povo possa confiar [mesma questão do item submissão autoritária].

#### 3.4.7. Destruição e cinismo (justificação de atos violentos a partir de valores universais)

Adorno *et al.* (1950) alertam que essa variável se refere à agressão racionalizada dos indivíduos, ou seja, às formas de agressão aceitas pelo ego e não-moralizadas. A suposição dos teóricos de Berkeley ao formularem as perguntas referentes à destruição e ao cinismo é de que um sujeito poderia expressar essa tendência concordando com afirmações que, embora completamente agressivas, foram expressas em termos que evitavam sua censura moral. Destarte, elaboraram itens que ofereciam justificativas para a agressão que, uma vez aceitos, indicavam o desprezo total pelo que é humano (e pela própria humanidade), além de uma ausência de alteridade que em última instância culminaria com formas totalitárias de violência. Isso ocorre quando o sentimento se torna aparentemente compartilhado com outros membros da comunidade:

[...] a hostilidade é tão generalizada, tão livre de direção contra qualquer objeto em particular, que o indivíduo não precisa se sentir responsável por ela. Outra concepção orientadora é de que uma pessoa pode expressar sua agressividade mais livremente

quando acredita que todos estão fazendo isso (ADORNO *et al.*, 1950, p. 239, tradução livre)<sup>77</sup>.

O questionário elaborado sobre destruição e cinismo foi composto com as seguintes questões:

- (Questão 3) A América está ficando tão distante do verdadeiro modo de vida americano que a força pode ser necessária para restaurá-lo.
- (Questão 9) Muitas pessoas hoje estão vivendo de maneira não natural e suave. Devemos retornar aos fundamentos, a um modo de vida mais vigoroso [mesma questão do item poder e dureza/rigidez].
- (Questão 14) Depois de acabarmos com os alemães e os japoneses, devemos nos concentrar em outros inimigos da raça humana, como ratos, cobras e germes.
- (Questão 17) Familiaridade gera desprezo e desdém.
- (Questão 24) Hoje tudo é instável; devemos estar preparados para um período de constantes mudanças, conflitos e convulsões.
- (Questão 30) Relatos de atrocidades na Europa têm sido muito exagerados para fins de propaganda.
- (Questão 35) Há algumas atividades tão flagrantemente antiamericanas que, quando as autoridades responsáveis não tomam as medidas apropriadas, o cidadão consciente deve fazer valer a lei pelas próprias mãos [mesma questão do item poder e dureza/rigidez].
- (Questão 42) Não importa como os homens agem nas aparências, eles estão interessados em mulheres por apenas um motivo.
- (Questão 56) Depois da guerra, podemos esperar uma onda de crimes; o controle de gângsteres e bandidos se tornará um grande problema social.
- (Questão 59) Sendo a natureza humana o que é, sempre haverá guerra e conflito.
- (Questão 67) Faz parte da natureza humana nunca fazer nada sem olhar para os próprios interesses.

---

<sup>77</sup> [...] *the hostility is so generalized, so free of direction against any particular object, that the individual need not feel accountable for it. Still another guiding conception was that a person can most freely express aggression when he believes that everybody is doing it* (ADORNO *et al.*, 1950, p. 239).



### 3.4.8. Projeção (transferência de sentimentos reprimidos no id)

Teixeira e Polo (1975) lembram que uma das categorias mais interessantes presentes nos estudos sobre a personalidade autoritária é a de projeção, que, em suma, consiste na transferência de problemas interiores da personalidade e do id para o mundo exterior (impulsos, tabus, fraquezas, temores).

O mecanismo de projeção foi mencionado em conexão com a agressão autoritária: os impulsos reprimidos do caráter autoritário tendem a ser projetados em outras pessoas que são, então, culpadas. A projeção é, portanto, um dispositivo para manter o id impulsionado pelo ego, e pode ser tomado como um sinal da inadequação do ego no desempenho de sua função. De fato, em certo sentido, a maioria dos itens da Escala F é projetiva: eles envolvem a suposição de que os julgamentos e as interpretações de fatos são distorcidos por impulsos psicológicos (ADORNO *et al.*, 1950, p. 240, tradução livre)<sup>78</sup>.

Com a investigação da projeção desenvolvida pelos indivíduos potencialmente autoritários, Adorno *et al.* (1950) buscam observar tendências mais profundas da personalidade. Isso porque, se o indivíduo antidemocrático está disposto a ver no mundo exterior impulsos que são reprimidos em si mesmo, uma forma eficiente de observar essas características é verificar as projeções que ele realiza no mundo ao seu redor.

As questões elaboradas neste item pelos teóricos são:

- (Questão 46) As orgias sexuais dos antigos gregos e romanos são coisas da escola maternal comparadas a alguns dos acontecimentos deste país hoje, mesmo em círculos onde as pessoas menos esperariam.
- (Questão 56) Depois da guerra, podemos esperar uma onda de crimes; o controle de gângsteres e bandidos se tornará um grande problema social [mesma questão do item poder e destruição e cinismo].
- (Questão 65) É inteiramente possível que essa série de guerras e conflitos seja encerrada de uma vez por todas por um terremoto, inundação ou outra catástrofe destruidora do mundo [mesma questão do item superstição e estereotipia].

---

<sup>78</sup> *The mechanism of projection was mentioned in connection with authoritarian aggression: the suppressed impulses of the authoritarian character tend to be projected onto other people who are then blamed out of hand. Projection is thus a device for keeping id drives ego-alien, and it may be taken as a sign of the ego's inadequacy in carrying out its function. Indeed, in one sense most of the items of the F scale are projective: they involve the assumption that judgments and interpretations of fact are distorted by psychological urges* (ADORNO *et al.*, 1950, p. 240).

- (Questão 70) Em uma extensão maior do que a maioria das pessoas percebe, nossas vidas são governadas por conspirações feitas em segredo por políticos [mesma questão do item poder e dureza/rigidez].
- (Questão 73) Hoje em dia, quando tantos tipos diferentes de pessoas se movimentam tanto e se misturam tão livremente, uma pessoa tem que ter um cuidado especial para se proteger contra infecções e doenças.

#### 3.4.9. Obsessão com sexo e sexualidade (vigilância constante do corpo do outro)

A atitude exageradamente preocupada e obsessiva com relação ao sexo e à sexualidade dos demais é a última das características apontadas por Adorno *et al.* (1950) como próprias de indivíduos potencialmente fascistas. As questões designadas para apontar essa condição são as mesmas que permitem constatar a agressividade autoritária e a projeção. Segundo os autores:

Este é um exemplo da interação próxima de todas as variáveis presentes; uma vez que, tomadas em conjunto, constituem uma totalidade, uma única questão pode pertencer a dois ou mais aspectos do todo. Para fins de análise, o sexo pode ser abstraído da totalidade, assim como de qualquer outra variável (ADORNO *et al.*, 1950, p. 240, tradução livre)<sup>79</sup>.

De acordo com os pesquisadores de Berkeley, a forte inclinação dos indivíduos potencialmente autoritários para punir grupos que são considerados como violadores de costumes sexuais (os homossexuais, por exemplo) é *a priori* expressão de uma atitude baseada na identificação com autoridades internas, mas também sugere que os próprios desejos sexuais do sujeito em questão são suprimidos e correm o risco de escapar. Isso porque a tendência geral desses indivíduos em distorcer a realidade através da projeção dificilmente se manifestaria se o sujeito não tivesse os mesmos impulsos fortemente ativos em seu inconsciente. Assim, as questões formuladas para verificar o item foram:

- (Questão 31) A homossexualidade é uma forma particularmente condenável de delinquência e deve ser severamente punida [mesma questão do item agressividade autoritária].
- (Questão 42) Não importa como os homens agem nas aparências, eles estão interessados em mulheres por apenas um motivo [mesma questão do item destruição e cinismo].

---

<sup>79</sup> *This is an example of the close interaction of all the present variables; since, taken together they constitute a totality, it follows that a single question may pertain to two or more aspects of the whole. For purposes of analysis, sex may be abstracted from the totality as well as any of the other variables (ADORNO et al., 1950, p. 240).*

- (Questão 46) As orgias sexuais dos antigos gregos e romanos são coisas da escola maternal comparadas a alguns dos acontecimentos deste país hoje, mesmo em círculos onde as pessoas menos esperariam [mesma questão do item projeção].
- (Questão 75) Crimes sexuais, como estupro e ataques a crianças, merecem mais do que mera prisão; tais criminosos deveriam ser publicamente açoitados [mesma questão do item agressividade autoritária].

### 3.5. Conclusões de Berkeley e principais críticas

Retomando os resultados da pesquisa, Ibañez (2008) resume as principais conclusões dos estudos realizados em Berkeley em quatro principais núcleos argumentativos. São eles:

- As vidas familiar e interpessoal constituem ambientes privilegiados para a formação de personalidades autoritárias ou tolerantes.
- O autoritarismo e a intolerância não são doenças que podem ser curadas ou não, mas estão inseridas em toda a sociedade e pertencem a ela como características sociológicas.
- A educação em seu sentido mais amplo (escolar, religiosa, política) e as políticas governamentais são percebidas pelos indivíduos como propostas superiores e podem colidir com as mudanças de orientação de cada personalidade. Nesse sentido, o modelo pedagógico adotado na educação pública é determinante para fortalecer a democracia ou a intolerância.
- Dado que o perfil declaradamente antidemocrático não é a tendência dominante nos Estados Unidos, faz-se necessário supor que, ao invés de seguir acriticamente os preconceitos e convencionalismos por rotina (porque “sempre foi assim”), a sociedade abraçaria os debates sobre a tolerância e o diálogo, desde que esse caminho fosse mais gratificante.

De fato, para Adorno *et al.* (1950) o resultado mais relevante dos estudos sobre a personalidade autoritária é a demonstração de que existe uma estreita correspondência entre a perspectiva de mundo adotada pelo sujeito e uma variedade de tópicos, desde os aspectos mais íntimos da vida familiar e sexual de cada indivíduo até os seus relacionamentos com as outras pessoas de uma forma geral, a religião e a política. Dessa forma, os autores exemplificam lembrando que uma relação entre pai e filho que seja fundamentalmente hierárquica, autoritária e exploradora pode levar a uma atitude do filho marcada pela dependência, exploração e desejo

de dominar os demais. Isso ocorre tanto no âmbito privado como nas relações sociais de forma mais ampla, através de visões antagônicas e/ou dicotômicas sobre comportamentos sexuais e valores morais, obediência ao poder e uso da força, liberdade individual e deveres perante o coletivo, entre outros. É a manifestação daquilo que está ativo, mas reprimido, uma projeção de si naquilo que é tido como “defeituoso” ou “impróprio” no outro:

O convencionalismo, a rigidez, a negação repressiva e o conseqüente surgimento de sua própria fraqueza, medo e dependência são apenas diferentes aspectos do mesmo padrão básico de personalidade, e pode ser observado tanto na vida pessoal e em atitudes em relação a religião e questões sociais (ADORNO *et al.*, 1950, p. 971, tradução livre)<sup>80</sup>.

Por outro lado, ponderam os estudiosos, existe um padrão caracterizado principalmente por relações interpessoais afetivas, basicamente igualitárias e tolerantes (ADORNO *et al.*, 1950). Esse padrão engloba atitudes dentro da família e em relação ao sexo oposto, bem como uma internalização de valores religiosos e sociais que permitem uma maior flexibilidade, culminando com a formação de indivíduos mais democráticos.

Contudo, os pesquisadores alertam para a relação dialética que marca os dois tipos de comportamento identificados (autoritário e democrático):

No entanto, esses dois tipos opostos de abordagem não podem ser considerados desiguais em termos absolutos. Surgem como resultado da análise estatística e, portanto, devem ser considerados como síndromes produzidas por fatores correlatos e ligados por relações dinâmicas. Essas síndromes consistem em um conjunto de sintomas que muitas vezes estão ligados, mas que deixam espaço para variações em suas características específicas [...]. Entretanto, nossos sujeitos preconceituosos formam juntos um grupo mais homogêneo do que aqueles que não são. Entre estes últimos, encontramos uma grande variedade de personalidades, muitas das quais, pelo menos aparentemente, não mostram nada mais em comum do que a falta de um tipo particular de hostilidade (ADORNO *et al.*, 1950, p. 971-972, tradução livre)<sup>81</sup>.

Uma última conclusão dos pesquisadores de Berkeley diz respeito à limitação do próprio estudo, uma vez que optaram em realizar um trabalho aprofundado, a fim de identificar e descrever as categorias para novas empreitadas, buscando compreender a constituição das

---

<sup>80</sup> *Conventionality, rigidity, repressive denial, and the ensuing break-through of one's weakness, fear and dependency are but other aspects of the same fundamental personality pattern, and they can be observed in personal life as well as in attitudes toward religion and social issues* (ADORNO *et al.*, 1950, p. 971).

<sup>81</sup> *However, the two opposite types of outlook must by no means be regarded as absolutes. They emerge as a result of statistical analysis and thus have to be considered as syndromes of correlating and dynamically related factors. They consist in accumulations of symptoms frequently found together but they leave plenty of room for variations of specific features [...]. Our prejudiced subjects, however, are on the whole more alike as a group than are the unprejudiced. The latter include a great variety of personalities; many, on the surface at least, have no more extreme variants in common than the absence of a particular brand of hostility* (ADORNO *et al.*, 1950, p. 971-972).

personalidades potencialmente autoritárias nos grupos de indivíduos estudados, e não propriamente uma pesquisa extensiva, que se pretendesse em algum momento decisiva ou definitiva sobre a questão.

Naturalmente, toda essa abordagem está sujeita à limitação geral derivada das características de nossa amostra de indivíduos. Pensamos que um estudo sobre um tema de tão grande significado social merece uma base estatística comparável às das pesquisas de opinião nacionais. No nosso caso, preferimos realizar um estudo mais profundo do que extensivo. Apesar do fato de que parte desta pesquisa foi realizada em mais de dois mil indivíduos, o objetivo principal era investigar os padrões subjacentes de fatores, ao invés da representatividade exaustiva de toda a população. Expandir a base empírica nesse sentido, indubitavelmente, levaria à reformulação de muitos itens do questionário e revisões técnicas. De fato, somente um estudo verdadeiramente representativo possibilitaria quantificar o preconceito em nossa cultura, determinar a validade geral dos fatores de personalidade que influenciam e foram delineados neste livro e avaliar as várias possibilidades de sobreposição entre os dois padrões que nós descrevemos (ADORNO *et al.*, 1950, p. 972-973, tradução livre)<sup>82</sup>.

Ibañez (2008) pondera que, após a publicação, os estudos sobre a personalidade autoritária rapidamente ganharam evidência nos debates acadêmicos nos Estados Unidos. Apesar dos apontamentos dos autores, a pesquisa recebeu algumas críticas sobre a metodologia (conforme apresentado ao longo deste capítulo, uma composição de questionários e técnicas clínicas formulados a partir de discussões da psicologia, da psicanálise e das ciências sociais).

As principais críticas dizem respeito a uma suposta falta de imparcialidade dos autores na formulação das escalas e dos questionários e na realização das entrevistas, que teriam certa cumplicidade com o posicionamento político dos autores; com a identificação exclusiva do autoritarismo com o fascismo, omitindo uma possível relação entre as práticas autoritárias e a esquerda; o excesso de generalizações não justificadas; a definição de atitudes políticas como características permanentes da personalidade e não como aspectos da ordem social; e o uso excessivo de técnicas psicanalíticas (IBÁÑEZ, 2008).

---

<sup>82</sup> *All this is, of course, subject to the over-all limitation which lies in the character of our sample of subjects. It is our opinion that a study of a topic of such crucial social significance could well deserve to be conducted on a statistical basis comparable to that of nation-wide opinion polls. The presente study has chosen to be an intensive rather than an extensive one. In spite of the fact that part of it has been conducted with subjects numbering over two thousand, its major aim is penetration into underlying patterns of factors rather than exhaustive representativeness in covering the entire population. Broadening of the factual basis in this respect undoubtedly will lead to reformulation of many specific questionnaire items and technical revisions. Actually, only in a truly representative study would it become possible to appraise quantitatively the amount of prejudice in our culture, to determine the general validity of the personality correlates outlined in this volume, and to assess the various possibilities of a mutual overlapping of the two major patterns that we have described (ADORNO *et al.*, 1950, p. 972-973).*

No que tange à ideia de uma ausência de imparcialidade do investigador, vale ressaltar que a postura “adorniana” que norteia os trabalhos coletivos de investigação das personalidades autoritárias é a mesma consagrada pelo autor em seus demais escritos, marcando uma oposição radical à ideia de uma abordagem positivista na investigação social. Logo, ao conferir primazia ao objeto, torna-se inviável esperar uma atitude de neutralidade, visto que essa traz consigo a premissa de superioridade ao objeto observado. Assim, não se trata de um demérito, mas de um dos muitos méritos da pesquisa desenvolvida em Berkeley.

Sobre o uso de autoritarismo como sinônimo para fascismo, vale notar que a correlação – também tomada nesta tese – surge a partir das entrevistas e das observações dos próprios dados, que mostram que as ideias próprias ao fascismo são intimamente relacionadas com os pensamentos autoritários. Contudo, ainda que este trabalho trate autoritarismo e fascismo como sinônimos, em respeito às críticas dirigidas a Adorno *et al.* (1950), redobra-se a atenção sobre a manifestação de traços da personalidade autoritária em discursos produzidos pela esquerda, ainda que se siga defendendo que a base ideológica que os compõe encontra sua gênese e sustentação nos discursos nazifascistas da extrema-direita.

Por fim, sobre o excesso de generalizações, o estudo do comportamento político a partir da personalidade e o excesso de ferramentas psicanalíticas, cabe reforçar que a defesa antecede as críticas, vez que Adorno *et al.* (1950) já antecipam sua mea-culpa sobre o caráter inovador – do ponto de vista metodológico – do projeto. Destarte, novamente se defende que essa experimentação surge como mérito e não demérito dos estudos realizados, pois, mais do que os resultados (generalizáveis ou não), são as categorias analíticas que fundamentam o conjunto de técnicas aplicadas nos estudos sobre a personalidade autoritária (ainda que nesta tese sejam excluídas as análises clínicas e os questionários) a grande contribuição do Grupo de Berkeley.

Assim, tomando a conclusão de que os comportamentos autoritários que a personalidade potencialmente fascista manifesta estão presentes tanto no âmbito do privado como nas relações sociais, bem como a impossibilidade de ampliar os estudos apontada pelos próprios pesquisadores – que, conforme supramencionado, preferiram uma abordagem mais profunda do que extensiva –, tomam-se nesta tese as categorias propostas por Adorno *et al.* (1950) como caminho viável para identificação de padrões discursivos alinhados com um discurso manifesto que só é esperado de personalidades potencialmente fascistas. É a partir da aplicação do modelo proposto com base nessas nove categorias que se desenvolve a análise empírica e hermenêutica presente no próximo capítulo.

### 3.6. Categorias aplicadas ao estudo nas redes sociais *online*

A apropriação e adoção das nove categorias que nortearam os estudos sobre a personalidade autoritária se dá de maneira direta no presente trabalho. Assim, considerando a necessidade de se estudar a manifestação de personalidades potencialmente fascistas nas redes sociais *online*, bem com a impossibilidade da aplicação dos questionários ou de se realizar entrevistas clínicas com esses sujeitos, a apropriação dos escritos de Adorno *et al.* (1950) se dá a partir da adaptação das categorias como eixos semânticos para uma análise hermenêutica dos discursos produzidos sob a forma de manifestações escritas pelos indivíduos nos espaços de comentários nas redes sociais. Nesse sentido, buscou-se observar no *corpus* selecionado para esta pesquisa a presença de elementos que identificassem convencionalismo; submissão autoritária; agressividade autoritária; antissubjetividade; superstição e estereotipia; poder e “dureza/rigidez”; destruição e cinismo; projeção; e obsessão com sexo e sexualidade. Para isso, optou-se por realizar um movimento de ida e vinda constante entre as 38 perguntas formuladas pelos pesquisadores a partir das categorias e os textos analisados. Isso porque foi consoante a essas questões que se estabeleceram alguns eixos semânticos e/ou valores descritores que atuaram como mediadores da análise. Para isso, desenvolveu-se a Tabela 3, apresentada a seguir.

**Tabela 3.** Eixos semânticos de investigação a partir das nove características centrais das personalidades autoritárias.

<b>Características principais</b>	<b>Eixos semânticos/valores descritores de análise</b>
<b>i) convencionalismo</b>	Defesa da tradição (seja ela “religiosa”, “política”, “familiar”, “moral”). Romantismo.
<b>ii) submissão autoritária</b>	Defesa/idealização incondicional de um líder/mártir a ser seguido.
<b>iii) agressividade autoritária</b>	Imposição de “valores morais” idealizados como justificativa para uma atitude violenta. Defesa da violência como prática necessária para algum fim. Hostilidade aos grupos diferentes.
<b>iv) antissubjetividade</b>	Indisposição ao debate. Defesa de fins práticos frente à reflexão teórica e/ou situações imaginativas/fantasias. Pragmatismo exagerado.

<b>v) superstição e estereotipia</b>	Aceitação de explicações místicas para questões da ordem humana (“Deus”, “destino”) e determinação de categorias inflexíveis a partir desses valores (ex. “Deus fez o homem e a mulher, portanto são os únicos gêneros aceitos”).
<b>vi) poder e “dureza/rigidez”</b>	Defesa de relações sociais sempre baseadas no exercício rígido do poder. Defesa de práticas rígidas como solução para as diversas questões. A miséria, a violência e a exploração são sempre culpa da fraqueza daquele que tem seus direitos violados.
<b>vii) destruição e cinismo</b>	Desenvolvimento de sofismas a fim de justificar moralmente práticas de violência e destruição que são incompatíveis com os valores universais que sustentam sua posição frente ao mundo (violência em nome da defesa de “Deus” e da “família”).
<b>viii) projeção</b>	Transferências de impulsos reprimidos no id (morais, sexuais, de fraqueza) para os demais membros da sociedade (normalmente manifestas através da insistência e/ou exaltação exacerbada de determinados tópicos).
<b>ix) obsessão com sexo e sexualidade</b>	Compulsão generalizada em associar comportamentos e fatos aos “desvios sexuais” ou “práticas sexuais inapropriadas” do outro. Vigilância constante perante a sexualidade do outro.

**Fonte:** Elaboração própria a partir de Adorno *et al.* (1950).

Contudo, faz-se fundamental destacar que utilização da tabela acima como método dentro de uma análise hermenêutica permite a identificação apenas das características da personalidade fascista manifestas no nível da superfície, ou seja, apenas aqueles posicionamentos antidemocráticos explícitos no campo discursivo, os quais os indivíduos parecem não ter nenhum tabu ou dificuldade em relatar. Assim, é importante observar que

Opiniões, atitudes e valores, como os concebemos, são expressos mais ou menos abertamente em palavras. Psicologicamente, eles estão na superfície. Deve-se reconhecer, no entanto, que quando se trata de questões carregadas de afetos [...] o grau de abertura com o qual a pessoa fala dependerá da situação [...]. O que as pessoas dizem, e em menor grau, o que efetivamente pensam, depende em larga escala do clima de opinião no qual vivem [...]. Se há um aumento significativo de propaganda



antidemocrática, podemos esperar que algumas pessoas a aceitem e repitam imediatamente (ADORNO et al., 1950, p. 3-4, tradução livre)<sup>83</sup>

Porém, para os objetivos da presente pesquisa, o modelo se mostra válido, seja porque a constatação de traços das personalidades potencialmente fascistas no nível da superfície já ajuda a diagnosticar a semiformação dos indivíduos, seja porque [infelizmente] o “clima de opinião” hodierno é favorável à manifestação de pensamentos antidemocráticos, sendo, portanto, útil identificar esses comportamentos que em outras situações repousariam reprimidos nessas personalidades.

Logo, a partir da definição de um *corpus* de pesquisa relevante e da coleta dos textos a serem analisados, utilizaram-se as categorias estudadas como métrica para avaliação do enquadramento ou não dos diferentes comentários como manifestações potencialmente fascistas. Assim, a pesquisa descrita no capítulo seguinte é fruto de um processo desmembrado em cinco etapas distintas: discussão teórica (distribuída entre as partes 1 e 2 desta tese, onde buscou-se teorizar o jornalismo como uma antifilosofia, vinculando-o como principal produto semiformativo da indústria cultural dentro da sociedade excitada), composição do método (presente neste capítulo, onde foram adaptadas as categorias da personalidade autoritária à análise desenvolvida dentro das redes sociais *online*) e pesquisa empírica (coleta e análise de dados consoante à teoria e ao método propostos).

Conforme descrito na Parte 1, foram selecionadas as *fanpages* no *Facebook* das revistas *Veja* e *Carta Capital* como espaço de coleta do *corpus*, sendo a cobertura do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff o pano de fundo escolhido para a análise desenvolvida no próximo capítulo.

---

<sup>83</sup> *Opinions, attitudes, and values, as we conceive of them, are expressed more or less openly in words. Psychologically they are on the surface. It must be recognized, however, that when it comes to such affect [...] the degree of openness with which a person speaks will depend upon the situation [...]. What people say and, to a lesser degree, what they really think depends very largely upon the climate of opinion in which they are living [...]. If there should be a marked increase in antidemocratic propaganda, we should expect some people to accept and repeat it at once* (ADORNO et al., 1950, p. 3-4).

#### **PARTE 4. [ANÁLISE]**

### **PERSONALIDADES POTENCIALMENTE FASCISTAS ENTRE OS LEITORES DE *VEJA E CARTA CAPITAL***

“[...] metam a borracha mesmo sem pena” (comentário publicado no *Facebook* de *Carta Capital*).

#### 4.1. A história do golpe contada pelas revistas *Veja* e *Carta Capital*

A revista *Veja* nasceu em 1968 como uma das maiores apostas da Editora Abril, grupo criado pelo estadunidense Victor Civita na década de 1950. O projeto inicial foi dirigido por Mino Carta e, até que chegasse às bancas, contou com a realização de 14 edições-piloto. De lá para cá, entre sucessos e infortúnios, a publicação se tornou supostamente a de maior circulação no país e, ao mesmo tempo, uma espécie de paradoxo na sociedade brasileira. Declaradamente liberal – e maior expoente da posição política defendida pelos Civita e pela Abril (hoje o segundo maior conglomerado de mídias no Brasil) –, em seus 50 anos de história a *Veja* contou com alguns dos grandes nomes do jornalismo tupiniquim em sua redação, responsáveis por ilustrar suas páginas com personalidades históricas, mas acabou se tornando sinônimo de “anti-jornalismo” e conservadorismo para muitos (MAKHOUL, 2009).

O declínio na credibilidade da revista é marcado, principalmente, a partir da ascensão da esquerda ao comando do Executivo com o ex-metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva, em 2002, fato que levou a *Veja* a acentuar a adoção de um tom conservador ultrarradical em suas páginas, deixando de lado em muitos momentos o jornalismo – ainda que dentro do modelo liberal – para se transformar em um verdadeiro pasquim de extrema-direita, que passou a basear suas coberturas mais no descompasso de ilações e factoides criados como publicidade negativa às ideias progressistas do que propriamente na cobertura jornalística (MAKHOUL, 2009).

Do outro lado da esteira, encontra-se a revista *Carta Capital*, idealizada em 1994 pelo ex-diretor da *Veja*, Mino Carta, em parceria com os ex-companheiros de *IstoÉ*, Bob Fernandes, Nelson Letaif e Wagner Carelli. Primeiro direcionada à cobertura econômica e, posteriormente, política, apenas a partir de 2001 a *Carta Capital* passou a ser editada semanalmente, tornando-se um periódico destinado à análise da cultura, política e economia.

Na contramão da *Veja*, nas eleições de 2002 e 2006, com Lula, e 2010 e 2014, com Dilma Rousseff, a *Carta Capital* declarou abertamente, através de editoriais assinados por Mino Carta, seu apoio ao Partido dos Trabalhadores (PT), o que não significou um afrouxamento perante o compromisso com a cobertura jornalística crítica da gestão realizada pela esquerda no poder, mas lhe rendeu questionamentos dos segmentos mais conservadores que apontaram a publicação como uma espécie de espelho à esquerda da *Veja*.

Durante o desdobramento do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff – do discurso embaraçoso do senador tucano Aécio Neves, derrotado nas eleições de 2014, aos primeiros

desdobramentos do golpe, com a chantagem e o acolhimento da denúncia pelo ex-deputado federal Eduardo Cunha, preso por corrupção em 2016 –, o tom das coberturas desenvolvidas pelas revistas supramencionadas é o retrato da polarização que marcou o Brasil, não apenas entre esquerda e direita como muitos acreditam, mas entre a elite e o poder econômico associados com o capital internacional (financiadores do golpe jurídico-midiático-parlamentar) e os movimentos sociais de base que, críticos ou não ao governo petista, visavam a defesa do Estado Democrático de Direito.

Uma sucinta análise das capas das revistas *Veja* e *Carta Capital* na semana que sucedeu a confirmação do golpe já traz os traços necessários para a compreensão da diferença no tom que marcou as coberturas. Ao passo que a *Veja* acabou se tornando uma espécie de caricatura grotesca e exagerada do tom golpista que prevaleceu de forma mais ampla na mídia hegemônica brasileira (GONÇALVES, 2018), a *Carta Capital* buscou construir um posicionamento a contrapelo da tendência dominante, conforme ilustra a Figura 5.

**Figura 5.** Capas publicadas pelas revistas *Veja* e *Carta Capital* após o golpe de 2016.



**Fonte:** Reprodução *Veja* e *Carta Capital*.

Nas edições da semana mencionada, enquanto *Veja* trouxe a chancela “Edição Histórica”, celebrando de certa forma um momento que – ainda que fosse legítimo – deveria ser de consternação pela crise política no país, *Carta Capital* adotou um tom mais sóbrio,

sugerindo um “cheiro” de golpe, mas sem cravar nenhum elemento comprobatório na capa. Na verdade (e aqui arriscando uma aligeirada análise semiótica – nem tão peirciana, nem tão greimasiana), nota-se que as imagens que estampam as capas, mais do que os elementos textuais (esses, aliás, praticamente ausentes em *Veja*) trazem valores opostos sobre o momento. Enquanto *Carta Capital* opta por mostrar um retrato da presidenta deposta em primeiro plano, com um olhar fixo, como se ela encarasse o golpe de frente, ainda que com um semblante triste, com a cabeça erguida (como o fez em todas as sessões fraudulentas no Congresso, aliás), *Veja* traz como mote principal de sua capa (ilustrada com cores quentes e formas que aludem aos movimentos de esquerda) a ilustração de um oxímetro que destaca como valor a “morte” do Partido dos Trabalhadores, formando em conjunção com a chancela “Edição Histórica” uma ideia de “celebração” para o que seria o fim do PT no Brasil. Já a foto de Rousseff em *Carta Capital*, quando em conjunção com o texto pronunciado pela presidenta (“Já sofri a dor da tortura, já passei pela dor aflitiva da doença e hoje sofro a dor igualmente inominável da injustiça”) e com a chancela “especial: o cheiro do golpe”, acaba por evocar como valor principal uma sensação de “injustiça”, marcando um posicionamento claramente contrário ao rompimento democrático.

É fato que o objetivo desta tese não é estabelecer um paralelo entre as revistas, tampouco desenvolver uma análise semiótica das capas ou dos conteúdos publicados nas mesmas sobre o golpe, tarefas essas já desenvolvidas com primazia por comunicólogos, semioticistas e analistas do discurso. Conforme explicitado ao longo das três partes que introduzem e fundamentam esta análise, o objetivo aqui é, antes, verificar a presença de traços de um discurso indicativo de personalidades potencialmente autoritárias ou fascistas nos comentários realizados pelo público de ambas nas páginas oficiais dessas publicações no *Facebook*. Em última instância, pretende-se a partir da retomada dos conceitos estruturantes desta tese – indústria cultural, jornalismo como antifilosofia e sociedade excitada – discutir quais possíveis relações e/ou implicações do tipo de jornalismo praticado pelas revistas (hegemônico ou, potencialmente, contra-hegemônico) frente ao predomínio de determinado tipo de comportamento dos leitores em suas redes *online*.

Conforme se destacou na introdução deste trabalho, durante o refinamento e recorte do *corpus* investigado, fez-se necessário selecionar uma cobertura em comum que servisse de “pano de fundo” à coleta dos comentários dentro das *fanpages* dos periódicos. Logo, optou-se pelo já mencionado golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, escolha que foi baseada não

apenas pela relevância de se construir investigações teóricas e empíricas que ajudem a preservar e esclarecer historicamente os processos que marcaram o golpe jurídico-midiático-parlamentar de 2016, mas, também, por representar um terreno de debates acalorados, propenso às manifestações de discursos potencialmente autoritários, visto que se trata de uma pauta que exige um nível mínimo de tolerância/empatia às diferenças sociais e/ou ideológicas para participação democrática no jogo enunciativo.

No que tange ao recorte de tempo, foram coletados os comentários publicados no dia de efetivação do “*impeachment*” no Senado Federal (31 de agosto de 2016). Um desafio imposto a esta pesquisa foi buscar um corpo satisfatório (em termos quantitativos) para a análise hermenêutica proposta, dada a constante atualização de dados na *web*. Assim, considerando a dificuldade mencionada, para realizar a coleta dos comentários foi utilizado o *software Netvizz*, desenvolvido e gerido pelo grupo de pesquisa *Digital Methods Initiative*, da Universidade de Amsterdã. Lançada em 2009, a ferramenta é gratuita e permite a coleta de diferentes dados analíticos vinculados ao *Facebook* (como comentários e número de reações às postagens), exportando os resultados para arquivos no formato *.tab*, executável em *softwares* como Microsoft Excel (RIEDER, 2013).

Durante o processo de coleta, dentro da pauta selecionada, optou-se por filtrar os 200 comentários mais visualizados em cada uma das notícias compartilhadas sobre o golpe contra Dilma. Assim, o conteúdo final para a análise foi composto por quatro notícias e/ou postagens da *Veja*, oito notícias e/ou postagens de *Carta Capital*, e um universo total de 1.633 comentários (já que algumas das postagens não atingiram os 200 comentários), compondo um corpo significativo e robusto para verificar as hipóteses propostas no início desta tese.

É importante ressaltar que, após a coleta dos comentários, optou-se por desconsiderar e/ou omitir as publicações baseadas em imagens e expressão de opiniões por “*emoticons*” e “*gifs animados*”, visto que a análise hermenêutica proposta foi pautada exclusivamente na interpretação de textos verbais escritos. Por uma questão ética, também foram omitidos os nomes dos autores dos comentários, bem como as publicações que mencionavam a identificação de outras pessoas. Comentários realizados por perfis-robôs também foram desconsiderados. Assim, para a identificação dos conteúdos neste capítulo, foi elaborado um padrão baseado no número do comentário, da postagem analisada e no nome da revista. Por exemplo, para se referir ao oitavo comentário (C8) dentro da postagem 4 (P4) na *fanpage* da

*Carta Capital* (CC), utilizou-se o padrão C8P4CC. No caso do terceiro comentário (C3) da quinta postagem (P5) em *Veja* (V), utilizou-se a sigla C3P5V.

Para o tratamento e categorização dos comentários, tomou-se como método única e exclusivamente a observação hermenêutica pautada nas nove categorias propostas por Adorno *et al.* (1950) (descritas na Tabela 3, p. 91). Assim, após uma primeira leitura para refinamento segundo os parâmetros até aqui descritos, passou-se a analisar os dados – minimamente quantificados – a partir do diálogo constante com os conceitos fundadores desta tese, de forma que se buscou repetir em algum grau a proposta dos estudos do Grupo de Berkeley.

É mister reiterar que o objetivo nesta análise não é elaborar gráficos quantitativos que busquem expressar de forma cientificista ou definitiva o percentual exato de personalidades potencialmente fascistas e/ou autoritárias que se manifestaram durante a cobertura do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff dentro das revistas analisadas, visto que tal missão implicaria um esforço pouco produtivo, reduzindo a análise a um estudo de caso quantitativo pouco abrangente, o que por si só já impossibilitaria qualquer inferência mais ampla sobre os dados e seria de pouca contribuição para construção da tese proposta. Não obstante, a referida postura flertaria com um risco considerável de diagnósticos imprecisos, dado que a mera quantificação do conteúdo, sem uma rígida análise hermenêutica, dificilmente permitiria a aferição adequada. Isso porque, mesmo adotando categorias fixas como as propostas por Adorno *et al.* (1950), a quantificação dos conteúdos unicamente a partir dos critérios estatísticos dificilmente seria semelhante sob o ponto de vista de dois pesquisadores distintos, visto que existe uma carga mínima de subjetivismo expressa através de comentários irônicos e os próprios entraves dos erros gramaticais presentes no material recolhido, o que pode condicionar interpretações dúbias.

Logo, tomando o objetivo principal desta tese (*Investigar como o discurso autoritário presente nos mass media da indústria cultural encontra espaço para ecoar nas redes sociais online, aproveitando-se da supersaturação dos sentidos dos indivíduos para propagar traços da síndrome fascista*), passa-se, agora, a examinar os itens coletados (disponíveis na íntegra nos apêndices 1 e 2 armazenados no CD-ROM anexo e em arquivo *online* através do link <<http://www.emersoncampos.com.br/p/apendices-da-tese>><sup>84</sup>).

---

<sup>84</sup> O link com os apêndices também é executável através do QR Code:



#### 4.2. Manifestação de personalidades fascistas nos comentários de *Carta Capital*

A primeira rodada de análise foi desenvolvida a partir dos comentários presentes em *Carta Capital*. Um ponto importante a ser ressaltado é que a escolha pela revista, de abordagem mais progressista, não trouxe – nem poderia ter trazido – nenhuma expectativa para a pesquisa sobre a presença de conteúdos “mais” ou “menos” autoritários nos comentários observados, pois, por mais que isso possa parecer contraditório perante as ideias predominantes de “personalização” e/ou o estabelecimento de nichos de público nas redes sociais *online* (JENKINS, 2009), é necessário entender que o fluxo de audiência dentro desse espaço é amplamente fragmentado e descentralizado, sendo a ausência de fronteiras fixas sua principal característica. Logo, seja de maneira intencional ou não, um leitor com pensamento ultraconservador pode acabar em uma página de esquerda (e vice-versa), ainda que os algoritmos semânticos da rede busquem trabalhar para o estabelecimento de uma aparente visão de mundo “totalitária” ou predominante (de acordo com o interesse particular manifesto por cada usuário nas tendências de navegação).

Contudo, há de se constatar que, nos 837 comentários analisados de *Carta Capital* foi detectada uma aparente predileção pela orientação de mundo pautada em um pensamento de esquerda (ao oposto da revista *Veja*, como se detalha no próximo tópico). No entanto, a presença de comentários alinhados com uma visão conservadora em *Carta Capital* é mais significativa do que a de comentários com uma visão progressista em *Veja*. Essas constatações permitem duas inferências iniciais, intimamente vinculadas com a ausência de fronteiras anteriormente citada: i) existe uma clara tentativa dos indivíduos de buscarem atuação no seu referido espaço político, ocupando-o e se manifestando perante aqueles que esperam ter um pensamento semelhante; ii) durante a pauta referida, houve uma tentativa dos discursos conservadores e/ou de direita de ocupar o espaço “por excelência” dos militantes da esquerda, ampliando sua voz. Cabe, assim, buscar compreender quais foram as estratégias discursivas adotadas por esses indivíduos dentro da *fanpage* da *Carta Capital* a fim de defender uma formação da opinião pública a partir de suas ideias e argumentos e, em qual momento, a defesa intransigente de valores universais ou da ideologia do grupo culminou no estabelecimento de falas potencialmente autoritárias.

Para isso, é interessante verificar que, das oito postagens realizadas pela *Carta Capital* com referência direta à concretização do impedimento fraudulento, três trouxeram como mote



as consequências – políticas e jurídicas do processo – e outras três os movimentos de resistência ao golpe nas ruas. As pautas que nortearam as postagens foram:

- 1) Aceitação pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Ricardo Lewandowski, responsável por presidir a sessão do impedimento no Senado, do destaque apresentado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) para que o Senado decidisse se votaria os temas da perda de mandato e inabilitação política de forma conjunta ou separada;
- 2) Resultado da votação que levou ao impedimento de Dilma Rousseff;
- 3) Análise jurídica de que a decisão do Senado demonstra que não houve crime de responsabilidade por parte da presidenta;
- 4) Posicionamento do presidente do Equador contra o golpe e decisão de retirar o embaixador equatoriano do Brasil;
- 5) Primeira reunião ministerial de Michel Temer após o impedimento é marcada pela manifestação de descontentamento do novo “presidente” frente à pecha de golpista que lhe foi atribuída;
- 6) Milhares de pessoas se reúnem para protesto contra o “*impeachment*” em São Paulo;
- 7) Ausência de faixas de movimentos partidários nos protestos em São Paulo;
- 8) Repressão e violência policial contra os protestos contrários ao golpe em São Paulo.

Pode-se observar que, assim como a capa utilizada como exemplo na introdução deste capítulo, o escopo das publicações compartilhadas pela *Carta Capital* em sua *fanpage* marcam posição contrária frente ao processo golpista. Isso porque, conforme se defendeu nas duas primeiras partes desta tese, ainda que adotando uma mesma receita de bolo (cujo sabor prometido é da suposta imparcialidade), a revista não consegue fugir à categorização mínima daquilo que julga mais importante ser destacado, demonstrando em algum grau seu posicionamento. E, especificamente na cobertura observada, isso fica claro não somente pelas escolhas temáticas das pautas (como, por exemplo, a repercussão de consequências negativas para o país perante a comunidade internacional; a avaliação de um jurista contrária ao processo; e a ampla cobertura dos protestos contrários à legitimação da deposição de Dilma), mas, sobretudo, pela adoção da *tag* “#golpe” como descritor nas postagens 6, 7 e 8.

Nesse sentido, uma observação interessante sobre o direcionamento dos debates na *fanpage* a partir das postagens é que, salvo exceções onde os padrões de repetição no conteúdo

sugerem a presença de um *boot* (ou perfil-robô), o curso dos comentários favoráveis e negativos em *Carta Capital* foi direcionado pela pauta proposta pela revista, sendo poucos os desvios detectados do tema. Pode-se ilustrar essa perspectiva, por exemplo, a partir do predomínio de comentários associados com o incentivo ou denúncia do uso da força/violência na postagem 8, que trata da repressão policial aos protestos, enquanto na postagem 4, que trata do posicionamento do Equador frente à situação brasileira, surgiu um comportamento marcado centralmente pelo etnocentrismo e pelo preconceito para com aquele país.

#### 4.2.1. “Por uma América conservadora” (convencionalismo)

Entre os tópicos observados na *Carta Capital* a partir das categorias de Adorno *et al.* (1950), o conservadorismo/convencionalismo foi a categoria com a qual os comentários demonstraram menor afinidade ou identificação direta. De fato, apenas no comentário C33P4CC surge uma menção aberta à necessidade de que prevaleçam valores conservadores e/ou convencionais:

C33P4CC: “*Vai com Deus comunista. Por uma América conservadora!!*”

Contudo, conforme ponderam os próprios pesquisadores de Berkeley, alguns posicionamentos podem revelar traços não apenas de uma, mas de diferentes características que poderiam criar, em último estágio, a síndrome fascista. Assim, tomando a questão 55 proposta por Adorno *et al.* (1950), é possível encontrar diferentes comentários que fazem referência ao trabalho como única forma de valoração do homem, como o C7P7CC, que, apesar de poder ser enquadrado também como uma manifestação de antissubjetividade, desvela traços do convencionalismo analisado neste tópico:

C7P7CC: “*Joga uma carteira de trabalho lá, não sobra um! Bando de alopados!*”

A ideia latente no comentário mencionado, quando associada ao tema da postagem (a saber, os protestos contra o golpe), traz como valor associado ancorado no convencionalismo a ideia de que a única forma de se construir o país é o trabalho, sendo as reivindicações políticas realizadas nas ruas um desperdício de energia ou coisa de pessoas descompromissadas com os valores tradicionais, ideias que são reiteradas por comentários como os C55P5CC, C57P6CC e C63P6CC, direcionados aos participantes do protesto:

C55P5CC: “*Arruma uma trouxa de roupa pra lavar que ganham mais cambada de maluco desocupados*”

C57P6CC: “*Vamos trabalhar galeraaaaa. O país precisa disso, nao de manifestação em pleno dia de trabalho*”.

C63P6CC: “*Quanto era o valor? Será que aumentaram? Kkkkk. Cambada de lixo. vao trabalhar vagabundos*”

Ademais, conforme lembram Adorno *et al.* (1950), uma das principais características do convencionalismo é a associação com valores de classe média. Logo, ainda que neste tópico as relações de convencionalismo não surjam explícitas nos comentários, é importante pontuar que a adesão aos valores desse grupo social marcou todo o movimento que se construiu pré-“*impeachment*” no Brasil.

Portanto, é possível destacar que o mero posicionamento alinhado com a legalidade do golpe já sugere em algum grau a associação ou afinidade com os valores convencionais da classe média. Contudo, como a análise hermenêutica dos comentários não permite uma evidência mais concreta neste ponto, sigamos para as próximas categorias.

#### 4.2.2. “A caçadora de criminosos” (submissão acrítica)

Adorno *et al.* (1950) lembram que, embora a atitude submissa acrítica nas relações com alguma autoridade externa seja uma das principais características do indivíduo antidemocrático, é notória a dificuldade para identificar esse posicionamento, já que nem sempre é simples diferenciar a mera admiração por figuras respeitáveis (o que se daria pelo julgamento das atitudes de determinado outrem a partir da própria consciência do indivíduo) dos processos de submissão acrítica (que são externos ao esquematismo do sujeito).

Nos comentários analisados, surgiram como líderes “admiráveis” aos participantes dos debates as figuras do ultraconservador Jair Bolsonaro (à época deputado federal e, posteriormente, alçado ao comando do Executivo na esteira do golpe) e da advogada Janaína Pascoal (responsável pela elaboração do processo que originou o impedimento fraudulento e, posteriormente, eleita deputada estadual pelos apoiadores do golpe), além da própria presidenta Dilma, figura central no processo e, portanto, naturalmente lembrada. Entre os três, contudo, a única a ser mencionada com uma exaltação desmedida nos comentários presentes em *Carta Capital* foi Pascoal no C10P2CC:

C10P2CC: “*Janaina, a caçadora de criminosos. Entrou para a história do Brasil.*”

Comumente ilustrado como um “mito” pelos seus seguidores, a referência ao deputado Bolsonaro se deu através da incorporação acrítica do discurso armamentista do parlamentar pelo comentarista, cuja participação (C108P6CC) traz traços tanto da submissão autoritária, quanto da agressividade autoritária, da rigidez/dureza e do cinismo.

C108P6CC: “*A bala vai cume mortadelas! #bolsonaro2018*”

Vale destacar que a incorporação acrítica desses discursos fáceis e prontos (conforme será reiteradamente mencionado nos próximos tópicos analisados) é a marca mais forte dos processos semiformativos que marcam a participação do público dentro da sociedade excitada. Isso porque, conforme lembra Türcke (2010), viciados por informação e ávidos por chegar logo ao próximo conteúdo, os indivíduos são incapazes de construir abstrações mais complexas ou mergulhar a fundo nas informações, optando quase sempre por padrões argumentativos eticamente vazios (mais fáceis e ágeis perante a imposição de que se participe dos debates). São as análises políticas e éticas reduzidas a versos tão simples como aqueles que compõem os sucessos “chiclete” de verão do *mainstream* da indústria musical.

Outrossim, ainda dentro do tópico analisado, faz-se relevante destacar a menção ao ex-presidente Lula. Apontado como líder mobilizador dos movimentos de esquerda, o nome do líder petista surgiu na maioria absoluta dos posts em que é citado (4 em um total de 14) de forma pejorativa, não ocorrendo associações que pudessem sugerir a inclusão nesta categoria.

Outro ponto válido de ser destacado é que a submissão acrítica a uma líder do gênero feminino, como verificado no comentário C10P2CC, é um desvio da regra diagnosticada por Adorno *et al.* (1950) e referendada nesta tese – ou, em outras palavras, uma importante contradição –, uma vez que o machismo ligado a uma obsessão com o sexo e o controle dos corpos femininos é uma das principais características que compõem a personalidade que adota um posicionamento fascista de mundo, sendo seus líderes, portanto, sempre homens tidos como fortes e tradicionais.

#### 4.2.3. “Mete a borracha neles” (agressividade autoritária)

Conforme mencionado na introdução desta análise, uma das principais marcas observadas foi a prevalência de um direcionamento dos debates a partir da pauta proposta pela revista. Assim, da mesma forma que os comentários dentro do debate jurídico prevaleceram na análise realizada sobre o caráter fraudulento do impedimento por um jurista (postagem 3), o

debate sobre a validade ou não do uso de força física e violência como meios necessários para o cumprimento, estabelecimento ou manutenção de determinada ordem social estiveram mais presentes ao longo das postagens finais (6, 7 e 8), referentes às manifestações contra o golpe, sendo esse o tópico onde se observou de forma mais evidente o predomínio de uma característica próxima àquilo que Adorno *et al.* (1950) alertaram como particular às personalidades potencialmente autoritárias ou fascistas.

Aqui vale registrar que, apesar do poder decisivo dos *media* no direcionamento dos debates, foi constatada uma aparente incapacidade de orientá-los ou qualificá-los. Isso porque, a despeito da construção de perspectivas contra-hegemônicas pela *Carta Capital* (que buscavam, em algum grau, sentido contrário daquilo que definimos nesta tese como antifilosofia, oferecendo pontos sólidos para reflexão), a pré-formação para debates rasos, em grande medida fruto dos processos de supersaturação dos sentidos (TÜRCKE, 2010), acabou por prevalecer na condução dos discursos com o domínio de falas pautadas na agressividade autoritária.

Faz-se necessário, contudo, estabelecer uma divisão que marca duas vertentes distintas de sentido que são atribuídas à palavra “violência” nos comentários analisados: de violência física e de violência contra o patrimônio.

Por um lado, dentro dos comentários em incentivo à realização dos protestos (oriundos de indivíduos com pensamento teoricamente alinhados com a esquerda), surgem sugestões pautadas na promoção de gestos radicais e de anarquismo contra o Estado e o capital, tomados como responsáveis pelo golpe. O crescimento de tais ideias está intimamente vinculado ao estabelecimento do movimento *Black Bloc* a partir de 2013 e perpassa a lógica de que a destruição praticada contra o patrimônio (público ou privado) nos protestos é muito menor do que a violência praticada pelo Estado e pelos proprietários dos meios de produção cotidianamente contra a classe trabalhadora. Os comentários C17P2CC e C146P6CC trazem essa visão:

C17P2CC: “*NÃO RECONHEÇO GOVERNO GOLPISTA QUEBRAR TUDO JÁ*”

C146P6CC: “*Pacificamente não vai dar em nada, chega de floreios. tem que ser contundente, incisivo. Botar pra quebrar amedrontar essa corja de covardes, golpistas*”

A apropriação que se faz desse comentário pelos adeptos de um discurso mais conservador ou pautado em uma visão de direita do mundo (seja ela liberal ou neoliberal) é de que esse é um tipo de violência que deve ser combatido, dada a condição “sagrada” que o patrimônio privado ocupa na sociedade capitalista. Porém, ainda que signifique a imposição de uma postura extrema como meio para se atingir determinado fim, a adesão a essas possibilidades de protesto, por mais que possa representar um certo grau de intolerância, não encontra sustentação dentro das categorias estabelecidas por Adorno *et al.* (1950), vez que os pesquisadores ao designarem o termo “violência” se referem às formas de agressão praticadas contra os demais membros da sociedade, de maneira física ou simbólica.

Assim, para esmiuçar os discursos com traços de uma agressividade autoritária, centrou-se a análise nos comentários que sugerem alguma forma dessa violência física ou simbólica aos não-iguais, sendo consideravelmente elevada a quantidade desses discursos identificados. Listam-se alguns dos mais significativos a seguir, passando a analisá-los posteriormente.

C13P7CC: *“Exército neles temer, Mete a borracha neles. Caminhoneiros do Brasil, foram ameaçados de levar borrachas caso se manifestassem no governo dos canalhas. (borracha neles)”*

C79P7CC: *“Bora polícia ....mais cassetete pq ta pouco.....to vendo da janela aqui na paulista ....agora não tem nada ....kkkk bando de pão com linguiça”*

C12P8CC: *“Não merece nem comentários....PM deveria descer o sarrafo com gosto.”*

C28P8CC: *“pau nesses vagabundos!!”*

C32P8CC: *“Borracha e gás nos vândalos!! Ridículos!!”*

C33P8CC: *“DESCE A PORRADA NESSES BANDIDOS! E DEPOIS LEVA EM CANA!!”*

C35P8CC: *“PARABENS A PM, QUE CONTINUE ASSIM #TCHAUQUERIDA”*

Em sua totalidade, os comentários listados acima trazem como valor principal a ideia de que é válida e importante a violência praticada pela Polícia Militar (o “sarrafo”, o “cassetete”, a “borracha” e o “gás”) contra os manifestantes (designados como “vagabundos”, “vândalos” e “pão com linguiça”). A justificativa se pauta principalmente na ideia de se tratar de uma “resposta necessária” aos protestos de perspectiva ideológica “inadequada” ou ao

suposto vandalismo presente nas ações nas ruas. Assim, os comentaristas justificam a violência como um mal necessário para preservação de seus valores morais (e do patrimônio privado) frente ao grupo com o qual não concordam, um traço evidente das manifestações mais acentuadas que foram identificadas pelo Grupo de Berkeley com personalidades potencialmente propensas ao fascismo.

#### 4.2.4. “Chola mais” (antissubjetividade)

Ao lado da agressividade autoritária, a indisposição ao debate, às conversas de ordem mais subjetivas e, portanto, tidas como desnecessárias (uma das características da antissubjetividade) foi um dos principais traços referentes a personalidades potencialmente fascistas observados no material analisado. Mais do que a incapacidade para debates mais profundos e/ou reflexões mais subjetivas, pautadas nos princípios básicos de uma construção dialética ou mesmo de alteridade, detectou-se uma total indisposição ao debate democrático em si, efetivamente um medo de se “pensar os pensamentos errados” (ADORNO *et al.*, 1950). Essa característica foi desvelada a partir da criação e apropriação de jargões provocativos e vazios em conteúdo ético e moral (e aqui é válido lembrar que uma das características importantes do programa nazista foi a difamação de tudo que pretendia tornar o indivíduo consciente de si mesmo e de seus problemas).

Em grande medida, essa tendência também é expressão da expansão dos processos semiformativos na sociedade excitada, principalmente pela perda da capacidade imaginativa e crítica dos indivíduos que, a contrapelo de sua possibilidade cada vez mais arrefecida de participar do jogo democrático, precisam se fazer presentes de alguma forma como emissores de conteúdo para sustentar o próprio vício. Nas palavras de Türcke, “[...] não emitir é equivalente a não ser – não apenas sentir o *horror vacui* da ociosidade, mas ser tomado da sensação de simplesmente não existir. Não mais apenas ‘há um vácuo em mim’, porém ‘sou um vácuo’ – de alguma forma ‘aí’” (TÜRCKE, 2010, p. 45).

Assim, ao longo dos comentários estudados, observou-se que cada tentativa minimamente democrática de estabelecer uma comparação entre duas perspectivas opostas de mundo foi encerrada por expressões como “chola [sic] mais” (chora mais), “mortadelas” ou “#tchauquerida”, todas vazias, indispostas ao diálogo e representantes de posicionamentos políticos alinhados com a extrema-direita.

Dotada de tom irônico, a expressão “chola mais” surgiu prioritariamente em resposta aos comentários de outros usuários ou mesmo às publicações principais de *Carta Capital* que traziam qualquer inferência sobre o caráter fraudulento do impedimento, cumprindo uma função argumentativa destinada única e exclusivamente a tratar os pontos contrários como “choro de perdedor” e encerrar o debate. Já a tag “#tchauquerida” – originada em campanha dos partidos de direita favoráveis ao “*impeachment*” – foi empregada como resposta comum às argumentações construídas em torno da inocência da presidenta Dilma. Observemos o comentário C97P5CC:

*C97P5CC: “Tchau Maldita !!! Só os esquerdopatas ainda defendem a ideia de Golpe! Golpe é a união de Renan, Lewandowski e Cunha para salvarem os direitos políticos de uma guerrilheira criminosa, no passado e agora! Mas o que os idiotas não enxergam que o ""fatiamento"" foi uma jogada do Cardoso para tentar anular o julgamento do impeachment (lavada 61x20) porque a inelegibilidade vai ser restaurada! Impossível um regimento interno ser superior à CF (art.52) ! No mais Chola, Chola! Podem bater os pezinhos e gritar como o Lindbosta ! Golpe Golpe Golpe ! Tchau Maldita”*

Para além das ofensas e das expressões chulas constantes no comentário, é possível notar a total indisposição ao diálogo do autor, explícita nos trechos: “Só os esquerdopatas ainda defendem a ideia de Golpe” e “No mais Chola, Chola! Podem bater os pezinhos e gritar (...)”.

#### 4.2.5. “Graças a Deus” (superstição e estereotipia)

Tirando meras percepções da deposição da presidenta como manifestação de uma justiça divina ou desejos de que o destino evite a sequência do golpe jurídico-midiático-parlamentar, a aceitação de categorias místicas para questões de ordem humana não se fez tão evidente nos comentários coletados em *Carta Capital* como nos comentários em *Veja* (conforme discutido no tópico 4.3.5).

Contudo, é interessante observar que nas postagens com menção a elementos de ordem espiritual e religiosa, como “Deus” e mensagens bíblicas, os erros gramaticais, de concordância e a falta de sentido na construção das orações são mais constantes, o que permite inferir certa relação entre uma formação escolar deficiente (ao menos no que se refere à capacidade de leitura e escrita) e a associação com ideias religiosas conservadoras como explicação para os fenômenos sociais. É o que exemplifica o comentário C1P3CC



C1P3CC “*Nós o podemos contar com uma ajuda muito importante de Deus*”

Porém, como supracitado, essa percepção fica mais evidente nos comentários registrados na *fanpage* da revista *Veja*.

#### 4.2.6. “Por isso Lula estava rindo” (poder e “dureza/rigidez”)

Conforme discutido na Parte 3 desta tese, a compreensão de que as relações sociais sempre são baseadas no exercício rígido do poder e a defesa de práticas rígidas como solução para as diversas questões são algumas das principais características manifestas da tendência de poder e “dureza/rigidez” nas personalidades potencialmente autoritárias.

Uma das maneiras de verificar o comportamento supramencionado – compatível em grande parte com a agressividade autoritária – é a partir da identificação de uma constante sensação de perseguição que marca o indivíduo, que passa a se valer da observação de jogos de poder e de dominação como explicações possíveis para todos os acontecimentos da sociedade, sem que para isso haja a existência de qualquer elemento objetivo comprobatório. Tomando um exemplo banal, trata-se do indivíduo que, se vai mal na faculdade, culpa os professores por um complô contra suas notas. E mais: para dissolver tal conspiração e retomar notas satisfatórias, a única maneira possível que enxerga é denunciar os docentes para uma instância superior de poder que irá puni-los rigorosamente, afinal, tudo se resume a poder e dominação.

Para verificar essa lógica, Adorno *et al.* (1950) propõem a questão 70 para aceitação ou declínio dos entrevistados no experimento de Berkeley: “Em uma extensão maior do que a maioria das pessoas percebe, nossas vidas são governadas por conspirações feitas em segredo por políticos”. A maioria dos indivíduos potencialmente fascistas aderiu à proposta.

Tomando esse caminho, ao longo dos comentários analisados em *Carta Capital*, observou-se a descrição de conluios e tramas de políticos (nos termos da questão) como potentes explicações para o golpe e os desdobramentos do “*impeachment*”. A estratégia discursiva foi adotada tanto por militantes da esquerda como da direita. Aqui, contudo, faz-se fundamental uma intervenção histórica: considerando o caráter fraudulento do impedimento – insistentemente mencionado neste trabalho –, é necessário pontuar que existem elementos objetivos que substanciam os discursos construídos sobre manipulações da mídia, do Judiciário e do Legislativo no referido processo, o que já está devidamente embutido no termo “golpe”.

Ainda assim, em muitos momentos, os comentários superaram os fatos objetivos, prevendo conspirações que não se concretizaram ou existiram, como em:

C4P7CC: *“Só lembrando que Temer precisa cair bem antes do final do ano, pois se ele cair próximo ao final do ano, em 2017 teremos eleições indiretas para eleger o novo presidente do Brasil. O congresso mais sujo da história do país elegerá o novo presidente, exatamente como acontecia na ditadura militar. E é justamente isso que eles estão tramando. Eles contam com a inércia e alienação dos brasileiros.”*

O mesmo tom apocalíptico e alarmista está presente em abordagens dos militantes da direita, como nos comentários C8P1CC e C21P2CC, que sustentam a suspeição e uma aliança oculta do ministro do STF, Ricardo Lewandowski, com o Partido dos Trabalhadores (a possibilidade de fechar o “corrompido” STF, aliás, é um espectro que constantemente ronda o imaginário fascista).

C8P1CC: *“Lewandowski é um cínico.”*

C21P2CC: *“Por isso, Lula estava rindo tanto ontem, o acordo já estava feito com o PMDB do traidor Renan Calheiros. Hoje Lewandowski e Renan já vieram com tudo preparado e por escrito para encenar e cometer o golpe contra a Constituição. Se quiser Dilma poderá ser em 2018 candidata a presidente novamente. Infelizmente!”*

#### 4.2.7. “Na rua estão os desocupados” (destruição e cinismo)

Dentro da categoria de destruição e cinismo, pode-se observar, principalmente nos comentários de simpatizantes com a direita, a construção de justificativas pautadas no “humor” (cinismo), no “bem maior” ou em categorias de pouca validade dentro de uma reflexão crítica e efetivamente democrática, puramente baseados em ilações e sofismos como justificativa para práticas violentas. É o que ocorre no comentário C6P7CC, que justifica a violência praticada contra os manifestantes a partir da noção de que eles não são “os jovens de verdade”, visto que esses estariam em casa descansando para trabalhar no dia seguinte, mas sim desocupados (logo, que mereceriam as atitudes violentas da PM paulistana):

C6P7CC: *“Não...os jovens de vdd estão indo dormir os amanhã tenho a acordar cedo e chegar no trabalho cedo, pra sair mais cedo pq tenho prova de calculo. Na rua estão os desocupados.”*

O comentário citado acima é emblemático da apropriação às avessas – profundamente cínica – que os indivíduos potencialmente fascistas fazem de valores universais. Em nome do valor universal “trabalho”, por exemplo, se constrói um argumento em defesa da violência. Da mesma forma, utiliza-se o valor de “democracia” como argumento para atos autoritários contra aqueles que pensam diferente, como no comentário C25P8CC.

C25PBCC: “*Se fizer vandalismo a PM tem que colocar ordem mesmo.*”

Novamente é importante lembrar TÜRCKE (2010), quando ele propõe que “não estar em transmissão, não irradiar nada, torna-se cada vez menos tolerável” (TÜRCKE, 2010, p. 55). Tal ideia ajuda a buscar explicações mínimas sobre a tendência de que os indivíduos prefiram se alinhar com discursos incoerentes do que “não aparecer” no debate. Semiformados, optam por adotar cinicamente posicionamentos que não compreendem (ou são incapazes de refletir) ao correr o risco de ficar fora da construção das diferentes pílulas discursivas de barbárie que compõem as redes sociais *online* e, portanto, alimentam seu vício. Aliás, é interessante destacar que, dado o caráter raso e superficial da maioria dessas pílulas discursivas (ao menos as observadas na análise feita nesta tese), pode-se pensá-las, efetivamente, como uma espécie de material substituto às pílulas imagéticas nestes espaços, vez que podem ser produzidas e consumidas com a mesma velocidade/voracidade que o conteúdo audiovisual desejado pelo vício.

#### 4.2.8. “Grande Equador, a ironia” (projeção)

Adorno *et al.* (1950) lembram que a transferência de impulsos reprimidos no id (sejam esses morais, sexuais, de fraqueza, entre outros) para os demais membros da sociedade é uma das principais características da projeção, marca da maioria das personalidades potencialmente fascistas observadas pelo Grupo de Berkeley.

A rigor, em todas as categorias descritas, em algum grau é possível inferir nos comentários determinado nível de projeção, como da agressividade autoritária manifesta aos desconhecidos como projeção da submissão a alguma autoridade (familiar, no trabalho, na igreja) ou da projeção de perversões sexuais que devem ser condenadas no corpo do outro como autocastração de impulsos ativos do id, mas constantemente reprimidos pelo próprio ego (em parte pela formação subjetiva, em parte pela pressão externa do grupo).

Contudo, apesar de a projeção ser a característica que mais dialoga com as demais avaliadas, nos comentários observados na *fanpage* de *Carta Capital*, optou-se por observá-la principalmente nos comentários da postagem 4, referente à retirada do embaixador do Equador e do posicionamento do país sobre o golpe no Brasil. Isso porque os comentários coletados na publicação, impulsionados pelo componente geográfico como eixo orientador dos debates, revelam traços alarmantes de etnocentrismo e da exaltação de diferentes sentimentos relacionados com o próprio país ou grupo, projetados sob a forma de recalque na nação vizinha. Isso fica evidente nos comentários listados abaixo, marcados pela ironia como figura constante:

C2P4CC: *"O Brasil tá perdido, sem o apoio do grande Equador, que iremos fazer?"*

C17P4CC: *"Equador humm tem hora que esqueço dessa verruga sobre às costas de nosso País"*

C23P4CC: *"Avisa pro presidente do Equador que se fizerem gracinha anexamos o território deles ao nosso."*

C36P4CC: *"Nossa que falta o equador fara para nossa economia. Menos um para sustentar"*

Em todos os comentários existe uma construção discursiva pautada em uma visão etnocêntrica, onde o argumento estruturante de defesa do texto externa uma necessidade de exaltação da grandeza ou superioridade brasileira, o que sugere uma projeção não apenas da falta de representatividade histórica do nosso país perante o cenário internacional (pelo menos até 2002), como, também, uma tentativa sofista de elevar nossa economia a um patamar de maior imponência a partir da comparação com um país vizinho de dimensões absurdamente distintas, quando objetivamente o Brasil atravessava uma crise no setor. Em outras palavras, é como se os sujeitos potencialmente autoritários passassem a acreditar na própria grandeza (como indivíduos ou como nação) ao projetar nos outros as fraquezas que são particulares ao próprio cotidiano.

Novamente retomando TÜRCKE (2010), percebe-se que a busca de uma realização a partir da projeção das próprias fraquezas no outro (ainda que visando a sua destruição) é, também, a busca por alívio da própria personalidade fraca dos indivíduos potencialmente autoritários em nossa sociedade excitada. Assim, nesse contexto "o vício é a busca de um apoio vital num objeto falso" (TÜRCKE, 2010, p. 239). Logo, a constante projeção condicionada pelas redes sociais *online* surge como mais um enganoso fármaco. Ao abrir espaço para que o sujeito

construa discursos de superioridade – sejam eles etnocêntricos, misóginos, de ódio etc. – que aparentemente lhe tornarão maior, as redes acabam por retroalimentar as fraquezas do próprio ego do indivíduo perante a impossibilidade de se tornar aquilo que projeta. É o vício retroalimentando o vício.

#### 4.2.9. “Se ela não tivesse estuprado” (obsessão com sexo e sexualidade)

A compulsão generalizada em associar comportamentos e fatos aos “desvios sexuais” ou “práticas sexuais inapropriadas” do outro, caracterizada por uma vigilância permanente dos corpos na sociedade, tem sido uma das características mais expressas e estudadas da síndrome fascista. Deste modo, os defensores ou integrantes dos grupos LGBTQI+ e feministas são alvo constante das projeções que marcam essa obsessão, vez que a adoção de um discurso em defesa dos debates sobre gênero tem sido associada pelos indivíduos potencialmente fascistas a desvios comportamentais referentes ao sexo e ao próprio corpo.

Ao longo do processo de golpe, a presidenta Dilma Rousseff foi alvo constante de ataques misóginos, que associavam sua condição de mulher a valores como fraqueza, histeria e falta de inteligência. Ademais, o uso de termos relacionados às práticas sexuais como ofensas à presidenta foi marca de toda a campanha encabeçada pela direita e por movimentos reacionários, que relacionavam diferentes comportamentos de Rousseff com a ausência de uma sexualidade “apropriada” segundo os parâmetros do grupo.

Considerando o cenário apresentado, criou-se determinada expectativa de que um tom misógino prevalecesse nos comentários com traços potencialmente autoritários, o que acabou se efetivando principalmente a partir de julgamentos sobre a inteligência de Dilma, vez ou outra marcados pela conjunção com termos sexuais, como no comentário C13P2CC:

C13P2CC: *“E foi a primeira president""a"" a sofrer impeachment, se ela não tivesse estuprado a Língua Portuguesa, ela seria o segundo presidente”*

No entanto, dentro dos comentários coletados em Carta Capital, o aparecimento da tendência foi menor do que o esperando, considerando todo o contexto prévio apresentado e as menções implícitas à questão em outras categorias, prevalecendo indagações sobre a capacidade administrativa da presidenta pela sua condição enquanto mulher:

C43P4CC: *“Leve a Dilma junto para dar aulas de economia hahahahah”*

### 4.3. Manifestação de personalidades fascistas nos comentários de *Veja*

As análises empreendidas nos comentários coletados dentro da *fanpage* da revista *Veja* foram realizadas posteriormente à observação dos comentários de *Carta Capital*. Tomando a já mencionada ausência de fronteiras que marca as redes sociais *online* e a constatação inicial de que existe um certo nível de transição entre os indivíduos alinhados com discursos conservadores e progressistas nas duas páginas – o que marca, também, uma disputa por espaço e posicionamento dentro da rede –, esperavam-se resultados mais ou menos próximos da primeira análise, sobretudo a partir da manifestação de traços semelhantes da personalidade autoritária a partir da identificação e destaque dos mesmos itens verificados na investigação inicial: agressividade autoritária, cinismo e, perpassando todas as nove categorias, profundas tendências de alinhamento com o etnocentrismo através da projeção.

Contudo, a experiência a partir da análise do corpo de comentários presentes em *Veja* (796 comentários) sugere uma acentuação extrema na manifestação das características que marcam as personalidades potencialmente fascistas ou autoritárias, e, não apenas isso, a tendência de manifestação de traços da submissão acrítica, da estereotipia e da obsessão com relação ao sexo/sexualidade como mais determinantes (todos esses menos evidentes na primeira análise).

É importante ressaltar, ainda, que a manifestação de comentários alinhados com uma visão progressista de mundo é irrelevante para qualquer fim estatístico dentro da página de *Veja*, sendo os debates amplamente dominados por discursos alinhados com a direita. Pode-se dizer, por conseguinte, que a mesma disputa por espaço identificada em *Carta Capital* não ocorreu em *Veja*. Sobre isso, foram inferidas duas explicações não excludentes: existe, dentro das redes sociais *online*, um predomínio de indivíduos com pensamento alinhado com as ideias de direita (marca da atuação dos *mass media* frente à formação de uma imagem idealizada de homem e sociedade para esses sujeitos) e/ou a saída de simpatizantes e militantes da esquerda para os protestos nas ruas – campo objetivo de atuação – marcou um esvaziamento da defesa da pauta nas redes sociais *online* na data de coleta.

Fato é que, realizadas as análises nas *fanpages* de ambas as publicações, foi identificado um amplo domínio das ideias de direita na condução argumentativa dos debates, o que seria saudável em um espaço marcado por práticas efetivamente democráticas, mas que indica um importante sinal de alerta quando, em consonância com os discursos travestidos de

liberalismo/neoliberalismo, surgem manifestações de condutas potencialmente autoritárias ou fascistas, conforme se passa a descrever a partir do próximo tópico.

Uma última ponderação relevante diz respeito às quatro postagens realizadas por *Veja*. Enquanto nos oito conteúdos compartilhados por *Carta Capital* estiveram presentes análises mais profundas e diversas, construídas a partir das entrevistas e dos desdobramentos do processo de *impeachment*, em *Veja* se priorizou a cobertura por transmissões audiovisuais, marca, segundo lembra TÜRCKE (2010), dos processos semiformativos de supersaturação dos sentidos na sociedade excitada, dado que tal postura implica um compromisso menor com as reflexões mais profundas e permanentes sobre o assunto, sobretudo pela instantaneidade (ou fugacidade) que é própria às transmissões ao vivo nas redes sociais *online*. Trocando as palavras, enquanto *Carta Capital* ofereceu leituras e análises em diferentes níveis de profundidade, *Veja* preferiu o espetáculo das imagens que alimentam a doxa.

#### 4.3.1. “Viva nossa pátria amada” (convencionalismo)

Atitude típica do burguês e dos indivíduos de classe média (ADORNO *et al.*, 1950), o convencionalismo esteve marcado na maioria absoluta dos comentários avaliados em *Veja*, principalmente a partir da sugestão de valores associados com um nacionalismo exacerbado e a exaltação de um romantismo desmedido, profundamente vinculado com a ideia de que o passado (logo, a tradição, o convencional) era um estágio de maior respeito aos bons costumes morais.

C8P1V: “*Se realmente acontecer o que espero, poderemos voltar a acreditar nesse país. Chega de corrupção. Fora PT! Vá para NUNCA mais voltar. Eu ainda acredito... Deus nos abençoe! Viva nossa pátria amada Brasil!*”

C91P2V: “*Deus ilumine os rumos do julgamento de hoje! Que a justiça seja feita para o bem da Nação! Abençoe o Brasil!*”

A exaltação aos valores “pátria” e “nação” nos comentários C8P1V e C91P2V demonstram a tendência imperativa de que a compulsão pelo nacionalismo, quando pautada na pressão externa do grupo nos indivíduos, direcione os comentários a partir da ideia de que todos devem ser submissos ao “bem maior” do país, a qualquer custo ético ou moral (como ficará mais claro na análise das próximas categorias). A presença desse sentimento íntimo ao etnocentrismo não é, de tudo, inesperada nos comentários presentes em *Veja*, principalmente

quando se considera que a adoção desse sentimento foi o mote predominante dos protestos financiados pelos proprietários dos meios de produção e pelos partidos de direita durante o processo fraudulento de “*impeachment*” contra Rousseff.

Outro valor próprio do convencionalismo é adesão a valores pátrios tidos como universais e atemporais, como símbolos, representações e palavras de ordem. E nenhuma outra expressão parece cumprir melhor esse papel no Brasil do que “ordem e progresso”, redução do imperativo positivista de Augusto Comte que estampa a bandeira nacional. Não à toa o lema adotado em muitas das campanhas pró-“*impeachment*” foi escolhido como marca do governo pós-golpe, encabeçado por Michel Temer. Vale, portanto, retomar a defesa de Adorno *et al.* (1950) quando esses lembram que o convencionalismo por si – nos termos do comentário C142P4V – não significa uma necessária adesão às ideias autoritárias, mas sugere uma maior susceptibilidade e simpatia a valores universais que, nos termos de Auschwitz, poderiam provocar tal distúrbio.

C142P4V: “*Transparência de onde vem e para onde vai...#contabilidadetrasparente queremos um Brasil funcional. Com ordem e progresso.*”

#### 4.3.2. “Quanta gente apoiando Bolsomito” (submissão acrítica)

Nos comentários analisados em *Carta Capital*, surgiram como líderes “admiráveis” as figuras de Jair Bolsonaro e Janaína Pascoal, além da própria presidenta Dilma, figura central nos debates e, portanto, naturalmente lembrada. Entre os três, contudo, conforme se discutiu, a única a ser mencionada com uma exaltação desmedida nos comentários foi Pascoal. Outra figura de destaque, o ex-presidente Lula foi mencionado de forma pejorativa na maioria absoluta das citações, sendo tratado como um “líder da esquerda” apenas nas projeções realizadas em comentários dos adeptos da direita.

Durante a análise de *Veja*, porém, esse quadro sofre profunda mudança. Com menções discretas nos comentários em *Carta Capital*, Jair Bolsonaro passa a ser exaltado como “líder” e “salvador” do país pelos leitores de *Veja*, tomando o papel de uma figura quase mística cujo dever transcendental seria de “endireitar” (usando um trocadilho barato de seus seguidores) o rumo das coisas. As menções ao parlamentar são variadas:

C84P2V: “*Tchau querida, o diabo que a leve para os quintos dos infernos... Bandima. #Bolsonaro2018*”



C146P2V: *“Podem chamar BOLSONARO DE TUDO!!! MAS NÃO PODEM CHAMAR DE CORRUPTO... 2018 BOLSONARO VEM AI”*

C181P2V: *“BOLSONARO 2018 SELVA, BRASIL ACIMA DE TUDO, ABAIXO DE DEUS!!!”*

C184P2V: *“Quanta gente apoiando Bolsomito. Tô começando acreditar que tudo vai melhorar a partir de 2018.”*

C101P3V: *“Novas eleições Bolsonaro ganha ...só vai adiantar o processo pro mito kk”*

C188P3V: *“A verdade é que o Brasil precisa de um presidente com pulso forte: Bolsonaro”*

C116P4V: *“Olha vocês que realmente querem que Bolsonaro Presidente tem que extinguir o PT do planalto.”*

C124P4V: *“Bora Mito, é hora de entrar em ação. Bolsonaro o próximo presidente do Brasil”*

C161P4V: *“Deixa o homem trabalhar, gente! logo, logo Bolsonaro vem aí!”*

As estratégias argumentativas mais comuns nos comentários que citam Bolsonaro estão ligadas à exaltação do deputado como uma figura ilibada (comentário C146P2V), ligada com o trabalho (C161P4V), defensora de valores tradicionais universais como família, religião, tradição, moral e bons costumes (C181P2V) e com uma visão dura/rígida de vida (C188P3V) que seria necessária, segundo os seus defensores, ao momento difícil atravessado pelo país. Além disso, ele é comumente associado com um “mito” (C184P2V; C124P4V), expressão que aqui toma o sentido de designar sua suposta capacidade para feitos “históricos” e “inesquecíveis”. Outro ponto abordado se refere fundamentalmente à base ideológica do candidato, cujo passado como militar serve como justificativa constante para um posicionamento extremista que designa o uso da força (fatal, se necessária) como meio viável para melhoria do Brasil, o que acaba refletindo nos comentários (C84P2V) através da projeção de uma agressividade autoritária que é fruto da submissão acrítica de seus adeptos.

Na verdade, pode-se afirmar – também a partir da contextualização histórica do personagem, mas aqui, exclusivamente pelos comentários observados – que, da mesma forma que ocorre com a *Veja* em relação ao jornalismo, a simbologia criada em torno de Jair Bolsonaro se tornou uma espécie de caricatura grotesca capaz de personificar nos tempos hodiernos todos os traços apontados pelo Grupo de Berkeley, em 1950, como próprios de uma personalidade

potencialmente autoritária. Assim, ainda que os comentários avaliados sugeriram a exaltação e submissão desmedidas a outros nomes (como Michel Temer, o então “juiz” Sérgio Moro e o ex-presidente Fernando Collor de Mello), nenhuma outra associação tomou o mesmo tom de submissão incontestada a uma figura idealizada como superior. Provavelmente, a repetição da mesma análise no curso das eleições de 2018 ou em diferentes momentos no primeiro ano de mandato de Jair Bolsonaro traria manifestações ainda mais agudas de exaltação ao *Führer*, dada a ampliação do discurso autoritário identificada neste período (o que tanto facilitaria a análise, como proporcionaria um material mais extenso para pesquisa). Porém, ainda que mais “discreta”, a submissão dos indivíduos potencialmente fascistas ao ex-militar durante o golpe de 2016 ajuda a compreender e caracterizar historicamente os anos seguintes (os quais, com grande dificuldade, tentamos atravessar).

#### 4.3.3. “Uma morte cruel e dolorosa!” (agressividade autoritária)

Principal característica dos discursos potencialmente autoritários identificados nos comentários em *Carta Capital*, a agressividade autoritária (e a adesão a comportamentos violentos) foi manifesta de forma menos evidente/explicita nos comentários de *Veja*. A explicação para isso passa diretamente pelo papel da revista enquanto orientadora do debate desenvolvido nas redes sociais *online*. Isso porque houve a opção editorial em *Veja* de não compartilhar qualquer informação sobre as manifestações contra o golpe e/ou as repressões policiais violentas aos manifestantes, fechando o espaço onde estiveram presentes as falas pautadas em uma agressividade autoritária na primeira análise.

Obviamente, tal constatação não significa dizer que a *Carta Capital* fomentou discursos pautados nos termos investigados (ao contrário), mas sim considerar a hipótese de que as manifestações potencialmente autoritárias estão latentes no processo formativo que os indivíduos recebem a todo momento sob a forma de estímulos audiovisuais fragmentados (TÜRCKE, 2010), sendo manifestas de acordo com a oportunidade temática da pauta. Isso significa dizer que, caso *Veja* optasse por cobrir o mesmo evento, uma tendência provavelmente semelhante se manifestaria. Isso ajuda não apenas a comprovar que não existe real autonomia do público na orientação dos debates, como também atesta contra as proposições sobre a espontaneidade do discurso dos indivíduos pregadas por Lemos e Lévy (2010). Ora, se são os *mass media*, aqui tomados como responsáveis por perpetuar a doxa através de uma antifilosofia, os responsáveis por escolher os temas que nortearão o debate, não há que se pensar em uma

esfera pública efetiva, transformada ou tampouco virtual, mas apenas (conforme se defendeu na Parte 2 desta tese) em uma expansão da velha indústria cultural.

Ainda assim, apesar de a manifestação ter sido diagnosticada de forma menos direta na maioria das participações, a sugestão da prática efetiva da violência física foi constatada em diferentes comentários (como em C108P2V), vez ou outra associados em algum grau com a obsessão sexual projetada em direção à presidenta Dilma Rousseff (como em C160P4V).

C108P2V: *“O PT causou ao nosso país um estrago devastador, pior que qualquer catástrofe natural que já aconteceu, esses ladrões que pensavam que eram donos do Brasil teriam que pagar com a vida e com uma morte cruel e dolorosa !”*

C160P4V: *“Pau no cú da Dilma Volta pro inferno, #BrasilLivre Pau no cú da Dilma Volta pro inferno, #BrasilLivre”*

#### 4.3.4. “Tchau querida” (antissubjetividade)

Efetivamente, esse foi o item de maior proximidade na análise dos comentários coletados nas duas revistas. Tanto nos discursos conduzidos dentro da *fanpage* da *Carta Capital*, com um contingente mais considerável de simpatizantes da esquerda, quanto nas raras tentativas de se construir um contraponto em *Veja*, as estratégias discursivas de indisposição ao debate ou a qualquer reflexão mais crítica ou profunda surgiram no mesmo tom, marcando o fim do diálogo e de qualquer discussão mais subjetiva com ironia e a adoção de jargões provocativos e vazios em conteúdo ético e moral, normalmente reunidos em torno das já mencionadas expressões “chora mais” e “tchau querida”:

C26P1V: *“Chora artistas global chora Chico bubu e vão à casa do Lula casa da Dilma. E você Themer ponha essa quadrilha fora do palácio da alvorada antes de vc viajar para China se não, quando vc chegar Lula e ela já carregaram tudo.”*

C55P1V: *“tchauuuuuu queridaaaaa”*

C69P3V: *“Esquerdistas, vai chorar lá em Cuba #forapt #bolsonaro018”*

#### 4.3.5. “Deus dá e Deus tira” (superstição e estereotipia)

Ao lado da obsessão com o sexo e a sexualidade, a manifestação de posicionamentos supersticiosos foi uma das principais marcas presentes nos comentários potencialmente

fascistas identificados em *Veja*, o que traz um grande paradoxo dentro do próprio pensamento liberal e do racionalismo extremo que justifica a conduta burguesa na modernidade.

Para TÜRCKE (2010), porém, a religião e o misticismo estão mais próximos do vício do que se pode imaginar no senso comum. Ambos – religião e vício – são, nos termos do teórico alemão, a “autosustentação num objeto de apoio decorativo” (TÜRCKE, 2010, p. 246). Logo, pode-se prever a evocação a explicações religiosas como uma marca de sustentação que tende a persistir e se acentuar em fundamentalismos dentro de uma sociedade cujos indivíduos são semiformados.

Cabe, portanto, identificar as contradições presentes na fiel e cega adoção a esses princípios, vez que “a religião proclama necessariamente sua infalibilidade porque ela sente o quanto é equivocada, a exemplo de um socialismo que, ao afirmar ser real para poder existir, já revela, em seu próprio nome, que a realidade não oferece grande confiança” (TÜRCKE, 2010, p. 247).

Consoantes com a realidade supracitada e sempre oriundos de indivíduos identificados com uma visão de mundo de direita (pró-“*impeachment*”), os comentários analisados buscaram uma explicação sobrenatural tanto para o “infortúnio” ao qual o país estava supostamente submetido quanto para o “exorcismo” daqueles que seriam os responsáveis: Dilma e o Partido dos Trabalhadores. Assim, misturando racionalismo e misticismo, os comentaristas encontraram motivos, justificativas e perspectivas para o futuro idealizado através de postagens como:

C1P1V: *“Até que enfim vamos nos livrar desta corja que desejo de ser o dono do do Brasil Deus e justo ele não falha amém”*

C7P2V: *“É bom demais acordar de manhã e saber que falta pouco para se livrar desse PT . Que seja para sempre. Obrigado meu Deus ouviste nossa prece.”*

C14P2V: *“Deus por nós, povo brasileiro! Que Deus abençoe nossos atuais governantes, para que não se repita um episódio tão triste em nossa Pátria novamente...triste, além de vergonhoso!!”*

C17P2V: *“Eu fico neutra diante de tanta hipocrisia,pois todos os partidos políticos tem sujeira.Só peço a Deus que faça justiça no nosso país,pois se esperar do homem é tudo um bando de hipócritas.”*

C19P2V: *“vai ficar na historia do pais essa luta... essa demora em tirar do poder a mulher q afundou o pais. aff...Deus nos controle sempre nos olhando e nos amparando... fora PT para nunca mais...”*

C23P2V: *“O país sofre uma das maiores crises de sua história. Conclamamos o povo de Deus a orar por essa causa, para que a justiça seja feita e a vontade de Deus seja estabelecida!”*

C47P2V: *“Deus é Fiel ele ouviu nossas orações,obrigado Deus por ter colocado um ponto final nos roubos d P T,em nome d Jesus,o nosso pais vai se erguer!!”*

C70P2V: *“DEUS DÁ E DEUS TIRA ELE É SOBERANO 42 Porque assim diz o Senhor: Como eu trouxe sobre este povo todo este grande mal, assim eu trarei sobre ele todo o bem que lhes tenho declarado. JEREMIAS 32:42”*

C93P2V: *“Fora PT !! Queremos nosso País de volta,p trabalhar e voltar a crescer e viver em paz,com todas as raças q moram nesse País abençoado por Deus.”*

C95P2V: *“Nossa oração é que Deus abençoe esse novo governo para que possa governar com integridade, firmeza e sabedoria, encontrando, assim, o caminho da restauração da economia e da confiança, oferecendo desta forma, esperança ao povo brasileiro.”*

C101P2V: *“12 Feliz a nação cujo Deus é o SENHOR, o povo que Ele escolheu para lhe pertencer! Salmos 33:12”*

C186P2V: *“Que Deus Faça o melhor para o Brasil,pois só ele sabe de toda verdade.Quem somos nós para está julgando!”*

C65P4V: *“Deus Seja Louvado.....foi Deus que tirou vcs, bandidos.. A honra e a glória é Dele.”*

C66P4V: *“Que o nosso Brasil estar livre dessa mulher e esse partido comunista!!! Que Deus abençoe esse novo governante que o ilumine para poder tirar desse buraco que esse incompetente deixou!!! Esperança eu tenho!!!”*

C121P4V: *“eu gostei de tirar Dilma mais to com um pé atras com Michel Temer eu vou colocar meu pais e nas mãos de Deus”*

Nota-se que, em todas as postagens, existe uma aceitação de que o destino – negativo ou positivo – está dado de antemão por forças externas ao indivíduo, contra as quais ele não pode fazer nada além de se submeter e orar (quem sabe Deus não ouve suas preces?). Esse reducionismo da própria fé a uma relação de poder (própria da submissão acrítica aos líderes de movimentos autoritários) é marca do que Adorno *et al.* (1950) sugeriram indicar uma tendência de transferência de responsabilidade, o que poderia ser um forte indicativo de que o ego do sujeito já teria desistido da ideia de que pode comandar o próprio destino e que, portanto, apenas uma intervenção de ordem divina poderia corrigi-lo. Ademais, a partir desses comentários, reforça-se a ideia de que é possível relacionar uma deficiência na formação escolar dos comentaristas (pela mera avaliação dos problemas gramaticais e lógicos identificados nessas manifestações) com a adoção de uma posição e/ou discurso fundamentalista.

#### 4.3.6. “Libertação do comunismo bolivariano” (poder e “dureza/rigidez”)

Conforme mencionado, uma das principais características da adesão ao poder e “dureza/rigidez” indicada por Adorno *et al.* (1950) é a compreensão das diferentes relações sociais a partir de um jogo de poder. Contudo, além da tendência a enxergar relações de conspiração em todos os âmbitos da vida (conforme observado nos comentários analisados em *Carta Capital*), o sujeito que se enquadra nessa perspectiva comportamental também tende a culpar a “fraqueza” dos demais membros da sociedade (sejam eles efetivamente responsáveis ou não) pelos problemas que lhes são condicionados. Tomando um exemplo conhecido por todos, é o que ocorre no recorrente – e repugnante – jogo argumentativo desenvolvido por muitos homens que tentam justificar um caso de estupro por causa da roupa utilizada pela mulher vítima da violência.

Nos comentários analisados, a relação manifesta a essa tendência foi expressa a partir de uma associação dos problemas brasileiros à existência de uma articulação comunista para tomar o poder no Brasil (discurso esse, aliás, recorrente em diferentes períodos da história brasileira no século XX, como, por exemplo, durante os governos de Vargas e Goulart). Assim, para esses indivíduos, tanto a responsabilidade pelos males do país, quanto a solução para a superação desses passa a ser compreendida a partir da constatação da existência de um “foro bolivariano comunista” que precisa ser combatido, como demonstram os comentários:

C1P2V: “*Bom dia !!! Hoje dia da libertação do Brasil das garras do comunismo bolariviano de Dilma !*”

C94P2V: *“Temos que tomar cuidado, pt tá camuflado e tá em outros partidos. Não votem neles, pesquisem! Precisamos acabar com esses comunistas dementes!!!”*

C136P2V: *“Não ! A cabeça da serpente sera ferida, mas não Arrancada . A serpente sobreviverá e esta cheia de dinheiro para retornar com toda força ! Querem implantar uma Nova URSS aqui na América latina . Não relaxem e nem sosseguem vivo ?”*

C165P3V: *“É o fim do golpe comunista no Brasil, espero q para sempre. Tiveram uma oportunidade única e mostraram a sua real face.”*

C144P3V: *“Tchauuuu querida Tchauuuu queridos Tchauuuu Foro de São Paulo Que venha o ARENA antecorrupçãp jaaaaa”*

C144P4V: *“Na verdade não estamos vivendo uma Democracia e sim um Comunismo disfarçado, pena. ADEUS PETRALHAS!!!!”*

#### 4.3.7. “Intervenção militar já” (destruição e cinismo)

Conforme discutido nas análises realizadas nos comentários de *Carta Capital*, a tendência a destruição e cinismo é marcada pela apropriação às avessas (por assim dizer) que o sujeito faz de determinado valor/pensamento como justificativa para um ato violento. A manifestação dessa tendência é mais sutil em *Veja*, sendo expressas a partir da incorporação do discurso extremista como meio viável para garantia da democracia (conforme visto nos comentários referentes a Jair Bolsonaro, como o C188P3V e no exemplo C136P4V).

C136P4V: *“Fora Temer fora todos. Intervenção militar já todos bandidos...”*

Ao mesmo tempo que traz um descompromisso com a base formativa que sustenta sua própria postura frente o mundo (tomemos como exemplo um cristão que, na primeira oportunidade, defende a pena de morte como único meio de se obter justiça), o alinhamento com tal posição significa a prevalência do fetiche que marca a condição moderna do homem: o preenchimento do vazio moral do ego através do vício (TÜRCKE, 2010), no referido caso, expresso através do cinismo.

#### 4.3.8. “Coloca essa guerrilheira para ser estuprada” (projeção e obsessão com sexo e sexualidade)

Optou-se por reunir em um só tópico essas duas características – projeção e obsessão com sexo e sexualidade – pela constatação de uma relação quase que indissociável entre ambas

dentro dos comentários presentes em *Veja*. Conforme já foi destacado na introdução desta segunda rodada de análises, um dos traços marcantes no *corpus* foi o registro da obsessão com o sexo e a sexualidade, quase sempre direcionada à presidenta Dilma. A diferença em relação aos comentários potencialmente autoritários identificados na *fanpage* de *Carta Capital* é que em *Veja*, mais do que a violência simbólica de gênero (praticada já no próprio âmbito discursivo), foram localizados comentários sugerindo a prática efetiva de violência física e sexual.

Na maioria dos comentários analisados dentro dessa categoria, a marca principal da compulsão em associar elementos relacionados com uma violência sexual ao corpo feminino foi pautada pela projeção de fraquezas do próprio ego dos comentaristas frente aos impulsos reprimidos no id. É certo que uma aferição precisa dessa tendência perpassa pela necessidade da realização de estudos clínicos (que não fazem parte da investigação de manifestações próprias da superfície discursiva como a aqui desenvolvida), mas a análise hermenêutica dos comentários, quando associada com a caracterização histórica de Rousseff (uma senhora solteira de setenta anos, ex-guerrilheira, torturada na Ditadura Militar, primeira presidenta do Brasil, conhecida pelo pulso firme e pela independência), permite supor que as personalidades potencialmente autoritárias – e, portanto, fracas dentro do que descrevem Adorno *et al.* (1950) – encontram na figura de Dilma o espaço para projetar todos os seus impulsos sexuais reprimidos. Isso marca para esses indivíduos uma tentativa desesperada do ego de, a partir da manifestação de algum controle e poder no corpo do outro (prioritariamente um corpo feminino, que nos termos hegemônicos não poderia ocupar um lugar de poder na sociedade), tentar mostrar algum controle do próprio corpo, constantemente castrado pela pressão externa do grupo. Nesse sentido, produz-se a própria barbárie nos comentários presentes em *Veja*.

A leitura dos comentários referentes à presidenta Dilma, aliás, representou a tarefa mais árdua – e nauseante – desta pesquisa, conforme pode ser constatado a partir dos exemplos listados a seguir:

C144P1V: “*Tchau vaca louca*”

C73P2V: “*Partido TERRORISTA ( PT) Quebraram o BRASIL ,nosso ESTOQUE de Feijao a Dilma deu para CUBA..e nos Brasileiros se fudemos....Fora VACA IMUNDA*”

C132P2V: “*Foraaaaaaaaaaaaa Dilma Rousseff, raaaaaaaaa Terrorista. Eu gostaria muiiiiiiiiiiiiiito te fazer uma visita na cadeia.*”



C137P2V: *“Capaz dela descer a rampa com uma criança. Um cachorro e uma mandioca atrás....”*

C138P2V: *“Chega de mimi e coloca essa guerrilheira no presidio para ser estuprada, pois crianças moças são estupradas no brasil a todo momento pq essa podre nunca cuidou de nó.”*

C111P3V: *“A VAGABUNDA AUTORIZA GASTAR 100 MILHÕES EM PUBLICIDADE E A IMBECIL DA GLEISI DIZ QUE ELA É INOCENTA”*

C130P3V: *“Querida Dilma hj conversei com papai Noel ele me disse que o melhor presente que ele vai ter é sua saída e disse que vc é uma piranha”*

C160P4V: *“Pau no cú da Dilma Volta pro inferno, #BrasilLivre Pau no cú da Dilma Volta pro inferno, #BrasilLivre”*

Conforme salta aos olhos nos comentários, as sugestões baseadas em associações de cunho sexual predominam em *Veja*. Ao invés de estender em tal análise hermenêutica, aparentemente óbvia, interessa mais neste último tópico retomar a proposta de “autorregulação” que marcaria as redes sociais *online* dentro do que se designou por Lévy e Lemos (2010) como uma era pós-massiva. Ao contrário do que deveria ocorrer em conformidade com a sugestão dos autores, em todos os comentários acima listados não houve nenhuma tentativa de intermédio – por parte da revista ou de outros comentaristas – de rebater ou silenciar os discursos abertamente pautados no ódio, na misoginia e potencialmente (ou efetivamente) fascistas.

Isso se justifica, conforme se defende nesta tese, por um motivo muito simples: Lemos e Lévy (2010) apontam que a ciberdemocracia seria viável dentro do capitalismo uma vez que superássemos todas as formas de totalitarismo, mas ocorre que os pensamentos totalitários (bem como os autoritários, que lhe servem de base) não são um estado dissonante ou oposto ao estado burguês, mas sim uma de suas consequências. Portanto, parece adequado insistir numa postura marxista frente à questão, já que, enquanto persistirem as condições objetivas de produção da nossa existência, persistirão as condições de aparecimento de manifestações potencialmente autoritárias e fascistas, sendo essas ampliadas pelas vias da fragmentação (e vício) estimuladas pelos *media* da indústria cultural na sociedade excitada.

Outrossim, conforme foi verificado na análise hermenêutica, no contexto das redes supostamente “pós-massivas”, as personalidades potencialmente fascistas e/ou autoritárias se

manifestaram/manifestam já na superfície discursiva sem restrições ou pudores em relação às possibilidades de “regulação” do grupo, estando presentes tanto nas publicações de *Carta Capital* como nas publicações de *Veja*. Uma das hipóteses que surgem entre as inferências tomadas a partir dessa constatação (com a observação dentro dos tópicos “projeção” e “obsessão com sexo e sexualidade”) é que essas personalidades são, também, personalidades machistas. Isso é, a obsessão com os corpos femininos, transexuais e gays e a tentativa de “castrá-los” como escape da própria “castração” é um dos principais mecanismos de manifestação na superfície discursiva dos preconceitos que emergem de indivíduos que não conseguem compreender ou elaborar os próprios impulsos.

Dessa forma, a despeito da perspectiva “pós-massiva”, a tese apresentada se mostra válida: as redes sociais *online* não apenas se mostram incapazes de “regular” preconceitos manifestos na superfície (como esses de gênero), como representam uma ampliação da indústria da cultura, da semiformação e, conseqüentemente, da constituição de personalidades fascistas. E, se toda tese é sempre um ponto acompanhado de um conjunto de interrogações, numa perspectiva dialética negativa, a percepção dessa contradição (que seriam nosso ponto final) nas redes *online* surge como a oportunidade para que outras contradições sejam identificadas, investigadas e debatidas. É disso que a Parte 5 busca dar conta. Das contradições desta própria tese, de seus interlocutores, da sociedade excitada, do jornalismo e daquilo que se pode projetar como caminho contra a semiformação.

## **PARTE 5. [CONSIDERAÇÕES FINAIS: ‘O ENSAIO COMO FORMA’]**

### **JORNALISMO COMO ANTIFILOSOFIA E FASCISMO NA EXCITADA SOCIEDADE DAS REDES ONLINE: UMA TESE INFELIZMENTE VÁLIDA**

[...] o ensaio reflete o que é odiado e amado [...] não começa com Adão e Eva, mas com aquilo sobre o que deseja falar, diz o que a respeito lhe ocorre e termina onde sente ter chegado ao fim, não onde nada mais resta a dizer: ocupa, desse modo, um lugar entre os despropósitos (ADORNO, 2003, p. 16).

### 5.1. Uma tese, um ensaio e seus “despropósitos”

Tendo em vista seu *conteúdo de verdade*, a tese que apresento, infelizmente, é válida: as redes sociais *online*, enquanto agentes da superestrutura da sociedade, não podem ser consideradas uma antítese dos *mass media* capaz de revolucioná-los ou, tampouco, de metamorfosear nosso próprio modo de vida numa ciberdemocracia plena como defendem os teóricos pós-modernos, os quais, aliás, acusam toda e qualquer empreitada crítica de distorcer o presente e mirar o futuro pelo “retrovisor” de uma base epistemológica do século passado, como faz André Lemos (2018) em seu recente ensaio *Isso (não) é muito Black Mirror* [onde analisa a crítica às novas tecnologias presente na série britânica *Black Mirror*, tema no qual não vou adentrar]. ‘Antes fosse’, como diria o sabido. Mas o que se vê – nesta pesquisa e em outras abordagens críticas – é apenas a estrada posta à frente, que insiste em repetir os perigos de curvas e precipícios que sequer conseguimos superar.

É certo que o debate proposto por Lemos (2018) em seu ensaio – e não só por ele – possui muitos méritos, mas, também, alguns equívocos importantes aos quais, com esta tese em sua totalidade, ousou me contrapor. O principal deles é que, apesar dos inúmeros refinamentos tecno-científicos, seja no nível macro ou nano, que transformam e tensionam sem cessar tanto as condições produtivas do trabalhador quanto o resultado de seu labor, a essência do modo de produção capitalista ao qual estamos submetidos segue inalterada. Como dito, os perigos seguem os mesmos nesta estrada, e o grande problema não é olhar pelo retrovisor, mas não conseguir mais sequer diferenciar entre ele e o para-brisas, visto que formam uma mesma imagem ofuscada. Em outras palavras [e uma vez mais retomando o canto XII da *Odisseia* de Homero]: o mar segue o mesmo e as condições de entorpecimento daqueles que remam também, ainda que acreditemos que a navegação ocorre apenas na virtualidade da tela preta de nossos *smartphones* e *tablets*.

Assim, as redes sociais *online* pelas quais transitamos através desses sofisticados aparelhos não permitem [como prometido pelos otimistas] rumar para um novo porto ou para outra estrada, apenas oferecem novas rotas para o mesmo destino frequentado num passado nada distante. Frisando uma frase já mencionada nesta tese, são uma espécie de complemento que potencializa e expande em níveis insuportáveis a velha ideologia burguesa e todas as nuances autoritárias que a acompanham dentro de uma sociedade já viciada em informações que pouco ou nada contribuem para ampliar a existência objetiva e subjetiva dos indivíduos. Conforme demonstrado na análise hermenêutica dos comentários potencialmente fascistas,

tudo isso, todo esse discurso que desvela e forma novas personalidades autoritárias [e isso já no nível superficial do discurso], fomenta uma perigosa possibilidade: a de que Auschwitz se repita. É sobre isso que versa este último texto. Sobre o perigo de que tudo aconteça novamente, agora com a ajuda das redes sociais *online* como lócus privilegiado para o germe fascista do qual outrora se alimentou – seja pelo esquecimento, seja pela negação – um jornalismo traduzido em antifilosofia.

Destarte, partindo do convite adorniano e tomando o ensaio como forma, busco nestas páginas finais – intencionalmente redigidas na primeira pessoa – mostrar as próprias lacunas [ou os “despropósitos”] da pesquisa desenvolvida, propondo-as como ponto de partida para estudos futuros. Meu esforço é, também, de amarrar as diferentes hipóteses apresentadas no início da tese com as respectivas trilhas teóricas e empíricas percorridas, apresentando algumas contribuições que [espero!] ajudem a identificar os perigos de um caminho nada virtual que ameaça rumar para a barbárie. Para isso, dou pontapé a partir d’uma reflexão sobre a pressão do mundo administrado e a importância de se considerar o aspecto subjetivo na pesquisa (tópico 5.2); apresento as principais críticas e incômodos suscitados pelas três hipóteses defendidas frente o amplo domínio das ideias pós-modernas nos campos de investigação da Educação e da Comunicação Social (tópico 5.3); discuto a representatividade dos resultados da análise desenvolvida à luz das categorias do Grupo de Berkeley frente o avanço do obscurantismo neofascista na América Latina (tópico 5.4); analiso quais as possíveis inferências e contribuições para pesquisas futuras a partir do estudo realizado, apresentando duas possíveis correntes de pesquisa (tópico 5.5); e, ao fim, apresento os argumentos que corroboram a tese, aponto duas possíveis saídas [ainda que utópicas e igualmente difíceis] para tentar brejar os processos semiformativos engendrados pela mídia hegemônica: o jornalismo literário e a regulação/regulamentação da atividade jornalística (tópico 5.6).

## **5.2 Pressão do mundo administrado: inflexão em direção ao sujeito**

É certo que, conforme reitera Theodor W. Adorno em diferentes momentos de sua extensa produção bibliográfica, a pressão do mundo administrado continua a se impor e multiplicar “em uma escala insuportável” (ADORNO, 1995, p. 122), impelindo-nos rumo a um sentimento claustrofóbico que, preservados naquilo que têm de mais básico os pressupostos objetivos que condicionaram Auschwitz, tende a se converter novamente em uma pulsão generalizada de raiva contra a civilização, culminando em práticas e comportamentos que, a depender do descompasso histórico [como o que, lamentavelmente, experimentamos na

América Latina nesta virada de década], podem se alinhar com uma concepção fascista de mundo. Isso é: o perigo do fascismo nunca nos rondou [nós, latino-americanos] tão próximo.

É claro que existe quem defenda – como o historiador italiano Emilio Gentile (GENTILE; FELICE, 1988) – que o nazifascismo foi um movimento político e social historicamente datado e geograficamente marcado que não se repetirá. E são muitos os que compram essa ideia. O grande equívoco, contudo, como já apontou com propriedade Slavoj Žižek (ŽIŽEK, 2013), é acreditar que o fascismo [e o totalitarismo em suas diferentes formas] seja o extremo oposto desse capitalismo travestido de democracia liberal [ou neoliberal] que, miseravelmente, experimentamos. Não é. Conforme diagnosticou o Grupo de Berkeley (ADORNO *et al.*, 1950) e esta tese buscou reiterar em uma análise hermenêutica, a constituição da visão autoritária de mundo [seja ela uma anomalia ou um processo premeditado] surge justamente entre indivíduos formados na [e pela] sociedade liberal. São esses os indivíduos que ocupam as redes sociais *online*. São eles que não tentam mais sequer disfarçar as tendências autoritárias entranhadas nas profundezas da alma [que aqui prefiro chamar de personalidade]: tudo está posto já no campo discursivo.

Outrossim, ainda que a pretensão não seja adentrar na polêmica “fascismo histórico” *versus* “usos da expressão fascismo”, é mister ponderar que as ideias potencialmente autoritárias e fascistas são frutos da imposição da ideologia burguesa através dos diferentes meios que essa usa para ocupar a superestrutura social, condicionando processos semiformativos [como defendido ao longo da tese, de sequestro do esquematismo] que impedem os indivíduos de ter uma visão autocrítica plena perante o mundo, uma *Bildung*.

Querendo ou não, as condições para a volta do fascismo foram preservadas na medida em que se conservou, também, o mesmo sistema de representação simbólica do qual soube se aproveitar Joseph Goebbels<sup>85</sup>. Afinal, conforme ponderam Adorno *et al.* (1950) ao apresentar seu conceito de personalidade nos estudos sobre a personalidade autoritária [“uma organização de forças mais ou menos duradoura no interior do indivíduo”], o que as pessoas dizem e o que elas realmente pensam depende em larga medida do clima de opinião em que vivem. Logo,

---

<sup>85</sup> Prova da persistência dessas condições é o discurso proferido pelo ex-secretário da Cultura do governo Bolsonaro, Roberto Alvim, em 16 de janeiro de 2020, quando, ao lançar o Prêmio Nacional das Artes, replicou a estética (trilha sonora, aparência, disposição dos elementos no vídeo, tom de voz) e um extenso trecho da mensagem divulgada por Goebbels antes de iniciar a queima de livros na Alemanha nazista.

tanto a ação concreta como a manifestação verbal de práticas fascistas mais do que sugerem que todas as condicionantes – em termos econômicos, políticos e ideológicos – persistem.

Nesse sentido, ao se conceber o fascismo como uma ameaça real e não apenas como um espectro que nos amedronta na calada da noite, o esforço constante com a pesquisa foi o de estabelecer um ponto de reflexão e inflexão sobre as práticas sociais [semi]formativas engendradas a partir dos *mass media* da indústria cultural, afinal como

[...] hoje em dia é extremamente limitada a possibilidade de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geram tais acontecimentos, as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo (ADORNO, 1995, p. 121)<sup>86</sup>.

Nos primeiros passos dentro do caminho descrito [isso é, de uma análise voltada para a formação da subjetividade nos indivíduos potencialmente autoritários], ao elaborar o início da jornada na pesquisa, isso pelos idos de 2015, e estabelecer a defesa de que o jornalismo, nos moldes em que é praticado pelos grupos hegemônicos de mídia no Brasil, pode ser descrito como uma antifilosofia [que reforça e reproduz a opinião rasteira, fugaz e fragmentada, nivelando por baixo a formação de seus leitores, telespectadores e ouvintes], minha proposta foi realizar, *a priori*, uma análise das publicações presentes em alguns desses *media*, cujo escopo foi encontrar [nos *media*] indícios e alguns traços do pensamento típico da personalidade autoritária.

Contudo, essa opção reservava três incongruências “metódicas” importantes. Primeiro por não focar nos indivíduos potencialmente fascistas, mas na análise do conteúdo de mensagens midiáticas, caminho que seguia na contramão da proposta de inflexão em direção ao sujeito apresentada por Theodor W. Adorno (1995):

Torna-se necessário o que a esse respeito uma vez denominei de inflexão em direção ao sujeito. É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos (ADORNO, 1995, p. 121).

Além disso, a escolha por conteúdos midiáticos impossibilitava a ampliação do debate, o que seria pouco proveitoso para o objetivo desta tese, já que por mais significativo que fosse

---

<sup>86</sup> Encontra-se nessa breve passagem transcrita, presente no texto *Educação após Auschwitz*, um vislumbre da potente perspectiva pedagógica do pensamento adorniano que, ao contrário do que propagam as críticas mais entusiasmadas do “senso comum filosófico”, não se reduz a uma espécie de “pessimismo” em relação ao mundo, mas do exercício de uma crítica negativa que objetiva, ao fim, revelar as contradições que fomentam o antiesclarecimento.

o impacto identificado de uma determinada produção jornalística sobre um grupo de receptores, ela seguiria sendo apenas uma manifestação particular perante o universal, sendo incapaz de aproximar teoria e práxis.

Por fim, a última – e principal – incongruência era que a ideia original [de reduzir a análise a um *corpus* mais restrito de mensagens produzidas pelos *media*] repetia na teoria a mesma fragmentação criticada no objeto, “repetição” essa que poderia levar a diferentes equívocos, sobretudo porque o problema não está na total ausência de determinados debates progressistas ou educativos dentro da indústria da cultura [que poderiam ser identificados na pesquisa visto que eles até ocorrem, muitas vezes em esforços contra-hegemônicos, outras numa espécie de cota de silenciamento da mídia dominante], mas a abrangência insignificante que temas de interesse ocupam nas páginas dos tabloides e nas grades de programação frente a todo o desserviço semiformativo prestado. Em outras palavras: o debate sobre o racismo está lá, mas em uma ligeira fração de segundo diluída entre horas e horas de produções que reforçam o preconceito étnico-racial. É o que ocorre toda vez que um jovem contraventor negro é apresentado pelos jornalistas como um “bandido” enquanto o contraventor branco é um “jovem estudante”. Minha dificuldade, por conseguinte, seria “precisar” essa intencional “imprecisão”.

Mas um ponto é fundamental: o fato de não podermos demonstrar com precisão como essas coisas funcionam naturalmente não significa uma contraprova desse efeito, mas apenas que ele funciona de modo imperceptível, muito mais sutil e refinado, sendo por isto provavelmente muito mais danoso (ADORNO, 1995, p. 88).

Logo, tomando essa característica dos *mass media* e da própria indústria da cultura, minha primeira expectativa ao fim desta tese é que ela sirva de ponte [ou apenas incentivo, seja pela base teórica que adota, seja pelas críticas que suscita] para que novos estudos direcionados à compreensão da formação subjetiva dos indivíduos sejam realizados. A partir da realização de uma série de investigações dialeticamente articuladas será possível delimitar com mais precisão traços das personalidades potencialmente autoritárias que voltam a emergir com maior frequência na excitada sociedade hodierna, conforme se evidenciou [no campo da superfície discursiva] nas análises dos comentários sobre o golpe de 2016.

Nesse caminho, esforços multidisciplinares que combinem diferentes técnicas de pesquisa social, da psicologia acadêmica e a própria psicanálise [como a colaboração de Berkeley] são fundamentais para que se possa estabelecer metas e projetos educacionais efetivos [seja a partir de uma apropriação dos *mass media* ou não] contra a formação de pessoas com uma postura de vida autoritária. É claro que esses projetos devem ser fruto de uma “boa



intenção” mais ampla [Saviani e Duarte estavam certíssimos ao afirmar que a escola sozinha não vai revolucionar o mundo], mas compreender a formação desses indivíduos potencialmente fascistas e pensar ações pedagógicas já seria um gigantesco primeiro passo.

### 5.3. Hipóteses, incômodos e críticas

Tomando a opção de direcionar a atenção dos estudos para a manifestação da subjetividade que fora “sequestrada” dos indivíduos através da semiformação e da indústria cultural [no caso desta pesquisa, a partir da manifestação dessa subjetividade pela linguagem], a tese apresentada foi elaborada em uma trilha que exigiu alguns importantes movimentos e recortes teóricos e de pesquisa retomados aqui, a saber: i) a caracterização do jornalismo hegemônico como uma espécie de antifilosofia que compõe a indústria cultural, sendo essa capaz de semiformar os indivíduos a partir do sequestro do esquematismo; ii) a defesa da concepção de uma visão crítica negativa sobre as redes sociais *online* como melhor abordagem teórica, principalmente a partir da apropriação dos debates sobre vício e sensação presentes em Christoph Türcke (2010) como contraponto ao otimismo bradado por teóricos pós-modernos (LE MOS; LÉVY, 2010); e iii) a retomada dos estudos do Grupo de Berkeley (ADORNO *et al.*, 1950) como potente estratégia para a investigação da formação de personalidades potencialmente fascistas e a adaptação das categorias para uma análise hermenêutica, condicionando que, ao fim, fosse possível a avaliação da manifestação de traços dessas personalidades nos comentários coletados nas redes sociais *online* das revistas *Veja* e *Carta Capital*.

Cada uma das etapas acima listadas buscou, em seu próprio percurso, sustentar teoricamente as três hipóteses apresentadas na Parte 1 da tese. Cada uma delas objetivou apresentar a crítica a um determinado pensamento hegemônico sobre a atividade jornalística na contemporaneidade. Cada uma delas foi efetivamente comprovada durante a análise final dos comentários, desenvolvida na Parte 4. Cada uma delas provocou debates calorosos e críticas exaltadas quando apresentada em congressos, simpósios e seminários<sup>87</sup>, sendo essas

---

<sup>87</sup> Ao longo do desenvolvimento da tese, as hipóteses foram apresentadas oralmente (como comunicação ou palestra) dentro de trabalhos aprovados em diferentes eventos científicos, sendo os principais: *VIII Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades* (UNIT: Maceió/AL, 2019); *Colóquio filosófico: debates [im]pertinentes* (Ufes: Vitória/ES, 2019); *XXIV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste* (Ufes: Vitória/ES, 2019); *XI Congresso Internacional de Teoria Crítica* (Unesp: Araraquara/SP, 2018); *XVIII Encontro Nacional da Anpof* (Ufes: Vitória/ES, 2018); *XVI Semana de Filosofia da Ufes* (Ufes: Vitória/ES, 2018); *I Colóquio de Pesquisas em Educação* (Ufes: Vitória/ES, 2017); *I Colóquio Nacional Literatura e Revolução* (Ufes: Vitória/ES, 2017); *X Congresso Internacional de Teoria Crítica* (UFScar: São Carlos/SP, 2016).

apresentações fundamentais para o afinamento das ideias propostas. Tudo isso parece referendar a validade dialética enquanto crítica negativa do esforço empreendido com a tese [como dito, ainda que seja para suscitar reflexões contrárias], por isso, vale lembrar e registrar as principais críticas que ajudaram a lançar luz [ou sombras] sobre o objeto.

### 5.3.1 Jornalismo como antifilosofia: “é preciso desconfiar de quem critica o jornalismo[...]”

A primeira hipótese defendida na tese é de que o jornalismo hegemônico, enquanto produto da indústria cultural, constrói a memória [à revelia] do cidadão com argumentos interessantes ao grupo que está no poder em determinada época. Isso justifica o fato de toda e qualquer reflexão condicionada pelos veículos hegemônicos ser pautada *a priori* em uma antifilosofia, reproduzindo o senso comum ordinário e acentuando os processos de semiformação. Nas palavras de Wolfgang Leo Maar (*in* ADORNO, 1995):

Em primeiro lugar, há uma transformação básica na chamada superestrutura, confundindo-se os planos da economia e da cultura. A indústria cultural determina toda a estrutura de sentido da vida cultural pela racionalidade estratégica da produção econômica, que se inocula nos bens culturais enquanto se convertem estritamente em mercadorias; a própria organização da cultura, portanto, é manipulatória dos sentidos dos objetos culturais, subordinando-os aos sentidos econômicos e políticos e, logo, à situação vigente. Além disto, ocorre uma interferência na apreensão da sociedade pelos seus "sujeitos" pelo mecanismo da “semiformação”: seja com conteúdos irracionais, seja com conteúdos conformistas. Em ambos os casos mobilizam-se traços autoritários da personalidade autoritária (MAAR, 1995, p. 21 *in* ADORNO, 1995).

As críticas recebidas sobre essa hipótese [como na apresentação que realizei dentro do *XXIV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste* (Intercom), em Vitória/ES, 2019] se pautaram no suposto esgotamento da categoria de indústria cultural como prisma potente para análise da mídia [a tal história de “olhar pelo retrovisor”]. O núcleo duro desse argumento é de que o pensamento adorniano, aos olhos da florida pós-modernidade, representaria algo de totalização da realidade do jornalismo pela teoria e que consideraria os indivíduos seres meramente passivos e a mídia uma unidade singular que atua sobre a massa amorfa, retomando algo que seria próximo de uma – imprópria – teoria hipodérmica da Comunicação Social. Ou, reproduzindo as palavras de um interlocutor dentro da Intercom, se trataria “[...] de uma abordagem perigosa porque é preciso desconfiar de quem critica o jornalismo”.

Contudo, parece-me mais prudente desconfiar dos jornais hegemônicos dos quais, entorpecidos, muitos indivíduos “compram” suas ideias. Ademais, o pensamento de Adorno se difere radicalmente de toda e qualquer tentativa de totalização e está situado a passos largos de

distância de qualquer crença de passividade absoluta do receptor [lembramos: Adorno se distanciou de Lazarsfeld – um dos críticos da teoria hipodérmica – porque achava que ele também se preocupava de forma insatisfatória com a condição subjetiva dos ouvintes]. Além disso, a realização de um movimento de crítica negativa, valorizando a primazia do objeto e lançando mão de categorias da psicanálise para compreender a particularidade de cada personalidade frente sua situação singular em relação ao processo de semiformação trata justamente de reconhecer a incapacidade da teoria de dizer algo de definitivo sobre o todo [reforçando: não existe conciliação entre teoria e práxis, mas apenas aproximação].

Mas é preciso reconhecer: ouvi atentamente as críticas [passei a desconfiar da minha desconfiança enquanto quem desconfia de um jornalismo nada confiável]. De certa forma, foi a partir desse movimento que reconheci, ao longo do percurso de pesquisa, as contradições e os esforços contra-hegemônicos que buscaram [e buscam] fomentar uma reflexão crítica efetiva com o jornalismo, um esforço de grandes dimensões sem o qual a realidade objetiva certamente estaria pior: imagine atravessar a Ditadura Militar (1964-1985) sem o labor hercúleo dos jornalistas de inúmeros veículos que, a contragosto de passado golpista e em sentido oposto ao futuro [também golpista] dos empresários/patrões, mesmo que nos contornos do liberalismo, lutaram por uma pauta democrática. Ainda assim, da mesma forma como a tese não se fechou para as contradições do seu próprio alcance teórico, ela também não pode vedar os olhos para as contradições do labor jornalístico que, enquanto atividade liberal financiada por subsídios econômicos, insiste em se vincular em seu íntimo [ao menos nos maiores grupos] a um sistema econômico que não pode questionar na sua totalidade.

Conforme defendi insistentemente nesta tese, para essa mídia hegemônica não existe nenhum problema em provocar comoção social a partir da cobertura de uma situação de exploração de classes que lhe pareça injusta [como a situação dos desempregados, por exemplo], desde que essa comoção não ultrapasse um determinado limite, algo como uma barreira burocrática de contenção/segurança que impede que o próprio sistema seja responsabilizado. Quando isso ousa acontecer, logo o dispositivo da indústria do espetáculo entra em ação, pautando “super eventos” [que podem ser “super shows” ou mesmo “super mortes”] capazes de atrair toda a opinião pública e atirar a mobilização contra o sistema ao mar das sirenas descrito com propriedade por Adorno e Horkheimer (1985). Direcionar os olhos para essa contradição, percebida apenas a partir de uma análise do conjunto, é a contribuição que almejo a partir da defesa da hipótese do jornalismo como antifilosofia.

### 5.3.2. Sociedade excitada *versus* era pós-massiva: “riqueza da cibercultura [...]”

A segunda hipótese da tese talvez “desagrade” mais ainda do que a primeira. Isso porque é pensamento quase unânime que as redes sociais *online* são uma dádiva a partir da qual

[...] a grande rede mundial de computadores nos coloca em uma esfera comunicacional ímpar e rica, onde, pela primeira vez, podemos ter acesso a obras (sob os mais diversos formatos) mediadas pelos instrumentos da indústria massiva [...], mas, também, e é aqui que podemos ver a riqueza da cibercultura, produtos livres, criados por qualquer pessoa, sob qualquer modulação midiática, de qualquer parte do globo, circulando livremente, alimentando os nichos excluídos da cultura massiva (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 93-94).

Opor-se a esse pensamento otimista reserva algo de perigoso na academia, sobretudo nas rodas de pesquisadores das redes sociais *online* e das novas tecnologias nos campos da Educação e da Comunicação Social. E a resposta quase sempre surge em forma de sofismos baratos e retóricas distorcidas: o jornalismo é essencial para a democracia, logo, se você critica o jornalismo você é contra a democracia; ou: as redes sociais *online* permitem a livre produção e circulação de ideias que são essenciais para a democracia e para a educação, logo, se você critica as redes sociais *online* você também é contra a democracia e a educação. Ou seja, até aqui – dentro dessa lógica – a tese apresentada [e eu próprio] seria duplamente contrária às práticas democráticas.

É óbvio que não se pode culpar a tecnologia pelos “males” da sociedade, tampouco negar os incrementos e as facilidades que novos adventos, como as redes sociais *online*, trazem: pesquisas se tornam mais práticas e rápidas, cursos virtuais ajudam na especialização de trabalhadores, informações científicas circulam com maior velocidade, conseguimos nos comunicar com pessoas distantes, achar nosso cachorro desaparecido em grupos de compartilhamento e até organizar protestos e infundáveis petições e abaixo-assinados contra [des]governos. Tudo isso é verdade e não é negado nesta tese. A tecnologia tem mesmo uma potência transformadora incrível [lembramos que o próprio Adorno (1995) destacou o potencial educativo da televisão]. Contudo, nessa sociedade, o potencial educativo é apenas isso: algo latente, que constantemente lamentamos por não se manifestar. É como um livro bom que sentimos por ter sido adaptado ao cinema por um diretor “caça-bilheterias” do *mainstream* hollywoodiano: fica a sensação de desperdício. E, no caso da tecnologia infocomunicacional, isso ocorre porque ela não serve a um fim democrático, mas a um propósito mercantil. Ela precisa produzir conteúdo num ritmo industrial alucinante e, na lógica na concorrência, os números sempre falam mais alto.

Olhemos para os reais proprietários das redes sociais *online*. Somos realmente nós responsáveis por abastecê-las com conteúdo da nossa vida privada? Acontece que, para além de qualquer pretensão democrática – e acreditemos aqui na boa intenção dos fundadores de muitos dos grupos das novas mídias, por mais “ingênuo” que isso seja, tomando o termo exato usado por TÜRCKE (2010) –, é absolutamente inegável que a mesma classe que sempre exerceu o controle econômico da sociedade se apropriou dessas ferramentas [e faz pouca diferença precisar se isso se dá na gênese da internet ou ao longo de sua curtíssima história]. Mais. Com algum toque de sadismo essa classe transformou todos os “usuários” das classes dominadas em potenciais agentes e produtores de conteúdos a seu serviço nas redes sociais *online*. E isso se manifesta de forma danosa em muitas dimensões. A mais grave delas, discutida nesta tese, é aquela apontada por Christoph TÜRCKE (2010): a supersaturação dos sentidos a partir do estabelecimento de um vício por conteúdos fragmentados nessa sociedade excitada. Desatentos, passamos a consumir conteúdos audiovisuais cada vez mais rasos em busca do sensacional e é aí que levamos os processos semiformativos às últimas consequências: viciamos e reproduzimos as pílulas que nos viciam.

O problema do vício é que o material produzido nunca traz satisfação. Assim, produz-se mais e mais numa escala infinita de angústia. É nesse cenário de semiformação e desespero que, pressionadas pelo mundo administrado, as pessoas passam a reproduzir incessantemente novos conteúdos rasos nos quais buscam instrução e prazer. Dentro da lógica ciberdemocrática dos pós-modernos, os mecanismos de inteligência coletiva [daquilo que seria uma era pós-massiva] deveriam funcionar plenamente em uma sociedade democrática, como se autodefine a sociedade brasileira, para silenciar/filtrar os abusos e educar com certo nível de profundidade os indivíduos. Contudo, conforme apontou a análise empírica realizada nesta tese, não foi o que aconteceu. Não é o que acontece. Nossos filtros nas redes *online* são os filtros dos algoritmos da web semântica [e de seus proprietários], os quais, ainda que não possamos compreender por “segredo industrial”, selecionam por nós qual parte do derrube incessável de informação devemos ver. Nossa profundidade é a das manchetes de cento e poucos toques, dos memes e das imagens e áudios chamativos. Nada além de pura excitação.

### 5.3.3. Formação de personalidades autoritárias: “discordo de tudo o que você disse”

Derivada dessa lógica está a terceira hipótese defendida: com a multiplicação desses conteúdos rasos (frutos do jornalismo que se configura como uma antifilosofia) nas redes sociais *online*, o processo de supersaturação denunciado por TÜRCKE (2010) é acentuado,

trazendo como consequência mais grave a semiformação que leva ao surgimento de personalidades potencialmente autoritárias que adotam comportamentos – ao menos no nível superficial do discurso – semelhantes àqueles descritos nos estudos do Grupo de Berkeley (ADORNO *et al.*, 1950), conforme se buscou comprovar e compreender a partir das análises desenvolvidas na Parte 4 desta tese.

Na defesa dessa hipótese em um seminário no Centro de Educação da Ufes, um jovem estudante, com a empolgação que é própria da idade, bradou me interpelando: “discordo de tudo o que você disse”. Depois de me assustar um pouco [ora, havia falado de empatia, inclusão, direitos humanos, direito da mulher, democracia, entre outros... logo, achei a discordância em relação a esses tópicos ameaçadora], ouvi a argumentação do universitário que se contrapôs à hipótese alegando que não conseguia entender como categorias tão antigas da psicanálise poderiam explicar o alinhamento de alemães ao lado de nazifascistas, tampouco como elas seriam úteis para entender a sociedade atual, já que cada um de nós teria autonomia para se posicionar favorável ou contrário às diferentes tendências, sendo apenas uma questão de “força de vontade” do grupo e mudança social dos fatores econômicos e políticos. Foi aí que compreendi que ele não discordava “de tudo”, mas de uma investigação da personalidade. Mais ainda: de uma investigação no nível discursivo. Para ele, com outra ideologia de grupo teríamos outros indivíduos e pronto. Simples assim.

A resposta (com outra pergunta), ainda hoje, é a mesma: como, então, explicar figuras do holocausto como o carrasco da “solução final” Adolf Eichmann? Ele foi um monstro, um burocrata (ARENDR, 1999) ou carregava algo dos dois? Uma perspectiva que não considere as dimensões subjetivas e psicológicas, bem como a influência do derrame objetivo da ideologia burguesa pela indústria cultural, certamente não é capaz de explicá-lo e certamente não ajudaria a compreender a violência que se expande em figuras semelhantes que ocupam importantes cargos administrativos em nosso continente e em nosso país. Apenas a partir da investigação da ideologia e de fatores sociológicos operantes no passado do indivíduo, da correlação entre ideologia e personalidade [como nos estudos de Berkeley], é possível refletir sobre essas pessoas. Por isso a importância de uma análise pautada na Teoria Crítica da Sociedade. Por isso a importância de olhar para o momento histórico em sua estrutura, em sua superestrutura e, também, para a subjetividade dos indivíduos perante esse constante pulsar de forças. Por isso a necessidade de pesquisas que extrapolem a análise da superfície do discurso aqui realizada.

#### 5.4. O que esta tese significa na América Latina atual?

Em seu conjunto, os 1.633 comentários lidos, relidos e “trilidos” para a elaboração desta tese são capazes de provocar náuseas no estômago mais forte, por isso todo cuidado é pouco ao adentrar nos apêndices. Não obstante, eles conservam uma característica fundamental: são historicamente datados e, paradoxalmente, atemporais. Isso é, ao passo que as afirmações misóginas e autoritárias – justificadas em sua maior parte por sofismos particulares de um discurso religioso fundamentalista [em grande parte próprio ao movimento neopentecostal] e uma obsessão com a sexualidade que efetivamente “só Freud explica” – marcam o início do levante do patriarcado contra a primeira presidenta da história brasileira, eles também ilustram um pensamento que sempre esteve impregnado na ideologia dos grupos dominantes da América Latina. Nesse sentido, ainda que datados, em seu conjunto eles dizem muito sobre os anos difíceis que atravessamos e atravessaremos.

É fato que, no hiato entre a coleta dos comentários e este início de década, muita coisa piorou [na verdade, quando esta tese começou a ser elaborada, o Brasil ainda experimentava um regime democrático minimamente estável]. Depois do golpe de 2016, a anormalidade e a barbárie parecem ter se institucionalizado nas entranhas do Estado, de onde aparentemente nunca saíram. Na prática, segundo relatam os próprios jornais hegemônicos, para as minorias isso se traduz da seguinte forma [e aqui fazendo um esboço miúdo da barbárie contemporânea]: o número de negros assassinados pelas forças de segurança aumentou<sup>88</sup>; os casos de homofobia e violência contra o público LGBTQI+ também<sup>89</sup>; o feminicídio idem<sup>90</sup>. Somados a isso, uma série de indicadores sociais passaram a apontar diferentes formas de violência de classe, cor e gênero. O Brasil voltou ao mapa da fome<sup>91</sup>. Nesse meio do caminho uma vereadora foi

---

<sup>88</sup> “Assassinatos de negros seguem aumentando, diz Atlas da Violência”. Reportagem do jornal Valor Econômico, disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/06/05/assassinatos-de-negros-seguem-aumentando-diz-atlas-da-violencia.ghtml>>

<sup>89</sup> “Denúncias de homicídios contra população LGBTI aumentam no ES”. Reportagem do jornal A Gazeta, disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/es/gv/denuncias-de-homicidios-contra-populacao-lgbti-aumentam-no-es-0619>>.

<sup>90</sup> “Casos de feminicídio no país crescem 4% enquanto os de homicídio caem”. Reportagem do Portal Uol, disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/09/10/feminicidios-sobem-no-brasil-enquanto-homicidios-caem.htm>>.

<sup>91</sup> “A volta da fome”. Reportagem da Revista IstoÉ, disponível em: <<https://istoe.com.br/a-volta-da-fome/>>.

assassinada por ser mulher, negra, lésbica e militante de esquerda<sup>92</sup>. Também foram mortas lideranças indígenas e de movimentos ambientais<sup>93</sup>. Assim como as milícias, tornou-se “política aceitável” um helicóptero que dispara a esmo contra as periferias, ora ou outra com um governante a bordo<sup>94</sup>. Na América Latina, conservadores empolgados se inspiraram no golpe contra Dilma para derrubar um presidente legitimamente eleito na Bolívia<sup>95</sup>. Aliás, neste mesmo Brasil um ex-presidente foi feito preso político pelo juiz que, meses depois de o tirar da disputa eleitoral na qual era favorito, o censurou<sup>96</sup> e abasteceu a máquina de *fake news* que elegeu o governo de extrema-direita do qual se tornou “superministro” [sic]. Na esteira de barbáries e avanço da extrema-direita, a mídia que apoiou o golpe se mostrou incapaz de embalar o monstro que colocou no mundo e, acuada, viu diferentes grupos se mobilizarem nas redes sociais *online* para a produção de simulacros em modelo semelhante ao que sempre pregou como “estética da profissão”. Sentidos supersaturados, pressão do mundo administrado levada ao extremo, discursos de ódio e sentimento de intolerância multiplicados de maneira exponencial num país em marcha armamentista. As redes sociais *online*, espaço no qual projetamos o núcleo mais íntimo das nossas vidas privadas, tornaram-se um ambiente onde é difícil transitar sem esbarrar em práticas violentas.

Ora, tudo isso, todo o cenário caótico descrito, me leva a crer que se a coleta e a análise dos comentários fossem realizadas neste início de 2020 ou nos anos anteriores, como mencionado na Parte 4, certamente o número de mensagens enquadradas dentro das nove categorias da personalidade autoritária seria muito mais amplo [ainda que desde o início desta tese tenha se alertado que o objetivo não poderia ser, de forma alguma, transformar manifestações autoritárias em gráficos]. Isso porque, dado o “clima de opinião favorável”

---

<sup>92</sup> “O que se sabe sobre a morte de Marielle Franco”. Reportagem do Portal Uol, disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/10/30/o-que-se-sabe-sobre-a-morte-de-marielle-franco.htm>>.

<sup>93</sup> “Índigena morto no Maranhão é o 4º da etnia Guajajara a ser assassinado na região em um mês e meio”. Reportagem do jornal O Globo, disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/indigena-morto-no-maranhao-o-4-da-etnia-guajajara-ser-assassinado-na-regiao-em-um-mes-meio-24136632>>.

<sup>94</sup> “Helicóptero com Witzel metralhou tenda de orações em Angra dos Reis”. Reportagem do jornal O Globo, disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/helicoptero-com-witzel-bordo-metralhou-tenda-de-oracoes-em-angra-dos-reis-23648907>>.

<sup>95</sup> “Crise na Bolívia mostra linha tênue entre golpe e revolução” Reportagem do jornal O Globo, disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/crise-na-bolivia-mostra-linha-tenuue-entre-golpe-revolucao-24081852>>.

<sup>96</sup> Temendo eleição de Haddad, Lava Jato discutiu barrar eleição de Lula. Reportagem do Portal Uol, disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/06/09/procuradores-da-lava-jato-discutiram-formas-de-impedir-entrevista-de-lula.htm>>.



(ADORNO *et al.*, 1950), emergiram diferentes tendências autoritárias que antes repousavam no fundo da personalidade apenas como prontidão para resposta, sendo muito mais fácil identificá-las no nível discursivo, já que alguns assuntos antidemocráticos que eram tabus hoje são mencionados [ou impostos como verdade absoluta] sem qualquer constrangimento.

Ademais, conforme verificado nas análises, essa indisposição ao debate, principal marca do Brasil pós-golpe de 2016, é uma das características da antissubjetividade mais presentes nas personalidades potencialmente fascistas identificadas. Porém, mais do que quantificar um aumento ou uma diminuição no percentual dessas personalidades manifestas, interessa compreender sua existência e como são formadas, uma vez que, num continente que experimentou ditaduras militares recentes, o perigo é a consolidação da “farsa da farsa” como uma espécie de simulacro restaurador do nazifascismo, um neofascismo. O primeiro a abordar a questão com qualidade foi o professor Miguel Vedda que, durante sua exposição sobre Siegfried Kracauer no *XI Congresso Internacional de Teoria Crítica*, questionou aos presentes:

Tomando como premissa que as ditaduras militares foram a tragédia da América Latina no século XX e que a implementação dos governos neoliberais dos anos 1990 foram a farsa, pode-se afirmar que no atual cenário, marcado pela ascensão de governos de extrema-direita, experimenta-se a “farsa da farsa”? (VEDDA, 2018, n.p.).

A potência da questão formulada por Vedda (2018) reside justamente na dificuldade de refutá-la, principalmente quando se compreende que, em termos históricos, a “farsa da farsa” pode se converter facilmente em uma espécie de simulacro restaurador do fascismo, “vez que persistem no século XXI as condições materiais e imateriais responsáveis por gerar o mesmo sentimento claustrofóbico que foi capaz de levar os alemães a se perfilarem ao lado dos executores da SS” (GONÇALVES; LOUREIRO, 2019, p. 228).

Assim, ainda que seja necessário reconhecer – com alguma melancolia – que esta tese encontraria um *corpus* certamente mais robusto e amplo para análise em 2020, a importância de uma retomada dos estudos do Grupo de Berkeley para a América Latina está na possibilidade de compreender como as personalidades autoritárias são formadas. Sei – e reitero – que essa compreensão mais ampla não é possível apenas no nível do discurso, como realizado nesta tese, mas, para além desse objetivo maior, ao direcionar os esforços para uma primeira avaliação dos indivíduos que TÜRCKE (2010) descreveu como viciados pelos conteúdos audiovisuais reproduzidos na sociedade excitada, podemos entender o cenário que marca a semiformação que continua a imperar.

Portanto, a contribuição idealizada com esta pesquisa não está apenas no registro histórico das manifestações autoritárias durante o golpe de 2016 [como já mencionado, também uma questão de “justiça” histórica], mas, principalmente, em desvelar o papel do jornalismo hegemônico – que se figura como uma antifilosofia – na formação das personalidades potencialmente autoritárias na América Latina, oferecendo, por conseguinte, debates e instrumentos teóricos que permitam identificar características subjetivas desses sujeitos [a partir de Adorno e o Grupo de Berkeley] e da sociedade em que eles habitam [a partir de Adorno e Tüürcke]. Para isso, conforme já mencionado neste texto final, espera-se que esta tese fomente novas e mais amplas abordagens a partir da base teórica utilizada, que sejam capazes de mergulhar efetivamente na estrutura mais profunda dessas personalidades.

### **5.5. Duas “linhas” de pesquisa a partir da Escala F: os estudos feministas e a hermenêutica**

Conforme foi possível destacar ao longo de toda a análise hermenêutica, sobretudo a partir dos comentários avaliados na revista *Veja*, a personalidade potencialmente autoritária é, também, uma personalidade machista. Essa tendência se manifesta já no campo da superfície discursiva a partir das nove categorias apresentadas por Adorno *et al.* (1950) e, nos termos de indivíduos com uma concepção fascista de vida, poderia, por exemplo, ser expressa de forma simplificada a partir de alguns argumentos repugnantes [realmente repugnantes] que têm povoado as redes sociais *online* e os diferentes espaços em que nos relacionamos uns com os outros no cotidiano, com declarações antidemocráticas e misóginas como: i) *‘as mulheres deveriam cuidar da casa, pois era assim no tempo de nossos pais e avós e dessa forma a sociedade era mais justa e os filhos eram melhor educados’* (convencionalismo); ii) *‘é necessário se submeter a um líder com pulso forte, o que só é possível e esperado de um homem, já que biologicamente esses foram designados para serem mais decididos e sensatos que as mulheres, naturalmente mais frágeis e inseguras’* (submissão autoritária); iii) *‘é necessário punir de forma exemplar aquelas mulheres que desobedecem seus maridos e contribuem para a desordem e o vandalismo, atentando contra a tradição da família, como as feministas’* (agressividade autoritária); iv) *‘as mulheres perdem muito tempo com argumentações sensíveis sobre afetos e fantasias, quando a vida precisa de decisões práticas, sendo essa uma tarefa para os homens’* (antissubjetividade); v) *‘Deus, que é uma figura masculina, criou a mulher para ser companheira do homem, a quem ela deve apoiar em todas as decisões’* (estereotipia); vi) *‘feminismo é o oposto do machismo, afinal tudo o que as feministas querem, no final das contas, é ocupar o lugar que hoje é dos homens’* (poder); vii) *‘as mulheres querem direitos*

*iguais, mas querem trabalhar menos que os homens*’ (cinismo); viii) *‘as mulheres feministas se posicionam contra os homens porque são mal amadas*’ (projeção); e ix) o *‘mal humor feminino é quase sempre por falta de sexo*’ (obsessão com sexo e sexualidade)<sup>97</sup>.

Apesar de repugnante [sigo frisando], faz-se fundamental registrar e refletir sobre todo esse agrupamento de ideias sexistas e hostis. Afinal, lembremos Adorno (1995): esquecer e não mencionar a questão não resolve o problema, tampouco nos ajuda a elaborá-lo. Ao contrário, agrava-o. Ademais, é no mínimo intrigante perceber que cada uma dessas afirmações se encaixa com precisão em uma ou mais categorias da Escala F. E tudo isso traz um novo problema, passível de investigação em outras teses e estudos, a saber:

- Os dados apontam que os indivíduos potencialmente fascistas são machistas, mas não seria a recíproca, também, verdadeira? Isso é: podemos dizer que todo indivíduo machista é potencialmente portador de uma personalidade autoritária? Todo machista flerta com o fascismo?

Certamente novos estudos são necessários para que se consiga responder com maior precisão a todas essas perguntas que surgiram durante a pesquisa. Contudo, ao longo do percurso, ao analisar os comentários sobre a presidenta Dilma [e ao iniciar uma análise semelhante sobre os comentários realizados por internautas na ocasião do assassinato da vereadora Marielle Franco<sup>98</sup>], o tempo todo fui cortado pela sensação de que as manifestações potencialmente fascistas eram, sobremaneira, impulsos de uma visão machista, uma espécie de reação do patriarcado a qualquer desvio da “tradição” que coloca homens como senhores e mulheres como submissas. É lógico que isso pode ser uma condição que emerge da característica dos dois *corpus* em questão, que traziam notícias sobre acontecimentos cujos personagens centrais eram mulheres, configurando-se apenas uma questão de projeção, sobretudo porque “ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso que o homem que duvida de sua virilidade” (BEAUVOIR, 1970, p. 19). Porém,

---

<sup>97</sup> Os exemplos sexistas foram elaborados a partir das importantes críticas e relatos presentes na leitura dos estudos desenvolvidos por pensadoras feministas como Marcia Tiburi (2018), Angela Davis (2018), Simone de Beauvoir (1970) e Kimberlé Crenshaw (1991); das aulas cursadas na especialização *Introdução aos Estudos Feministas* (Universidad de Chile, 2019); e, infelizmente, da minha própria experiência cotidiana, na escuta de colegas – professores, funcionários e estudantes – dentro da universidade.

<sup>98</sup> O trabalho foi apresentado na forma de comunicação oral no *XVI Congresso Internacional de Teoria Crítica* (realizado em Araraquara, no ano de 2018) sob o título *Estudos sobre a personalidade autoritária como via para a crítica negativa da sociedade excitada: fascismo e a “segunda morte” de Marielle Franco*.

essa possibilidade de considerar o machismo como projeção da própria fraqueza não esgota ou responde à hipótese.

Nesse sentido, ainda que eu não tenha a soberba de, com as últimas páginas desta tese, adentrar nos debates e nas bases teóricas que compõem os estudos feministas [sobretudo pela diversidade de correntes e pela riqueza desses, os quais não teria braços ou competência para dialogar com o primor necessário], não pude fechar os olhos para essa necessidade de interseccionalidade nas lutas – tomando o termo tal como foi cunhado por Crenshaw (1991) – que se impõe também na pesquisa.

Deixo, portanto, a pergunta, os rabiscos de uma hipótese e a sugestão de diálogos com a Teoria Crítica da Sociedade – seja a dos estudos adornianos ou de outros expoentes da tradição – como proposta para sejam desenvolvidas outras pesquisas, sejam elas psicanalíticas, de campo ou hermenêuticas como esta, que possam investigar e aproximar os debates sobre as nove categorias da Escala F apresentada por Adorno *et al.* (1950) e seus colaboradores a partir de uma análise das personalidades machistas. A realização desses estudos certamente ajudaria a verificar se a hipótese [de que o homem machista é também fascista] se sustenta. A partir dela poderiam ser desdobradas outras questões a serem investigadas, como *o comportamento desse homem no núcleo familiar* e a *caracterização da mulher potencialmente fascista frente o machismo*.

Outrossim, outra expectativa de continuidade – e ampliação – que tento fomentar ao final desta tese diz respeito à repetição do modelo de análise empregado em novas investigações, ou seja, a realização de novos estudos hermenêuticos como ferramenta para identificar características/traços da personalidade fascista [a partir da Escala F] no nível discursivo. É necessário reconhecer que num ambiente desfavorável a pensamentos antidemocráticos seria mais difícil conduzir tal verificação, uma vez que a tendência predominante seria de silenciamento sobre tais tópicos, impondo a necessidade de pesquisas mais robustas, como a de Adorno e seus colaboradores em Berkeley. Contudo, no atual contexto, uma sequência de pesquisas sobre os discursos autoritários que estão manifestos na superfície discursiva pode ser fundamental para refletir de forma mais profunda sobre o núcleo argumentativo que compõe a estrutura da personalidade desses indivíduos. É como se, no infortúnio hodierno, tivéssemos uma oportunidade rara de compreender o modo de vida de um predador que vive nas profundezas do oceano, ao qual não temos acesso, mas que nas atuais condições climáticas, com um mar revolto e inseguro, subiu para caçar desvelando seu modo

de sobrevivência e ataque. Compreendê-lo seria uma forma não de estabelecer rótulos sobre seu comportamento, mas de entender sob quais condições ele repousa e sobre quais condições ele pode se tornar uma ameaça para todo o ecossistema.

Encerrado o percurso, parece-me que a adaptação das categorias de Adorno *et al.* (1950) ocorreu sem grandes problemas para a análise do texto verbal escrito. Esse certo sentimento de “sucesso” metódico, contudo, instiga que a tabela 3 (p. 91) seja repetida em novas análises e experimentada ao máximo, a fim de testar seus limites frente a práxis. Para isso, seria importante, também, pensar numa análise de outros elementos [como aqueles não verbais: figuras, ilustrações, fotografias] a partir da mesma lógica. Até porque, conforme Türcke (2010) reforça de maneira sistemática, os grandes vilões da semiformação que leva à supersaturação dos sentidos nessa sociedade excitada são os conteúdos audiovisuais.

Assim, ousou propor aqui, ainda, a realização de uma série de pesquisas que se encarregasse de, a partir de esforços conjuntos e multidisciplinares, investigar diferentes *corpus* discursivos a partir das categorias adornianas e da Escala F. Para isso, superando as divergências teóricas, seriam úteis e potentes diálogos com semioticistas e analistas da linguagem, afinal, a ideia não é jamais fechar, mas antes abrir e tensionar ao máximo as possibilidades das nove categorias elaboradas pelo Grupo de Berkeley, ao meu ver de uma importância única para a identificação e contenção das condições que propiciam a persistência de pensamentos autoritários na desordem desse mundo que guina com grande perigo para a extrema-direita.

## **5.6. Jornalismo literário e regulação da mídia: pontos futuros**

Neste último tópico, aproveito para reforçar que a intenção desta tese não foi – e não poderia ser – propor soluções definitivas para os problemas semiformativos identificados dentro da atuação dos *mass media* na sociedade excitada. Em coerência com a proposta de dialética negativa aqui apresentada, não se tentou formular qualquer receita de bolo, mas sim demonstrar que a supersaturação dos sentidos dos indivíduos associada com a antifilosofia promovida pelos *mass media* efetivamente contribui para a proliferação de traços da síndrome fascista nas redes sociais *online*. Como Adorno (2009) lembra, não cabe à teoria transformar a realidade social, mas sim revelar as contradições às quais devemos nos atentar. Foi isso que objetivei.

Contudo, ao “fim” da jornada, dois percursos possíveis – igualmente utópicos e difíceis – chamam a atenção como trilhas a serem vislumbradas. Ambos apresentam suas “flores no asfalto” e “pedras no meio do caminho”. Ambos requerem um compromisso de reflexão deontológica e a prática de um jornalismo responsável, mas também apresentam as suas contradições: trata-se da regulação/regulamentação da mídia e do jornalismo literário. A ideia neste tópico final não é defender um ou outro, mas, considerando o atual cenário do jornalismo hegemônico, mostrar dois debates que poderiam contribuir para que a atividade jornalística se convertesse num processo mais próximo à *Bildung* desejada. Ou, se não isso, ao menos numa outra tentativa de escapar da barbárie.

No que tange à regulação/regulamentação da mídia, a proposta encontra grande resistência – entre teóricos de direita e esquerda – por representar uma suposta censura dos meios de comunicação de massa. Trata-se, porém, de uma falácia [de grande interesse para os barões da mídia brasileira, sejam eles líderes religiosos, políticos ou empresários]. Na verdade, regular [estabelecer parâmetros de atuação] é garantir através de dispositivos legais que os meios de comunicação permitam efetivamente o direito à comunicação, que nada mais é que o direito à expressão somado com o direito à informação [presente já na Declaração Universal dos Direitos Humanos]. Ou seja, a regulação democrática não tem como objetivo reduzir a liberdade de expressão e nem promover qualquer tipo de censura. Muito menos migrar para outra sociedade que não a liberal [como a comunista, por exemplo, o que lamento]. Ao contrário, seu objetivo é exatamente ampliar as liberdades pregadas pelo liberalismo ao garantir que mais grupos possam se expressar e que a concorrência [para informar e ser informado] seja leal.

Ora, se o jornalismo como antifilosofia é um produto típico do bloco hegemônico da mídia, conforme se discutiu nesta tese, quebrar esse domínio em que poucas famílias controlam a maior parte da mídia brasileira pode não ser um passo definitivo, mas certamente representaria um tensionamento necessário para a pluralização tão fundamental na busca de um jornalismo capaz de suscitar a reflexão que extrapole a doxa.

Para isso, entre outras coisas, é fundamental que políticos e líderes religiosos não possuam canais de televisão ou frequências de rádio; que uma mesma empresa [ou grupo econômico] não possa acumular os direitos de transmissão em diferentes praças/estados ou possua direitos de múltiplas mídias para uma mesma região; que os canais abertos exibam uma programação obrigatória mais extensa de programas e atrações culturais, sobretudo os

nacionais; que existam televisões e rádios efetivamente públicas [e não governamentais], sem influência da verba da publicidade ou do governo de situação; que o monopólio [travestido de parcerias] seja combatido; que a internet seja um espaço efetivamente público, com códigos abertos e trânsito seguro de informações; enfim... o extremo oposto do que hoje pode ser desenhado como retrato dos *media* brasileiros.

Por fim, arrisco apostar no jornalismo literário, alternativa que tem se mostrado uma “opositora” interessante da produção fragmentada e em tempo real da qual se alimenta a sociedade excitada. Com um tempo de elaboração e maturação particular [certamente muito diferente daquele esperado pelo ritmo da indústria cultural], uma espécie de consciência narrativa bem estruturada sobre o caráter polifônico e dialógico que requer qualquer representação de um fato “real” [o que envolve até mesmo a ficção, intencional ou não, dos relatos] e a adoção de diferentes técnicas de descrição [o que significa uma livre transição entre as fronteiras dentro de uma multiplicidade de narradores e tempos verbais], esse gênero [ou seria subgênero?], preterido durante décadas pela Literatura e pelo Jornalismo, tem conseguido satisfazer um papel fundamental dentro da proposta de elaboração do passado (*Aufarbeitung der Vergangenheit*) adormecida, isso é: permitir que se enfrente a barbárie e se perceba a contradição.

Entre as expoentes do gênero, destaca-se a bielorrussa Svetlana Aleksievitch, cujo trabalho foi objeto de um primeiro estudo conduzido em paralelo a esta tese<sup>99</sup> a partir de uma leitura enfaticamente benjaminiana de sua obra [de certa forma, a tentativa com o estudo foi de buscar um vislumbre contra-hegemônico em meio ao caos reflexivo que emergia durante a análise dos comentários presentes em *Veja* e *Carta Capital*]. Em nossas conclusões, constatamos que

A obra de Aleksievitch se trata de um exemplo vivo da experiência coletiva na narrativa. [...] Cabe, portanto, reiterar o Jornalismo Literário como necessária alternativa aos produtos hegemônicos da imprensa, seja por sua capacidade de denunciar contradições nas representações da modernidade, seja porque ele atesta a falência de diferentes categorias que definem o labor jornalístico (GONÇALVES; LOUREIRO, 2018, p. 209).

Obviamente, sei que o contra-argumento ao jornalismo literário certamente trará como ênfase a necessidade um jornalismo célere, em tempo real, capaz de manter as pessoas informadas no ritmo “das máquinas” [ou dos *megabytes* da atual sociedade eletrônica]. A

---

<sup>99</sup> *Limites entre Jornalismo e Literatura em ‘A guerra não tem rosto de mulher’, de Svetlana Aleksievitch: uma análise do narrador a partir do conceito benjaminiano de Erfahrung* (GONÇALVES; LOUREIRO, 2018).

vantagem de uma proposta utópica como essa, porém, é que com ela não preciso [e talvez não possa mesmo] visualizar a sociedade atual, mas devo partir das contradições identificadas no presente mirando um outro espaço. E, nesse outro espaço, um espaço em que o jornalismo funcione para a formação [*Bildung*] efetiva dos indivíduos, em que a pressão social não busque impor uma ideologia que sequestra de antemão a capacidade de reflexão e a própria subjetividade, em que o fascismo tenha sido efetivamente derrotado... nesse espaço me parece que essa seria [sim!] uma alternativa viável. Valorizá-la no presente já pode ser um começo de caminho.

Aponto, portanto, como última contribuição, a sugestão de que novos debates sejam empreendidos em busca de possibilidades (talvez as duas supracitadas, talvez não) que permitam ao jornalismo se traduzir efetivamente nessa atividade essencial à democracia e liberdade segundo a qual se orienta (ou deveria se orientar) deontologicamente, tornando-se capaz de produzir não o antiesclarecimento ou uma antifilosofia, mas uma educação que permita a crítica e a reflexão sobre qualquer condição injusta, posicionando-se contra o arbítrio, o autoritarismo e a opressão; divulgando os fatos e as informações de interesse público; lutando pela liberdade de pensamento e de expressão; combatendo e denunciando todas as formas de corrupção, em especial quando exercidas com o objetivo de controlar a informação; respeitando o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem; e combatendo as práticas de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza. Embora pareça utópico quando observamos o cenário do jornalismo brasileiro, todo esse conjunto de possibilidades está inserido, item a item, dentro dos deveres do jornalista segundo o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Logo, ao fim, a lacuna e o “despropósito” que esta tese propõe para pesquisas futuras é que se busquem formas de jornalismo que permitam ao jornalista ser aquilo que, na formosura romântica da profissão, ele já deveria ser: um educador. Nada além disso.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ADORNO, T.; et al. **The authoritarian personality**. New York: Harper & Brothers, 1950.
- ADORNO, T.; et al. **La personalidad autoritária**. Buenos Aires: Proyección, 1965.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- ADORNO, T. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- \_\_\_\_\_. Teoria da semiformação. In: PUCCI, B.; LASTÓRIA, L. A. C. N.; ZUIN, A. A. S. (orgs.). **Teoria Crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2010, p. 7-40.
- \_\_\_\_\_. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Escritos sociológicos II**. Madrid: Ediciones Akal, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Escritos sociológicos I**. Madrid: Ediciones Akal, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- \_\_\_\_\_. A indústria cultural. In: COHN, G. (org.). **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Mínima Moralía**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ASSANGE, J.; et al. **Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BEAUVOIR, S.d. **O segundo sexo - Volume 1: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERMUDES, W. L.; et al. Tipos de escalas utilizadas em pesquisas e suas aplicações. **Revista Vértices**, v. 18, n. 2, 2016, p. 7-20.
- BRAZ, M. O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. **Serviço Social e Sociedade**, n. 128, jan./abr. de 2017, p. 85-103.
- BRIGGS, A; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CAMPATO, Roger Fernandes. **Esfera pública burguesa e esfera pública proletária: as perspectivas de Habermas e de Negt e Kluge**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, 2007.

CARONE, I. Adorno e a música no ar: the Princeton radio research project. In: PUCCI, L.; LASTÓRIA, L., COSTA, B. (orgs.), **Tecnologia, cultura e formação... ainda Auschwitz**. São Paulo: Cortez, 2003.

CARVALHO, A. A Web 2.0, educação a distância e o conceito de aprendizagem colaborativa na formação de professores. In: **Anais do 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**. Pernambuco. Disponível em <[https:// goo.gl/cggMA1](https://goo.gl/cggMA1)>. Acesso em 20 de setembro de 2016.

CASTELLS, M. **Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CRENSHAW, K. W. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. **Stanford Law Review**, n. 43, v. 6, 1991, p. 1241–99.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

COSTA, B.C.G. Barbárie, estética e produção jornalística. **Educação & Sociedade**, ano XXII, ano 76, out. de 2001, p. 106-118.

\_\_\_\_\_. **Estética da violência: jornalismo e produção de sentidos**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Unicamp, 1999.

DAVIS, A. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, N. **Adorno/Horkheimer e a Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

\_\_\_\_\_. **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. Esquematismo e semiformação. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 24, n. 83, ago. de 2003, p. 441-457.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREDERICO, C. Recepção: divergências metodológicas entre Adorno e Lazarsfeld. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, 2008, p. 157-172.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FROMM, E. **O Medo à Liberdade**. Tradução de Octávio Alves Velho. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.

GALVÃO, A.C.; ZAIDAN, J.; SALGUEIRO, W. **Foi golpe! O Brasil de 2016 em análise**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2019.

GENTILE, E.; FELICE, R. **A Itália de Mussolini e a origem do fascismo**. São Paulo: Ícone, 1988.

GONÇALVES, E. C. **Convergência de mídias**: uma análise da união de linguagens em notícias do Portal Uai. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (Posling) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2013.

\_\_\_\_\_. Do ensino à práxis: midiativismo como prática contra-hegemônica do jornalismo na sociedade excitada. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo**: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018, p. 258-277.

GONÇALVES, E. C.; LOUREIRO, R. Limites entre jornalismo e literatura em “A Guerra não tem rosto de mulher”, de Svetlana Aleksievitch: uma análise do narrador a partir do conceito benjaminiano de Erfahrung. **Via Atlântica**, n. 34, dez. de 2018, p. 193-210.

\_\_\_\_\_. Notas sobre os estudos de T. Adorno em Berkeley: a ‘farsa da farsa’ na América Latina e o vigor da Escala F. **Problemata**: Revista Internacional de Filosofia, v. 10. n. 4, dez. de 2019, p. 227-254

GIACÓIA JÚNIOR, O. O Platão de Nietzsche, O Nietzsche de Platão. **Cadernos Nietzsche 3**, 1997, p. 23-36.

GROSSECK, G.; MARINHO, S.; TÁRCIA, L. Educação a distância baseada na Web 2.0: a emergência de uma pedagogia 2.0. **Educação & Linguagem**, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, jan./jun. de 2009, p. 111-123.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

IBÁÑEZ, J. E. R. Presentación. In: ADORNO, T. W.; *et al.* La Personalidad Autoritaria (Prefacio, Introducción y Conclusiones), **Empiria**: Revista de Metodología de las Ciencias Sociales, n. 12, jul.-dez., 2006, p. 155-200.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JINKINGS, I; DORIA, K; CLETO, M (Orgs.). **Por que gritamos golpe?** São Paulo: Boitempo, 2016.

JUNIOR, W. C. F. J. Análise de conteúdo. In: DUARTE, J; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015, p. 280-304.

KAFKA, F. **Metamorfose**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KAPLÚN, M. **Una pedagogía de la comunicación**: el comunicador popular. Havana: Editorial Caminos, 2002.

LEMOS, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, A. **Isso (não) é muito Black Mirror**: passado, presente e futuro das tecnologias de comunicação e informação. Salvador: EDUFBA, 2018.

LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LOUREIRO, R. Indústria Cultural, Sociedade do Espetáculo e fabricação da memória: uma leitura memorial de Fahrenheit 451, de Bradbury e Truffaut. **Cadernos de Pesquisa em Educação**. Vitória/ES, v. 16, n.31, jan./jun. de 2010, p. 173-214.

LOPES, M. As quatro famílias que decidiram derrubar um governo democrático. In: JINKINGS, I; DORIA, K; CLETO, M (Orgs.). **Por que gritamos golpe?** São Paulo: Boitempo, 2016.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação:** formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

LÖWY, M. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. In: JINKINGS, I; DORIA, K; CLETO, M (Orgs.). **Por que gritamos golpe?** São Paulo: Boitempo, 2016.

LIMA, M.A.A; FILHO, J.C, Jornalismo, Democracia e Educação: algumas reflexões sobre o Jornalismo Cívico. **Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.** Rio de Janeiro, v.35, n.2, 2012, p.39-60.

MAAR, W. L. Adorno, semiformação e educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 24, n. 83, ago. de 2003, p. 459-476.

MAKHOUL, F. **A cobertura da revista Veja no primeiro mandato do presidente Lula.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

MARCUSE, H. Sobre o caráter afirmativo da cultura [1937]. In: MARCUSE, H. **Cultura e sociedade.** São Paulo: Paz e Terra, 2006.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MCLUHAN, M. **A galáxia de Gutenberg:** a formação do homem tipográfico. São Paulo: Nacional, 1972.

MEDITSCH, E.; FARACO, M. O Pensamento de Paulo Freire sobre Jornalismo e Mídia. **Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação,** Rio de Janeiro, v.26, n.1, 2003, p. 25-46.

NOELLE-NEUMANN, E. **La espiral del silencio:** opinión pública – nuestra piel social. Barcelona: Paidós, 1995.

NOVA/SB. **Intolerâncias visíveis e invisíveis no mundo digital.** São Paulo, 2016, 115 p. Disponível em <<http://www.comunicaquemuda.com.br/dossie/quando-intolerancia-chega-as-redes/>>. Acesso em 22/06/2016.

PATRIANI, J.S. O papel da teoria na pesquisa de comunicação. **Cadernos de Jornalismo e Comunicação,** n.18, Rio de Janeiro, 1969, p. 41-44.

PEREIRA, L.S. **Adorno e o Direito:** para uma crítica do capitalismo e do sujeito de direito. São Paulo: Ideias & Letras, 2018.

PEREIRA, D.; MATTE, A. Discursos sobre a Web 2.0 e a educação: uma análise semiótica. **Trabalhos de Linguística Aplicada,** n. 49, v. 1, jan./jul. de 2010, p. 293-304.

PINTO, C. R. J. A trajetória discursiva das Manifestações de Rua no Brasil (2013-2015). **Lua Nova,** v. 100, 2017, p. 119-153.

PLATÃO. **Eutidemo.** Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; Edições Loyola, 2011.

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós,** Brasília, v. 9, 2007, p. 1-21.

PUCCI, B. A dialética negativa enquanto metodologia de pesquisa em educação: atualidades. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.8, n.1, abr. de 2012.

ROMANCINI, R. Web 2.0 e EAD: riscos e possibilidades. **Em questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2010, p. 179-192.

SALAVERRÍA, R.; NEGREDO, S. **Periodismo integrado**: convergencia de medios y reorganización de redacciones. Barcelona: Sol 90, 2008.

SCHONS, C; RIBEIRO, A.; BATTISTINI P. Educação a distância: Web 2.0 na construção do conhecimento coletivo. In: **Anais do VIII Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Disponível em: < <https://goo.gl/UdwiA6>>. Acesso em 20 de setembro de 2015.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, J.M. **1964**: golpe midiático-civil-militar. Porto Alegre: Sulina, 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação – contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015, p. 51-61.

TEIXEIRA, J. B. C; POLO, A. A personalidade autoritária: componentes e gênese psicológica. In: **Arquivo Brasileiro de Psicologia Aplicada**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, out./dez. de 1975, p. 47-69.

TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, v. 1, 2012.

TÜRCKE, C. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

\_\_\_\_\_. **Filosofia do sonho**. Porto Alegre: Unijuí, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Hiperativos!** Abaixo a cultura do déficit de atenção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

VASCONCELLOS, C. E. T. **A Teoria Crítica e Max Weber**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, 2004.

VEDDA, M. **XI Congresso Internacional de Teoria Crítica**: Estado de exceção e racionalidade na idade mídia. Conferência: Filosofia, teoria social e Estado de exceção. 01-05 de out. de 2018. Notas do congresso.

XAVIER, B.G.; et al. Fragmentos benjaminianos e quatro caminhos para a pesquisa em educação: experiência, infância, arte e poder. **Pró-Discente**: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória/ES, v. 22, n. 2, jul./dez. de 2016, p. 64-90.

WILLIGES, F. R. **Sensação e fetiche na cultura da imagem**: o capitalismo estético e as tecnologias do audiovisual. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

ŽIŽEK, S. **Alguém disse totalitarismo?** Cinco intervenções no (mau) uso de uma noção. São Paulo: Boitempo, 2013.